

O SUCESSO MUNDIAL YOUNG ADULT

TAHEREH MAFI



INFLAMÁVEL

LIVRO 3

SECRET
SOCIETY



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O SUCESSO MUNDIAL YOUNG ADULT

TAHEREH MAFI



INFLAMÁVEL

LIVRO 3

SECRET
SOCIETY



Table of Contents

Inflamável

Polyommatus Ottomatus

Trigger Warnings

Ficha Técnica

Dedicatória

Juliette

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

CATORZE

QUINZE

DEZASSEIS

DEZASSETTE

DEZOITO

DEZANOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

TRINTA E OITO

TRINTA E NOVE

QUARENTA

QUARENTA E UM

QUARENTA E DOIS

QUARENTA E TRÊS

QUARENTA E QUATRO

QUARENTA E CINCO

QUARENTA E SEIS

QUARENTA E SETE

QUARENTA E OITO

QUARENTA E NOVE

CINQUENTA

CINQUENTA E UM

CINQUENTA E DOIS

CINQUENTA E TRÊS

CINQUENTA E QUATRO

CINQUENTA E CINCO

CINQUENTA E SEIS

CINQUENTA E SETE

CINQUENTA E OITO

CINQUENTA E NOVE

SESSENTA

CINQUENTA E DOIS

SESSENTA E DOIS

SESSENTA E TRÊS

SESSENTA E QUATRO

SESSENTA E CINCO

SESSENTA E SEIS

SESSENTA E SETE

SESSENTA E OITO

SESSENTA E NOVE

SETENTA

SETENTA E UM

SETENTA E DOIS

SETENTA E TRÊS

SETENTA E QUATRO

SETENTA E CINCO

SETENTA E SEIS

SETENTA E SETE

TAHEREH MAFI



INFLAMÁVEL

SECRET
SOCIETY

Butterfly^{en}
bustaffa



Polyommatus Ottomatus

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Armas

Capacitismo

Doenças mentais

Guerra

Luto e perda

Morte

Tortura

Trauma



Edição em formato digital: março de 2024

INFLAMÁVEL

Título original: *Ignite Me*

© 2014, Tahereh Mafi

Publicado por HarperCollins Children's Books,
uma chancela da HarperCollins Publishers, Nova Iorque.
Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Secret Society é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250 011 Lisboa, Portugal
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*.
Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico,
fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados,
difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal
como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editor: Rodrigo Manhita
Coordenação Editorial: Inês Martins
Tradução: Célia Correia Loureiro
Revisão: Débora Moraes
Adaptação de capa: Wonder Studio

ISBN: 978-989-787-911-1

Composição digital: [Simon and Sons ITES Services Private Limited](#)

Composição digital PRHG: Luís Gomes

Site: [penguinlivros](#)

Twitter: [@PenguinLivrosPT](#)

Seek the butterfly: [seekthebutterfly.pt](#)

Instagram: [boldreadspt](#)

Instagram: [@secretsocietypt](#)

*Para os meus leitores.
Pelo vosso amor e apoio. Este é para vocês.*

Durante muitos anos vivi num terror constante de mim mesma. A dúvida casou-se com o meu medo e mudou-se para a minha mente, onde construiu castelos, governou reinos e imperou sobre mim, curvando a minha vontade aos seus sussurros até eu ser pouco mais do que um peão submisso, demasiado aterrorizada para desobedecer e discordar.

Fora algemada, uma prisioneira na minha própria mente.

Mas finalmente, finalmente, aprendi a libertar-me.

Estou triste pelas nossas perdas. Horrorizada. Mas também ansiosa e inquieta. A Sonya e a Sara ainda estão vivas, à mercê do Anderson. Ainda precisam da nossa ajuda. Por isso, não sei como ficar triste, quando tudo o que sinto é uma vontade incessante de fazer algo.

Já não tenho medo do medo e não vou deixar que me domine.

O medo aprenderá a temer-me.

UM

Sou uma ampulheta.

Os meus 17 anos desmoronaram-se e enterraram-me de dentro para fora. As minhas pernas parecem cheias de areia e agrafadas uma à outra, a minha mente transborda grãos de indecisão, escolhas por fazer e impaciência à medida que o tempo se esvai do meu corpo. O ponteiro pequeno de um relógio bate à uma e duas, três, quatro, sussurra-me olá, levanta-te, levanta-te, está na hora de

Acorda

acorda

— Acorda — sussurra ele.

Uma inspiração brusca e estou acordada, mas não de pé, surpreendida, mas não assustada, de alguma forma a olhar para os olhos verdes muito desesperados que parecem saber demasiado e demasiado bem. Aaron Warner Anderson está curvado sobre mim, a inspecionar-me com olhos preocupados, a mão suspensa no ar como se estivesse prestes a tocar-me.

Recua.

Fica a olhar, sem pestanejar, com o peito a subir e a descer.

— Bom dia — presumo ter dito. Não tenho certezas sobre a minha voz, a hora e este dia, sobre estas palavras que saem dos meus lábios e do corpo que me contém.

Reparo que ele está a usar uma camisa branca, meio metida nas calças pretas, curiosamente não amarrotadas. As mangas da camisa estão dobradas acima dos cotovelos.

O sorriso parece doer-lhe.

Ergo-me para me sentar e o Warner ajuda-me a ficar confortável. Tenho de fechar os olhos para conter a súbita tontura, mas forço-me a ficar quieta até a sensação passar.

Sinto-me cansada e fraca por causa da fome, mas, além de algumas dores, parece que estou bem. Estou viva. Estou a respirar, a pestanejar e a sentir-me humana, e sei exatamente porquê.

Olho-o nos olhos.

— Salvaste-me a vida.

Levei um tiro no peito.

O pai do Warner enfiou-me uma bala no corpo e ainda sinto os ecos disso. Se me concentrar, consigo reviver o momento exato em que aconteceu; a dor: tão intensa, tão excruciante; nunca serei capaz de a esquecer.

Inspiro, assustada.

Por fim, apercebo-me da estranheza familiar deste quarto e sou logo tomada por um pânico que me grita que não acordei onde adormeci. O meu coração acelera e afasto-me dele, batendo com as costas na cabeceira da cama, e agarro-me aos lençóis, enquanto tento não olhar para o candelabro de que me lembro demasiado bem...

— Está tudo bem — diz o Warner. — Está tudo bem...

— O que estou a fazer aqui? — Pânico, pânico; o terror tolda-me a consciência. — Porque é que me trouxeste para aqui de novo...?

— Juliette, por favor, não te vou magoar...

— Então, porque me trouxeste para aqui? — A minha voz está a começar a falhar e luto para a manter firme. — Porquê trazer-me de volta a este *inferno*...?

— Tive de te esconder. — Ele expira e olha para a parede.

— O quê? Porquê?

— Ninguém sabe que estás viva. — Ele vira-se para olhar para mim. — Tinha de voltar para a base. Precisava de fingir que tudo tinha voltado ao normal e estava a ficar sem tempo.

Forço-me a afastar o medo.

Estudo-lhe o rosto e analiso o seu tom paciente e sério. Lembro-me dele ontem à noite — deve ter sido ontem à noite —, lembro-me do seu rosto, dele deitado ao meu lado no escuro. Foi meigo, bondoso e gentil e salvou-me, salvou-me a vida. Provavelmente, carregou-me para a cama. Aconchegou-me a seu lado. Só pode ter sido ele.

Mas, quando olho para o meu corpo, apercebo-me de que estou

a usar roupas limpas, sem sangue, sem buracos nem nada e pergunto-me quem me lavou, quem trocou a minha roupa e preocupo-me que também possa ter sido o Warner.

— Tu... — hesito, tocando na bainha da blusa que tenho vestida. — Tu... quer dizer... a minha roupa...

Ele sorri. Fica a olhar para mim, até eu corar e decidir que o odeio um pouco, e abana a cabeça. Olha para as palmas das mãos.

— Não — diz. — As raparigas trataram disso. Eu só te trouxe para a cama.

— As raparigas — sussurro, atordoadas.

As raparigas.

A Sonya e a Sara. As gémeas curandeiras também estavam lá e ajudaram o Warner. Ajudaram-no a salvar-me, porque ele é o único que me pode tocar agora, a única pessoa no mundo que teria sido capaz de transferir o seu poder de cura em segurança para o meu corpo.

Sinto os pensamentos a arder.

Onde estão as raparigas, o que lhes terá acontecido e onde está o Anderson e a guerra e, oh, Deus, o que aconteceu ao Adam, ao Kenji e ao Castle, tenho de me levantar, tenho de me levantar, levantar-me da cama e pôr-me a andar

mas

Tento mexer-me e o Warner agarra-me. Sinto-me desequilibrada, instável; ainda sinto que tenho as pernas presas a esta cama e de repente não consigo respirar, vejo manchas e sinto-me fraca. Preciso de me levantar. Preciso de sair.

Não consigo.

— Warner. — Fixo o meu olhar frenético no rosto dele. — O que aconteceu? O que está a acontecer com a batalha...?

— Por favor — diz ele, ao agarrar-me os ombros. — Tens de começar devagar; devias comer qualquer coisa...

— *Diz-me...*

— Não queres comer primeiro? Ou tomar um duche?

— Não — ouço-me dizer. — Preciso de saber agora.

Um momento. Dois e três.

O Warner respira fundo. Um milhão de vezes. A mão direita sobre a esquerda, rodando o anel de jade no dedo mindinho vezes sem conta.

— Acabou — diz.

— O quê?

Digo as palavras, mas os meus lábios não produzem qualquer som. Estou dormente, não sei como. Pestanejo e não vejo nada.

— Acabou — repete ele.

— Não — expiro a palavra, expiro a impossibilidade.

Ele acena com a cabeça. Está a discordar de mim.

— Não.

— Juliette.

— Não — continuo. — Não. Não. Não sejas estúpido — digo-lhe. — Não sejas ridículo. *Não me mintas, maldito sejas* — Mas agora a minha voz é aguda e quebrada e trémula e...

— Não — digo, com a respiração ofegante. — Não, não, não...

Desta vez, levanto-me mesmo. Os meus olhos enchem-se rapidamente de lágrimas e eu pestanejo e volto a pestanejar, mas o mundo está uma confusão e quero rir-me porque tudo em que consigo pensar é como é horrível e bonito ao mesmo tempo, que os nossos olhos desfoquem a verdade quando não conseguimos suportar vê-la.

O chão é duro.

Sei que isto é um facto porque de repente o sinto contra a cara, e o Warner está a tentar tocar-me, mas acho que grito e lhe bato nas mãos para o impedir, porque já sei a resposta. Já devo saber a resposta porque consigo sentir a repulsa a borbulhar e a revoltar as minhas entranhas, mas pergunto na mesma. Estou estendida na horizontal e, de alguma forma, ainda a cair, as feridas na minha cabeça abrem-se e olho para uma mancha na tapete a menos de três metros de distância e nem tenho a certeza de estar viva, mas tenho de o ouvir a dizê-lo.

— Porquê? — pergunto.

É apenas uma palavra, estúpida e simples.

— Porque é que a batalha acabou? — pergunto.

Já não estou a respirar, nem a falar de todo, apenas a expelir letras pelos lábios.

O Warner não olha para mim.

Está a olhar para a parede, para o chão, para os lençóis da cama e para a forma como os próprios nós dos dedos ficam quando cerra os punhos, mas não, ele não olha para mim e as palavras que diz depois são tão, mas tão suaves.

— Porque estão mortos, querida. Estão todos mortos.

DOIS

O meu corpo fica paralisado.

Os meus ossos, o meu sangue, o meu cérebro, tudo congela, numa espécie de paralisia súbita e incontrolável que se espalha por mim tão depressa que parece que não consigo respirar. Inspiro sibilos profundos e tensos e as paredes não param de oscilar à minha frente.

O Warner puxa-me para os seus braços.

Grito:

— Larga-me. — Mas, oh, só na minha imaginação, porque os meus lábios não funcionam e o meu coração acabou de se expirar, a minha mente desceu até ao inferno e acho que tenho os olhos, os meus olhos, a sangrar. O Warner sussurra-me palavras de conforto que não consigo ouvir, com os seus braços a envolverem-me por completo, numa tentativa de me manter inteira através de pura força física, mas não adianta.

Não sinto nada.

O Warner tenta acalmar-me, balança para frente e para trás comigo nos braços e só então percebo que estou a emitir o som mais excruciante e estridente que existe, com a agonia a atravessar-me. Quero falar, protestar, acusá-lo, culpá-lo, chamá-lo de mentiroso, mas não consigo dizer nada, não consigo formar nada além de sons tão lamentáveis que quase me envergonho de mim mesma. Solto-me dos braços dele, ofegante e inclinada para a frente, agarrada ao estômago.

— O Adam. — Engasgo-me com o nome dele.

— Juliette, por favor...

— O Kenji. — Estou a hiperventilar na carpete.

— Por favor, querida, deixa-me ajudar-te...

— E o James? — ouço-me dizer. — Deixámo-lo no Ponto Ómega, não foi autorizado a vir...

— Foi tudo destruído — diz ele, devagar e baixinho. — Tudo.

Torturaram alguns dos vossos membros para conseguirem a localização exata do Ponto Ómega. Depois bombardearam tudo.

— Oh, *meu Deus*. — Tapo a boca com a mão e fico a olhar, sem pestanejar, para o teto.

— Lamento muito — diz ele. — Não fazes ideia do quanto.

— Mentiroso — sussurro, com veneno na voz. Estou zangada e mesquinha e nem me dou ao trabalho de me importar. — Não lamentas nem um pouco.

Olho para o Warner apenas o tempo suficiente para ver a mágoa a entrar e a sair-lhe dos olhos. Ele aclara a garganta.

— Lamento — diz de novo, calmo, mas firme. Pega no casaco pendurado num cabide próximo e veste-o sem dizer uma palavra.

— Onde vais? — pergunto, sentindo-me imediatamente culpada.

— Precisas de tempo para processar tudo, e é óbvio que a minha companhia não te é útil. Vou tratar de uns assuntos até te sentires pronta para falar.

— Por favor, diz-me que estás enganado — a minha voz quebra-se. Fico com a respiração presa. — Diz-me que há uma hipótese de estares errado...

O Warner olha-me durante o que me parece muito tempo.

— Se houvesse a mais pequena hipótese de te poupar a esta dor — diz, por fim —, eu tê-lo-ia feito. Tens de saber que não o teria dito se não fosse a verdade absoluta.

E é *isto* — a sinceridade dele — que por fim me parte ao meio.

A verdade é tão insuportável que preferia que ele me mentisse.

✧

Não me lembro de quando o Warner saiu.

Não me lembro de como saiu ou do que disse. Tudo o que sei é que estou aqui deitada no chão há tempo suficiente. Suficiente para as lágrimas se transformarem em sal, suficiente para a garganta me secar, para os meus lábios ficarem gretados e ter a cabeça a bater

tão forte como o coração.

Sento-me devagar, sinto o cérebro a contorcer-se algures no crânio. Consigo subir para a cama, sento-me, ainda dormente, mas menos, e junto os joelhos ao peito.

A vida sem o Adam.

A vida sem o Kenji, sem o James, o Castle, a Sonya e a Sara e o Brendan e o Winston e todo o Ponto Ómega.

Todos os meus amigos, destruídos, num estalar de dedos.

A vida sem o Adam.

Agarro-me com força, rezo para que a dor passe.

Mas não passa.

O Adam morreu.

O meu primeiro amor. O meu primeiro amigo. O meu único amigo quando não tinha mais nenhum, que agora morreu e não sei como me sinto. Estranha, principalmente. Delirante, também. Sinto-me vazia, destroçada, enganada, culpada, zangada e tão, mas tão desesperadamente triste.

Tínhamos vindo a afastar-nos desde que fugimos para o Ponto Ómega, mas a culpa foi minha. Ele queria mais de mim, mas eu queria que ele tivesse uma vida longa. Queria protegê-lo da dor que iria causar-lhe. Tentei esquecê-lo, seguir em frente sem ele, preparar-me para um futuro separados, à distância.

Pensei que, ao manter-me afastada, conseguiria mantê-lo vivo.

Estúpida.

As lágrimas são frescas e caem depressa, descem-me rapidamente pelas bochechas e entram-me na boca aberta e ofegante. Não consigo fazer com que os meus ombros parem de tremer, nem parar de cerrar os punhos, de bater com os joelhos um no outro e sinto câibras no corpo e os velhos hábitos a rastejarem para fora da minha pele. Estou a contar fissuras e cores e sons e arrepios, oscilo para a frente e para trás, para a frente e para trás, para a frente e para trás e tenho de o deixar ir, tenho de o deixar ir, tenho de deixar, tenho de deixar

Fecho os olhos

e respiro.

Respirações ásperas e duras.

Para dentro.

Para fora.

Conto-as.

Já aqui estive, digo a mim própria. Já estive mais sozinha do que isto, sem esperança e mais desesperada. Estive aqui antes e sobrevivi. Consigo ultrapassar isto.

Mas nunca fui tão completamente roubada. Do amor e das possibilidades, das amizades e dos futuros: foram-se. Agora tenho de começar de novo; enfrentar o mundo sozinha outra vez. Tenho de fazer uma escolha definitiva: desistir ou continuar.

Por isso, ponho-me de pé.

Sinto a cabeça a girar, os pensamentos a chocarem uns com os outros, mas engulo as lágrimas. Cerro os punhos e tento não gritar, ao mesmo tempo que aconcheço os meus amigos no coração e

a vingança

Penso

nunca me pareceu tão doce.

TRÊS

*Aguenta firme
Espera
Olha para cima
Mantém-te forte
Aguarda
Aguenta-te firme
Sê forte
Mantém-te de pé
Um dia irei conseguir
Um dia irei
conseguir ser
livre*

O Warner não consegue esconder a surpresa quando volta a entrar na sala.

Olho para ele e fecho o caderno que tenho nas mãos.

— Vou levar isto de volta — digo-lhe.

Ele pisca-me o olho.

— Já te sentes melhor.

Aceno com a cabeça por cima do ombro.

— O meu bloco de notas estava aqui, na mesa de cabeceira.

— Sim — diz ele, lentamente. Com cuidado.

— Vou levá-lo.

— Compreendo. — Ainda está parado junto à porta, ainda congelado no mesmo sítio, ainda a olhar. — Vais — abana a cabeça — desculpa, vais a algum lado?

Só então me apercebo de que já estou a meio caminho da porta.

— Preciso de sair daqui.

O Warner não diz nada. Dá uns passos subtis para dentro da sala, tira o casaco e pendura-o numa cadeira. Tira três armas do

coldre que traz nas costas e demora-se a colocá-las na mesa onde estava o meu caderno. Quando finalmente olha para mim, tem um ligeiro sorriso no rosto.

Põe as mãos nos bolsos. O sorriso fica um pouco maior.

— Onde vais, querida?

— Preciso de tratar de umas coisas.

— A sério? — Encosta um ombro à parede e cruza os braços sobre o peito. Não consegue parar de sorrir.

— Sim. — Começo a ficar irritada.

O Warner aguarda. Fica a olhar. Acena uma vez com a cabeça, como se dissesse: *Continua*.

— O teu pai...

— Não está cá.

— Oh.

Tento esconder o meu choque, mas já não sei porque tinha tanta certeza de que o Anderson continuaria aqui. Isso complica as coisas.

— Achaste mesmo que podias sair desta sala — diz-me ele —, bater à porta do meu pai e acabar com ele?

Sim.

— Não.

— Mentirosa, olha que te cresce o nariz — diz Warner, num tom suave.

Olho para ele.

— O meu pai foi-se embora — continua ele. — Voltou para a capital e levou a Sony a e a Sara com ele.

Solto um grito sufocado, horrorizada.

O Warner já não sorri.

— Estão... vivas? — pergunto.

— Não sei. — Um simples encolher de ombros. — Imagino que devem estar, pois de outra forma não têm utilidade para o meu pai.

— Estão vivas? — Sinto o coração acelerar tão depressa que posso estar a ter um ataque cardíaco. — Tenho de as salvar... tenho

de as encontrar, tenho...

— Tens de quê? — Ele olha para mim, atento. — Como é que vais chegar ao meu pai? Como vais lutar contra ele?

— Não sei! — Agora ando de um lado para o outro da sala. — Mas tenho de as encontrar. Elas devem ser as únicas amigas que me restam neste mundo e...

Paro.

Viro-me de repente, com o coração na garganta.

— E se houver outros? — sussurro, com demasiado medo para ter esperança.

Atravesso o quarto até ao Warner.

— E se houver mais sobreviventes? — pergunto, agora mais alto. — E se estiverem escondidos algures?

— Isso parece-me improvável.

— Mas há essa hipótese, não há? — Estou desesperada. — Se houver nem que seja a mais pequena hipótese...

O Warner suspira. Passa a mão pelo cabelo da nuca.

— Se tivesses visto a devastação como eu vi, não estarias a dizer essas coisas. A esperança vai destroçar-te o coração de novo.

Os meus joelhos começam a ceder.

Agarro-me à estrutura da cama, a respirar depressa e com as mãos a tremer. Já não sei nada. Na verdade, não sei o que aconteceu ao Ponto Ómega. Não sei onde fica a capital, nem como lá chegar. Nem sequer sei se consigo chegar à Sonya e à Sara a tempo. Mas não consigo livrar-me desta esperança súbita e estúpida de que mais amigos meus possam ter sobrevivido.

Porque são mais fortes do que isto — mais inteligentes.

— Eles andaram tanto tempo a planear a guerra — ouço-me dizer. — Devem ter arranjado algum plano de emergência. Um sítio para se esconderem...

— Juliette...

— Raios, Warner! Tenho de tentar. Tens de me deixar ver.

— Isto não é saudável. — Não me olha nos olhos. — É perigoso para ti pensar na hipótese de alguém ainda estar vivo.

Olho para o seu perfil forte e firme.

Ele observa as próprias mãos.

— Por favor — sussurro.

Ele suspira.

— Tenho de ir para os complexos, talvez amanhã, só para supervisionar melhor o processo de reconstrução da área. — Ele fica tenso enquanto fala. — Perdemos muitos civis — diz. — Demasiados. Os restantes cidadãos estão compreensivelmente traumatizados e subjugados, tal como o meu pai queria.

Foram expropriados de qualquer esperança que pudesse restar de rebelião.

Respira fundo.

— E agora tem de ser tudo posto em ordem depressa — diz. — Os corpos estão a ser retirados e incinerados. As habitações danificadas estão a ser substituídas. Os civis estão a ser obrigados a voltar ao trabalho, os órfãos estão a ser transferidos e as crianças que restam têm de frequentar as escolas dos seus setores.

— O Restabelecimento — continua — não permite que as pessoas façam o luto.

Há um silêncio pesado entre nós.

— Enquanto eu estiver a supervisionar os complexos — conclui —, posso arranjar maneira de te levar de volta ao Ponto Ómega. Posso mostrar-te o que aconteceu. E depois, quando tiveres provas, terás de fazer a tua escolha.

— Que escolha?

— Tens de decidir o que fazer a seguir. Podes ficar comigo — diz ele, hesitante — ou, se preferires, posso fazer com que vivas sem ser detetada, em terrenos não regulamentados. Mas terás uma existência solitária — diz num tom baixo. — Nunca poderás ser descoberta.

— Oh.

Uma pausa.

— Pois — diz ele.

Outra pausa.

— *Ou* — digo-lhe — vou-me embora, encontro o teu pai, mato-o e lido com as consequências sozinha.

O Warner tenta esboçar um sorriso, mas não consegue.

Olha para baixo e ri-se um pouco antes de me olhar diretamente nos olhos. Abana a cabeça.

— Qual é a piada?

— Minha querida menina.

— *Que foi?*

— Há muito tempo que espero por este momento.

— Que queres dizer com isso?

— Estás pronta, finalmente — responde ele. — Estás finalmente pronta para lutar.

Sinto-me atravessada por uma onda de choque.

— Claro que estou.

Num instante, sou bombardeada pelas recordações do campo de batalha, pelo terror de ser assassinada a tiro. Não me esqueci dos meus amigos, nem da minha convicção renovada, da minha determinação em fazer as coisas de forma diferente. De fazer a diferença. Desta vez, lutar a sério, sem hesitações. Aconteça o que acontecer — e descubra o que descobrir — já não há retorno para mim. Não tenho alternativas.

Não me esqueci.

— Sigo em frente, ou morro.

O Warner ri-se alto. Parece à beira das lágrimas.

— *Vou* matar o teu pai — digo-lhe — e vou destruir o Restabelecimento.

Ele continua a sorrir.

— Vou *mesmo*.

— Eu sei — diz ele.

— Então, porque te estás a rir de mim?

— Não estou — responde-me, com suavidade. — Estava só a perguntar-me se gostarias de contar com a minha ajuda.

QUATRO

— O quê? — Pestanejo rapidamente, incrédula.

— Sempre te disse — explica o Warner — que seríamos uma excelente equipa. Sempre disse que estava à espera de que estivesse pronta... que reconhecesses a tua raiva, a tua própria força. Tenho estado à espera desde o dia em que te conheci.

— Mas querias usar-me para o Restabelecimento, querias que torturasse pessoas inocentes...

— Não é verdade.

— O quê? Mas como podes dizer isso? Foste *tu próprio* que disseste...

— Menti.

Ele encolhe os ombros.

Fico de boca aberta.

— Há três coisas que deves saber sobre mim, querida. — Ele dá um passo em frente. — A primeira é que odeio o meu pai mais do que alguma vez serás capaz de entender. — Aclara a garganta. — A segunda é que sou uma pessoa assumidamente egoísta, que, em quase todas as situações, toma decisões exclusivamente para seu interesse próprio. E, terceira. — Uma pausa enquanto olha para baixo. Ri-se um pouco. — Nunca tive qualquer intenção de te usar como arma.

As palavras falham-me.

Sento-me.

Dormente.

— Foi um elaborado esquema que concebi inteiramente para benefício do meu pai — prossegue ele. — Tive de o convencer de que seria uma boa ideia investir em alguém como tu, que poderíamos utilizar-te para ganhos militares. E, para ser muito, muito honesto, ainda não tenho a certeza de como o consegui. A ideia é ridícula. Gastar todo aquele tempo, dinheiro e energia para reformar uma rapariga supostamente psicótica só para fins de

tortura? — Abana a cabeça. — Eu sabia desde o início que seria um esforço infrutífero; uma completa perda de tempo. Há métodos muito mais eficazes de extrair informação a quem não a quer ceder de forma voluntária.

— Então porque... porque é que me quiseste?

Os seus olhos são chocantes de tão sinceros.

— Queria estudar-te.

— O quê? — Solto um grito de surpresa.

Ele vira-me as costas.

— Sabias — começa ele, tão suavemente que tenho de me esforçar para o ouvir — que a minha mãe vive naquela casa? — Olha para a porta fechada. — Aquela para onde o meu pai te levou? Aquela onde te deu um tiro? Ela estava no quarto dela. Mesmo ao fundo do corredor onde ele te mantinha.

Quando não respondo, ele vira-se para mim.

— Sim — sussurro. — O teu pai mencionou algo sobre ela.

— Oh? — O ar alarmado aparece e desaparece das suas feições. É rápido a disfarçar a emoção. — E o que — pergunta, fazendo um esforço para parecer calmo — te disse ele sobre ela?

— Que está doente — respondo-lhe, odiando-me pelo tremor que provooco no corpo dele. — Que a mantém lá porque ela não se dá bem nos complexos.

O Warner encosta-se à parede, como se precisasse de apoio. Respira fundo.

— Sim — diz por fim. — É verdade. Ela está doente. Adoeceu muito de repente. — Tem os olhos focados num ponto distante, num outro mundo. — Quando eu era pequeno, ela parecia bem — continua, girando e girando o anel de jade no dedo. — Mas um dia, simplesmente... foi-se abaixo. Durante anos lutei com o meu pai para procurar tratamento, para encontrar uma cura, mas ele nunca se importou. Fiquei por minha conta para lhe encontrar ajuda e, independentemente de quem contactasse, nenhum médico foi capaz de a tratar. Ninguém — agora, quase sem respirar — sabia o que se passava com ela. Ela vive num estado de agonia constante e eu fui sempre demasiado egoísta para a deixar morrer.

Ele olha para cima.

— Depois ouvi falar de ti. Tinha ouvido histórias, rumores. E isso deu-me esperança pela primeira vez. Queria ter-te acesso; estudar-te. Conhecer-te e compreender-te em primeira mão. Porque, em toda a minha pesquisa, foste a única pessoa de quem ouvi falar que poderia dar-me respostas sobre o estado da minha mãe. Estava desesperado. Estava disposto a tentar tudo.

— Que queres dizer com isso? — pergunto. — Como é que alguém como eu te pode ajudar com a tua mãe?

Os olhos dele voltam a encontrar os meus, brilhantes de angústia.

— É simples, querida. Tu não podes tocar em ninguém. E ela não pode ser tocada.

CINCO

Perdi a capacidade de falar.

— Finalmente compreendo a sua dor — diz o Warner. — Finalmente compreendo como deve ser para ela. Por tua causa. Porque vi o que te fez... o que te faz... teres de carregar esse tipo de fardo, existir com tanto poder e viver entre aqueles que não compreendem.

Ele inclina a cabeça para trás contra a parede e pressiona os olhos com as palmas das mãos.

— Ela, tal como tu, deve sentir que tem um monstro dentro de si. Mas, ao contrário de ti, a única vítima é ela mesma. Não consegue viver na sua própria pele. Não pode ser tocada por ninguém; nem pelas próprias mãos. Nem para tirar um cabelo da testa, ou para cerrar os punhos. Tem medo de falar, de mexer as pernas, de esticar os braços, até de mudar para uma posição mais confortável, simplesmente porque a sensação da própria pele lhe causa uma dor excruciante.

Ele deixa cair as mãos.

— Parece — diz ele, lutando para manter a voz firme — que há algo no calor do contacto humano que desencadeia um poder destrutivo terrível dentro dela e, por ser tanto quem origina como quem recebe a dor, ela é de alguma forma incapaz de se matar. Em vez disso, vive como uma prisioneira nos próprios ossos, incapaz de escapar a uma tortura autoinfligida.

Sinto os olhos a arder com intensidade. Pestanejo depressa.

Durante tantos anos pensei que a minha vida era difícil; pensei que compreendia o significado de sofrer. Mas isto. Isto é algo que nem sequer consigo compreender. Nunca parei para pensar que outra pessoa poderia ter uma vida pior do que a minha.

Faz-me sentir envergonhada por alguma vez ter sentido pena de mim mesma.

— Durante muito tempo — continua o Warner — pensei que

ela estava apenas... doente. Pensei que tinha desenvolvido algum tipo de doença que lhe atacava o sistema imunitário, algo que lhe tornava a pele sensível e dolorosa. Presumi que, com o tratamento adequado, acabaria por sarar. Continuei a ter esperança, até que finalmente me apercebi de que se passaram anos e nada mudou. A agonia constante começou a destruir-lhe a estabilidade mental; acabou por desistir da vida. Deixou-se dominar pela dor. Recusou-se a sair da cama ou a comer regularmente; deixou de se preocupar com a higiene básica. E a solução do meu pai foi drogá-la.

» Mantém-na fechada naquela casa sem ninguém, exceto uma enfermeira, para lhe fazer companhia. Agora é viciada em morfina e perdeu completamente o juízo. Já nem sequer sabe quem sou. Não me reconhece. E nas poucas vezes que tentei tirá-la das drogas — agora fala num tom mais calmo — tentou matar-me.

Ele fica em silêncio por um segundo, como se tivesse esquecido que eu ainda estava na sala.

— A minha infância foi, por vezes, quase suportável — continua — só por causa dela. E, em vez de cuidar dela, o meu pai transformou-a em algo irreconhecível.

Ele olha para cima a rir-se.

— Sempre pensei que podia resolver o problema. Pensei que, se conseguisse encontrar a raiz do problema... que poderia fazer alguma coisa, que poderia... — Ele para. Passa uma mão pela cara. — Nem sei — sussurra. Volta-se para o lado contrário. — Mas nunca tive qualquer intenção de te usar contra a tua vontade. A ideia nunca me agradou. Só tinha de manter o fingimento. O meu pai, como vês, não aprova o meu interesse pelo bem-estar da minha mãe.

Sorri, mas um tipo de sorriso estranho e retorcido. Depois, olha para a porta e ri-se.

— Ele nunca quis ajudá-la. Ela é um fardo que o incomoda. Pensa que, ao mantê-la viva, está a fazer-lhe uma grande bondade, pela qual eu deveria estar agradecido. Acha que isso deveria ser suficiente para mim, poder ver a minha mãe transformar-se numa criatura feroz, tão consumida pela própria agonia que perdeu completamente a cabeça.

Ele passa uma mão trémula pelo cabelo e apoia-a na nuca.

— Mas não foi — diz, calmamente. — Não foi suficiente. Fiquei obcecado com a ideia de a tentar ajudar. Para a trazer de volta à vida. E queria senti-lo. — Olha-me diretamente nos olhos. — Queria saber como seria suportar uma dor como aquela. Saber o que ela deve sentir todos os dias.

» Nunca tive medo do teu toque — continua. — Na verdade, até me agradava. Tinha tanta certeza de que acabarias por me atacar, que tentarias defender-te de mim; e estava ansioso por esse momento. Mas nunca o fizeste — ele abana a cabeça. — Tudo o que tinha lido nos teus ficheiros me dizia que eras uma criatura desenfreada e cruel. Esperava que fosses um animal, alguém que tentasse matar-me a mim e aos meus homens em todas as oportunidades... alguém que precisasse de ser vigiado de perto. Mas desiludiste-me ao seres demasiado humana, demasiado adorável. Tão insuportavelmente ingénua. Nunca irias ripostar.

O olhar dele está desfocado com a recordação.

— Não reagiste às minhas ameaças. Não respondias às coisas que interessavam. Agiste como uma criança insolente — diz ele. — Não gostavas das tuas roupas. Não comias a tua comida chique. — Ri-se alto a revirar os olhos e eu esqueço-me subitamente da minha simpatia.

Sinto-me tentada a atirar-lhe alguma coisa.

— Ficaste tão ofendida — continua ele — por te ter pedido para usares um vestido. — Olha para mim, com os olhos a brilhar de divertimento. — E ali estava eu, preparado para defender a minha vida contra um monstro incontrolável que podia matar, matar um homem com as *próprias mãos*... — Ele engole outra gargalhada. — E tu a fazeres birras por causa de roupa lavada e refeições quentes. Oh — conclui ele, abanando a cabeça para o teto — como foste ridícula. Completamente ridícula e o maior entretenimento que alguma vez tive. Não te consigo dizer o quanto gostei. Adorei enlouquecer-te. — Noto nele um olhar perverso. — *Adoro enlouquecer-te.*

Estou a agarrar uma das suas almofadas com tanta força que tenho medo de a rasgar. Olho-o fixamente.

Ele ri-se de mim.

— Andei tão distraído — diz a sorrir. — Sempre a querer

passar tempo contigo. A fingir que planeava coisas para o teu suposto futuro com o Restabelecimento. Eras inofensiva, bonita e estavas sempre a *gritar* comigo. Meu Deus, gritavas comigo pelas coisas mais ilógicas. — Recorda ele, agora com um sorriso ainda mais aberto. — Mas nunca me tocaste. Nem uma vez, nem mesmo para salvar a tua própria vida.

O sorriso desvanece-se.

— Isso preocupou-me. Assustava-me pensar que preferias sacrificar-te a usares as tuas capacidades para te defenderes. — Um suspiro. — Por isso mudei de tática. Tentei provocar-te tanto para que isso pudesse levar-te a tocar-me.

Estremeço, lembrando-me demasiado bem daquele dia no quarto azul. Quando me provocou e manipulou tanto que estive bem perto de o magoar. Tinha conseguido finalmente encontrar as coisas certas para dizer, que me magoaram o suficiente para o querer magoar de volta.

Quase o fiz.

Ele inclina a cabeça. Solta um suspiro profundo e derrotado.

— Mas isso também não resultou. E depressa comecei a perder de vista o meu objetivo original. Fiquei tão empenhado em ti que me esqueci da razão pela qual te tinha trazido para a base. Sentia-me frustrado por não cederes, por te recusares a atacar, mesmo quando eu sabia que querias fazê-lo. Mas sempre que ficava pronto para desistir, tinhas aqueles momentos — diz ele a abanar a cabeça. — Aqueles momentos incríveis em que finalmente mostravas vislumbres de uma força bruta e desenfreada. Era incrível.

Ele para. Encosta-se à parede.

— Mas depois recuavas sempre. Como se tivesses vergonha. Como se não quisesse reconhecer esses sentimentos em ti. Por isso, mudei de tática outra vez. Tentei outra coisa. Algo que eu sabia, com toda a certeza, que te faria ultrapassar o teu ponto de rutura. E devo dizer que foi mesmo tudo o que eu esperava que fosse. — Sorri. — Parecias realmente viva pela primeira vez.

Sinto as mãos subitamente geladas.

— A sala de tortura — murmuro.

SEIS

— Acho que podemos chamar-lhe isso. — O Warner encolhe os ombros. — Nós chamamos-lhe uma câmara de simulação.

— Obrigaste-me a torturar aquela criança — digo-lhe, com a raiva e a fúria daquele dia a crescerem dentro de mim.

Como posso esquecer o que ele fez? O que me obrigou a fazer? As memórias horríveis que me obrigou a reviver, tudo para seu próprio entretenimento.

— Nunca te vou perdoar por isso — grito, com a voz ácida. — Nunca te perdorei pelo que fizeste àquele rapazinho. Por aquilo que me obrigaste a fazer-lhe!

O Warner franze o sobrolho.

— Desculpa... o quê?

— Tu sacrificarias uma *criança!* — Tenho a voz a tremer. — Em prol dos teus jogos estúpidos! Como foste capaz de fazer algo tão desprezível? — Atiro-lhe a almofada. — Seu *monstro* doente e sem coração!

Ele apanha a almofada quando lhe bate no peito e olha para mim como se nunca me tivesse visto antes. Mas depois, uma espécie de compreensão instala-se e a almofada desliza-lhe das mãos.

— Oh — diz, muito devagar. Semicerra os olhos para tentar suprimir o seu divertimento. — Oh, vais matar-me — continua, agora a rir sem disfarçar. — Acho que não consigo lidar com isto...

— Estás a falar de quê? O que se passa contigo? — exijo saber.

Ele ainda está a sorrir quando diz:

— Conta-me, querida. Conta-me exatamente o que aconteceu naquele dia.

Cerro os punhos, ofendida com a sua ligeireza e tremo com a raiva renovada.

— Deste-me roupas estúpidas para vestir, que mal me cobriam o corpo! Depois, levaste-me para os níveis inferiores do Setor 45 e

fechaste-me num quarto sujo. Lembro-me perfeitamente — digo-lhe, lutando para manter a calma. — Tinha paredes amarelas nojentas. Uma alcatifa verde velha. Um enorme espelho de dois sentidos.

O Warner levanta as sobrancelhas. Faz um gesto para que eu continue.

— Então... acionaste uma espécie de interruptor — digo, e obrigo-me a continuar a falar. Não sei porque começo a duvidar de mim mesma. — E começaram a sair do chão uns espigões enormes, de metal. Depois — hesito para reunir forças — entrou uma criança. Tinha os olhos vendados. E tu disseste que era o teu substituto. Disseste que, se não o salvasse, tu também não o farias.

O Warner está a olhar para mim com atenção. Estuda-me os olhos.

— Tens a certeza de que eu disse isso?

— Sim.

— Sim? — Ele inclina a cabeça. — Sim, viste-me dizer isso com os teus próprios olhos?

— N-Não — digo, rapidamente, um pouco na defensiva — mas a sala tinha altifalantes... consegui ouvir a tua voz...

Ele respira fundo.

— Certo; claro.

— Ouvi *sim*.

— Então, depois de me ouvires dizer isso, o que aconteceu?

Engulo em seco.

— Tinha de salvar o rapaz. Ia morrer. Ele não conseguia ver nada e ia ser empalado pelos espigões. Tive de o puxar para os meus braços e tentar encontrar uma forma de o segurar sem o matar.

Um momento de silêncio.

— E conseguiste? — pergunta-me ele.

— Sim — sussurro, incapaz de perceber porque é que ele me pergunta isto quando viu tudo acontecer com os próprios olhos. — Mas o rapaz ficou mole. Ficou temporariamente paralisado nos meus braços. Depois carregaste noutra interruptor e os espigões

desapareceram, então pousei-o no chão e ele... ele começou a chorar outra vez e a bater-me nas pernas. Então começou a gritar. E eu... fiquei tão zangada contigo...

— Que atravessaste o betão — completou o Warner, com um leve sorriso nos lábios. — Atravessaste uma parede de betão só para me tentares sufocar até à morte.

— Mereceste — ouço-me dizer. — Merecias pior.

— Bem — ele suspira. — Se fiz realmente o que dizes, parece-me que mereci.

— Como assim, *se* fizeste? Eu *sei* que fizeste...

— Sabes mesmo?

— Claro que sei!

— Então diz-me, querida, o que aconteceu ao rapaz?

— O quê? — Congelo; sinto cubos de gelo a subirem-me pelos braços.

— O que aconteceu — repete ele — àquele rapazinho? Disseste que o pousaste no chão. Mas depois decidiste partir uma parede de betão com um espelho grosso embutido de dois metros de largura, sem qualquer preocupação aparente com a criança que alegas ter ficado a vaguear pela sala. Não te parece que a pobre criança teria ficado ferida com uma demonstração tão selvagem e imprudente? Os meus soldados ficaram de certeza. Deitaste abaixo uma parede de *betão*, querida. Destruíste um bloco de vidro enorme. Não paraste para ver onde os pedaços ou os cacos caíram, nem quem poderiam ter ferido no processo. — Ele para. Fica a olhar. — Pois não?

— Não — suspiro, parece que sinto o sangue esvair-se do meu corpo.

— Então, o que aconteceu depois de te teres ido embora? — pergunta ele. — Ou não te lembras dessa parte? Deste meia-volta e foste embora, logo após teres destruído a sala, ferido os meus homens e me teres atirado ao chão. Viraste costas e foste embora.

A constatação deixa-me dormente. É verdade. Foi o que fiz. Não pensei. Só sabia que precisava de sair dali o mais depressa possível. Precisava de me afastar, de desanuviar a cabeça.

— Então, o que aconteceu ao rapaz? — insiste o Warner. — Onde é que ele ficou quando saíste? Viste-o? — Um erguer de sobranceiras. — E os espigões? Deste-te ao trabalho de olhar com atenção para o chão para ver de onde poderiam ter saído? Ou como podem ter perfurado um chão alcatifado sem causar qualquer dano? Sentiste a superfície debaixo dos teus pés retalhada ou irregular?

Estou a respirar com dificuldade, a lutar para manter a calma. Não me consigo afastar do seu olhar.

— Juliette, querida — diz ele, com suavidade. — A sala não tinha altifalantes. Aquela sala é totalmente à prova de som, equipada apenas com sensores e câmaras. É uma sala de simulação.

— Não — respiro, recuso-me a acreditar.

Não quero aceitar que estava errada, que o Warner não é o monstro que eu pensava que era. Ele não pode mudar as coisas agora. Não pode confundir-me desta maneira. Não é suposto funcionar assim.

— Isso não é possível...

— Sou culpado — diz ele — de te ter obrigado a passar por uma simulação tão cruel. Aceito a culpa por isso e já pedi desculpa pelos meus atos. A minha intenção era apenas forçar-te a reagir e sabia que aquele tipo de recriação iria desencadear de imediato algo dentro de ti. Mas, meu Deus, querida — abanou a cabeça — deves ter uma opinião mesmo baixa de mim para achares que seria capaz de raptar o filho de alguém só para te ver torturá-lo.

— Não era real? — Não reconheço a minha própria voz rouca e agitada. — Não era *real*?

Ele sorri com simpatia.

— Eu desenhei os elementos básicos da simulação, mas a beleza do programa é que evolui e se adapta à medida que processa as respostas mais viscerais de um soldado. Utilizamo-lo para treinar soldados que têm de ultrapassar medos específicos ou preparar-se para uma missão particularmente sensível. Podemos recriar praticamente qualquer ambiente — explica. — Mesmo os soldados que sabem no que se estão a meter esquecem-se que é uma simulação. — Ele desvia o olhar. — Eu sabia que seria aterrador para ti, mas fi-lo de qualquer maneira. E por te ter magoado, sinto-me muito arrependido. Mas não — conclui com muita calma,

cruzando de novo o olhar com o meu. — Nada daquilo foi real. Tu imaginaste a minha voz naquela sala. Imaginaste a dor, os sons, os cheiros. Tudo aquilo estava na tua mente.

— Não quero acreditar em ti — digo-lhe, a minha voz é quase um sussurro.

Ele tenta sorrir.

— Porque achas que te dei aquelas roupas? — pergunta. — Eram de um material revestido com um produto químico concebido para reagir aos sensores da sala. E, quanto menos roupa tiveres vestida, mais facilmente as câmaras conseguem detetar o calor do teu corpo e os teus movimentos. — Ele abana a cabeça. — Nunca tive oportunidade de explicar o que viveste. Queria seguir-te logo a seguir, mas achei que devia dar-te tempo para te recompores. Foi uma decisão estúpida da minha parte. — Vejo o maxilar dele ficar tenso. — Esperei e não devia ter esperado. Porque, quando te encontrei, era demasiado tarde. Estavas pronta para saltar de uma janela só para te afastares de mim.

— Com bons motivos — digo-lhe.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição.

— És uma pessoa *horrível*! — expludo, atirando-lhe com o resto das almofadas à cara, zangada, horrorizada e humilhada ao mesmo tempo. — Por que razão me farias passar por uma coisa daquelas quando *sabias* o que eu passei, seu estúpido, arrogante de m... ?

— Juliette, por favor — diz ele, depois de se desviar de uma almofada e tentando agarrar-me nos braços. — Peço *mil* desculpas por te ter magoado, mas acho que valeu mesmo a pena...

— Não me toques! — afasto-me, com o olhar incandescente, e agarro o pé da cama como se fosse uma arma. — Devia dar-te um tiro outra vez por me teres feito aquilo! Devia... devia...

— O quê? — ele ri-se. — Vais atirar-me outra almofada?

Empurro-o com força e, quando ele não se mexe, começo a dar-lhe murros. Bato-lhe no peito, nos braços, no estômago e nas pernas, onde quer que consiga chegar, desejo mais do que nunca que ele não pudesse ser capaz de absorver o meu poder, que eu pudesse realmente despedaçar-lhe todos os ossos do corpo e fazê-lo contorcer-se de dor sob as minhas mãos.

— Seu... egoísta... *monstruoso!*

Continuo a tentar esmurrá-lo, sem me aperceber de como o esforço me esgota, sem me aperceber da rapidez com que a raiva se dissolve em dor. De repente, tudo o que me apetece fazer é chorar. O meu corpo treme de alívio e de terror, por fim liberto do medo de ter causado algum tipo de dano irreparável a outra criança inocente e, ao mesmo tempo, horrorizada pelo Warner me ter forçado a fazer algo tão terrível. Para me *ajudar*.

— Lamento muito — volta a dizer, aproximando-se mais. — Mesmo, mesmo muito. Na altura não te conhecia. Não como conheço agora. Nunca te faria isso agora.

— Tu não me conheces — murmuro, enquanto limpo as lágrimas. — Pensas que me conheces só porque leste o meu diário... seu *idiota*, estúpido, bisbilhoteiro, ladrão de privacidade...

— Oh, certo... sobre isso... — Ele sorri e, com um movimento rápido da mão, arranca o diário do meu bolso ao dirigir-se para a porta. — Receio que ainda não tenha acabado de ler isto.

— Ei! — protesto, voltando a tentar bater-lhe enquanto se afasta. — Disseste que me devolvias isso!

— Não disse nada disso — atira ele, contido, e deixa o diário deslizar para o bolso das calças. — Agora, por favor, espera aqui. Vou buscar qualquer coisa para comeres.

Ainda estou a gritar quando ele fecha a porta atrás de si.

SETE

Caio de costas na cama e solto um grito de raiva do fundo da garganta. Atiro uma almofada à parede.

Preciso de fazer alguma coisa. De começar a mexer-me.

Preciso de terminar de elaborar um plano.

Tenho estado na defensiva e em fuga há tanto tempo que a minha mente tem sido muitas vezes ocupada por devaneios elaborados e infrutíferos para derrubar o Restabelecimento. Passei a maior parte dos meus 264 dias naquela cela a fantasiar sobre este tipo de acontecimento impossível: o dia em que seria capaz de cuspir na cara daqueles que me oprimiam a mim e a todos aqueles para lá da minha janela. E, apesar de ter sonhado com um milhão de cenários diferentes em que me erguia e me defendia, nunca pensei ter a hipótese de o concretizar. Nunca pensei que teria o poder, a oportunidade ou a coragem.

Mas agora?

Morreram todos.

Posso ser a única que resta.

No Ponto Ómega, não me importava de deixar o Castle liderar. Eu não sabia grande coisa sobre nada e ainda estava muito assustada para agir. O Castle já estava no comando e já tinha um plano, por isso acreditei que ele sabia o melhor a fazer; que eles sabiam.

Um erro.

Sempre soube, no fundo, quem deveria liderar esta resistência. Há já algum tempo que o sinto em silêncio, sempre com demasiado medo de dizer as palavras. Alguém que não tem mais nada a perder e tudo a ganhar. Alguém que já não tem medo de ninguém.

Não é o Castle. Não o Kenji. Nem o Adam. Nem mesmo o Warner. Devia ser eu.

Olho pela primeira vez com atenção para o que tenho vestido e apercebo-me de que devo estar a usar mais roupas velhas do Warner. Estou a nadar numa t-shirt cor de laranja desbotada e numas calças de fato de treino cinzentas que quase me caem das ancas sempre que me endireito. Demoro um instante a recuperar o equilíbrio, testo se suporto o meu peso na alcatifa espessa e macia sob os meus pés descalços. Enrolo a cintura das calças algumas vezes, só até ficarem bem ajustadas ao osso da anca, depois enrolo o tecido extra da t-shirt e dou um nó nas costas. Tenho a vaga noção de que devo parecer ridícula, mas ajustar a roupa à minha estrutura dá-me um pouco de controlo e é a isso que me agarro. Faz-me sentir um pouco mais desperta, um pouco mais no comando da minha situação. Agora, só preciso de um elástico. O meu cabelo é demasiado pesado; começo a sentir que me sufoca e estou desesperada para o tirar do pescoço. Na verdade, estou desesperada por tomar um duche.

Viro-me ao ouvir o som da porta.

Sou interrompida a meio de um pensamento, a prender o cabelo com as duas mãos num rabo-de-cavalo improvisado, e agora muito consciente do facto de não estar a usar roupa interior.

O Warner aparece com um tabuleiro.

Está parado a olhar para mim, sem pestanejar. Os olhos dele varrem-me o rosto, descem pelo pescoço e pelos braços. Param na minha cintura. Sigo-lhe o olhar e reparo que os meus movimentos me levantaram a camisa a ponto de me expor a barriga. E é neste mesmo instante que percebo porque é que ele está a olhar.

A recordação dos seus beijos ao longo do meu tronco; as mãos a explorarem-me as costas, as minhas pernas nuas, a parte de trás das minhas coxas, os dedos dele no elástico da minha roupa interior...

Oh

Deixo cair as mãos e o cabelo ao mesmo tempo, as ondas castanhas caem com força e rapidez nos meus ombros, nas costas, chegando à cintura. Sinto a cara a arder.

De repente, o olhar do Warner fica paralisado num ponto logo acima da minha cabeça.

— Se calhar devia cortar o cabelo — digo, para ninguém em particular, sem perceber porque é que o disse. Não quero cortar o cabelo. Quero fechar-me na casa de banho.

Ele não responde. Leva o tabuleiro para mais perto da cama e só quando vejo os copos de água e os pratos de comida é que me apercebo da fome que tenho. Não me lembro da última vez que comi alguma coisa; tenho estado a sobreviver da recarga de energia que recebi quando a minha ferida foi curada.

— Senta-te — diz ele, sem me olhar nos olhos. Acena com a cabeça para o chão antes de se sentar ele mesmo no tapete. Eu sento-me à sua frente. Ele empurra o tabuleiro para mim.

— Obrigada — digo, com os olhos focados na refeição. — Isto parece delicioso.

No tabuleiro vejo salada e arroz colorido e perfumado. Batatas em cubos temperadas e uma pequena porção de legumes cozinhados a vapor. Uma pequena chávena de pudim de chocolate. Uma taça de fruta fresca cortada. Dois copos de água.

É uma refeição da qual teria desdenhado quando aqui cheguei pela primeira vez.

Se soubesse na altura o que sei agora, teria aproveitado todas as oportunidades que o Warner me deu. Devorado a comida e vestido as roupas. Teria aumentado a minha força e prestado mais atenção quando ele me mostrou a base. Teria andado à procura de rotas de fuga e de desculpas para visitar os complexos. Depois, fugia e encontrava forma de sobreviver sozinha. E nunca teria arrastado o Adam comigo. Nunca me teria metido a mim e a tantos outros nesta confusão.

Se, ao menos, tivesse comido a estúpida da comida.

Era uma rapariga assustada e destroçada, a lutar da única forma que sabia. Não admira que tenha falhado. Não estava no meu perfeito juízo. Estava fraca, aterrorizada e cega perante as possibilidades. Não tinha experiência em fazer uso da furtividade ou da manipulação. Mal sabia como interagir com as pessoas — mal conseguia entender as palavras na minha própria cabeça.

Choca-me pensar no quanto mudei nestes últimos meses. Sinto-me uma pessoa completamente diferente. De certa forma, mais astuta. Mais forte, sem dúvida. E, pela primeira vez na minha vida, disposta a admitir que estou zangada.

É libertador.

Olho em frente ao sentir o peso do olhar do Warner. Olha para mim como se estivesse intrigado, fascinado.

— Em que estás a pensar? — pergunta-me.

Espeto o garfo num pedaço de batata.

— Estou a pensar que fui idiota por ter sempre recusado um prato de comida quente.

Ele levanta uma sobrancelha ao ouvir.

— Não posso dizer que discordo.

Lanço-lhe um olhar reprovador.

— Estavas tão destruída quando cá chegaste — diz ele, respirando fundo. — Andei tão confuso. Sempre à espera que enlouquecesses, que saltasses para cima da mesa ao jantar e começasses a atacar os meus soldados. Tinha a certeza de que ias tentar matar toda a gente e, em vez disso, foste teimosa e rabugenta, ao ponto de te recusares a despir as tuas roupas imundas e te queixares de teres de comer os legumes.

Fico vermelha.

— No início — continua ele, a rir-se — perguntei-me se não estarias a tramar alguma coisa. Pensei que estavas a fingir ser complacente só para me distrair de um objetivo maior. Pensei que a tua raiva por coisas tão insignificantes fosse um stratagema — conclui, com um olhar de troça. — Achei que só podia ser isso.

Cruzo os braços.

— Para mim, aquela extravagância era nojenta. Desperdiça-se tanto dinheiro no exército enquanto outras pessoas morrem à fome.

Ele acena com a mão e abana a cabeça.

— Não é essa a questão. A questão é que não te dei nenhuma daquelas coisas por ter alguma razão calculada ou desleal. Não foi qualquer espécie de teste. — Ele ri-se. — Não estava a tentar desafiar-te, nem aos teus escrúpulos. Pensei que estava a fazer-te

um favor. Vinhas de um buraco nojento e miserável no chão. Queria que tivesses um colchão a sério. Poderes tomar um duche em paz. Teres roupas bonitas e frescas. E precisavas de comer. Estavas a morrer de fome.

Eu endureço, mais apaziguada.

— Talvez — respondo. — Mas tu eras louco. Um maníaco controlador. Nem sequer me deixavas falar com os outros soldados.

— Porque são uns animais — atira ele, com um tom inexplicavelmente agudo.

Olho em frente, assustada, e encontro-lhe os olhos verdes furiosos e brilhantes.

— Tu, que passaste a maior parte da vida presa — diz ele — não tiveste a oportunidade de compreender o quão bela és, ou o tipo de efeito que isso pode ter numa pessoa. Estava preocupado com a tua segurança. Eras tímida e fraca e vivias numa base militar cheia de soldados solitários, completamente armados e de cabeça dura, três vezes maiores do que tu. Não queria que te incomodassem. Usei a tua exibição com o Jenkins porque queria que eles tivessem provas das tuas capacidades. Precisava que vissem que eras um adversário formidável... Um que fariam bem em manter longe. Estava a tentar proteger-te.

Não consigo desviar-me da intensidade no seu olhar.

— Agora entendo porque me tens em tão pouca conta — ele abana a cabeça em choque. — Não fazia ideia de que me odiavas tanto. Que tudo o que tentei fazer para te ajudar foi alvo de um escrutínio tão severo.

— Não sei porque ficas surpreendido. Que escolha tinha eu se não esperar o pior de ti? Foste arrogante e cretino e trataste-me como se fosse uma propriedade...

— Porque tive de o fazer! — interrompe, sem arrependimentos. — Todas as minhas ações, todas as palavras, são monitorizadas quando não estou confinado aos meus aposentos. A minha vida toda depende de manter um certo tipo de personalidade.

— E o soldado que alvejaste na testa? O Seamus Fletcher? — desafio-o, outra vez zangada. Agora que a deixei entrar na minha vida, percebo que a raiva me é demasiado natural. — Isso também

fez parte do teu plano? Não, espera, não me digas — levanto a mão. — Foi só uma simulação, certo?

O Warner fica tenso.

Senta-se e o seu maxilar contrai-se. Olha para mim com um misto de tristeza e raiva nos olhos.

— Não — diz por fim, num tom suave e mortal. — Não foi uma simulação.

— Então não tens nenhum problema com isso? — pergunto-lhe. — Não te arrependes de ter matado um homem por roubar um pouco de comida? Por tentar sobreviver, tal como tu?

O Warner morde o lábio inferior por meio segundo. Aperta as mãos no colo.

— Uau — diz. — A rapidez com que saltas em defesa dele.

— Era um homem inocente — digo-lhe. — Não merecia morrer. Não por aquilo. Não daquela maneira.

— O Seamus Fletcher — contrapõe ele calmamente, de olhos nas palmas das mãos abertas — era um sacana bêbado que batia na mulher e nos filhos. Há duas semanas que não os alimentava. Certa vez, deu um soco na boca da filha de 9 anos, partindo-lhe os dois dentes da frente e fraturando-lhe o maxilar. Batia tanto na mulher grávida que ela perdeu a criança. E tinha mais dois filhos. Um rapaz de 7 anos e uma rapariga de 5. — Fez uma pausa. — Partiu os braços aos dois.

Esqueço-me da minha comida.

— Acompanho a vida dos nossos cidadãos com muita atenção — continua ele. — Gosto de saber quem são e como prosperam. Talvez não me devesse importar, mas importo-me.

Acho que nunca mais vou abrir a boca.

— Nunca afirmei que vivia segundo um conjunto específico de princípios. Nunca afirmei estar certo, ou ser bom, ou mesmo tentar justificar as minhas ações. A verdade é que, simplesmente, não me interessa. Fui forçado a fazer coisas terríveis na minha vida, querida, e não procuro nem o teu perdão, nem a tua aprovação. Porque não me posso dar ao luxo de filosofar sobre escrúpulos quando sou forçado a agir por instinto todos os dias.

Ele olha-me nos olhos.

— Julga-me como quiseres. Mas não tenho qualquer tolerância — diz ele com rispidez — para um homem que bate na mulher. Não tenho tolerância — continua — para um homem que bate nos filhos. — Agora respira com dificuldade. — O Seamus Fletcher estava a assassinar a própria família. E podes chamar-lhe o que quiseres, mas nunca me vou arrepender de matar um homem que batia com a cara da mulher contra a parede. De matar um homem que esmurrava a filha de 9 anos na boca. Não estou arrependido. E não me desculpo por isso. Porque uma criança está melhor sem pai e uma mulher está melhor sem marido, do que com um assim. — Observo o movimento intenso da garganta dele. — Acredita que eu sei.

— Desculpa Warner... Eu...

Ele levanta a mão para me impedir. Recupera a calma, de olhos focados nos pratos de comida intocados.

— Já o disse antes e lamento ter de o dizer outra vez, querida, mas não compreendes as escolhas que tenho de fazer. Não sabes o que vi e o que sou forçado a testemunhar todos os dias — hesita. — E não gostaria que soubesses. Mas não tentes compreender as minhas ações. — Por fim, encontra o meu olhar. — Porque, se o fizeres, garanto-te que só terás desilusões. E se insistires em continuar a fazer suposições sobre o meu carácter, aconselho-te apenas isto: assume sempre que estás errada.

Ele levanta-se com uma elegância casual que me assusta. Alisa as calças. Dobra de novo as mangas da camisa.

— Dei ordens para que o teu armário fosse mudado para o meu closet — diz ele. — Tens lá coisas para vestires, se quiseres. A cama e a casa de banho são tuas. Eu tenho trabalho para fazer. Esta noite durmo no meu escritório.

Com isto, abre a porta adjacente ao escritório e tranca-se no interior.

OITO

A minha comida está fria.

Espeto as batatas e obrigo-me a terminar a refeição, apesar de ter perdido o apetite. Não consigo deixar de pensar se não fui demasiado longe com o Warner.

Pensei que chegava de revelações por hoje, mas enganei-me de novo. Isto faz-me pensar no que ainda falta saber sobre o Warner, e no que irei ainda descobrir nos próximos dias. Meses.

E tenho medo.

Porque quanto mais descubro sobre ele, menos desculpas tenho para o afastar. Está a revelar-se diante dos meus olhos, a tornar-se alguém completamente diferente, e isso aterroriza-me de uma forma que nunca esperei.

E tudo em que consigo pensar é: *agora não*.

Não aqui. Não quando tanto é incerto. Se, ao menos, as minhas emoções compreendessem a importância de ter um timing excelente.

Nunca me apercebi de que o Warner não tinha consciência de como eu o detestava profundamente. Suponho que agora consigo entender melhor como ele se via, porque nunca considerou as suas ações como culpadas ou criminosas. Talvez pensasse que lhe teria dado o benefício da dúvida. Que era capaz de o ler tão facilmente como ele tem sido capaz de o fazer comigo.

Porém, não consegui. Não aconteceu. E, agora, não consigo deixar de me perguntar se acabei por o desiludir de alguma forma.

Mas porque é que isso me interessa?

Levanto-me com um suspiro de ódio à minha própria incerteza. Porque, apesar de não ser capaz de negar a minha atração física por ele, ainda não consigo esquecer as impressões iniciais que tive sobre o seu carácter. Não me é fácil mudar tão de repente, reconhecê-lo como mais do que uma espécie de monstro manipulador.

Preciso de tempo para me adaptar à ideia do Warner como uma

pessoa normal.

Mas estou farta de pensar. E, de momento, tudo o que quero é tomar um duche.

Arrasto-me em direção à porta aberta da casa de banho antes de me lembrar daquilo que ele disse sobre a minha roupa. Que tinha mudado o meu armário para o closet. Olho em volta, à procura de outra porta e não encontro nenhuma, exceto a passagem trancada para o seu escritório. Sinto-me meio tentada a bater à porta para lhe perguntar diretamente, mas decido não o fazer. Em vez disso, estudo as paredes mais de perto, perguntando-me por que raio o Warner não me deu instruções, visto que o closet é tão difícil de encontrar. Mas depois vejo-o.

Um interruptor.

Na verdade, é mais um botão, mas está nivelado à parede. Seria quase impossível de detetar se não estivesse a procurá-lo ativamente.

Carrego no botão.

Um painel na parede desliza para fora do sítio. Quando atravesso a soleira da porta, a sala ilumina-se sozinha.

O closet é maior do que o quarto dele.

As paredes e o teto são revestidos por lajes de pedra branca que brilham sob a iluminação fluorescente embutida; o chão é coberto por grossos tapetes orientais. Ao centro da sala fica um sofá de camurça cor de jade verde-claro, mas é um sofá estranho: não tem costas. Parece uma otomana de grandes dimensões. E o mais estranho de tudo: não vejo um único espelho. Olho em volta à procura, certa de que um elemento assim tão óbvio só me pode ter passado despercebido, e, estou tão vidrada nos pormenores do espaço, que quase não vejo a roupa.

A roupa.

Está por todo o lado, exposta como obras de arte. As paredes têm módulos embutidos de madeira escura e brilhante e prateleiras com filas e filas de sapatos alinhados. Todo o restante espaço do closet é dedicado a suportes para cabides, cada parede abriga uma categoria de roupa diferente.

Está tudo organizado por cores.

Ele tem mais casacos, mais sapatos, mais calças e camisas do que alguma vez vi na minha vida. Gravatas e laços, cintos, lenços, luvas e botões de punho. Tecidos bonitos e finos: misturas de seda e algodão engomado, lã delicada e caxemira. Sapatos de gala e botas de couro macio polidas e lustradas até à perfeição. Um casaco de pele num tom laranja-escuro e queimado; uma gabardina num azul-marinho intenso. Um casaco de inverno num tom deslumbrante de ameixa. Atrevo-me a passar os dedos pelos diferentes materiais, perguntando-me quantas destas peças ele terá de facto usado.

Estou espantada.

Foi sempre evidente que o Warner tem orgulho na sua aparência; as indumentárias são impecáveis; as roupas assentam-lhe como se fossem feitas por medida. Mas, por fim, entendo porque foi tão cuidadoso com o meu guarda-roupa.

Não estava a ser condescendente comigo.

Estava a fazê-lo com todo o gosto.

Aaron Warner Anderson, comandante-chefe e regente do Setor 45, filho do comandante supremo do Restabelecimento.

Tem um fraquinho por moda.

✧

Depois do choque inicial, consigo localizar facilmente o meu velho armário. Foi colocado sem cerimónias num canto da sala e quase fico com pena dele. É embaraçoso como se destaca em relação à restante divisão.

Apresso-me a remexer nas gavetas, agradecida pela primeira vez por ter roupas limpas para vestir. O Warner antecipa todas as minhas necessidades antes mesmo de eu as sentir. O armário está cheio de vestidos, camisas e calças, mas também foi abastecido com meias, sutiãs e cuecas. E apesar de saber que isto deveria fazer-me sentir estranha, não o faz. As cuecas são simples e discretas. O essencial, de algodão, de tamanho médio e muito funcionais. Ele comprou estas coisas antes de me conhecer e saber que não foram compradas com qualquer nível de intimidade, faz-me sentir menos autoconsciente em relação a tudo.

Pego numa t-shirt pequena, num pijama de algodão, em todas as minhas cuecas novas e saio do closet.

As luzes apagam-se automaticamente assim que passo para o quarto e carrego no botão para fechar o painel.

Olho em volta para o quarto dele com novos olhos, habituando-me a este espaço mais pequeno e básico. Parece-me quase idêntico ao que ocupei na base e sempre me perguntei porquê. Não tem qualquer objeto pessoal; nem fotografias, nem bibelôs estranhos.

Mas, de repente, tudo faz sentido.

O quarto não significa nada para ele. É pouco mais do que um sítio para dormir. Mas o closet — aquele é ao seu estilo, com o seu design. É provavelmente o único espaço que lhe interessa aqui.

Isto faz-me pensar como será o interior do seu escritório, o que me leva a olhar para a porta antes de me lembrar que ele se trancou lá dentro.

Abafo um suspiro e dirijo-me para a casa de banho, o meu plano é tomar um duche, mudar de roupa e adormecer de imediato. Este dia durou aquilo que pareceram alguns anos e estou pronta para o dar por terminado. Espero que amanhã, por fim, possamos regressar ao Ponto Ómega e fazer alguns progressos.

Mas, aconteça o que acontecer a seguir e independentemente do que venhamos a descobrir, estou determinada a encontrar o Anderson, mesmo que tenha de ser sozinha.

NOVE

Não consigo gritar.

Os meus pulmões não se expandem. Continuo a respirar em pequenos suspiros. Sinto o peito apertado, a minha garganta fecha-se e tento gritar, mas não consigo, não consigo parar de arquejar, de agitar os braços e de tentar desesperadamente respirar, mas o esforço é inútil. Ninguém me consegue ouvir. Ninguém sabe que estou a morrer, que tenho um buraco no peito que se enche de sangue, de dor e de uma agonia insuportável, que tenho tanto sangue quente e acumulado à minha volta, e não consigo, não consigo, não consigo *respirar*...

— Juliette... Juliette, querida, acorda... *acorda*...

Levanto-me tão depressa que caio para o lado. Respiro fundo, com dificuldade, ofegante, tão vencida e tão aliviada por conseguir levar oxigénio aos pulmões que não consigo falar, nem fazer nada que não seja tentar inspirar o máximo que possa. Tenho o corpo todo a tremer, a pele pegajosa, passando do quente ao frio demasiado depressa. Não consigo manter-me estável, nem parar as lágrimas silenciosas, ou afastar aquele pesadelo, afastar a memória.

Não consigo parar de arfar.

O Warner segura-me o rosto com as mãos. O calor da sua pele ajuda-me a acalmar e eventualmente sinto o meu ritmo cardíaco começar a abrandar.

— Olha para mim — diz ele.

Forço-me a encontrar-lhe o olhar e continuo a tremer ao mesmo tempo que tento acalmar a respiração.

— Está tudo bem — sussurra ele, ainda a segurar-me as bochechas. — Foi só um pesadelo. Tenta fechar a boca e respirar pelo nariz. — Acena com a cabeça. — Pronto, já está. Calma. Já estás bem.

A voz dele é tão suave, tão melódica, tão inexplicavelmente terna.

Não consigo desviar os olhos dos dele. Tenho medo de

pestanejar, medo de ser puxada de volta para o meu pesadelo.

— Só te largo quando estiveres pronta — diz-me. — Não te preocupes. Leva o tempo que quiseres.

Fecho os olhos. Sinto o coração abrandar para um ritmo normal. Os meus músculos começam a descontrair e as mãos estabilizam o tremor. Mas, apesar de não estar a tentar chorar, não consigo impedir que as lágrimas me escorram pelo rosto. Depois algo se parte no meu corpo, desfaz-se por dentro e de repente sinto-me tão exausta que já não consigo manter-me de pé.

Não sei como, o Warner parece compreender.

Ajuda-me a sentar na cama e puxa os cobertores até aos meus ombros. Estou a tremer, a enxugar as últimas lágrimas. Ele passa-me a mão pelo cabelo.

— Está tudo bem — diz, suavemente. — Já estás bem.

— T-tu não vais dormir? — balbucio, a imaginar que horas são.

Reparo que ele ainda está todo vestido.

— Eu... sim — responde-me. Mesmo com esta luz fraca, consigo ver a surpresa nos seus olhos. — Eventualmente. Não costumo deitar-me tão cedo.

— Oh. — Pestanejo, agora respiro um pouco melhor — Que horas são?

— Duas da manhã.

É a minha vez de ficar surpreendida.

— Não temos de nos levantar daqui a umas horas?

— Sim. — O fantasma de um sorriso toca-lhe nos lábios. — Mas quase nunca consigo adormecer às horas que devia. Parece que não consigo desligar a mente — diz-me, e sorri apenas por um instante antes de se virar para sair.

— Fica.

A palavra escapa-me dos lábios antes mesmo de ter tido a oportunidade de refletir. Não sei bem porque a disse. Talvez seja porque é tarde e ainda estou a tremer, ou talvez consiga assustar os meus pesadelos com ele por perto. Ou porque me sinto fraca, a sofrer e preciso de um amigo. Não tenho a certeza. Mas há algo na escuridão, na quietude desta hora, penso eu, que cria uma

linguagem própria. Há um tipo de liberdade estranha na escuridão; uma vulnerabilidade aterradora a que nos entregamos sempre no momento errado, enganados pela escuridão, ao julgarmos que guardará os nossos segredos. Esquecemo-nos que a escuridão não é um cobertor e que o sol irá nascer em breve. Mas, pelo menos no momento, sentimo-nos corajosos o suficiente para dizer coisas que nunca diríamos à luz.

Exceto o Warner, que não diz uma palavra.

Por uma fração de segundo, parece mesmo alarmado. Está a olhar para mim com um pavor silencioso, demasiado atordoado para falar e estou prestes a retirar tudo o que disse e a esconder-me debaixo dos lençóis, quando ele me agarra o braço.

Congelo.

Ele puxa-me para si até eu ficar aninhada no seu peito. Os braços dele rodeiam-me com cuidado, como se me dissesse que posso afastar-me, que ele iria compreender, que a escolha é minha. Mas sinto-me tão segura, tão quente, tão satisfeita que não consigo pensar numa única razão para não aproveitar o momento. Encosto-me mais, escondo o rosto nas dobras suaves da camisa dele, enquanto os seus braços me envolvem com mais força e sinto o seu peito a subir e a descer. Levo as mãos à sua barriga e sinto os músculos duros ficarem tensos ao meu toque. A minha mão esquerda desliza em torno das suas costelas, subindo-lhe pelas costas, ele congela e ouço-lhe o coração acelerado sob o meu ouvido. Fecho os olhos quando o sinto a tentar inspirar.

— Oh, céus — suspira ele. Afasta-se para nos separar. — Não consigo fazer isto. Não vou sobreviver.

— O quê?

Ele já está de pé e só consigo ver o suficiente da sua silhueta para perceber que está a tremer.

— Não posso continuar com isto...

— Warner...

— Da última vez, achei que podia afastar-me — diz ele. — Pensei que podia deixar-te ir e odiar-te por isso, mas não consigo. Tu tornas tudo muito difícil. Porque não jogas limpo. Acabas sempre por fazer algo como levar um tiro e *acabas a arruinar-me*

pelo caminho.

Tento manter-me perfeitamente imóvel.

Tento não fazer barulho.

Mas a minha mente não para, o meu coração bate acelerado e, com apenas algumas palavras, ele conseguiu dismantelar os meus esforços mais concentrados para esquecer o que lhe fiz.

Não sei o que fazer.

Pestanejo quando finalmente os meus olhos se ajustam à escuridão e vejo-o a olhar-me nos olhos como se pudesse ver-me a alma.

Não estou preparada para isto. Ainda não. Ainda não. Não assim. Mas uma onda de sentimentos, as imagens das suas mãos, braços e lábios invadem a minha mente e eu tento, mas não consigo afastar os pensamentos, não consigo ignorar o cheiro da sua pele e a familiaridade insana do seu corpo. Quase consigo ouvir o coração dele a palpar no peito, consigo ver o movimento tenso do seu maxilar, sentir todo o poder contido nele em silêncio.

De repente, o rosto dele muda. Preocupa-se.

— Que se passa? — pergunta. — Estás com medo?

Assusto-me em sobressalto, respiro mais depressa, agradecida por ele só conseguir seguir o trilho abstrato dos meus sentimentos e não mais do que isso. Por um momento, quero mesmo dizer que não. Não, não tenho medo.

Sinto-me petrificada.

Porque estar tão perto de ti está a fazer-me coisas. Coisas estranhas e irracionais e coisas que se agitam no meu peito e me entrelaçam os ossos. Quero ter um bolso cheio de sinais de pontuação para pôr fim aos pensamentos que ele forçou na minha cabeça.

Mas não digo nada disto.

Em vez disso, faço uma pergunta cuja resposta já conheço.

— Porque é que eu haveria de ter medo?

— Estás a tremer — diz ele.

— Oh.

Estas duas letras e o pequeno som assustado que produzem saem-me da boca para procurar refúgio num lugar longe daqui.

Continuo a desejar ter força para desviar o olhar em momentos como este. A desejar que as minhas bochechas não se inflamem tão facilmente. Continuo a desperdiçar os meus desejos em coisas estúpidas, penso.

— Não, não tenho medo — digo, finalmente. Mas preciso mesmo que ele se afaste de mim. Preciso mesmo que me faça esse favor. — Estou só surpreendida.

Ele fica em silêncio, os seus olhos imploram-me uma explicação. Tornou-se igualmente familiar e estranho para mim em tão pouco tempo; nada e exatamente como eu pensava que ele seria.

— Deixas que o mundo pense que és um assassino sem escrúpulos — digo-lhe. — E não és.

Ele solta uma gargalhada, apenas uma, e ergue as sobranceiras em surpresa.

— Não — diz. — Receio ser apenas o tipo normal de assassino.

— Mas porque finges ser tão cruel? — pergunto. — Porque permites que as pessoas te tratem dessa maneira?

Ele suspira. Volta a passar as mangas da camisa enroladas por cima dos cotovelos. Não consigo deixar de seguir o movimento, o meu olhar demora-se no comprimento dos seus antebraços. E apercebo-me, pela primeira vez, que ele não tem tatuagens militares como toda a gente. Pergunto-me porquê.

— Que diferença é que isso faz? — pergunta. — As pessoas podem pensar o que quiserem. Não desejo qualquer validação.

— Então não te incomoda — continuo — que as pessoas te julguem de forma tão severa?

— Não tenho ninguém para impressionar — responde-me. — Ninguém que se preocupe com o que me acontece. Não estou nisto para fazer amigos, querida. O meu trabalho é liderar um exército e é a única coisa em que sou bom. Ninguém se orgulharia das coisas que fiz. A minha mãe já nem sequer me conhece. O meu pai achame fraco e patético. Os meus soldados querem-me morto. O mundo está a ir para o inferno. E as conversas que tenho contigo são as mais longas que alguma vez tive.

— O quê... a sério? — pergunto, com os olhos arregalados.

— A sério.

— E confias-me toda esta informação? — digo. — Porque partilhas os teus segredos comigo?

Os seus olhos escurecem, morrem, de repente. Ele olha para a parede.

— Não faças isso — diz. — Não me faças perguntas para as quais já sabes as respostas. Já me expus duas vezes a ti e tudo o que consegui foi um ferimento de bala e um coração partido. Não me tortures — suplica, voltando a encontrar o meu olhar. — É algo cruel de se fazer, mesmo para alguém como eu.

— Warner...

— Não percebo! — ele interrompe-me, por fim está a perder a compostura, a voz está a subir de tom. — O que pode o *Kent* — diz, a cuspir o nome — fazer por ti?

Fico tão chocada, tão pouco preparada para responder a uma pergunta destas que estou momentaneamente sem palavras. Nem sequer sei o que aconteceu ao Adam, onde poderá estar ou o que o nosso futuro nos reserva. Neste momento, agarro-me apenas à esperança de que ele possa ter escapado. Que estará algures por aí, a sobreviver contra todas as probabilidades. Neste momento, essa certeza seria suficiente para mim.

Por isso, respiro fundo e tento encontrar as palavras certas, a forma certa de explicar que há tantos problemas maiores e mais pesados para resolver, mas, quando olho em frente, vejo que o Warner ainda está a olhar para mim, à espera da resposta a uma pergunta que agora percebo que tem tentado arduamente suprimir. Algo que deve estar a corroê-lo.

E acho que merece uma resposta. Especialmente, depois do que lhe fiz. Por isso, respiro fundo.

— Não é algo que eu saiba explicar — começo. — Ele é... Não sei. — Desço os olhos para as minhas mãos. — Foi o meu primeiro amigo. A primeira pessoa a tratar-me com respeito... a amar-me. — Fico em silêncio por um momento. — Foi sempre tão bom para mim.

O Warner estremece. Arregala os olhos em choque.

— Foi sempre tão bom para ti?

— Sim — sussurro.

Ele ri-se de forma dura e oca.

— Isto é incrível — diz, a olhar para a porta, com uma mão no cabelo. — Ando há três dias a ser consumido por esta questão, a tentar desesperadamente perceber porque te entregavas a mim com tanta vontade, para no último momento me arrancares o coração por um... autómato qualquer e totalmente substituível. Sempre pensei que tinha de haver uma razão maior, algo que me escapou, algo que não fui capaz de compreender. E estava pronto para o aceitar — continua ele. — Forcei-me a aceitá-lo porque pensei que as tuas razões eram profundas e estavam para além do meu alcance.

Estava disposto a deixar-te ir se tivesses encontrado algo extraordinário. Alguém que te pudesse conhecer de uma forma que eu nunca seria capaz de compreender. Porque é o que tu mereces. Disse a mim mesmo que merecias mais do que eu, mais do que as minhas ofertas miseráveis. — Abana a cabeça. — Mas isto? — diz ele, chocado. — Estas palavras? Esta explicação? Escolheste-o porque ele é *bom* para ti? Porque te ofereceu *caridade*?

De repente, fico zangada.

De repente, estou mortificada.

Indignada com a permissão que o Warner concedeu a si mesmo para julgar a minha vida — que tenha achado que foi *generoso* ao afastar-se. Semicerrou os olhos e fecho os punhos.

— Não é caridade — reclamo. — Ele preocupa-se comigo... e eu com ele!

O Warner acena com a cabeça, pouco impressionado.

— Devias arranjar um cão, querida. Ouvi dizer que têm essas mesmas qualidades.

— És inacreditável! — Tento ganhar balanço para me levantar, soergo-me e arrependo-me. Tenho de me agarrar à estrutura da cama para me manter firme. — A minha relação com o Adam não é da tua conta!

— A tua *relação*? — O Warner ri-se, alto. Passa rapidamente para me encarar do outro lado da cama, deixando vários metros entre nós. — Que relação? Ele sabe sequer alguma coisa sobre ti? Será que te entende? Que conhece os teus desejos, os teus medos, a

verdade que escondes no teu coração?

— Oh, e o quê? Tu conheces?

— Sabes muito bem que sim! — grita ele, a apontar-me um dedo acusador. — E estou disposto a apostar a minha *vida* em como ele não faz ideia de como tu és realmente. Andas em bicos de pés à volta dos sentimentos dele, finges ser uma menina simpática por ele, não é? Tens medo de o assustar. Tens medo de lhe contar demasiado...

— Tu não sabes *nada*!

— Oh, sei sim — diz ele, avançando para mim. — Percebo perfeitamente. Ele apaixonou-se pela tua concha calma e tímida. Por quem costumavas ser. Não faz ideia do que és capaz. Do que consegues fazer se passares o limite. — A mão dele desliza para trás do meu pescoço; inclina-se até os nossos lábios ficarem apenas a centímetros de distância.

Está a acontecer qualquer coisa aos meus pulmões.

— És uma covarde — sussurra-me. — Queres estar comigo e isso deixa-te aterrorizada. E tens vergonha. Vergonha de querer alguém como eu. Não tens? — Ele baixa o olhar, o seu nariz roça o meu e quase consigo contar os milímetros entre os nossos lábios. Estou a tentar concentrar-me, a tentar lembrar-me que estou zangada com ele, zangada com alguma coisa, mas a boca dele está mesmo à frente da minha e o meu cérebro não consegue parar de tentar descobrir como anular o espaço entre nós.

— Tu desejas-me — diz ele baixinho, e sinto as suas mãos a subirem-me pelas costas — e isso está a *matar-te*.

Dou um salto para trás para me separar dele; odeio o meu corpo por reagir ao dele, por ter fraquejado assim. Sinto as articulações frágeis, como se as minhas pernas perdessem os ossos. Preciso de oxigénio, de um cérebro, de encontrar os meus pulmões...

— Mereces muito mais do que caridade — diz ele, com o peito a arfar. — Mereces viver. Mereces estar *viva*. — Conclui a olhar para mim, sem pestanejar. — Volta à vida, querida. Estarei aqui quando acordares.

DEZ

Acordo de barriga para baixo.

Tenho o rosto enterrado nas almofadas e abraço os seus contornos suaves. Pestanejo, com os olhos ensanguentados observo o que me rodeia e tento lembrar-me de onde estou. Espreito a clareza do dia. O meu cabelo cai-me na cara quando levanto a cabeça para olhar em volta.

— Bom dia.

Assusto-me sem razão aparente, sento-me demasiado depressa e agarro uma almofada ao peito por uma razão também inexplicável. O Warner está aos pés da cama, completamente vestido. Veste calças pretas e uma camisola verde-ardósia que se agarra às formas do seu corpo, com as mangas puxadas para cima nos antebraços. O cabelo está perfeito. Os olhos estão alerta, acordados, iluminados pelo verde da camisola. Tem na mão uma caneca fumegante. Sorri-me.

Faço-lhe um aceno frouxo.

— Café? — pergunta, e estende-me a caneca.

Fico a olhar para ele, desconfiada.

— Nunca bebi café.

— Não é de todo terrível — diz, com um encolher de ombros.

— Aqui o Delalieu é obcecado. Não é verdade, Delalieu?

Dou um salto na cama, a minha cabeça quase bate na parede atrás de mim.

Um senhor mais velho, de aspeto simpático, sorri-me do canto da sala. O seu cabelo castanho e fino e o bigode parecem-me vagamente familiares, como se já o tivesse visto antes na base. Reparo que está ao lado de um carrinho de pequeno-almoço.

— É um prazer conhecê-la oficialmente, menina Ferrars — diz ele. A voz sai-lhe um pouco trémula, mas nada intimidante. O olhar é inesperadamente sincero. — Na verdade, o café é bastante bom. Bebo todos os dias. Mas bebo sempre o meu com...

— Natas e açúcar — completa o Warner com um sorriso irónico, os olhos riem-se como se fosse uma piada privada. — Sim, mas receio que o açúcar seja demasiado para mim. Acho que prefiro o amargo. — Olha de novo para mim. — Podes escolher.

— O que se passa? — pergunto.

— Pequeno-almoço — diz o Warner, sem revelar nada com os olhos. — Pensei que pudesses ter fome.

— Não faz mal ele estar aqui? — sussurro, bastante consciente de que o Delalieu pode ouvir-me. — Que ele saiba que estou aqui?

O Warner acena com a cabeça. Não me dá mais explicações.

— Está bem — digo-lhe. — Vou experimentar o café.

Arrasto-me pela cama para alcançar a caneca e os olhos do Warner seguem os meus movimentos, viajam do meu rosto para os contornos do meu corpo, depois para as almofadas e os lençóis amarrotados por baixo das minhas mãos e joelhos. Quando finalmente cruza o olhar com o meu, desvia-o muito depressa e entrega-me a caneca para se afastar para a outra ponta do quarto.

— Então, o que sabe o Delalieu? — pergunto, ao olhar de relance para o cavaleiro mais velho.

— Que queres dizer com isso? — O Warner ergue uma sobancelha.

— Bem, ele sabe que me vou embora? — Também levanto uma sobancelha. O Warner limita-se a olhar. — Prometeste tirar-me da base — digo-lhe — e espero que o Delalieu esteja aqui para te ajudar com isso. Mas, se for muito incómodo, contento-me em usar a janela. — Inclino a cabeça. — Resultou bem da última vez.

O Warner agora olha para mim com os olhos meio fechados e os lábios fazem uma linha fina. Ainda o está a fazer quando acena com a cabeça para o carrinho de pequeno-almoço ao seu lado.

— É assim que te vamos tirar daqui hoje.

Engasgo-me com o primeiro gole de café.

— O quê?

— É a solução mais fácil e mais eficiente — diz ele. — É pequeno e leve, tu consegues dobrar-te com facilidade num espaço apertado e os painéis de tecido mantêm-te escondida. Trabalho

muitas vezes no meu quarto. O Delalieu leva-me tabuleiros de pequeno-almoço de vez em quando. Ninguém suspeitará de nada de invulgar.

Olho para o Delalieu à procura de confirmação.

Ele acena com a cabeça, avidamente.

— Como é que me trouxeste para aqui? — pergunto. — Porque não podemos fazer a mesma coisa?

O Warner observa um dos pratos do pequeno-almoço.

— Receio que já não possamos contar com essa opção.

— O que queres dizer com isso? — O meu corpo paralisa com uma ansiedade súbita. — Como é que me trouxeste para aqui?

— Não estavas propriamente consciente — explica ele. — Tivemos de ser um pouco mais... criativos.

— Delalieu.

O velho ergue o olhar ao som da minha voz, claramente surpreendido por ser abordado de forma tão direta.

— Sim, menina?

— Como é que me fizeram entrar no edifício?

O Delalieu olha de relance para o Warner, de olhar agora fixado na parede. Depois olha para mim com um sorriso apologetico.

— Nós... bom, nós carregámo-la — diz.

— Como?

— Senhor — diz ele de repente, a olhar para o Warner, a implorar por orientação.

— Carregámos-te — diz o Warner, abafando um suspiro — num saco para cadáveres.

Sinto os membros rígidos de pavor.

— Vocês o *quê*?

— Estavas inconsciente, querida. Não tínhamos grandes opções. Não podia simplesmente trazer-te para a base nos meus braços. — Ele lança-me um olhar. — Houve muitas baixas na batalha. De ambos os lados. Um saco de cadáveres passou facilmente despercebido.

Estou a olhar para ele de boca aberta.

— Não te preocupes. Fiz-lhe uns buracos para respirares.

— És tão atencioso — observo.

— E foi — ouço o Delalieu dizer. Olho para ele e vejo que me está a observar em choque, consternado com o meu comportamento. — O nosso comandante estava a salvar-lhe a vida.

Retraio-me.

Fico a olhar para a caneca de café, com o calor a colorir-me as faces. As minhas conversas com o Warner nunca tiveram audiência. Pergunto-me como é que as nossas interações devem parecer a um observador externo.

— Está tudo bem, tenente — diz o Warner. — Ela tende a ficar zangada quando está aterrorizada. É mais uma espécie de mecanismo de defesa. A ideia de ser dobrada num espaço tão pequeno deve ter-lhe desencadeado as tendências claustrofóbicas.

Levanto o olhar de repente.

O Warner está a olhar diretamente para mim, o olhar está intensificado por uma compreensão implícita.

Esqueço-me sempre de que ele é capaz de sentir emoções, que consegue sempre perceber o que estou a sentir. E que me conhece bem o suficiente para ser capaz de contextualizar tudo.

Para ele, sou totalmente transparente.

E, de alguma forma — pelo menos neste momento —, sinto-me agradecida por isso.

— Claro, senhor — diz o Delalieu. — As minhas desculpas.

— Estás à vontade para tomar um duche e mudar de roupa — diz-me o Warner. — Deixei-te algumas roupas na casa de banho... nada de vestidos — completa o comentário a lutar para não sorrir. — Nós esperamos aqui. Eu e o Delalieu temos umas coisas para discutir.

Aceno com a cabeça, liberto-me dos lençóis e levanto-me aos tropeções. Puxo a batinha da minha t-shirt, de repente consciente de mim mesma, a sentir-me amarrotada e desganhada em frente a estes dois militares.

Fico a olhar para eles por um momento. O Warner aponta para

a porta da casa de banho.

Levo o café comigo, perguntando-me quem será o Delalieu e porque será que o Warner parece confiar nele. Pensei que tinha dito que todos os seus soldados o queriam morto.

Gostava de conseguir ouvir a conversa deles, mas têm ambos o cuidado de não dizer nada até a porta da casa de banho se fechar atrás de mim.

ONZE

Tomo um duche rápido, com cuidado para não molhar o cabelo.

Já o lavei ontem à noite e a temperatura está fresca esta manhã; se vamos sair, não quero arriscar-me a apanhar uma constipação. No entanto, é difícil evitar a tentação de um duche demorado — e de água quente — na casa de banho do Warner.

Visto-me depressa, com as roupas dobradas que ele deixou numa prateleira para mim. Calças de ganga escuras e uma camisola azul-marinho macia. Meias e roupa interior lavadas. Um par de ténis novinho em folha.

Os tamanhos são perfeitos.

Claro que são.

Há tantos anos que não uso calças de ganga que, de início, estranho um pouco o material. O ajuste é tão apertado, tão afunilado; tenho de dobrar os joelhos para esticar um pouco a ganga. Mas, quando enfio a camisola pela cabeça, sinto-me finalmente confortável. E apesar de sentir falta do meu fato, há algo de agradável em usar roupa a sério. Nada de vestidos extravagantes, nada de calças de camuflagem, nada de elastano. Apenas calças de ganga e uma camisola, como uma pessoa normal. É uma realidade estranha.

Dou uma olhada rápida ao espelho, pestanejando perante o meu reflexo. Quem me dera ter algo com que prender o cabelo atrás;

habituei-me tanto a poder afastá-lo da cara quando estava no Ponto Ómega. Desvio o olhar com um suspiro resignado, ansiosa para poder começar logo este dia. Mas, assim que abro a porta da casa de banho, ouço vozes.

Congelo no mesmo sítio. À escuta.

—... Tem a certeza de que é seguro, senhor?

O Delalieu está a falar.

— Perdoe-me — apressa-se o homem mais velho a dizer. —

Não quero parecer impertinente, mas não consigo deixar de estar preocupado...

— Vai correr tudo bem. Certifica-te apenas de que as nossas tropas não estão a patrulhar aquela área. Só devemos estar fora umas horas, no máximo.

— Sim, senhor.

Silêncio.

Depois

— Juliette — chama o Warner, e quase caio sobre a sanita. — Chega aqui, querida. É falta de educação ficar a ouvir a conversa dos outros.

Saio devagar da casa de banho, com a cara corada pelo calor do duche e pela vergonha de ter sido apanhada num ato tão juvenil. Nem faço ideia do que fazer com as minhas mãos.

O Warner está a gostar do meu embaraço.

— Pronta para ir?

Não.

Não, não estou.

De repente, sinto a esperança e o medo a estrangular-me e tenho de me lembrar de respirar. Não estou preparada para enfrentar a morte e a destruição de todos os meus amigos. Claro que não estou.

Mas:

— Sim, claro — é o que digo em voz alta.

Estou a preparar-me para a verdade, seja ela qual for.

DOZE

O Warner tinha razão.

Ser transportada pelo Setor 45 foi muito mais fácil do que eu esperava. Ninguém reparou em nós e o espaço vazio por baixo do carrinho era espaçoso o suficiente para me sentar à vontade.

Só quando o Delalieu abre um dos painéis de tecido é que percebo onde estamos. Dou uma vista de olhos rápida à minha volta e faço o inventário dos tanques militares estacionados neste vasto espaço.

— Depressa — sussurra o Delalieu. Faz sinal para o tanque estacionado mais próximo de nós. Vejo a porta ser aberta por dentro.
— Depressa, menina. Não pode ser vista.

Eu mexo-me.

Salto do carrinho e entro pela porta aberta do tanque, subindo para o banco. A porta fecha-se atrás de mim, viro-me para trás e vejo o Delalieu a olhar, com uns olhos lacrimejantes semicerrados de preocupação. O tanque começa a mover-se.

Quase caio para a frente.

— Mantém-te para baixo e aperta o cinto, querida. Estes tanques não foram feitos para conforto.

O Warner sorri enquanto olha em frente, tem as mãos protegidas por umas luvas de cabedal pretas e o corpo coberto por um sobretudo cinzento-aço. Afundo-me no meu lugar e tateio em busca do cinto, prendendo-me o melhor que posso.

— Então, sabes como lá chegar? — pergunto-lhe.

— Claro que sim.

— Mas o teu pai disse que não te lembravas de nada sobre o Ponto Ómega.

O Warner olha de relance, a sorrir com os olhos.

— É muito conveniente para nós que eu tenha recuperado a minha memória.

— Ei... e como é que conseguiste sair dali? — pergunto-lhe. — Como é que passaste pelos guardas?

Ele encolhe os ombros.

— Disse-lhes que tinha autorização para sair do meu quarto.

Fico boquiaberta a olhar para ele.

— Não estás a falar a sério.

— Muito a sério.

— Mas como é que encontraste a saída? — pergunto. — Passaste pelos guardas, tudo bem. Mas aquele sítio é como um labirinto... não conseguiria orientar-me mesmo depois de lá ter vivido um mês.

O Warner verifica um ecrã no painel de instrumentos. Carrega em alguns botões para acionar funções que não compreendo.

— Não estava totalmente inconsciente quando me levaram para o interior — diz. — Fiz por prestar atenção à entrada. Dei o meu melhor para memorizar quaisquer pontos de referência óbvios. Também registei o tempo que levaram para me carregar da entrada até à ala médica e depois da ala médica para o meu quarto. E, sempre que o Castle me levava à casa de banho, estudava o que me rodeava e tentava ver a que distância estava da saída.

— Então... — franzo o sobrolho. — Podias ter-te defendido dos guardas e tentado fugir muito mais cedo. Porque não o fizeste?

— Já te disse — diz ele. — Foi um luxo algo bizarro estar confinado daquela maneira. Consegui pôr semanas de sono em dia.

Não tive de trabalhar nem de lidar com questões militares. Mas a resposta mais óbvia — diz ele, expirando — é que fiquei porque te podia ver todos os dias.

— Oh.

O Warner ri-se, com os olhos fechados por um segundo.

— Tu nunca quiseste mesmo estar lá, pois não?

— Como assim?

Ele abana a cabeça.

— Se queremos sobreviver — diz-me — nunca podemos ser indiferentes ao que nos rodeia. Não podemos depender dos outros

para cuidar de nós. Não podemos presumir que outra pessoa vai fazer as coisas bem.

— De que estás a falar?

— Não quiseste saber — diz ele. — Estiveste lá, debaixo da terra, durante mais de um mês, junto daqueles rebeldes com inclinações sobrenaturais, que falavam de grandes ideias elevadas para salvar o mundo, e dizes que nem sabias orientar-te lá dentro. É porque não te interessavas. Não quiseste participar. Se quisesse, terias tomado a iniciativa de aprender o máximo possível sobre a tua nova casa. Terias ficado fora de ti com o entusiasmo. Em vez disso, ficaste apática. Indiferente.

Abro a boca para protestar, mas não tenho hipótese.

— Não te censuro — continua ele. — Os objetivos deles eram irrealistas. Não me interessa quão flexíveis são os teus membros ou quantos objetos consegues mover com a tua mente. Se não compreenderes o teu adversário... ou pior, se o *subestimares*... vais perder. — Vejo o maxilar dele apertar-se. — Tentei dizer-te que o Castle ia levar o grupo a um massacre. Ele era demasiado otimista para ser um líder adequado, demasiado esperançoso para analisar as suas hipóteses com lógica e demasiado ignorante a respeito do Restabelecimento para entender como lidar com as vozes da oposição.

Ele conclui:

— O Restabelecimento não está interessado em manter uma fachada de bondade. Para eles, os civis não passam de peões. Querem poder e querem entretenimento. Não estão interessados em resolver os nossos problemas. Só querem ter a certeza de que estão o mais confortáveis possível enquanto nós cavamos as nossas próprias sepulturas.

— Não.

— Sim. É mesmo assim tão simples. Tudo o resto é apenas uma piada para eles. Os textos, os artefactos, as línguas. Só querem assustar as pessoas, mantê-las submissas e despojá-las da sua individualidade... para as reunir numa mentalidade singular que não serve nenhum objetivo a não ser o deles. É por isso que podem e vão destruir todos os movimentos rebeldes. E este é um facto que os teus amigos não compreenderam de todo. E, agora, foram vítimas

da sua própria ignorância.

Ele imobiliza o tanque.

Desliga o motor.

Destranca a minha porta.

E continuo sem me sentir preparada para enfrentar isto.

TREZE

Qualquer um seria capaz de encontrar o Ponto Ómega agora. Qualquer cidadão, qualquer civil, qualquer pessoa com a visão a funcionar seria capaz de dizer onde está localizada a grande cratera no Setor 45.

O Warner tinha razão.

Desaperto lentamente o cinto de segurança e tento alcançar o puxador da porta às cegas. Sinto-me como se estivesse a mover-me no meio do nevoeiro, como se as minhas pernas tivessem sido formadas a partir de barro fresco. Não levo em conta a altura do tanque em relação ao solo e tropeço no ar.

É isto.

O trecho de terra vazio e estéril que reconheci como a área ao redor do Ponto Ómega; a terra que o Castle nos disse que em tempos foi uma exuberância de vegetação e espaços verdes. Disse que era o esconderijo ideal para o Ponto Ómega. Mas isso foi antes de as coisas começarem a mudar. Antes de o clima se deformar e as plantas lutarem para florescer. Agora é um cemitério. Árvores esqueléticas e vendavais, uma fina camada de neve sobre a terra fria e compactada.

O Ponto Ómega desapareceu.

Não é mais do que um enorme buraco no chão, com cerca de um quilómetro e meio de largura e 15 metros de profundidade.

É uma tigela cheia de vísceras, morte e destruição, silenciosa ao despertar de uma tragédia. Anos de esforço, tanto tempo e energia despendidos em prol de um objetivo específico, um propósito: um plano para salvar a humanidade.

Desvanecido da noite para o dia.

Uma rajada de vento entra pela minha roupa até alcançar os ossos. Sinto dedos gelados a subirem pelas calças, a fecharem-se à volta dos meus joelhos e a puxarem; de repente, não sei como ainda estou de pé. O meu sangue parece congelado, quebradiço. Cubro a boca com as mãos e não sei quem as pôs lá.

Algo pesado cai sobre os meus ombros. Um casaco.

Olho para trás e vejo o Warner a observar-me. Estende-me um par de luvas.

Pego nas luvas e calço-as sobre os dedos gelados, enquanto isso pergunto-me porque ainda não acordei, porque é que ninguém me estendeu a mão para me dizer que está tudo bem, que foi só um pesadelo, que vai ficar tudo bem.

Sinto-me como se me tivessem estripado, como se alguém me tirasse todos os órgãos que preciso para funcionar e me tivesse deixado sem nada, apenas o vazio, apenas a descrença total e completa. Porque isto é impossível.

O Ponto Ómega.

Foi-se.

Completamente destruído.

— JULIETTE, BAIXA-TE!

CATORZE

O Warner atira-me ao chão no momento em que o som de tiros de pistola enche o ar.

Os braços dele estão debaixo de mim, prendem-me no seu peito e com o seu corpo protege o meu de qualquer perigo iminente. Sinto o coração bater com tanta força que mal consigo ouvir a voz dele quando me fala ao ouvido.

— Estás bem? — sussurra, puxando-me mais para si.

Tento acenar com a cabeça.

— Fica deitada — diz ele. — Não te mexas.

Não estava a planear fazê-lo, mas não lhe digo.

— AFASTA-TE DELA, SEU SACO DE MERDA INÚTIL...

O meu corpo fica rígido.

Esta voz. Conheço esta voz.

Ouçó passos a aproximarem-se, a rangerem na neve e na terra.

O Warner afrouxa o abraço e percebo que está a pegar na arma.

— Kenji... não... — tento gritar, mas a minha voz é abafada pela neve.

— LEVANTA-TE! — grita o Kenji, ainda a aproximar-se. — Levanta-te, covarde!

É oficial: começo a entrar em pânico.

Os lábios do Warner roçam a minha orelha.

— Volto já.

Quando me viro para protestar, sinto o peso do Warner levantar-se. O corpo dele desapareceu. Ele próprio desapareceu.

Apresso-me a pôr-me de pé e dou uma volta sobre mim mesma.

O meu olhar aterra no Kenji.

Está parado, confuso e a analisar a área, e estou tão feliz por o ver que não me consigo dar ao trabalho de me preocupar com o

Warner neste momento. Estou quase a chorar. Grito o nome do Kenji.

Os olhos dele fixam os meus.

Ele avança, anulando a distância entre nós, e puxa-me para um abraço tão forte que quase me corta a circulação.

— *Caramba*, é bom ver-te — diz-me, sem fôlego, e aperta-me com mais força.

Agarro-me a ele, tão aliviada, tão atordoada. Fecho os olhos, sem conseguir parar as lágrimas.

O Kenji recua para me olhar nos olhos, com a cara brilhante de dor e alegria.

— Que raio estás a fazer aqui fora? Pensei que tinhas *morrido*...

— E eu pensei que *tu* tinhas morrido!

Então, imobiliza-se. O sorriso desaparece-lhe do rosto.

— Onde raio se meteu o Warner? — diz, a observar tudo ao nosso redor. — Estavas com ele, certo? Não estou a perder o juízo, pois não?

— Sim... ouve... o Warner trouxe-me até cá — digo-lhe, tentando falar com calma, na esperança de arrefecer a raiva que lhe vejo nos olhos. — Mas ele não está a tentar lutar. Quando me contou o que aconteceu ao Ponto Ómega, não acreditei nele, por isso pedi-lhe que me mostrasse provas...

— Ah, sim? — diz o Kenji, com os olhos a brilhar com um tipo de ódio que nunca vi nele antes. — Ele veio mostrar-te o que nos fizeram? Mostrar-te quantas pessoas ASSASSINOU! — Ele afasta-se de mim, a tremer de fúria. — Ele disse-te quantas crianças estavam lá dentro? Disse-te quantos dos nossos homens e mulheres foram chacinados por causa dele? — Ele para, a arfar. — Contou-te isso? — volta a perguntar e grita para o ar. — VOLTA AQUI, SEU SACANA PERTURBADO!

— Kenji, *não*...

Mas o Kenji já foi, afasta-se tão depressa que agora é apenas um ponto à distância. Sei que procura vislumbres do Warner no vasto espaço e tenho de fazer alguma coisa, tenho de o impedir, mas não sei como...

— Não te mexas.

Ouço os sussurros do Warner ao pé do meu ouvido e sinto as suas mãos firmes nos meus ombros. Tento virar-me e ele impede-me.

— Eu disse para não te mexeres.

— Que estás a fa...

— Shhhh — diz ele. — Ninguém me pode ver.

— O quê? — Viro o pescoço para tentar olhar para trás, mas a minha cabeça bate no queixo dele. Um queixo *invisível*.

— Não — ouço-me a ofegar. — Mas não lhe vais tocar...

— Olha para a frente — sussurra ele. — Não nos serve de nada seres apanhada a falar com pessoas invisíveis.

Viro a cara para a frente. Já não vejo o Kenji.

— Como? — pergunto ao Warner. — Como é que tu...

Ele encolhe os ombros atrás de mim.

— Sinto-me diferente desde que fizemos aquela experiência com o teu poder. Agora que sei exatamente o que é apoderar-me de outra capacidade, sou capaz de as reconhecer mais facilmente. Como agora — diz ele. — Sinto que posso literalmente estender a mão para a frente e apoderar-me da tua energia. Tal como aconteceu agora com o Kenji, foi muito simples. Ele estava mesmo ali. Os meus instintos de sobrevivência entraram em ação.

E apesar de ser um péssimo momento para pensar nestas coisas, não consigo deixar de entrar em pânico. Que o Warner consiga projetar os seus poderes tão facilmente. Sem treino. Sem prática.

Pode aceder às minhas capacidades e usá-las como lhe apetercer. Isto não pode ser bom.

As mãos dele apertam-me os ombros.

— O que estás a fazer? — sussurro.

— Estou a tentar ver se consigo passar o poder para ti... se consigo retransferi-lo e tornar-nos ambos invisíveis... mas parece que não consigo. Depois de tirar a energia a outra pessoa, posso usá-la, mas não consigo partilhá-la. Depois de libertar a energia, só consigo devolvê-la ao dono.

— Como é que já sabes tanto? — questiono, espantada. — Só soubeste disto há uns dias.

— Tenho andado a praticar — esclarece.

— Mas como? Com quem? — Faço uma pausa. — *Oh*.

— Sim — confirma ele. — Tem sido incrível ter-te comigo. Por várias razões. — As mãos dele caem dos meus ombros. — Fiquei preocupado que pudesse magoar-te com o teu próprio poder. Não tinha a certeza se conseguiria absorvê-lo sem o usar acidentalmente contra ti. Mas parece que nos anulamos um ao outro. Assim que o tiro de ti, só posso devolvê-lo.

Não estou a respirar.

— Vamos — diz ele. — O Kenji está a sair do meu alcance e não vou conseguir manter a sua energia por muito mais tempo. Temos de sair daqui.

— Não posso ir-me embora — digo-lhe. — Não posso abandonar o Kenji, não assim...

— Ele vai tentar matar-me, querida. E, embora saiba que já te provei o contrário, posso garantir-te que sou incapaz de ficar parado enquanto alguém atenta contra a minha vida. Por isso, a não ser que queiras ver-me matá-lo primeiro, sugiro que desapareçamos daqui o mais depressa possível. Estou a senti-lo a voltar.

— Não. Tu podes ir. *Deves* ir. Mas eu vou ficar aqui.

O Warner congela atrás de mim.

— O quê?

— Vai — insisto. — Tens de ir para os complexos... tens coisas a resolver. Devias ir. Mas eu preciso de estar aqui. Tenho de saber o que aconteceu a toda a gente, tenho de avançar a partir daí.

— Estás a pedir-me para te deixar aqui — diz ele, sem tentar esconder o choque. — Indefinidamente.

— Sim — digo-lhe. — Não me vou embora até ter algumas respostas. E tens razão. O Kenji vai mesmo disparar primeiro e fazer perguntas depois, por isso é melhor ires embora. Eu falo com ele, tento contar-lhe o que aconteceu. Talvez pudéssemos todos trabalhar em conjunto...

— *O quê?*

— Não temos de ser só tu e eu — digo-lhe. — Disseste que querias ajudar-me a matar o teu pai e a derrubar o Restabelecimento, certo?

O Warner acena lentamente contra a minha nuca.

— Okay. Então. — Respiro fundo. — Eu aceito a tua oferta.

Ele fica tenso.

— Tu aceitas a minha oferta.

— Sim.

— Compreendes o que estás a dizer?

— Não o diria se não fosse a sério. Não sei se serei capaz de fazer isto sem ti.

Sinto o fôlego dele a sair, o seu coração a bater forte nas minhas costas.

— Mas eu preciso de saber quem mais está vivo — insisto. — E podemos todos trabalhar em conjunto. Seremos mais fortes dessa forma e estaremos todos a lutar pelo mesmo objetivo...

— Não.

— É a única maneira...

— Tenho de ir — diz ele, agarrando-me e voltando-me para si. — O Kenji está quase a chegar. — Ele enfia um objeto de plástico duro na minha mão. — Quando estiveres pronta, ativa este pager. Guarda-o contigo e eu saberei onde te encontrar.

— Mas...

— Tens quatro horas. Se não tiver notícias tuas até lá, vou presumir que estás em perigo e eu próprio venho procurar-te. — Ainda está a segurar-me a mão, a pressionar o pager nela. É a sensação mais louca, ser tocada por alguém que não se consegue ver. — Percebeste?

Aceno uma vez com a cabeça. Não faço ideia para onde olhar.

Depois congelo, sinto cada centímetro meu quente e frio ao mesmo tempo, porque ele pressiona os lábios na parte de trás dos meus dedos num instante suave e terno e, quando se afasta, fico a cambalear, tonta e instável.

Quando começo a recuperar o equilíbrio, ouço o som familiar

de uma troada elétrica e apercebo-me de que o Warner já se afastou no tanque.

E fico a pensar no raio de proposta que acabei de aceitar.

QUINZE

O Kenji vem na minha direção, com os olhos a brilhar.

— Para onde raio é que ele foi? Viste para que lado foi?

Abano a cabeça e aproximo-me dele para lhe agarrar os braços numa tentativa de o focar nos meus olhos.

— Fala comigo, Kenji. O que aconteceu... Onde estão todos...?

— Não há *ninguém!* — diz ele e afasta-se. — O Ponto Ómega foi-se... foi-se tudo... *tudo...* — Ele precipita-se de joelhos, arquejando enquanto cai para a frente, com a testa a cravar-se na neve. — Pensei que também estivesses morta... pensei...

— Não — suspiro em pânico. — Não, Kenji... eles não podem ter morrido... não todos...

Não o Adam.

Não o Adam.

Por favor, por favor, por favor, não o *Adam*

Estive demasiado otimista em relação ao dia de hoje.

Estive a mentir a mim mesma.

Não acreditei mesmo no Warner. Não acreditei que pudesse ser tão mau. Mas agora, ao ver a verdade e ao ouvir a agonia do Kenji, a realidade de tudo o que aconteceu está a atingir-me com tanta força que me sinto a cair de costas na minha própria sepultura.

Os meus joelhos batem no chão.

— Por favor — continuo a suplicar-lhe — por favor, diz-me que há outros... O Adam tem de estar vivo.

— Eu cresci aqui — conta o Kenji.

Não me está a ouvir e eu não reconheço esta voz crua e sofrida. Quero o velho Kenji, aquele que sabia como assumir o comando, assumir o controlo. E este não é ele.

Este Kenji está a aterrorizar-me.

— Isto foi toda a minha vida — continua, olhando para a

cratera que costumava ser o Ponto Ómega. — O único sítio... Todas aquelas pessoas... — Ele engasga-se. — Eram a *minha família*. A minha única família...

— Kenji, por favor...

Tento sacudi-lo. Preciso que saia desta tristeza antes que eu também sucumba a ela. Temos de evitar estar em campo aberto e só agora começo a perceber que o Kenji não se importa com isso. Ele *quer* pôr-se em perigo. Quer lutar. Quer *morrer*.

Não posso deixar que isso aconteça.

Alguém tem de assumir o controlo desta situação e, neste momento, talvez eu seja a única pessoa capaz de o fazer.

— Levanta-te — ordeno, numa voz mais dura do que pretendia. — Tens de te levantar e parar de agir de forma imprudente. Sabes que não estamos seguros aqui fora e temos de nos mexer. Onde é que tens ficado? — Agarro-lhe no braço e puxo-o, mas ele não se mexe. — Levanta-te! — grito de novo. — Levanta-te...

E é então, assim de repente, que me recorro de que sou muito mais forte do que o Kenji alguma vez será. Quase sorrio.

Fecho os olhos, concentro-me e tento lembrar-me de tudo o que o Kenji me ensinou, o que aprendi sobre como controlar o meu poder, como o utilizar quando preciso. Passei tantos anos a guardá-lo e a bloqueá-lo que ainda demoro a lembrar-me de que está lá, à espera que o aproveite. Mas, assim que o interiorizo, sinto-o entrar em mim. É um poder bruto, tão potente, que me faz sentir invencível.

E assim, sem mais nem menos, levanto o Kenji do chão e atiro-o para cima do ombro.

Eu.

Faço isso.

O Kenji, claro, solta uma série de palavrões que nunca ouvi. Está a dar-me pontapés, mas quase não os sinto; os meus braços estão à volta dele, controlo a minha força com cuidado para não o esmagar. Ele está zangado, mas pelo menos está a dizer palavrões outra vez. Isto é algo que reconheço.

Corto-lhe a palavra a meio de mais um palavrão.

— Diz-me onde tens ficado — peço — e recompõe-te. Não te podes ir abaixo e falhar-me agora.

Ele fica em silêncio por um momento.

— Oi, hum, desculpe incomodá-la, mas estou à procura de uma amiga — diz ele. — Por acaso não a viu? É assim pequenina, chora muito e passa demasiado tempo de volta dos seus sentimentos...

— Cala-te, Kenji.

— Oh, espera! — acrescenta ele. — Afinal és *mesmo* tu.

— Para onde vamos?

— Quando é que me vais pôr no chão? — responde ele, agora já não divertido. — Quer dizer, tenho uma excelente vista do teu rabo daqui, mas se não te importas que olhe...

Deixo-o cair sem pensar.

— *Raios te partam*, Juliette... mas que *raio*...

— Como é a vista aí de baixo? — coloco-me por cima do seu corpo estendido, de braços cruzados.

— Odeio-te.

— Levanta-te, por favor.

— Quando é que aprendeste a fazer isso? — resmunga ele, enquanto se levanta e esfrega as costas.

Reviro os olhos. Semicerro-os em direção ao horizonte. Nada nem ninguém à vista, para já.

— Não aprendi.

— Oh, certo. Porque isso faz sentido. Levantar um homem adulto para cima dos ombros é muito fácil. É uma merda que te vem naturalmente.

Encolho os ombros.

O Kenji solta um assobio baixo.

— E super humilde, como se nota.

— Sim. — Protejo os olhos da luz fria do sol. — Acho que passar aquele tempo todo contigo me deu cabo do juízo.

— Oooh, oh — diz ele, batendo palmas, nada divertido. —

Devias ter uma audiência para assistir, princesa. És uma autêntica comediente.

— Parece-me que já tenho.

— A isto chama-se piada, espertinha.

— Para onde é que vamos? — pergunto uma vez mais. Começo a andar sem uma direção definida. — Preciso mesmo de saber para onde vamos.

— Para território não regulamentado. — Ele acompanha o meu ritmo e pega-me na mão para liderar o caminho. Ficamos imediatamente invisíveis. — Foi o único sítio que nos ocorreu.

— Que *nos* ocorreu?

— Sim. A antiga casa do Adam, lembras-te? É onde...

Paro de andar, a arfar. O Kenji pragueja e arranca a mão da minha, porque a estou a esmagar, e ficamos de novo visíveis.

— O Adam ainda está vivo? — pergunto, e procuro-lhe os olhos.

— Claro que ainda está vivo. — O Kenji olha para mim um tanto zangado ao esfregar a mão. — Não ouviste nada do que te tenho estado a dizer?

— Mas tu disseste que estavam todos mortos — suspiro. — Disseste...

— E *estão* todos mortos — diz ele, com as feições a escurecer de novo. — Éramos mais de cem no Ponto Ómega. Agora somos só nove.

DEZASSEIS

— Quem? — pergunto, sinto um aperto no coração. — Quem sobreviveu? Como?

O Kenji solta um longo suspiro e passa as mãos pelo cabelo enquanto se concentra num ponto atrás de mim.

— Queres apenas uma lista? — pergunta. — Ou queres saber como tudo aconteceu?

— Quero saber tudo.

Ele acena. Dirige o olhar para baixo e pisa um torrão de neve. Pega-me de novo na mão e começamos a andar, dois miúdos invisíveis no meio do nada.

— Acho — diz por fim — que, de certa forma, temos de te agradecer por ainda estarmos vivos. Porque se nunca tivéssemos ido à tua procura, provavelmente teríamos morrido no campo de batalha como todos os outros.

Ele hesita.

— Eu e o Adam fomos bastante rápidos a reparar que tinhas desaparecido, mas quando conseguimos chegar à frente, já era tarde demais. Ainda estávamos a uns seis metros de distância e conseguimos vê-los a puxar-te para o tanque. — Ele abana a cabeça. — Não podíamos correr atrás de ti. Estávamos a tentar não ser alvejados.

A voz dele torna-se mais profunda e sombria à medida que conta a história.

— Então, decidimos seguir um caminho alternativo e evitar todas as estradas principais para tentar seguir-te até à base, porque era para lá que pensámos que se dirigiam. Mas, quando chegámos lá, encontrámos o Castle, a Lily, o Ian e a Alia, que estavam de saída. Tinham conseguido completar a sua própria missão com sucesso; entraram no Setor 45 e recuperaram o Winston e o Brendan. Estavam os dois quase mortos quando o Castle os encontrou — diz o Kenji, calmamente.

Respira fundo.

— Depois o Castle contou-nos o que ouviram enquanto estavam na base... que as tropas estavam a mobilizar-se para um ataque aéreo ao Ponto ómega. Iam largar bombas por toda a área, na esperança que, se o atingissem com poder de fogo suficiente, tudo no subsolo iria colapsar e desabar. Não iria haver fuga possível para ninguém lá dentro e tudo o que tínhamos construído seria destruído.

Sinto-o tenso ao meu lado.

Paramos de andar por um momento antes de o sentir puxar-me a mão. Inclino-me para me proteger do frio e do vento e preparo-me para enfrentar o tempo e as suas palavras.

— Aparentemente, torturaram as nossas pessoas no campo de batalha até obterem a localização — continua ele. — Mesmo antes de as matar. — Abana a cabeça. — Sabíamos que não tínhamos muito tempo, mas ainda estávamos perto o suficiente da base para eu conseguir pilotar um dos tanques do exército. Carregámos tudo e fomos diretos para o Ponto, na esperança de tirar de lá toda a gente a tempo. Mas acho que, no fundo, sabíamos que não ia resultar. Os aviões já estavam no ar. Já iam a caminho.

Ele ri-se, de repente, mas esta ação parece causar-lhe dor.

— E, por um milagre insano, intercetámos o James a quase dois quilómetros de distância. Ele tinha conseguido escapar e estava a caminho do campo de batalha. O pobre miúdo tinha a parte da frente das calças mijadas de tão assustado que estava, mas disse que estava farto de ser deixado para trás. Disse que queria lutar com o irmão.

A voz do Kenji está tensa.

— E a cena mais louca — diz — é que se o James tivesse ficado no Ponto, como lhe dissemos, onde pensámos que estaria seguro, teria morrido com todos os outros. — Ele ri-se um pouco. — E foi isso. Não havia nada que pudéssemos fazer. Tivemos de ficar ali, a vê-los lançar bombas sobre 30 anos de trabalho, a matarem todos os que eram demasiado novos ou demasiado velhos para ripostar e depois a massacrarem o resto da nossa equipa em campo aberto. — Ele aperta a mão na minha. — Volto aqui todos os dias. Na esperança de que alguém apareça. Na esperança de encontrar algo para

levar de volta. — Depois para, com a voz embargada pela emoção. — E aqui estás tu. Esta merda nem sequer parece real.

Aperto-lhe os dedos — desta vez com cuidado — e encosto-me a ele.

— Vamos ficar bem, Kenji. Prometo. Vamos manter-nos juntos. E ultrapassar isto.

O Kenji tira a mão da minha e coloca-a à volta do meu ombro, puxando-me para junto de si. A voz sai-lhe suave quando fala.

— O que te aconteceu, princesa? Pareces diferente.

— Diferente para pior?

— Para melhor — diz ele. — Como se, por fim, tivesses vestido as tuas calças de menina crescida.

Ri-me alto.

— Estou a falar a sério.

— Bem. — Faço uma pausa. — Às vezes, diferente é melhor, não é?

— Sim — confirma ele. — Sim, acho que sim — hesita. — Então... vais dizer-me o que aconteceu? Porque da última vez que te vi, estavas a ser enfiada no banco de trás de um tanque do exército.

agora esta manhã apareces toda janota e fresca, de bochechas brancas e reluzentes, e andas por aí com o Warner — diz ele ao soltar-me o ombro e pegar-me de novo na mão. — E não é preciso ser um génio para perceber que essa merda não faz sentido nenhum.

Respiro fundo e com firmeza. É estranho não poder ver o Kenji neste momento; parece que estou a fazer estas confissões ao vento.

— O Anderson deu-me um tiro — digo-lhe.

O Kenji fica quieto ao meu lado. Consigo ouvi-lo a respirar com dificuldade.

— *O quê?*

Aceno com a cabeça, apesar de ele não me poder ver.

— Não me levaram de volta para a base. Os soldados entregaram-me ao Anderson; ele estava à espera numa das casas em território não regulamentado. Acho que queria privacidade — digo-

lhe, com o cuidado de omitir qualquer informação sobre a mãe do Warner Esses segredos são demasiado privados e não me cabe partilhá-los. — O Anderson queria vingança pelo que lhe fiz às pernas. Ficou aleijado; quando o vi, usava uma bengala. Mas, antes de eu conseguir perceber o que estava a acontecer, ele sacou de uma arma e disparou contra mim. Mesmo no peito.

— Grande merda — diz o Kenji a arfar.

— Lembro-me tão bem — hesito. — De morrer. Foi a coisa mais dolorosa que já vivi. Não conseguia gritar porque os meus pulmões estavam desfeitos ou cheios de sangue. Não sei. Só tinha de ficar ali deitada, a tentar respirar, na esperança de morrer o mais depressa possível. E o tempo todo — digo — pensava em como tinha passado toda a vida a ser uma cobarde e como isso não me levou a lado nenhum. E sabia que, se tivesse oportunidade de fazer tudo de novo, faria de forma diferente. Prometi a mim mesma que deixaria finalmente de ter medo.

— Sim, isso é tudo muito comovente — diz o Kenji. — Mas como é que sobreviveste a um tiro no peito? — pergunta. — Neste momento devias estar morta.

— Oh. — Aclaro um pouco a garganta. — Sim, hum, o Warner salvou-me a vida.

— Cala-te!

Tento não me rir.

— Estou a falar a sério — digo, levando uns minutos a explicar como as raparigas estavam lá e como o Warner usou o poder delas para me salvar. Como o Anderson me deixou para morrer e como o Warner me levou para a base com ele, me escondeu e me ajudou a recuperar. — E já agora — acrescento — tenho quase a certeza de que a Sonya e a Sara ainda estão vivas. O Anderson levou-as de volta para a capital consigo; quer obrigá-las a servir como suas curandeiras pessoais. Provavelmente, já as pôs a tratar-lhe as pernas.

— Okay, sabes que mais? — O Kenji para de andar e agarra-me pelos ombros. — Tens de rebobinar, porque estás a despejar demasiada informação de uma só vez, por isso, preciso que comeces do princípio e que me contes *tudo* — diz, com a voz a subir de tom. — Mas que raio se está a passar? As raparigas ainda estão vivas? E que

queres dizer com o Warner transferiu o poder delas para ti? Como é isso possível?

Então, explico-lhe.

Finalmente, conto-lhe as coisas que sempre quis confessar. Conto-lhe a verdade sobre a capacidade do Warner e a verdade sobre como o Kenji se magoou à porta do refeitório naquela noite. Conto-lhe como o Warner não fazia ideia do que era capaz e como o deixei praticar comigo no túnel enquanto estavam todos na ala médica. Como atravessámos juntos o chão.

— Grande merda — sussurra o Kenji. — Então, aquele idiota tentou *matar-me*.

— Não de propósito — digo-lhe.

Ele murmura algo rude.

E, embora não mencione nada sobre a visita inesperada do Warner ao meu quarto mais tarde naquela noite, conto-lhe que ele escapou e que o Anderson estava à espera que o Warner aparecesse antes de me matar. Porque o Anderson sabia dos sentimentos dele por mim e queria castigá-lo por isso.

— Espera — interrompe o Kenji. — Como assim, ele sabia o que o Warner sentia por ti? *Todos* nós sabíamos o que o Warner sentia por ti. Ele queria usar-te como uma arma. Isso não devia ser uma revelação. Pensei que o pai dele estava contente com isso.

Fico tensa. Esqueci-me de que esta parte ainda era segredo. De que nunca tinha revelado a verdade sobre a minha ligação com o Warner. Embora o Adam possa ter suspeitado que ele tinha mais do que um interesse profissional em mim, nunca contei a ninguém sobre os nossos momentos íntimos. Ou nada daquilo que me disse.

Engulo em seco com dificuldade.

— Juliette — diz o Kenji, com a voz alarmada. — Não podes continuar a guardar esta merda. Tens de me dizer o que se está a passar Sinto-me a vacilar.

— *Juliette...*

— Ele está apaixonado por mim — sussurro.

Nunca tinha admitido isto em voz alta, nem mesmo para mim própria. Acho que esperava poder ignorá-lo. Escondê-lo. Fazer com

que desaparecesse, para que o Adam nunca descobrisse.

— Ele está... espera... *o quê?*

Respiro fundo. De repente, sinto-me exausta.

— Por favor, diz-me que estás a brincar — diz ele.

Abano a cabeça, esquecendo-me de que ele não me pode ver.

— Uau.

— Kenji, eu...

— Isto é tãoooooo estranho. Porque sempre pensei que o Warner era maluco, sabes? — O Kenji ri-se. — Mas agora, quer dizer, agora não há dúvidas.

Arregalo os olhos e não consigo evitar uma gargalhada.
Empurro o seu ombro invisível com força.

O Kenji ri-se de novo, meio divertido, meio cambaleante de tão incrédulo. Respira fundo.

— Então, okay, espera, então, como é que sabes que ele está apaixonado por ti?

— Como assim?

— Quer dizer... então, ele levou-te a um encontro ou assim? Comprou-te chocolates e escreveu-te poesia da treta? O Warner não parece ser exatamente do tipo afetuoso, se é que me entendes.

— Oh. — Mordo o interior da bochecha. — Não, não foi nada disso.

— Então?

— Ele simplesmente... disse-me.

O Kenji para de andar tão de repente que quase caio.

— Não, não disse nada.

Não sei como responder a isto.

— Disse mesmo essas palavras? Na tua cara? Tipo, diretamente na tua cara?

— Sim.

— Então... então... espera, então ele diz-te que te ama... e tu disseste? O quê? — pergunta o Kenji, estupefacto. — “Obrigada”?

— Não. — Eu sufoco um arrepio, lembro-me demasiado bem que, da primeira vez que o Warner mo disse, dei-lhe um tiro por isso. — Quer dizer, não disse... quer dizer, não sei, Kenji, é tudo muito estranho para mim. Ainda não encontrei uma maneira de lidar com isso. — A minha voz baixa para um sussurro. — O Warner é muito... intenso — digo, invadida por uma torrente de memórias, as minhas emoções a colidirem numa confusão de insanidade.

Os beijos dele no meu corpo. As minhas calças no chão. As suas confissões desesperadas quebrando-me por dentro.

Fecho os olhos, sinto-me demasiado quente, demasiado instável, tudo muito de repente.

— Sem dúvida que essa é uma boa palavra para o descrever — murmura o Kenji, arrancando-me do meu devaneio. Ouço-o suspirar. — Então o Warner ainda não faz ideia que é irmão do Kent?

— Não — confirmo, imediatamente sóbria.

Irmãos.

Irmãos que se odeiam. Irmãos que se querem matar um ao outro. E eu fui apanhada no meio. Meu Deus, o que aconteceu à minha vida?

— E ambos podem tocar-te?

— Sim? Mas... bom, não, nem por isso. — Tento explicar. — O Adam... não pode, de facto, tocar-me. Quer dizer, pode, mais ou menos...? — Perco-me. — É complicado. Ele tem de trabalhar e treinar ativamente para contrabalançar a minha energia com a dele. Mas com o Warner... — abano a cabeça e olho para os meus pés invisíveis enquanto ando. — O Warner consegue tocar-me sem consequências. Não lhe acontece nada. Absorve tudo, simplesmente.

— Porra — dispara o Kenji, após um momento. — Raios, raios, raios. Isto é de loucos.

— Eu sei.

— Então... okay... estás a dizer-me que o Warner te salvou a vida? Que implorou realmente às raparigas para o ajudarem a curar-te? E que, depois, te escondeu no seu próprio quarto e cuidou de ti? Alimentou-te, deu-te roupas e cenas e deixou-te dormir na cama dele?

— Sim.

— Sim. Okay. Custa-me muito acreditar nisso.

— Eu sei — repito, desta vez com um suspiro exasperado. — Mas ele não é o que vocês pensam. Eu sei que parece um bocado maluco, mas na verdade é mesmo...

— Espera, estás a *defendê-lo*? — A voz do Kenji sai-lhe cheia de choque. — Estamos a falar do mesmo gajo que te prendeu e tentou fazer de ti uma escrava militar, certo?

Abano a cabeça, porque desejo conseguir tentar explicar tudo o que o Warner me disse sem parecer uma idiota ingénua e crédula.

— Não é... — suspiro. — Ele não queria usar-me assim... — tento dizer.

O Kenji solta uma gargalhada.

— Grande *merda* — diz ele. — Tu acreditas mesmo nele, não acreditas? Acreditas nas tretas todas que ele te disse...

— Tu não o conheces, Kenji, isso não é justo...

— Oh, meu Deus! — Ele suspira e ri-se de novo. — Estás mesmo a tentar dizer-me que não conheço o homem que me orientou em combate? Esse desgraçado foi meu comandante. Sei exatamente quem ele é...

— Não estou a tentar discutir contigo, está bem? Não espero que compreendas...

— Isto é hilariante — diz ele, sibilando com outra gargalhada. — Não percebes mesmo, pois não?

— Perceber o quê?

— Ohhh, *meu* — diz ele, de repente. — O Kent vai ficar *lixado*. — Arrasta a palavra com prazer. Está mesmo a rir-se.

— Espera... o quê? O que tem o Adam que ver com isto?

— Tens noção de que não me fizeste uma única pergunta sobre ele, certo? — Uma pausa. — Quer dizer, acabei de te contar toda a saga de toda a merda que nos aconteceu e tu ficaste tipo, oh, okay, história fixe, mano, obrigado por partilhares. Não te passaste nem perguntaste se o Adam estava ferido. Não me perguntaste o que lhe aconteceu nem como está a lidar com a situação agora, especialmente porque pensa que tu estás morta e tal.

Agora sinto-me mal. Paro de caminhar. Estou mortificada e sinto-me culpada culpada culpada.

— E agora estás aqui a defender o *Warner* — continua o Kenji.
— O mesmo gajo que tentou *matar o Adam*, e estás a agir como se ele fosse teu amigo, ou algo do género. Como se ele fosse um gajo normal, apenas um pouco incompreendido. Como se todas as outras pessoas do planeta tivessem percebido mal e fôssemos todos um bando de julgadores e invejosos que o odeiam por ter uma cara tão, tão bonita.

A vergonha queima-me a pele.

— Eu não sou idiota, Kenji. Tenho razões para as coisas que digo.

— Sim e talvez eu esteja apenas a dizer que não fazes ideia do que estás a dizer.

— Tanto faz.

— Não me venhas com essa do “*Tanto faz*”.

— *Tanto faz* — digo outra vez.

— Oh, meu Deus — diz ele, a ninguém em particular. — Acho que esta miúda quer levar uma tarefa.

— Não me conseguias dar uma tarefa nem que te multiplicasses por dez.

Ele ri-se alto.

— Isso é um desafio?

— É um aviso — digo.

— Ohhhhhh, então agora estás a ameaçar-me? O bebé chorão já sabe fazer ameaças?

— Cala-te, Kenji.

— *Cala-te, Kenji* — repete ele, numa voz chorosa, a gozar comigo.

— Ainda falta muito para chegarmos? — pergunto demasiado alto, irritada e a tentar mudar de assunto.

— Estamos quase a chegar — responde ele, com as palavras entrecortadas.

Nenhum de nós fala durante alguns minutos.

Depois

— Então... porque vieste a pé até cá? — insisto. — Não disseste que tinhas um tanque?

— Sim — responde ele com um suspiro, esquecendo-se momentaneamente da nossa discussão. — Na verdade, temos dois.

O Kent disse que roubou um quando vocês fugiram; ainda o tem na garagem.

Claro que sim.

Como é que me podia esquecer?

— Mas gosto de andar — continua. — Não tenho de me preocupar com o facto de alguém me ver e espero sempre que, se estiver a pé, consiga reparar em coisas que de outra forma não repararia. Ainda tenho esperança — conclui ele, com a voz embargada de novo — de que encontremos mais dos nossos escondidos algures por aqui.

Aperto-lhe de novo a mão e aproximo-me mais dele.

— Eu também — sussurro.

DEZASSETTE

A antiga casa do Adam está exatamente como a recordo.

Eu e o Kenji entramos sorrateiramente no parque de estacionamento subterrâneo e subimos alguns lanços de escadas até ao piso superior. De repente, sinto-me tão nervosa que mal consigo falar. Já tive de chorar a perda dos meus amigos duas vezes e parte de mim sente que isto não deve estar a acontecer. Mas tem de estar. Só pode estar.

Vou ver o Adam.

Vou ver o rosto do Adam.

Ele vai ser *real*.

— Eles rebentaram com a porta quando andaram à nossa procura da primeira vez — diz o Kenji — por isso a porta está bastante encravada... Temos empilhado uma data de mobílias contra ela para a manter fechada, mas depois ficou presa do outro lado, por isso... sim, pode demorar algum tempo a abri-la. Mas, tirando isso, esta pequena casa tem sido boa para nós. O Kent ainda tem uma tonelada de comida armazenada e a canalização ainda funciona toda, porque ele pagou quase tudo até ao fim do ano. Em suma, tivemos muita sorte.

Aceno com a cabeça, demasiado receosa para abrir a boca. O pequeno-almoço não me caiu muito bem no estômago e estou nervosa da cabeça aos pés.

Adam.

Estou prestes a ver o Adam.

O Kenji bate à porta.

— Abre — grita. — Sou eu.

Durante um minuto, tudo o que ouço é o som de movimentos pesados, madeira a ranger, metal a chiar e uma série de batidas. Observo a moldura da porta a tremer; alguém do outro lado está a puxar a porta, a tentar desbloqueá-la.

Depois abre-se. Tão devagar. Estou a agarrar as minhas próprias mãos para me manter firme.

O Winston está à porta.

A olhar para mim.

— C'um caraças — diz.

Ele tira os óculos — reparo que foram colados com fita adesiva — e pisca os olhos. Tem a cara cheia de nódoas negras e feridas, o lábio inferior inchado e aberto. A mão esquerda está ligada com uma gaze enrolada várias vezes.

Sorrio-lhe de forma tímida.

O Winston agarra na camisa do Kenji e puxa-o, com os olhos ainda focados na minha cara.

— Estou a alucinar outra vez? — pergunta. — Porque vou ficar muito chateado se estiver a alucinar. *Porra* — diz, sem esperar que o Kenji responda. — Se fizesse ideia de quão mau seria ter uma concussão, tinha-me dado um tiro na cara quando tive oportunidade...

— Não estás a alucinar. — O Kenji interrompe-o com uma gargalhada. — Agora deixa-nos entrar.

O Winston ainda está a pestanejar para mim, com os olhos arregalados, ao afastar-se para nos dar espaço para entrar. Mas, assim que passo pelo limiar da porta, sou empurrada para outro mundo, para um conjunto de memórias totalmente diferente. Esta é a casa do Adam. O primeiro sítio que chamei de santuário. O primeiro sítio onde me senti segura.

E agora está cheio de gente, o espaço demasiado pequeno para abrigar tantos corpos grandes. O Castle, o Brendan, a Lily, o Ian, a Alia e o James pararam todos a meio de um movimento, a meio de uma frase. Estão todos a olhar para mim com incredulidade. E eu estava prestes a dizer alguma coisa, a encontrar algo aceitável para dizer ao meu único grupo de amigos maltratados e quebrados, quando o Adam sai do pequeno quarto que sei que costumava pertencer ao James. Vem com algo nas mãos, distraído, sem notar a mudança abrupta na atmosfera.

Mas, depois, ergue o olhar.

Fica com os lábios entreabertos como se fosse falar e o que quer que estivesse a segurar cai no chão, estilhaçando-se em tantos

sons que faz com que todos voltem à vida.

Está a olhar para mim, com os olhos fixos na minha cara, o peito a tremer e o rosto a lutar contra tantas emoções diferentes. Parece meio aterrorizado, meio esperançoso. Ou talvez aterrorizado por ter esperança.

E, embora me aperceba de que devia ser a primeira a falar, não faço ideia do que dizer.

O Kenji encosta-se a mim e vejo a boca dele abrir-se num enorme sorriso. Passa o braço à volta do meu ombro. Aperta-me. Diz:

— Vejam só o que encontrei.

O Adam começa a aproximar-se pela sala, mas tudo me parece estranho — como se tudo tivesse começado a abrandar, como se este momento não fosse real, de alguma forma. Há tanta dor no olhar dele.

Sinto-me como se tivesse levado um murro no estômago.

Mas depois aqui está ele, mesmo à minha frente, com as mãos procura o meu corpo como se quisesse certificar-se de que sou real, de que ainda estou intacta. Observa-me o rosto, as feições e os dedos entrelaçam-se no meu cabelo. Só então parece aceitar que não sou um fantasma, que não sou um pesadelo, e puxa-me contra si tão depressa que não consigo deixar de suspirar em resposta.

— Juliette — diz ele, num suspiro.

O seu coração bate com força no meu ouvido, os braços envolvem-me com força e eu derreto-me no seu abraço, sentindo o conforto quente, a familiaridade deste corpo, do cheiro, da pele. Envolvero-o com as mãos, estendo-as pelas suas costas e agarro-o com força, e nem sequer me apercebo que me caem lágrimas silenciosas pelo rosto, quando ele se afasta para me olhar nos olhos. Diz-me para não chorar, que está tudo bem, que vai ficar tudo bem e eu sei que é tudo mentira, mas ainda assim sabe tão bem ouvi-lo.

Está de novo a estudar-me o rosto, com as mãos a segurar-me a nuca com cuidado, com todo o cuidado para não me tocar na pele. Esta lembrança faz-me sentir uma dor aguda no coração.

— Não acredito que estejas mesmo aqui — diz ele, com a voz embargada. — Não acredito que isto esteja mesmo a acontecer...

O Kenji aclara a garganta.

— Hum, pessoal? Esse esfreganço está a enojar os mais pequenos.

— Eu não sou *pequeno* — contrapõe o James, visivelmente ofendido. — E não acho que seja nojento.

O Kenji vira-se para trás.

— Não te incomoda toda esta respiração pesada que está a acontecer aqui? — Faz um gesto casual na nossa direção.

Afasto-me do Adam por reflexo.

— Não — diz o James ao cruzar os braços. — E a ti?

— A minha reação geral foi de nojo, sim.

— Aposto que não acharias nojento se fosse contigo.

Uma longa pausa.

— Acabas de dar um bom argumento — diz por fim o Kenji.

— Talvez devesse encontrar-me uma mulher neste setor de porcaria. Aceito qualquer uma entre os 18 e os 35 anos — diz, com a ponta do dedo na direção do James. — Então, toca a tratar disso, obrigado.

O James parece levar o desafio demasiado a sério. Acena várias vezes com a cabeça.

— Está bem. Que tal a Alia? Ou a Lily? — diz, apontando imediatamente para as únicas outras mulheres na sala.

A boca do Kenji abre-se e fecha-se algumas vezes antes de dizer:

— Pois, não obrigado, miúdo. Estas duas são como irmãs para mim.

— Que subtil — diz a Lily ao Kenji, e apercebo-me de que é a primeira vez que a ouço falar. — Aposto que conquistaste todas as mulheres disponíveis ao dizer-lhes que são como irmãs para ti. Aposto que as meninas até fazem fila para ir para a cama contigo, meu paspalho.

— Rude. — O Kenji cruza os braços.

O James ri-se.

— Vês aquilo com que tenho de lidar? — diz-lhe o Kenji. — Não há amor para o Kenji. Eu dou, dou e dou e não recebo nada em troca. Preciso de uma mulher que aprecie tudo isto. — E aponta para o seu próprio corpo.

Está claramente a exagerar, na esperança de entreter o James com aquela figura ridícula, e os seus esforços são apreciados. O Kenji é talvez a única hipótese de alívio cómico neste espaço lotado e isso faz-me pensar se não será por isso que parte sozinho todos os dias. Talvez precise de tempo para sofrer em silêncio, num lugar onde ninguém esteja à espera que seja o tipo com piada.

O meu coração arranca e para enquanto hesito, imaginando como deve ser difícil para o Kenji manter-se firme, mesmo quando se sente em baixo. Hoje, pela primeira vez, vislumbrei esse lado dele e surpreendeu-me mais do que devia.

O Adam aperta-me o ombro e viro-me para o encarar. Tem um sorriso terno e torturado e os olhos pesados de dor e alegria.

Mas, de todas as coisas que poderia estar a sentir neste momento, a culpa é a que mais me atinge.

Toda a gente nesta sala carrega fardos muito pesados. Breves momentos de leviandade perfuram a escuridão geral que envolve este espaço, mas, assim que as piadas desaparecem, o luto volta a instalar-se. E, embora saiba que devia chorar pelas vidas perdidas, não sei como. Eram todos estranhos para mim. Estava apenas a começar a desenvolver uma relação com a Sonya e a Sara.

Mas, quando olho à minha volta, vejo que sou a única a sentir-me assim. Vejo os rostos dos meus amigos vincados por linhas de perda. Vejo a tristeza enterrada nas suas roupas, empoleirada nas suas sobranceiras franzidas. E sinto algo no fundo da minha mente a incomodar-me, a desiludir-me, a dizer-me que devia ser um deles, que devia estar tão derrotada como eles.

Mas não estou.

Não posso continuar a ser essa rapariga.

Vivi demasiados anos num constante medo de mim própria. A dúvida casou-se com o medo e mudou-se para a minha mente, onde construiu castelos, formou reinos e se tornou soberana de mim, curvando a minha vontade aos seus sussurros até eu ser pouco mais do que um peão submisso, demasiado aterrorizada para

desobedecer, demasiado aterrorizada para discordar.

Estava algemada, prisioneira da minha própria mente. Mas finalmente, finalmente, aprendi a libertar-me.

Estou triste pelas nossas perdas. Sinto-me horrorizada. Mas também ansiosa e inquieta. A Sonya e a Sara ainda estão vivas, à merce do Anderson. Ainda precisam da nossa ajuda. Por isso, não consigo ficar triste quando tudo o que sinto é uma vontade incessante de fazer alguma coisa.

Já não tenho medo do medo e não me vou deixar dominar por ele.

O medo aprenderá a temer-me.

DEZOITO

O Adam leva-me em direção ao sofá, mas o Kenji interceta-nos.

— Vocês vão poder ter o vosso momento, prometo — diz. — Mas agora temos de ficar todos na mesma página, dizer olá e como estás e isso tudo, mas temos de o fazer depressa; a Juliette tem informações que todos precisam de ouvir.

O Adam desvia o olhar do Kenji para mim.

— O que se passa?

Eu viro-me para o Kenji.

— De que estás a falar?

Ele revira os olhos. Desvia o olhar e diz:

— Senta-te, Kent.

O Adam afasta-se — apenas uns centímetros —, por agora vencido pela curiosidade, e o Kenji puxa-me para a frente de modo que fique no meio desta sala minúscula. Está toda a gente a olhar para mim como se eu fosse tirar nabos das calças.

— Kenji, o que é que...

— Alia, lembras-te da Juliette — diz o Kenji, acenando com a cabeça para uma rapariga loura e magra sentada num canto da sala.

Ela oferece-me um sorriso rápido antes de desviar o olhar e corar sem razão aparente. Lembro-me dela; foi ela que desenhou as minhas soqueiras — as peças intrincadas que usei por cima das luvas das duas vezes que fomos combater. Nunca lhe tinha prestado muita atenção antes e agora percebo que foi porque ela tenta ser invisível. É uma menina de aspeto doce, com uns olhos castanhos suaves; é também uma designer excecional. Pergunto-me como terá desenvolvido as suas capacidades.

— Lily... tenho a certeza de que te lembras da Juliette — diz-lhe o Kenji. — Invadimos os complexos todos juntos. — Ele olha para mim. — Tu lembras-te, certo?

Aceno com a cabeça. Sorrio para a Lily. Não a conheço bem,

mas gosto da sua energia. Ela faz-me uma saudação com um sorriso largo, com os seus caracóis castanhos caídos no rosto.

— É bom voltar a ver-te — diz-me. — E obrigada por não estares morta. É uma treta ser a única rapariga por aqui.

A cabeça loira da Alia levanta-se apenas por um segundo antes de se retirar para o canto.

— Desculpa — diz a Lily, com um ar apenas ligeiramente arrependido. — Referia-me à única rapariga que *fala* por aqui. Por favor, diz-me que falas.

— Oh, se fala — diz o Kenji, ao lançar-me um olhar. — Também diz palavrões como um marinheiro.

— Eu não digo palavrões como um...

— Brendan, Winston. — O Kenji interrompe-me ao apontar para os dois rapazes sentados no sofá. — Estes dois não precisam de apresentações, mas, como podes ver, estão um pouco diferentes. Contemplai os poderes transformadores de se ser mantido refém por um bando de sádicos de merda! — Ele levanta uma mão na direção deles, o seu sarcasmo acompanhado por um sorriso frágil. — Agora parecem um par de gnus. Mas, sabes, por comparação, eu pareço um maldito rei. Por isso, são boas notícias para todos.

O Winston aponta-me para a cara. Tem os olhos um pouco desfocados e precisa de pestanejar algumas vezes antes de dizer:

— Gosto de ti. É muito bom não estares morta.

— Concordo com isso, meu.

O Brendan bate no ombro do Winston, mas a sorrir para mim. Ainda tem os olhos de um azul muito claro e o cabelo de um louro muito branco. Mas tem um corte enorme que vai da têmpora direita até à linha do maxilar e parece que só agora começa a cicatrizar. Não consigo imaginar onde mais poderá estar ferido. Que mais o Anderson lhe deve ter feito, a ele e ao Winston. Sinto-me percorrida por uma sensação doentia e viscosa.

— É tão bom voltar a ver-te — diz-me o Brendan, e o seu sotaque britânico surpreende-me como sempre. — Lamento não termos podido estar um pouco mais apresentáveis.

Sorrio a ambos.

— Fico muito feliz por estarem bem.

— Ian — diz o Kenji e aponta para o tipo alto e magro que está empoleirado no braço do sofá.

O Ian Sanchez. Lembro-me dele como um tipo da minha equipa de montagem quando invadimos o complexo de armazenamento, mas, mais importante, sei que é um dos quatro tipos que foram rapitados pelos homens do Anderson. Ele, o Winston, o Brendan e outro chamado Emory.

Tínhamos conseguido trazer o Ian e o Emory de volta, mas não o Brendan e o Winston. Lembro-me de o Kenji dizer que o Ian e o Emory estavam tão mal quando os trouxemos que, mesmo com as raparigas a ajudar a curá-los, demoraram algum tempo a recuperar. O Ian parece-me bem agora, mas também deve ter passado por coisas horríveis. E o Emory claramente não está aqui.

Engulo em seco com força e sorrio para o Ian com aquilo que espero ser um sorriso forte.

Ele não sorri de volta.

— Como é que ainda estás viva? — Exige saber, sem qualquer preâmbulo. — Não me parece que alguém te tenha dado uma tarefa, por isso, quer dizer, sem ofensa, mas não confio em ti.

— Estamos a chegar a essa parte — diz o Kenji, interrompendo o Adam no momento em que ele começa a protestar em meu favor. — Ela tem uma explicação sólida, prometo. Já sei todos os pormenores. — Ele olha para o Ian de forma cortante, mas este parece não notar. Ainda está a olhar para mim, uma sobrancelha erguida como que em desafio.

Inclino a cabeça para ele e observo-o com atenção.

O Kenji estala os dedos na minha cara.

— Concentra-te, princesa, já estou a ficar aborrecido. — Olha para a sala à procura de alguém que nos possa ter escapado durante as apresentações. — James — diz, com os olhos pousados no rosto, virado para cima, do meu único amigo que tem 10 anos. — Queres dizer alguma coisa à Juliette antes de começarmos?

O James olha para mim, com os olhos azuis brilhantes a espreitar por baixo do cabelo louro-arenoso. Encolhe os ombros.

— Nunca pensei que tivesses morrido — diz simplesmente.

— A sério? — O Kenji solta uma gargalhada.

O James acena com a cabeça.

— Tinha um pressentimento. — E dá uma pancadinha na sua cabeça.

O Kenji sorri.

— Muito bem, então é isto. Vamos começar.

— Então e o Ca... — começo a dizer, mas paro ao notar o alarme estampado no rosto do Kenji.

O meu olhar aterra no Castle, para lhe estudar o rosto de uma forma que não tinha feito quando cheguei.

Ele tem os olhos desfocados e as sobrancelhas franzidas como se estivesse numa conversa interminavelmente frustrante consigo mesmo; tem as mãos entrelaçadas no colo. O cabelo soltou-se do rabo-de-cavalo sempre perfeito que costuma ter e tem as rastas espalhadas pelo rosto, caindo-lhe nos olhos. Tem a barba por fazer e tem ar de quem foi arrastado pela lama; como se se tivesse sentado naquela cadeira no momento em que chegou e nunca mais a tivesse deixado.

Então percebo que, de todos nós, o Castle foi o mais atingido.

O Ponto Ómega era a sua vida. Tinha os sonhos em cada tijolo, em cada eco daquele espaço. E numa noite, perdeu tudo. As suas esperanças, a sua visão para o futuro e toda a comunidade que se esforçou por construir. A sua única família.

Destruída.

— Ele tem passado por um mau bocado — sussurra-me o Adam, e eu assusto-me com a sua presença, por não ter percebido que estava de novo ao meu lado. — O Castle já está assim há algum tempo.

Sinto o meu coração partir-se.

Tento encontrar os olhos do Kenji, desculpar-me sem palavras, para lhe dizer que compreendo. Mas o Kenji não olha para mim. Demora alguns momentos a recompor-se e só então percebo como tudo isto deve ser difícil para ele. Não é só o Ponto Ómega. Não é só toda a gente que perdeu, nem apenas todo o trabalho que foi destruído.

É o Castle.

O Castle, que tem sido como um pai para ele, o seu confidente mais próximo, o seu amigo mais querido.

Que se tornou uma casca daquilo que era.

Sinto o coração oprimido pela dor profunda do Kenji; gostava tanto de poder fazer alguma coisa para ajudar. Para resolver as coisas. E prometo a mim mesma que o farei.

Farei tudo o que puder.

— Muito bem. — O Kenji bate palmas e acena com a cabeça algumas vezes antes de respirar fundo. — Estamos todos bem e confortáveis? Tudo bem? Sim, ótimo. — Acena de novo com a cabeça.

— Agora deixem-me contar-vos a história de como a nossa amiga Juliette foi baleada no peito.

DEZANOVE

Estão todos a olhar para mim.

O Kenji acabou de lhes contar todos os pormenores que partilhei com ele, tendo o cuidado de omitir as partes em que o Warner diz que me ama, facto pelo qual fico silenciosamente agradecida. Apesar de ter dito ao Adam que já não devíamos estar juntos, tudo entre nós continua muito cru e por resolver. Tentei seguir em frente, distanciar-me dele porque queria protegê-lo; mas tive de chorar a perda dele de tantas formas diferentes que já nem sei bem como me sentir.

Não faço ideia do que ele pensa de mim.

Há tantas coisas sobre as quais precisamos de conversar; só não quero que o Warner seja uma delas. Ele sempre foi um assunto tenso entre nós — especialmente agora que o Adam sabe que são irmãos — e não estou com disposição para discutir, muito menos no meu primeiro dia de volta.

Mas parece que não me vou safar tão facilmente.

— O *Warner* salvou-te a vida? — pergunta a Lily, sem se preocupar em esconder o choque ou a repulsa. Até a Alia está sentada e a prestar atenção, com os olhos colados à minha cara. — Por que raio faria isso?

— Pá, esquece isso — interrompe o Ian. — O que vamos fazer com o facto de o Warner conseguir roubar-nos os poderes e essas tretas?

— Tu não tens poderes — responde-lhe o Winston. — Por isso não tens nada com que te preocupar.

— Sabes o que quis dizer — atira o Ian, com um toque de cor a subir-lhe pelo pescoço. — Não é seguro um psicopata como ele ter esse tipo de habilidade. Assusta-me como tudo.

— Ele não é psico... — tento dizer, mas a sala irrompe numa cacofonia de vozes, todas a lutar por uma oportunidade de serem ouvidas.

— O que isto quer dizer...

—... perigoso?

— Então a Sonya e a Sara ainda estão *vivas*...

—... viu de facto o Anderson? Como é que ele era?

— Mas porque é que ele...

—... está bem, mas isso não é...

— ESPEREM — grita o Adam para interromper toda a gente. — Onde raio é que ele está agora? — Vira-se para me olhar nos olhos. — Disseste que o Warner te trouxe até cá para te mostrar o que aconteceu ao Ponto Ómega, mas, assim que o Kenji apareceu, ele desapareceu. — Uma pausa. — Certo?

Aceno com a cabeça.

— Então... E depois? — diz ele. — Já terminou? Vai-se embora simplesmente? — O Adam dá meia-volta e olha para toda a gente. — Pessoal, ele sabe que pelo menos um de nós ainda está vivo! Provavelmente foi buscar reforços, para arranjar forma de acabar com o resto... — Ele para e abana a cabeça, com força. — Merda — diz num murmúrio. — MERDA.

Toda a gente congela ao mesmo tempo. Horrorizados.

— Não — digo logo a seguir com as duas mãos erguidas. — Não, ele não vai fazer isso...

Oito pares de olhos viram-se para mim.

— Ele não vos quer matar. Nem sequer gosta do Restabelecimento. E odeia o pai...

— Do que é que estás a falar? — interrompe o Adam, alarmado. — O Warner é um *animal*...

Respiro fundo. Tenho de me lembrar de que eles conhecem muito pouco do Warner, do pouco que ouviram dele, do seu ponto de vista; que eu mesma pensava de forma igual há apenas alguns dias.

As revelações do Warner ainda são muito recentes. Não sei como defendê-lo de forma adequada ou como conciliar estas impressões polarizadas sobre si, e por um momento fico furiosa com ele e com os seus fingimentos estúpidos, por me ter colocado nesta posição. Se, ao menos, não passasse a imagem de um psicopata

doente e perverso, eu não teria de o defender agora.

— Ele *quer* destruir o Restabelecimento — tento explicar. — E também quer matar o Anderson...

A sala explode em mais discussões. Gritos e epítetos que se resumem ao facto de ninguém acreditar em mim, de pensarem que estou louca e que o Warner me fez uma lavagem cerebral; pensam que é um assassino comprovado, que me prendeu e me tentou usar para torturar pessoas.

E não estão errados. Só que estão.

Quero desesperadamente dizer-lhes que não compreendem.

Nenhum deles sabe a verdade e não me estão a dar hipótese de explicar. Mas quando estou prestes a dizer algo em minha defesa, vislumbro o Ian pelo canto do olho.

Está a rir-se de mim.

Em voz alta, a bater no joelho, com a cabeça atirada para trás e a uivar de regozijo com o que pensa ser a minha estupidez e por um momento começo a duvidar seriamente de mim e de tudo o que o Warner me disse.

Fecho os olhos com força.

Como é que alguma vez vou saber se posso confiar nele? Como é que sei que não me estava a mentir como sempre fez, como me confirmou que tem feito desde o início?

Estou tão farta desta incerteza. Tão farta e cansada disto.

Mas pestanejo e sou puxada para fora da multidão, em direção à porta do quarto do James; para o armário de arrumações que costumava ser o seu quarto. O Adam puxa-me para dentro e fecha a porta, deixando a loucura atrás de nós. Segura-me pelos braços e olha-me nos olhos com uma intensidade estranha e ardente que me assusta.

Estou encurralada.

— O que se passa? — pergunta. — Porque estás a defender o Warner? Depois de tudo o que te fez, devias odiá-lo, devias estar furiosa...

— Não consigo, Adam, eu...

— O que queres dizer com *não consigo*?

— É que... já não é assim tão fácil. — Abano a cabeça, tento explicar o inexplicável. — Não sei o que pensar dele agora. Há tantas coisas que não percebi. Coisas que não consegui compreender. — Baixo o olhar. — Ele só... — hesito, em conflito comigo mesma.

Não sei como dizer a verdade sem parecer mentirosa.

— Não sei — digo finalmente, a olhar para as minhas mãos. — Não sei. Ele só... não é tão mau como pensava.

— Uau — diz ele, chocado. — Ele *não é tão mau como pensavas*. Não é tão mau como pensavas? Caramba, mas como é que ele poderia ser melhor do que *pensavas*...?

— Adam...

— Mas em que raios estás a *pensar*, Juliette?

Ergo o olhar. Ele não consegue esconder o nojo nos próprios olhos.

Entro em pânico.

Preciso de encontrar uma forma de explicar, de apresentar um exemplo irrefutável — a prova de que o Warner não é quem eu pensava que era —, mas consigo perceber que o Adam já perdeu a confiança em mim, que não confia nem acredita em mim, e nem sei como começar.

Ele abre a boca para falar.

Antecipo-me a ele.

— Lembras-te do dia em que me encontraste a chorar no chuveiro? Depois de o Warner me ter forçado a torturar aquela criança?

O Adam hesita antes de acenar lentamente com a cabeça, mas com relutância.

— Essa era uma das razões pelas quais o odiava tanto. Pensava que ele tinha mesmo posto uma criança naquele quarto... que tinha raptado o filho de alguém e queria ver-me a torturá-lo. Foi tão desprezível — digo-lhe. — Tão nojento, tão horrível. Pensei que ele era desumano. Completamente mau. Mas... não era real — sussurro.

O Adam parece confuso.

— Foi só uma simulação — tento explicar. — O Warner disse-me que era uma câmara de simulação, não uma sala de tortura. Disse que aconteceu tudo na minha imaginação.

— Juliette — diz ele. Suspira. Desvia o olhar e volta a olhar para mim. — Do que é que estás a falar? Claro que foi uma simulação.

— O quê?

O Adam reage com um riso pequeno e confuso.

— Tu sabias que não foi real...? — pergunto-lhe.

Ele olha-me fixamente.

— Mas quando me encontraste... disseste que a culpa não era minha... que tinhas ouvido falar do que aconteceu e que a culpa não era minha...

Ele passa a mão pelos cabelos da nuca.

— Pensei que estavas chateada por teres derrubado aquela parede — diz-me. — Quer dizer, eu sabia que a simulação devia ser assustadora como tudo, mas pensei que o Warner te tinha dito o que era à partida. Não fazia ideia que entraste numa coisa daquelas a pensar que era real. — Ele fecha os olhos por um segundo. — Pensei que estavas zangada por saberes que tinhas uma nova capacidade maluca. E por causa dos soldados que ficaram feridos no rescaldo.

Só consigo pestanejar, atónita.

Durante todo este tempo, uma pequena parte de mim ainda se agarrava à dúvida — acreditava que talvez a câmara de tortura fosse real e que o Warner estivesse apenas a mentir-me. De novo.

Mas agora, ter a confirmação do próprio Adam.

Sinto-me chocada.

O Adam abana a cabeça.

— Aquele sacana — diz. — Não acredito que te fez isso.

Baixo os olhos.

— O Warner já fez muitas coisas malucas — digo. — Mas pensava mesmo que estava a ajudar-me.

— Mas não estava a ajudar-te — diz ele, de novo zangado. — Estava a *torturar-te*...

— Não. Isso não é verdade — foco o olhar numa fenda na parede. — De uma forma estranha... ele ajudou-me — hesito, antes

de cruzar os olhos com os dele. — Aquele momento na câmara de simulação foi a primeira vez que me permiti ficar zangada. Nunca soube até que ponto poderia chegar... o quão forte fisicamente conseguiria ser... até àquele momento.

Desvio o olhar.

Aperto e relaxo as minhas mãos.

— O Warner criou uma fachada — digo. — Age como se fosse um monstro doente e sem coração, mas ele é... não sei... — Afasto-me, tenho os olhos focados em algo que não consigo ver. Uma memória, talvez. Do Warner a sorrir. Das suas mãos gentis a enxugarem-me as lágrimas. *Está tudo bem, tu estás bem*, foi o que me disse. — Ele é mesmo...

— Eu não, hum... — O Adam interrompe-me, soltando um suspiro estranho e vacilante. — Não sei como é suposto entender isto — diz, com um ar instável. — Tu... o quê? Agora gostas dele? És amiga dele? O mesmo gajo que me tentou matar? — Mal consegue esconder a dor na sua voz. — Ele mandou que me pendurassem de uma correia dentro de um matadouro, Juliette. Ou já te esqueceste disso?

Vacilo. Deixo cair a cabeça de vergonha.

Tinha-me esquecido disso.

Tinha-me esquecido de que o Warner quase o matou, que disparou sobre ele mesmo à minha frente. Via o Adam como um traidor, como um soldado que tinha apontado uma arma à sua nuca; que o desafiava e me tinha roubado dele.

Sinto-me enjoada.

— Só estou... Estou tão confusa — consigo finalmente dizer. — Quero odiá-lo, mas já não sei como...

O Adam olha para mim como se já não soubesse quem sou. Preciso de falar sobre outra coisa qualquer.

— O que se passa com o Castle? — pergunto. — Está doente?

Ele hesita antes de responder, percebe que estou a tentar mudar de assunto. Acaba por ceder. Suspira.

— É mau — diz. — Foi o mais atingido de todos nós. Tem sido tão doloroso para ele que afetou o Kenji.

Estudo-lhe o rosto enquanto fala, sou incapaz de me impedir de procurar semelhanças com o Anderson e o Warner.

. — Não sai da cadeira. Senta-se ali o dia todo até cair de cansaço e, mesmo assim, adormece sentado no mesmo sítio. Depois acorda na manhã seguinte e volta a fazer a mesma coisa, o dia todo. Só come quando o obrigamos e só se mexe para ir à casa de banho. — Ele abana a cabeça. — Estamos todos à espera que recupere depressa, mas tem sido muito estranho perder um líder assim. O Castle era responsável por tudo. E agora parece não se importar com nada.

— É provável que ainda esteja em choque — digo-lhe, ao lembrar-me de que só passaram três dias desde a batalha. — Esperemos que, com o tempo, ele fique bem.

— Pois — concorda o Adam. Depois, acena com a cabeça. Estuda as mãos. — Mas precisamos mesmo de pensar no que vamos fazer. Não sei quanto tempo mais conseguimos viver assim. Vamos ficar sem comida dentro de algumas semanas, no máximo. Agora temos dez pessoas para alimentar. Além disso, o Brendan e o Winston ainda estão a sofrer; fiz o que pude por eles com as provisões limitadas que tenho aqui, mas precisam de cuidados médicos e de medicação para as dores, se a conseguirmos. — Faz uma pausa. — Não sei o que o Kenji te disse, mas eles estavam muito mal quando os trouxemos para cá. A inflamação do Winston começou apenas agora a desaparecer. Não podemos ficar aqui durante muito tempo. Precisamos de um plano.

— Sim. — Fico tão aliviada por saber que ele está pronto para ser proativo. — Sim. Sim. Precisamos de um plano. Em que estás a pensar? Já tens alguma coisa em mente?

O Adam abana a cabeça.

— Não sei — admite. — Talvez possamos continuar a assaltar as unidades de armazenamento como costumávamos fazer... roubar mantimentos de vez em quando... e ficar escondidos num espaço maior num terreno não regulamentado. Mas nunca poderemos pôr os pés nos complexos. É demasiado arriscado. Se formos apanhados, matam-nos logo. Por isso... Não sei — conclui. Faz um ar envergonhado quando se ri. — Tenho esperança de não ser o único com ideias.

— Mas... — hesito, confusa. — É só isso? Já não estás a pensar

em ripostar? Achas que devemos apenas encontrar uma maneira de viver... *assim*? — Gesticulo para a porta, para o que está além dela.

Ele olha para mim, surpreendido com a minha reação.

— Não é que *queira* isto — diz. — Mas não consigo ver como podemos ripostar sem nos matarmos. Estou a tentar ser prático. — Passa a mão agitada pelo cabelo. — Arrisquei — continua, baixando a voz. — Tentei ripostar e acabámos todos massacrados. Nem sequer devia estar vivo neste momento. Mas por alguma razão doida estou, e o James também, e, por Deus, Juliette, tu também. — Ele abana a cabeça e desvia o olhar. — E já não sei. Sinto que me foi dada uma oportunidade para viver a minha vida. Vou ter de pensar em novas formas de arranjar comida e de pôr um teto sobre a minha cabeça. Não tenho dinheiro a entrar, nunca mais me vou poder alistar neste setor e não sou um cidadão registado, por isso nunca vou poder trabalhar. Neste momento, a única coisa em que estou concentrado é em como vou conseguir alimentar a minha família e os meus amigos daqui a umas semanas. — Vejo o seu maxilar ficar tenso. — Talvez um dia outro grupo seja mais inteligente... mais forte... mas acho que já não vamos ser nós. Acho que não temos hipótese.

Fico apenas a olhar para ele, atónita.

— Não posso acreditar nisto.

— Não podes acreditar em quê?

— Estás a desistir. — Ouço a acusação na minha voz e não faço nada para a esconder. — Estás apenas a desistir.

— Que escolha tenho? — pergunta ele, com os olhos magoados, zangados. — Não estou a tentar ser um mártir. Tentámos. Ripostámos e deu merda. Toda a gente que conhecemos está morta e aquele grupo de pessoas maltratadas que viste fora deste quarto é tudo o que resta da nossa resistência. Como é que nós os nove vamos lutar contra o mundo? Não é uma luta justa, Juliette.

Estou a acenar com a cabeça. A olhar para as mãos. Tento esconder o meu choque, mas não consigo.

— Não sou cobarde — diz ele, a lutar para moderar a voz. — Só quero proteger a minha família. Não quero que o James tenha de se preocupar todos os dias com a possibilidade de eu aparecer

morto. Ele precisa que eu seja racional.

— Mas viver assim — digo-lhe. — Como fugitivos? A roubar para sobreviver e a esconder-se do mundo? Como é que isso é melhor? Vais estar preocupado todos os dias, a olhar constantemente por cima do ombro, com medo de deixar o James sozinho. Serás infeliz.

— Mas vivo.

— Isso não é estar vivo. Isso não é viver...

— Como é que sabes? — pergunta ele. Muda de humor tão subitamente que fico atordoada e em silêncio. — O que sabes sobre estar viva? — volta a perguntar. — Não dizias uma palavra quando te encontrei. Tinhas medo da tua própria sombra. Estavas tão consumida pela dor e pela culpa que quase enlouqueceste por completo... Viveste tão dentro da tua própria cabeça que não fazias ideia do que aconteceu ao mundo enquanto estiveste afastada.

Encolho-me, picada pelo veneno na sua voz. Nunca vi o Adam tão amargo, nem tão cruel. Este não é o Adam que conheço. Quero que pare. Rebobine. Que peça desculpa. Que apague as coisas que acabou de dizer.

Mas não o faz.

— Pensas que foi difícil para ti — diz-me. — Viver em enfermarias psiquiátricas e ser atirada para a prisão... Achas que isso foi difícil. Mas o que não percebes é que sempre tiveste um teto sobre a cabeça e comida garantida. — As suas mãos contraem e relaxam. — E isso é mais do que a maioria das pessoas alguma vez terá. Não fazes ideia do que é realmente viver aqui, não fazes ideia do que é passar fome e ver a tua família morrer à tua frente. Não fazes ideia do que significa sofrer de verdade. Às vezes penso que vives numa terra de fantasia onde todos sobrevivem com otimismo... mas aqui não é assim. Neste mundo, ou se está vivo, ou prestes a morrer, ou morto. Não há romance. Não há ilusão. Por isso, não tentes fingir que fazes a mínima ideia do que significa estar vivo hoje. *Neste* preciso instante. Porque não fazes.

Palavras.... Acho que são criaturas tão imprevisíveis.

Nunca uma arma, uma espada, um exército ou rei será alguma vez mais poderoso do que uma frase. As espadas podem cortar e matar, mas as palavras apunham e ficam, enterram-se nos nossos

ossos para se tornarem cadáveres que transportamos para o futuro, sempre a escavar e a falhar em arrancarem os seus esqueletos da nossa carne.

Engulo em seco com dificuldade

uma

duas

três vezes

e recupero-me para responder baixinho. Com cuidado.

Ele está apenas perturbado, digo a mim mesma. Só está assustado, preocupado e stressado e não quer dizer nada daquilo, não realmente, continuo a dizer a mim mesma.

Está apenas triste.

Não acha realmente o que está a dizer.

— Talvez — digo. — Talvez tenhas razão. Talvez eu não saiba o que é viver. Se calhar ainda não sou humana o suficiente para saber mais do que aquilo que tenho mesmo à minha frente. — Olho o nos olhos. — Mas sei o que é esconder-me do mundo. Sei o que é viver como se não existisse, enjaulada e isolada da sociedade. E não voltarei a fazê-lo. Não consigo. Cheguei finalmente a um ponto da minha vida em que não tenho medo de falar. Onde a minha sombra já não me assombra. E não quero perder essa liberdade... não de novo. Não posso voltar atrás. Prefiro ser morta a tiro a gritar por justiça do que morrer sozinha numa prisão feita por mim.

O Adam olha para a parede, ri-se e volta a olhar para mim.

— Mas tu estás a ouvir-te? — pergunta. — Dizes-me que queres saltar para a frente de um grupo de soldados e dizer-lhes o quanto odeias o Restabelecimento, só para provar uma ideia? Só para que te matem antes dos teus 18 anos? Isso não faz sentido nenhum. Não serve para nada. E isto nem parece teu — diz ele, abanando a cabeça. — Pensei que querias viver por tua conta. Nunca quiseste ser apanhada na guerra... Apenas querias ser livre do Warner, do asilo e dos malucos dos teus pais. Pensei que ficarias feliz por acabar com todas as lutas.

— Do que é que estás a falar? — pergunto-lhe. — Sempre disse que queria ripostar. Disse-o desde o início, desde o momento em que te contei que queria fugir, ainda na base. Esta sou eu — insisto.

— É assim que me sinto. É a mesma coisa que sempre senti.

— Não — contra-argumenta ele. — Não, não deixámos a base para começar uma guerra. Saímos para nos afastarmos do Restabelecimento, para resistirmos à nossa maneira, mas acima de tudo para encontrarmos uma vida juntos. Mas depois o Kenji apareceu e levou-nos para o Ponto Ómega, tudo mudou e decidimos ripostar. Porque parecia que podia funcionar, parecia que tínhamos hipótese. Mas agora — ele olha ao redor da sala e para a porta fechada — o que resta? Estamos todos meio mortos. Somos oito homens e mulheres mal armados e um rapaz de 10 anos a tentar lutar contra exércitos inteiros. É simplesmente *inviável*. E se vou morrer, não quero que seja por uma razão estúpida. Se vou para a guerra, se arrisco a minha vida, é porque tenho as probabilidades a meu favor. De outra forma, não.

— Não acho que seja estúpido lutar pela humanidade...

— Não fazes ideia do que estás a dizer. — Ele volta a fechar o maxilar com força. — Agora não há nada que possamos fazer.

— Há sempre algo a fazer, Adam. Tem de haver. Porque eu não vou viver mais assim. Nunca mais.

— Juliette, por favor — suplica ele de súbito, com palavras desesperadas e angustiadas. — Não quero que te matem, não quero perder-te de novo...

— Isto não é sobre ti, Adam. — Sinto-me mal ao dizê-lo, mas preciso que ele perceba. — És tão importante para mim. Amaste-me e estiveste lá para mim quando mais ninguém estava. Não quero nunca que penses que não me preocupo contigo. Mas esta decisão não tem nada que ver contigo. É sobre mim. E esta vida? — aponto para a porta. — A vida do outro lado da porta? Não é o que quero.

As minhas palavras só parecem perturbá-lo ainda mais.

— Então preferias estar morta? — pergunta ele, outra vez zangado. — É isso que estás a dizer? Preferes estar morta a tentar construir uma vida comigo aqui?

— Prefiro estar morta — digo-lhe, afastando-me da sua mão estendida — a voltar a ser calada e sufocada.

E o Adam está prestes a responder — separa os lábios para falar

— quando os sons de caos chegam do outro lado da parede.
Trocamos um olhar de pânico antes de abriremos a porta do quarto e
correremos para a sala de estar.

O meu coração para. Arranca. Para de novo.

O Warner está aqui.

VINTE

Vejo-o na porta da entrada, calmo e de mãos nos bolsos, com nada menos do que seis armas diferentes apontadas à cara. Sinto a minha mente a correr para tentar perceber o que fazer a seguir, qual a melhor forma de proceder. Mas o rosto do Warner muda quando entro na sala: a linha fria da boca dele transforma-se num sorriso brilhante. Os olhos cintilam ao sorrir para mim, nem parece sequer reparar nas muitas armas letais apontadas na sua direção.

Não consigo deixar de me questionar como será que ele me encontrou.

Começo a avançar, mas o Adam agarra-me o braço. Viro-me, surpreendida com a minha súbita irritação com ele. Estou quase irritada comigo mesma por estar irritada com ele. Não era assim que imaginava que seria ver o Adam de novo. Não quero que seja assim. Quero começar de novo.

— Que estás a fazer? — diz-me ele. — Não te aproximes dele.

Fico a olhar para a mão dele no meu braço. Olho para cima para o ver. O Adam não se mexe.

— Larga-me — peço.

Vejo a cara dele ficar lívida no mesmo instante, como se estivesse de alguma forma assustado. Olha para a própria mão e liberta-me sem dizer uma palavra.

Afasto-me dele o mais possível, sempre a olhar para o resto da sala, à procura do Kenji. Os seus olhos negros e afiados encontram imediatamente os meus e ergue uma sobrancelha; tem a cabeça inclinada para o lado e o tremor que lhe vejo nos lábios diz-me que o próximo passo me cabe a mim, e que é melhor fazer com que valha a pena. Abro caminho por entre todos até chegar ao Warner e fico de frente para os meus amigos e respetivas armas, na esperança de que não disparem contra mim.

Faço um esforço para parecer calma.

— Por favor — digo. — Não o matem.

— E porque não? — exige saber o Ian, apertando a mão em volta da arma.

— Juliette, querida — diz o Warner ao encostar-se ao meu ouvido. A voz dele é alta o suficiente para que todos consigam ouvir. — Aprecio que me defendas, mas, na verdade, sou capaz de lidar com a situação.

— São oito contra um. — Lembro-o, esquecendo o meu medo e com a tentação de revirar os olhos. — Estão todos a apontar-te armas à cara. Tenho quase a certeza de que precisas da minha interferência.

Ouç-o rir atrás de mim, apenas uma vez, e no instante seguinte todas as armas da sala são arrancadas de todas as mãos e coladas ao teto. Viro-me em choque e observo o espanto nos rostos atrás de mim.

— Porque é que hesitam sempre? — pergunta o Warner, e abana a cabeça enquanto olha para a sala. — Disparem se quiserem disparar. Não me façam perder tempo com teatralidades.

— Mas como é que fizeste isso? — insiste o Ian.

O Warner não responde. Tira as luvas com cuidado, puxando cada dedo antes de as deslizar das mãos.

— Está tudo bem — garanto. — Eles já sabem.

O Warner ergue o olhar. Levanta uma sobrancelha para mim.

— Sabem mesmo?

— Sim. Eu contei-lhes.

O sorriso dele transforma-se em algo quase autodepreciativo quando se vira para o outro lado, os seus olhos sorrindo ao contemplar o teto. Até que acena para o Castle, que olha para toda esta comoção com uma expressão de desgosto.

— Pedi emprestado — explica o Warner ao Ian — a alguém presente.

— Caramba — diz o Ian baixinho.

— O que queres tu? — pergunta a Lily de punhos cerrados, parada num canto afastado da sala.

— De ti, nada. Vim buscar a Juliette. Não quero perturbar a vossa... festa de pijama — diz o Warner, e olha em volta para as al-

mofadas e cobertores empilhados no chão da sala.

O Adam, alarmado, fica tenso.

— De que é que estás a falar? Ela não vai a lado nenhum contigo.

O Warner coça a nuca.

— Nunca te cansas de seres tão insuportável? Tens tanto carisma como as vísceras podres de um animal atropelado.

Ouçó um ruído abrupto sibilante e viro-me na direção do som.

O Kenji leva uma mão à boca para tentar desesperadamente reprimir um sorriso. Está a abanar a cabeça e a levantar a mão em sinal de desculpa. Depois cede e ri-se alto, ao mesmo tempo que ronca para tentar abafar o som.

— Peço desculpa — diz ele, e aperta os lábios, a abanar de novo a cabeça. — Este não é um momento engraçado. Não é. Não me estou a rir.

O Adam fica com um ar de quem lhe apetece dar um murro na cara do Kenji.

— Então, não nos queres matar? — pergunta o Winston. — Porque, se não nos vais matar, devias sair daqui antes que te matemos primeiro.

— Não — garante o Warner, calmamente. — Não vos vou matar. E, embora não me importasse de me livrar desses dois — acena para o Adam e o Kenji — a ideia já me é bastante cansativa. Já não estou interessado nas vossas vidas tristes e patéticas. Estou aqui apenas para acompanhar e transportar a Juliette em segurança para casa. Eu e ela temos assuntos urgentes a tratar.

— Não — ouço o James dizer de repente. Levanta-se e olha o Warner diretamente nos olhos. — Agora a casa dela é *esta*. Não podes levá-la daqui. Não quero que ninguém lhe faça mal.

Com surpresa, o Warner ergue as sobrancelhas. Parece genuinamente assustado, como se só agora estivesse a reparar no rapaz de 10 anos. Ele e o James nunca se tinham encontrado antes; nenhum deles sabe que são irmãos.

Olho para o Kenji. Ele olha-me de volta.

Este é um grande momento.

O Warner estuda o rosto do James com um fascínio arrebatador. Ajoelha-se para olhar para ele ao seu nível.

— E quem és tu? — pergunta.

A sala fica toda em silêncio, a observar.

O James pestaneja com firmeza e não responde de imediato. Depois enfia as mãos nos bolsos e olha para o chão.

— Chamo-me James. Sou irmão do Adam. E tu?

O Warner inclina um pouco a cabeça.

— Ninguém que interesse — diz. Tenta sorrir. — Mas é um prazer enorme conhecer-te, James. Fico contente por ver a tua preocupação com a segurança da Juliette. No entanto, debes saber que não tenho qualquer intenção de a magoar. É que ela fez-me uma promessa e eu tenciono vê-la cumprida.

— Que tipo de promessa? — pergunta o James.

— Sim, que tipo de promessa? — interrompe o Kenji em voz alta e zangada, de repente.

Olho para cima, olho à volta. Estão todos a olhar para mim, à espera que responda. Os olhos do Adam estão arregalados com horror e descrença.

Cruzo o meu olhar com o do Warner.

— Não me vou embora — contraponho. — Nunca prometi que ficaria na base contigo.

Ele franze o sobrolho.

— Preferes ficar aqui? — pergunta. — Porquê?

— Preciso dos meus amigos — garanto. — E eles precisam de mim. Além disso, vamos ter de trabalhar todos juntos, por isso mais vale começarmos já. Também não quero ter de entrar e sair da base de forma clandestina — acrescento. — Podes vir cá ter comigo.

— Uau... espera... O que queres dizer com podemos trabalhar todos juntos? — interrompe o Ian. — E porque é que o estás a convidar para voltar cá? De que raio estão vocês a falar?

— Que tipo de promessa é que lhe fizeste, Juliette? — Ouço a voz alta e acusadora do Adam.

Viro-me para eles. De pé, ao lado do Warner, encaro os olhos

zangados do Adam e as caras confusas e em breve cheias de raiva dos meus amigos.

Oh, como tudo se tornou estranho em tão pouco tempo.

Respiro fundo e com força.

— Estou pronta para lutar — digo, dirigindo-me ao grupo todo. — Sei que alguns de vocês podem sentir-se derrotados; podem pensar que já não há esperança, especialmente depois do que aconteceu ao Ponto Ómega. Mas a Sonya e a Sara ainda andam por aí e precisam da nossa ajuda. Tal como o resto do mundo. E eu não cheguei até aqui só para agora voltar atrás. Estou pronta para agir e o Warner ofereceu-se para me ajudar.

Olho diretamente para o Kenji.

— Aceitei a oferta dele. Prometi ser sua aliada, lutar a seu lado, matar o Anderson e acabar com o Restabelecimento.

O Kenji semicerra os olhos na minha direção e não consigo perceber se está zangado, ou mesmo, mesmo zangado.

Olho para o resto dos meus amigos.

— Mas podemos trabalhar todos juntos. Tenho pensado muito nisto — continuo — e acho que o nosso grupo ainda tem uma hipótese, especialmente se combinarmos as nossas forças com as do Warner. Ele sabe coisas sobre o Restabelecimento e sobre o pai que nunca conseguiríamos saber de outra forma.

Engulo em seco ao ver os olhares chocados e horrorizados das pessoas à minha volta.

— Mas — apresso-me a dizer — se já não estão interessados em ripostar, eu compreendo perfeitamente. E, se preferirem que não fique aqui convosco, respeito a vossa decisão. Seja como for, já fiz a minha escolha. Quer queiram juntar-se a mim, ou não, decidi lutar. Vou derrubar o Restabelecimento ou morrerei a tentar. Não me resta mais nada.

VINTE E UM

A sala fica em silêncio durante muito tempo. Baixo o olhar, com demasiado medo de enfrentar os olhos dos outros.

A Alia é a primeira a falar.

— Eu luto contigo — diz, com a sua voz suave que soa forte e confiante no silêncio. Levanto a cabeça para olhar para ela, que me sorri com as bochechas coradas e com determinação.

Mas, antes de poder responder, o Winston intervém.

— Eu também — diz. — Assim que me deixar de doer a cabeça, mas sim, eu também. Não tenho mais nada a perder. — Encolhe os ombros. — E vou dar cabo deles só para recuperar as raparigas, mesmo que não consigamos salvar o resto do mundo.

— Digo o mesmo — intervém o Brendan, acenando-me com a cabeça. — Eu também alinho.

O Ian está a abanar a cabeça.

— Como é que podemos confiar neste gajo? — pergunta. — Como é que sabemos que não está a mentir?

— Sim — diz a Lily. — Isto não me parece certo. — Foca os olhos no Warner. — Que razão terias para queres ajudar algum de nós? — pergunta-lhe ela. — Desde quando és de confiança?

O Warner passa uma mão pelo cabelo. Sorri de forma indelicada. Olha para mim.

Não está divertido.

— Eu não sou digno de confiança — diz por fim, de cabeça erigida e os olhos nos da Lily. — E não tenho qualquer interesse em ajudar-te. Na verdade, acho que fui muito claro há pouco quando disse que estava aqui pela Juliette. Não me inscrevi para ajudar os amigos dela e dou-vos zero garantias em relação à vossa sobrevivência ou segurança. Por isso, se procuram garantias, não posso e não vou oferecer-vos nenhuma.

Vejo o Ian mesmo a sorrir.

A Lily parece um pouco apaziguada.

O Kenji abana a cabeça.

— Está bem — afirma o Ian e acena com a cabeça. — Isso é fixe. — Esfrega a testa. — Então, qual é o plano de jogo?

— Mas perderam todos o *juízo*? — explode o Adam. — Estão a esquecer-se com quem estão a falar? Ele acaba de arrombar a nossa porta e exige levar a Juliette daqui e vocês querem ficar do lado dele e lutar? O mesmo gajo que foi responsável pela destruição do Ponto ómega? Estão todos mortos por causa dele!

— Eu não sou responsável por isso — diz o Warner com firmeza e uma expressão obscura. — Não foi uma decisão minha, nem fazia ideia de que estava a acontecer. Na altura em que fugi do Ponto Ómega e regresssei à base, os planos do meu pai já estavam em curso. Não participei na batalha, nem no assalto ao Ponto ómega.

— É verdade — diz a Lily. — Foi o supremo que ordenou o ataque aéreo contra o Ponto Ómega.

— Sim, e por mais que odeie este gajo por princípio — acrescenta o Winston, sacudindo o polegar para o Warner — odeio ainda mais o pai dele. Foi ele que nos raptou. Foram os seus homens que nos mantiveram presos, não os soldados do Setor 45. Por isso, sim — conclui, esticando-se para se encostar no sofá — adorava ver o supremo morrer de uma morte lenta e miserável.

— Tenho de admitir — diz o Brendan — que não sou muito fã de vingança, mas neste momento até me soa bastante bem.

— Quero ver aquele sacana sangrar — diz o Ian.

— Que bom, termos todos algo em comum — murmura o Warner, irritado. Depois suspira. Olha para mim. — Juliette, posso dar-te uma palavrinha, por favor?

— Isto é uma treta! — grita o Adam. Olha em redor. — Como é que se podem esquecer tão facilmente de vocês mesmos? Como é que podem esquecer o que ele fez... o que me fez... o que fez ao Kenji? — Depois vira-se para mim. — Como é que consegues olhar para ele — diz-me — sabendo como nos tratou? Quase me matou... Deixou-me a sangrar lentamente para poder demorar o tempo que quisesse a torturar-me até à morte...

— Kent, meu, por favor... precisas de te acalmar, está bem? — O Kenji dá um passo em frente. — Percebo que estejas lixado... também não estou contente com isto... mas as coisas ficam loucas no rescaldo da guerra. As alianças formam-se de maneiras improváveis. — Encolhe os ombros. — Se esta é a única maneira de apanhar o Anderson, talvez devêssemos considerar...

— Não posso acreditar nisto — interrompe-o o Adam e olha em volta. — Não acredito que isto esteja a acontecer. Vocês perderam todos a cabeça. Estão todos loucos — diz, agarrado à nuca. — Este gajo é um psicopata... é um *assassino*...

— Adam — tento dizer. — Por favor...

— O que te aconteceu? — Ele vira-se contra mim. — Já nem sequer sei quem és. Pensei que estavas morta... Pensei que *ele* te tinha matado — diz, e aponta para o Warner. — E agora estás aqui, a formar equipa com o gajo que tentou arruinar-te a vida? A falar em ripostar porque não tens mais por que viver? Então e *eu*? — suplica. — E a nossa relação? Quando é que isso deixou de ser suficiente para ti?

— Isto não tem que ver connosco — tento explicar-lhe. — Por favor, Adam, deixa-me explicar...

— Preciso de sair daqui — diz ele abruptamente e dirige-se para a porta. — Não consigo estar aqui agora... Não consigo processar isto tudo num só dia. É demasiado. É demasiado para mim...

— Adam — agarro-lhe o braço numa última tentativa, um último esforço para tentar falar com ele, mas ele afasta-me.

— Isto tudo — diz, com os olhos nos meus e a voz calma, quase num sussurro cru e sofrido — foi por ti. Deixei tudo o que conhecia porque pensei que estávamos nisto juntos. Pensei que íamos ser eu e tu. — Tem os seus olhos tão escuros, tão profundos, tão magoados. Olhar para ele dá-me vontade de me enrolar no chão e morrer. — O que estás a fazer? — Agora soa desesperado. — Em que estás a *pensar*?

E percebo que ele espera mesmo uma resposta.

Porque aguarda.

Fica parado e aguarda. Aguarda pela minha resposta, ao

mesmo tempo que todos nos observam, provavelmente entretidos com o espetáculo que fazemos. Não acredito que me está a fazer isto. Aqui. Agora. À frente de toda a gente.

À frente do Warner.

Tento encontrar-lhe os olhos, mas não consigo mantê-lo fixado em mim durante muito tempo.

— Não quero continuar a viver com medo — digo, na esperança de soar mais forte do que me sinto. — Tenho de ripostar. Pensava que queríamos as mesmas coisas.

— Não, eu queria-te *a ti* — diz ele, lutando para manter a voz firme. — Era só isso que eu queria. Desde o início, Juliette. Tu eras tudo. Eras tudo o que queria.

Fico sem conseguir falar.

Não consigo falar

Não consigo dizer as palavras porque não posso partir-lhe o coração desta maneira, mas ele está à espera, à espera e a olhar para mim, e digo:

— Preciso de mais. — Sinto-me a sufocar. — Também te queria, Adam, mas preciso de mais do que isso. Preciso de ser livre. Por favor, tenta compreender...

— PARA! — ele explode. — Para de tentar fazer-me entender um monte de merdas! Não consigo lidar mais contigo.

Depois agarra no casaco que estava no sofá, abre a porta e fecha-a atrás de si.

Faz-se um momento de silêncio absoluto.

Tento correr atrás dele.

O Kenji agarra-me pela cintura e puxa-me para trás. Olha-me com um ar intenso e compreensivo.

— Eu trato do Kent. Tu ficas aqui e limpas a porcaria que fizeste — diz-me, inclinando a cabeça para o Warner.

Engulo em seco. Não digo uma palavra.

Só depois de o Kenji desaparecer é que me viro para encarar os restantes membros da nossa audiência, ainda à procura da coisa certa para dizer, quando ouço a voz que menos esperava.

— Ah, menina Ferrars — diz o Castle. — É tão bom tê-la de volta. As coisas são sempre muito mais divertidas quando está por perto.

O Ian desata a chorar.

VINTE E DOIS

Toda a gente se aglomera à volta do Castle ao mesmo tempo; o James quase o derruba. O Ian abre caminho aos empurrões numa tentativa de se aproximar. O Castle está a sorrir, e ri-se um pouco. Finalmente, parece-se mais com o homem de que me lembro.

— Eu estou bem — diz. Parece exausto, como se as palavras lhe estivessem a custar muito a sair. — Muito obrigado pela vossa preocupação. Mas vou ficar bem. Apenas preciso de um pouco mais de tempo, só isso.

Olho-o nos olhos. Tenho medo de me aproximar.

— Por favor — diz ele para a Alia e o Winston (os dois mais próximos de cada lado) — ajudem-me a levantar. Gostaria de cumprimentar o nosso visitante mais recente.

Ele não está a falar de mim.

O Castle levanta-se com uma certa dificuldade, mesmo com o esforço de todos para o ajudar. De repente, a sala inteira parece ter ficado diferente: mais leve; mais feliz. Eu não tinha percebido ainda quanto da dor de todos eles estava ligada ao bem-estar do Castle.

— Sr. Warner — diz ele, olhando-o do outro lado da sala. — Que bom que se juntou a nós.

— Não me estou a juntar a nada...

— Sempre soube que o faria — diz o Castle, com um sorriso ligeiro. — E fico satisfeito.

O Warner parece tentar não revirar os olhos.

— Agora pode trazer as armas para baixo — diz-lhe o Castle. — Prometo que as vigiarei de perto na sua ausência.

Olhamos todos para o teto. Ouço o Warner suspirar. De repente, as armas flutuam para o chão e pousam com suavidade na alcatifa.

— Muito bem — diz o Castle. — Agora, se me dão licença, acho que estou a precisar desesperadamente de um longo banho.

Espero que não confunda a minha saída antecipada com falta de educação — acrescenta. — É que tenho a certeza de que nos vamos ver muito nas próximas semanas.

Como resposta, o Warner apenas aperta o maxilar.

O Castle sorri.

O Winston e o Brendan ajudam-no a chegar à casa de banho e, por sua vez, o Ian grita ansiosamente para que lhe tragam uma muda de roupa. Eu, o Warner, o James, a Alia e a Lily somos os únicos que restam na sala.

— Juliette? — diz o Warner.

Olho de relance na direção dele.

— Um momento do teu tempo, por favor? Em privado? Hesito.

— Podem usar o meu quarto — interrompe o James. — Não me importo.

Olho para ele, chocada por oferecer o seu espaço pessoal tão livremente a pessoas como eu e o Warner; ainda mais depois de ter assistido ao surto do irmão há pouco.

— O Adam vai ficar bem — diz-me o James, como se lesse os meus pensamentos. — Só está muito stressado. Está preocupado com uma série de coisas. Acha que vamos ficar sem comida e assim.

— James...

— Não faz mal — diz o James. — Eu fico com a Alia e a Lily.

Olho para as duas raparigas, mas os seus rostos não revelam nada. A Alia apenas me sorri por simpatia. A Lily está a olhar para o Warner, a avaliá-lo.

Finalmente, suspiro e cedo.

Sigo o Warner até à pequena despensa de arrumação e fecho a porta atrás de mim.

Ele não perde tempo.

— Porque estás a convidar os teus amigos para se juntarem a nós? Eu disse-te que não queria trabalhar com eles.

— Como é que me encontraste? — contraponho. — Nunca carreguei no botão do pager que me deste.

Ele estuda-me os olhos, tem o olhar verde e penetrante fixo no

meu, como se me tentasse ler em busca de pistas. Mas a intensidade do seu olhar é sempre demasiado forte para mim; quebro a conexão demasiado cedo, sentindo-me, de alguma forma, desamparada.

— Foi um simples raciocínio dedutivo — diz por fim. — O Kent era o único membro do vosso grupo que tinha uma vida fora do Ponto Ómega; a sua antiga casa era o único sítio para onde se poderiam retirar sem causar distúrbios. E, como tal, foi o primeiro sítio que verifiquei. — Um ligeiro abanar de cabeça. — Ao contrário do que possas pensar, querida, não sou idiota.

— Nunca pensei que fosses idiota — digo, surpreendida. — Pensei que eras louco, mas não idiota — hesito. — Na verdade, acho que és brilhante — confesso. — Quem me dera conseguir pensar como tu.

Desvio o olhar do dele e volto a fixá-lo demasiado rápido, e sinto que tenho de aprender a manter a boca fechada.

Ele desanuvia o rosto. Vejo surgirem umas rugas de prazer nos seus olhos e ele sorri.

— Não quero os teus amigos na minha equipa — diz. — Não gosto deles.

— Não me interessa.

— Só nos vão atrasar.

— Eles vão dar-nos vantagem — insisto. — Sei que achas que eles fizeram as coisas da maneira errada no Ponto Ómega, mas souberam como sobreviver. Cada um deles tem pontos fortes importantes.

— Estão completamente arrasados.

— Estão de luto — recorro, irritada. — Não os subestimes. O Castle é um líder nato. O Kenji é um génio e um excelente lutador. Às vezes age como um idiota, mas tu sabes melhor do que ninguém que é só fachada. É mais inteligente do que todos nós. Além disso, o Winston e a Alia conseguem projetar tudo o que precisamos, desde que tenham os materiais; a Lily tem uma memória fotográfica incrível; o Brendan consegue controlar a eletricidade e o Winston consegue esticar qualquer parte do corpo até onde queira. E o Ian... — vacilo. — Bom, o Ian é... bom em alguma coisa, tenho a certeza.

O Warner ri-se um pouco, depois o seu sorriso suaviza até de-

saparecer por completo. As suas feições assumem uma expressão incerta.

— E o Kent? — acaba por perguntar.

Sinto a cara a empalidecer.

— Que tem?

— Ele é bom em quê?

Respondo com relutância.

— O Adam é um ótimo soldado.

— E é só isso?

Sinto o meu coração a bater com força. Com demasiada força. O Warner desvia o olhar e tem o cuidado de neutralizar a sua expressão, o seu tom.

— Tu preocupas-te com ele.

Não foi uma pergunta.

— Sim — consigo dizer. — Claro que sim.

— E o que implica isso, exatamente?

— Não sei o que queres dizer — minto.

O Warner olha para a parede, mantém-se muito quieto, os seus olhos não revelam nada do que está realmente a pensar, do que está a sentir.

— Tu ama-lo?

Fico estupefacta.

Nem consigo sequer imaginar o que lhe deve custar fazer esta pergunta de forma tão direta. Quase o admiro por ser suficientemente corajoso para o fazer.

Mas, pela primeira vez, não sei bem o que dizer. Se isto fosse há uma semana, há duas semanas, teria respondido sem hesitar. Teria sabido, sem dúvidas, que amava o Adam, e sem medo de o dizer. Mas, agora, não posso deixar de me perguntar se sequer sei o que é o amor; se o que sentia pelo Adam era amor ou apenas uma mistura de afeto profundo e atração física. Porque, se o amasse — se o amasse realmente, de verdade — será que estaria a hesitar? Seria capaz de me desligar com tanta facilidade da sua vida? Da sua dor?

Preocupei-me tanto com o Adam nas últimas semanas — os efeitos do seu treino, as notícias do pai —, mas não sei se foi por amor ou se por culpa. Ele deixou tudo por mim; porque queria estar comigo. Mas, por muito que me custe admiti-lo, sei que não fugi para estar com ele. O Adam não foi a minha principal razão; não foi a força motriz.

Fugi por mim. Porque queria ser livre.

— Juliette?

O sussurro suave do Warner traz-me de volta ao presente, puxa-me para cima e para dentro de mim mesma, faz com que a minha consciência volte à realidade. Tenho medo de me debruçar sobre as verdades que acabei de descobrir.

Encontro-lhe os olhos.

— Sim?

— Ama-lo? — pergunta de novo, desta vez mais baixinho.

De repente, sou forçada a verbalizar as duas palavras que nunca pensei dizer.

— Não sei.

O Warner fecha os olhos.

Depois expira, consigo ver a tensão nos seus ombros e na linha do maxilar e, quando finalmente olha para mim de novo, vejo-lhe histórias nos olhos, pensamentos e sentimentos e sussurros de coisas que nunca vi antes. Verdades que talvez nunca tenha conseguido dizer; coisas impossíveis e inacreditáveis, e uma abundância de sentimentos de que nunca o julguei capaz. Todo o seu corpo parece relaxar de alívio.

Não conheço este rapaz à minha frente. É um perfeito estranho, um ser completamente diferente; o tipo de pessoa que eu poderia nunca ter conhecido se os meus pais não me tivessem mandado embora.

— Juliette — sussurra.

Só agora me apercebo de como ele está perto. Se quisesse, conseguiria encostar a minha cara ao pescoço dele. Conseguiria pousar as mãos no seu peito.

Se quisesse.

— Gostava muito que voltasses comigo — diz ele.

— Não posso — respondo, com o coração a acelerar de repente.

— Tenho de ficar aqui.

— Mas não é prático. Temos de traçar planos. Precisamos de falar de estratégias... Pode demorar dias...

— Eu já tenho um plano.

Ele ergue as sobrancelhas e eu inclino a cabeça, fixando-o com um olhar duro antes de abrir a porta.

VINTE E TRÊS

O Kenji está à espera do outro lado.

— Mas que *raio* é que vocês pensam que estão a fazer? — diz.
— Venham já cá para fora.

Vou direta à sala de estar, ansiosa para criar distância entre mim e o que acontece à minha cabeça quando o Warner se aproxima demasiado. Preciso de ar. Preciso de um novo cérebro. Preciso de saltar de uma janela e apanhar boleia de um dragão para um mundo longe daqui.

Mas, no momento em que olho para a sala e tento recuperar-me, encontro o Adam a olhar para mim. A pestanejar como se começasse a ver algo que não desejava e sinto-me corar tão depressa que, por um momento, fico surpreendida por não estar perto de uma fogueira.

— Adam — ouço-me dizer. — Não... não é...

— Nem sequer consigo falar contigo agora. — Ele abana a cabeça, com a voz estrangulada. — Nem sequer consigo estar perto de ti...

— Por favor — tento dizer. — Estávamos só a falar...

— Estavam só a *falar*? Sozinhos? No quarto do meu irmão? — Ele tem o casaco nas mãos. Atira-o para o sofá. Ri-se como se estivesse a perder a cabeça. Passa uma mão pelo cabelo e olha para o teto. Depois, fixamente para mim. — Mas que raio se passa, Juliette? — pergunta, com o maxilar tenso. — Que se passa aqui?

— Não podemos falar sobre isto em privado?

— Não. — O peito dele sobe e desce. — Quero falar sobre isto agora. Não me interessa quem está a ouvir.

Os meus olhos saltam de imediato para o Warner. Ele está encostado à parede do lado de fora do quarto do James, com os braços cruzados ao peito. Observa o Adam com um interesse calmo e concentrado.

Mas, de repente, fica muito quieto, como se sentisse os meus

olhos nele.

Olha para cima e depois para mim durante exatamente dois segundos antes de se afastar. Parece estar a rir-se.

— Porque continuas a olhar para ele? — exige saber o Adam, com os olhos a brilhar. — Porque é que estás a olhar para ele? Porque estás tão interessada num *psicopata* demente...

Estou tão farta disto.

Farta de todos os segredos, da minha agitação interior e de toda a culpa e confusão que senti por causa destes dois irmãos. Mais do que qualquer outra coisa, não gosto deste Adam zangado que está à minha frente.

Tento falar, mas ele não me ouve. Tento argumentar e ele ataca-me. Tento ser honesta e ele não acredita em mim. Não faço ideia do que mais posso fazer.

— O que se passa realmente entre vocês? — continua o Adam a perguntar-me. — O que se passa, *de verdade*, Juliette? Preciso que pares de me mentir...

— Adam — interrompo-o, surpreendida com a minha própria calma. — Há tanta coisa que precisamos de discutir agora — digolhe. — Mas não isto. Os nossos problemas pessoais não precisam de ser partilhados com toda a gente.

— Isso quer dizer que admites? — diz ele, um pouco mais zangado. — Que temos problemas, que algo está errado...

— Há já algum tempo que algo está errado... — contraponho, exasperada. — Nem sequer consigo falar contigo...

— Sim, desde que arrastamos este idiota de volta para o Ponto Ómega — diz ele. Depois vira-se na direção do Kenji. — A ideia foi tua...

— Ei, não me puxes para as tuas merdas, está bem? — contrataca o Kenji. — Não me culpes pelos teus problemas.

— Estávamos bem até ela começar a passar demasiado tempo com ele... — começa o Adam a dizer.

— Ela passou o mesmo tempo com ele quando ainda estávamos na base, génio...

— *Parem* — digo. — Por favor, entendam: o Warner está aqui

para nos ajudar. Quer acabar com o Restabelecimento e matar o supremo, tal como nós. Já não é nosso inimigo...

— Ele vai *ajudar-nos*? — pergunta o Adam de olhos arregalados, fingindo surpresa. — Oh, queres dizer, tal como nos ajudou da última vez que disse que ia lutar do nosso lado? Mesmo antes de fugir do Ponto Ómega e *se pirar*? — Ele ri-se alto, incrédulo. — Não acredito que estás a cair nas *tretas* dele...

— Isto não é um truque, Adam... não sou estúpida...

— Tens a certeza?

— O quê? — Não acredito que ele acabou de me insultar.

— Perguntei se tens a certeza — responde ele. — Porque estás a agir de forma muito estúpida neste momento, por isso não sei se posso continuar a confiar no teu julgamento.

— O que se *passa* contigo...?

— O que se *passa contigo*? — grita ele de volta, com os olhos a brilhar. — Tu não fazias isto. Não agias assim. Pareces uma pessoa completamente diferente...

— Eu? — questiono, o meu tom de voz a subir.

Tenho-me esforçado tanto para controlar o meu temperamento, mas acho que já não consigo. Ele diz que quer ter esta conversa em frente de toda a gente?

Ótimo.

Vamos ter esta conversa à frente de toda a gente.

— Se mudei — digo-lhe — então tu também mudaste. Porque o Adam de que me lembro é amável e gentil e nunca me insultaria assim. Sei que as coisas têm sido difíceis para ti ultimamente e estou a tentar compreender, ser paciente, dar-te espaço... mas estas últimas semanas têm sido difíceis para todos. Estamos todos a passar por um momento difícil, mas não nos deitamos abaixo uns aos outros. Não nos magoamos. Mas tu nem sequer consegues ser simpático com o Kenji. Eras *amigo* do Kenji, lembras-te? Agora, sempre que diz uma piada, olhas para ele como se o quisesse matar e não sei porquê...

— Vais defender toda a gente nesta sala exceto a mim, não vais? — conclui o Adam. — Gostas tanto do Kenji, passas o teu

tempo todo com o Kenji.

— Ele é meu amigo!

— Eu sou teu namorado!

— Não — recordo-lhe. — Não és.

Ele está a tremer, com os punhos fechados.

— Nem sequer consigo acreditar no que estou a ouvir.

— Nós acabámos, Adam — digo, com firmeza na voz. —
Acabámos há um mês.

— Certo. Acabámos porque disseste que me amavas. Porque disseste que não me querias magoar.

— E não quero. Não te quero magoar. Nunca te quis magoar.

— Que raio achas que estás a fazer agora? — grita ele.

— Não sei como falar contigo — digo-lhe, a sacudir a cabeça.
— Não percebo...

— Não... tu não percebes nada. Não me percebes a mim, não te percebes a ti, nem percebes que estás a agir como uma criança estúpida que se deixou levar por uma lavagem cerebral de um psicopata.

O tempo parece ter parado.

Tudo o que quero dizer e tudo o que desejei dizer começa a tomar forma, cai ao chão e levanta-se. Parágrafos e parágrafos começam a construir muros à minha volta, bloqueiam-me e justificam-se à medida que encontram formas de se encaixarem, de se ligarem e se tecerem, sem deixarem espaço para escapar. E cada espaço entre cada palavra não dita sobe por mim e entra-me pela boca aberta, desce-me pela garganta e chega-me ao peito, enchendo-me com tanto vazio que penso que vou simplesmente flutuar.

Respiro.

Com tanta dificuldade.

Ouçó alguém a pigarrear.

— Pois, certo, peço imensa desculpa por interromper — diz o Warner ao dar um passo em frente. — Mas, Juliette, preciso de ir andando. Tens a certeza de que queres ficar aqui?

Congelo.

— SAI — grita o Adam. — Sai da minha casa, seu monte de merda. E não volteis mais.

— Bom — diz o Warner, inclinando a cabeça para mim. — Esquece. Parece que não tens escolha. — Estende-me a mão. — Vamos?

— Não a vais levar para lado nenhum — avisa o Adam. — Ela não se vai embora contigo e não se vai juntar a ti. Agora desaparece.

— Adam. PARA. — A minha voz sai mais zangada do que pretendia, mas já não consigo evitar. — Eu não preciso da tua permissão. Não vou viver assim. Não me vou esconder mais. Não tens de vir comigo... nem sequer tens de compreender. Mas, se me amasses, não serias capaz de te meter no meu caminho.

O Warner está a sorrir.

O Adam repara.

— Há alguma coisa que queiras dizer? — pergunta-lhe o Adam ao virar-se para ele.

— Por Deus, não — diz o Warner. — A Juliette não precisa da minha ajuda. E podes ainda não ter percebido, mas é óbvio para todos que perdeste esta luta, Kent.

O Adam passa-se.

Avança, com o punho puxado para trás e pronto a bater e tudo acontece tão depressa que só tenho tempo de gritar antes de ouvir um estalo agudo.

Vejo o punho do Adam congelado a poucos centímetros da cara do Warner. Este parou-o com a própria mão.

O Adam, com o choque, fica em silêncio, tem o corpo todo a tremer devido à energia acumulada. O Warner inclina-se para o rosto do irmão e sussurra:

— É que nem penses em lutar comigo, seu idiota. — E empurra o punho do Adam com tanta força que ele voa para trás, protegendo-se mesmo antes de bater no chão.

Depois levanta-se. Volta a correr pela sala. Ainda mais zangado.

O Kenji apanha-o.

O Adam grita-lhe para que o solte, para que não se envolva, mas o Kenji arrasta-o pela sala contra a vontade dele. Não sei como, consegue abrir a porta da frente e sai com o Adam para a rua.

A porta fecha-se atrás deles.

VINTE E QUATRO

James, é o meu primeiro pensamento.

Viro-me e procuro-o pela sala, na esperança de o encontrar bem, mas descubro que a Lily teve a clarividência de o levar para o quarto.

Todos os outros estão a olhar para mim.

— Que raio foi aquilo? — O Ian é o primeiro a quebrar o silêncio.

Ele, o Brendan e o Winston, estão todos a olhar para mim. A Alia está de pé ao lado, a abraçar o próprio corpo. O Castle ainda deve estar no duche.

Encolho-me quando alguém me toca no ombro.

O Warner.

Encosta-se ao meu ouvido e fala baixinho para que só eu possa ouvir.

— Está a ficar tarde, querida, e tenho mesmo de voltar para a base. — Uma pausa. — E desculpa estar sempre a perguntar, mas tens a certeza de que queres ficar aqui?

Levanto o olhar para lhe encontrar os olhos. Aceno com a cabeça.

— Preciso de falar com o Kenji — informo. — Já não sei o que os outros pensam, mas não quero fazer isto sem o Kenji — hesito. — Quer dizer, consigo, se for preciso. Mas não quero.

O Warner acena com a cabeça. Olha para lá de mim, para um ponto atrás da minha cabeça.

— Certo. — Franze um pouco a testa. — Espero que um dia me digas o que achas tão incrivelmente apelativo nele.

— Em quem? No Kenji?

Outro aceno de cabeça.

— Oh — digo, a surpresa que sinto faz-me pestanejar. — É o meu melhor amigo.

O Warner olha para mim. Levanta uma sobrancelha.

Apenas olho de volta para ele.

— Isso vai ser um problema?

Ele olha para as mãos e abana a cabeça.

— Não, claro que não — A sua voz é baixa. Aclara a garganta.

— Então, volto amanhã? Às mil e trezentas horas.

— *Daqui* a... mil e trezentas horas?

O Warner ri-se e olha para cima.

— À uma hora da tarde.

— Está bem.

Depois olha-me nos olhos. Sorri por um instante demasiado longo antes de se virar e sair pela porta. Sem dizer uma palavra a ninguém.

O Ian está a olhar para mim. Outra vez.

— Estou... certo, estou tão confuso — diz o Brendan, a pestanejar. — Então... o que acabou de acontecer? Ele estava a *sorrir* para ti? Um sorriso genuíno, para ti?

— Pareceu-me que está apaixonado por ti — diz o Winston a franzir o sobrolho. — Mas deve ser só porque tenho a cabeça confusa, certo?

Estou a dar o meu melhor para olhar para a parede.

O Kenji abre a porta da frente com força.

Entra.

Sozinho.

— Tu — diz, e aponta para mim de olhos semicerrados. — Vem cá, imediatamente. Eu e tu precisamos de falar.

VINTE E CINCO

Dirijo-me para a porta e o Kenji agarra-me pelo braço para me levar lá para fora. Vira-se para trás e grita para todos os outros, mesmo antes de sairmos:

— Vão jantar.

Estamos no patamar mesmo à porta da casa do Adam e apercebo-me, pela primeira vez, que há mais escadas para subir. Para algum sítio.

— Vamos, princesa — diz o Kenji. — Segue-me.

E nós subimos.

Quatro, cinco lanços de escadas. Talvez oito. Ou cinquenta. Não faço a mínima ideia. Tudo o que sei é que, quando chegamos ao topo, estou sem fôlego e envergonhada por estar assim.

Quando acabo por conseguir respirar normalmente, dou uma vista de olhos à minha volta.

Incrível.

Estamos no telhado, na rua, onde o mundo está escuro como breu, à exceção das estrelas e do pedaço de lua que alguém pendurou no céu. Às vezes pergunto-me se os planetas ainda estão lá em cima, se ainda estão alinhados, se ainda se conseguem entender depois de tanto tempo. Talvez pudéssemos aprender uma ou duas coisas com eles.

O vento enrola-se à nossa volta e eu tremo enquanto o meu corpo se adapta à temperatura.

— Vem comigo — diz-me o Kenji. Aponta para o parapeito do telhado e senta-se mesmo na borda, com as pernas a balouçar para aquele que seria o seu caminho mais rápido para a morte. — Não te preocupes — diz, quando vê a minha cara. — Não há problema. Venho sentar-me aqui muitas vezes.

Quando finalmente me sento ao lado dele, atrevo-me a olhar para baixo. Tenho os pés a balançar no topo do mundo.

O Kenji põe um braço à minha volta. Esfrega-me o ombro para me manter quente.

— Então — diz-me. — Quando é o grande dia? Já marcaste data?

— O quê? — pergunto, assustada. — Para quê?

— Para o dia em que vais deixar de ser tão *parva* — responde ele, com um olhar cortante.

— Oh. — Encolho-me. Dou um pontapé no ar. — Pois, isso provavelmente nunca vai acontecer.

— Sim, és capaz de ter razão.

— Cala-te.

— Sabes, não sei para onde foi o Adam.

O meu corpo fica tenso. Sento-me direita.

— Ele está bem?

— Ele vai ficar bem — diz o Kenji, com um suspiro resignado. — Está apenas muito zangado. E magoado. E envergonhado. E todas essas merdas emocionais.

Volto a baixar a cabeça. O braço dele está relaxado, em volta do meu pescoço, depois ele puxa-me para mais perto e aconchega-me ao seu lado. Encosto a cabeça no seu peito.

Momentos, minutos e memórias constroem-se e quebram-se entre nós.

— Pensava mesmo que a vossa relação era sólida — diz-me, finalmente.

— Sim — sussurro. — Eu também.

Alguns segundos saltam do telhado.

— Sou uma pessoa tão horrível — digo, muito baixinho.

— Pois, sim — confirma o Kenji com um suspiro.

Solto um gemido. Deixo cair a cabeça nas mãos.

Ele suspira de novo.

— Não te preocupes, o Kent também estava a ser idiota. — Respira fundo. — Mas caramba, princesa. — Ele olha para mim, abana a cabeça e volta a olhar para a noite. — A sério? O *Warner*?

Levanto a cabeça.

— Estás a falar de quê?

O Kenji ergue uma sobrancelha para mim.

— Sei que não és estúpida, por isso não ajas como se fosses.

Reviro os olhos.

— Não quero mesmo ter esta conversa outra vez...

— Pouco me interessa se queres ou não voltar a ter esta conversa. Tens de falar sobre isto e pronto. Não podes simplesmente apaixonar-te por um tipo como o Warner sem me dizeres porquê. Preciso de ter a certeza de que não te pôs um chip na cabeça ou qualquer coisa desse género.

Fico em silêncio durante quase um minuto inteiro.

— Não me estou a apaixonar pelo Warner — digo, baixinho.

— Claro que não.

— Não estou — insisto. — Só... não sei — suspiro. — Não sei o que se está a passar comigo.

— Chama-se hormonas.

Lanço-lhe um olhar furioso.

— Estou a falar a sério.

— Eu também. — Vira a cabeça para mim. — Isso é tipo, biológico e tal. Científico. Talvez as tuas partes femininas estejam cientificamente confusas.

— *As minhas partes femininas?*

— Oh, peço desculpa. — Ele finge ficar ofendido. — Preferes que use a terminologia anatómica adequada? Porque as tuas partes femininas não me assustam...

— Pois, não obrigada. — Consigo rir-me um pouco, mas é uma tentativa triste que se dissolve num suspiro.

Meu Deus, está tudo a mudar.

— Ele é... tão diferente — ouço-me dizer. — O Warner. Não é o que vocês pensam. É doce. E gentil. E o pai dele é tão, tão horrível para ele. Vocês nem imaginam. — Interrompo-me ao pensar nas cicatrizes que lhe vi nas costas. — E mais do que tudo... Não sei —

digo a olhar para a escuridão. — Ele... acredita mesmo em mim? — Olho de relance para o Kenji. — Isto parece-te estúpido?

O Kenji olha-me com um ar duvidoso.

— O Adam também acredita em ti.

— Sim — digo eu, ainda fixada na escuridão. — Acho que sim.

— Como assim? O miúdo acha que inventaste o ar.

Quase sorrio.

— Não sei de que versão de mim é que o Adam gosta. Não sou a mesma pessoa que era quando andávamos na escola. Já não sou aquela rapariga. Acho que ele quer isso — digo, olhando de relance para o Kenji. — Acho que quer fingir que sou a rapariga que não fala e que passa a maior parte do tempo assustada. O tipo de rapariga que ele precisa de proteger e de quem tem de tomar conta a toda a hora. Não sei se ele gosta de quem sou agora. Não sei se consegue lidar com isso.

— Então, simplesmente abriste a boca e destruístes-lhe os sonhos todos, hum?

— Juro que te empurro do telhado.

— Começo a perceber porque é que o Adam não gosta de ti.

Reviro os olhos.

Ele ri-se. Inclina-se para trás e puxa-me para baixo com ele. O betão está agora debaixo das nossas cabeças, o céu coberto à nossa volta. É como se eu tivesse caído numa cuba de tinta.

— Sabes, até faz muito sentido — diz ele, finalmente.

— O que faz sentido?

— Não sei, quer dizer... praticamente, estiveste presa desde sempre, certo? Não andaste ocupada a tocar numa série de gajos a vida toda.

— *O quê?*

— Tipo... O Adam foi o primeiro rapaz que foi... simpático contigo. Raios, é provável que tenha sido a primeira pessoa no mundo a ser simpática para ti. E pode tocar-te. E não tem, sabes, um aspeto nojento. — Uma pausa. — Não te posso censurar, para ser sincero. É difícil estar sozinho. Todos ficamos um pouco desesperados às

vezes.

— Okay — digo, devagar.

— Só estou a dizer que acho que faz sentido que te tenhas apaixonado por ele. Tipo, por defeito. Porque se não fosse ele, por quem mais? As tuas opções eram muito limitadas.

— Oh — digo, agora baixinho. — Certo. Por *defeito*. — Tento rir-me e não consigo, engulo em seco a emoção que me fica presa na garganta. — Às vezes não tenho a certeza se sei o que é real.

— Que queres dizer com isso?

Abano a cabeça.

— Não sei — sussurro, sobretudo para mim própria.

Uma pausa pesada.

— Será que o amavas mesmo...?

Hesito antes de responder.

— Acho que sim? Não sei... — suspiro. — É possível amar uma pessoa e depois deixar de a amar? Acho que nem sequer sei o que é o amor.

O Kenji solta um suspiro. Passa a mão pelo cabelo.

— Que merda — murmura.

— Alguma vez estiveste apaixonado? — pergunto, e viro-me para ele.

Ele olha para o céu. Pestaneja algumas vezes.

— Não.

Eu recuo, desapontada.

— Oh.

— Isto é tão deprimente — diz ele.

— Pois.

— Não prestamos.

— Pois.

— Então, diz-me de novo, porque é que gostas tanto do Warner? Tipo, ele despiu-se à tua frente ou algo do género?

— O quê? — solto um gritinho agudo e sinto-me mesmo

aliviada por estar demasiado escuro para que ele me veja corar. — Não — digo de imediato. — Não, ele...

— Fogo, princesa. — O Kenji ri-se, com força. — Não fazia ideia. — Dou-lhe um murro no braço. — Ei... sê gentil comigo! — protesta, e esfrega o sítio da pancada. — Sou mais fraco do que tu!

— Sabes, agora consigo controlá-lo — digo-lhe, radiante. — Consigo moderar os meus níveis de força.

— Que bom para ti. Compro-te um balão assim que o mundo deixar de estar na merda.

— Obrigada — digo, satisfeita. — És um bom professor.

— Sou bom em tudo — sublinha ele.

— E humilde, também.

— E muito bonito.

Engasgo-me com uma gargalhada.

— Ainda não respondeste à minha pergunta. — Ele vira-se e põe as mãos atrás da cabeça. — Porque gostas tanto do menino rico?

Respiro fundo. Concentro-me na estrela mais brilhante do céu.

— Gosto da maneira como me sinto comigo mesma quando estou com ele — digo, calmamente. — O Warner acha-me forte, inteligente e capaz e dá valor à minha opinião. Faz-me sentir como se fosse igual a ele... Como se pudesse fazer tanto quanto ele e até mais.

E, se fizer algo incrível, nem sequer vai ficar surpreendido. Já está à *espera*. Não me trata como se fosse uma menina frágil que precisa de ser protegida a toda a hora.

O Kenji resmunga.

— Isso é porque não és frágil — diz. — Pelo contrário, todos temos de nos proteger de ti. És como uma besta. — Depois, acrescenta. — Quer dizer, tu sabes, uma besta gira. Uma pequena besta que parte tudo e destrói a terra e suga a vida das pessoas.

— Fixe.

— Estarei sempre aqui para ti.

— Já vi que sim.

— Então é isso? — pergunta ele. — Só gostas dele pela sua personalidade?

— O quê?

— Tudo isto — diz o Kenji, com uma mão a acenar para o ar — não tem nada que ver com o facto de ele ser todo sexy e tal e ele poder tocar-te sempre que quer?

— Achas o Warner sexy?

— Não foi isso que eu disse.

Eu rio-me.

— É verdade que gosto da cara dele.

— E de lhe tocar?

— Qual tocar?

O Kenji olha para mim, com os olhos muito abertos e as sobrancelhas levantadas.

— Eu não sou o Adam, está bem? Não me podes enganar com o teu ar de inocente. Dizes-me que esse gajo te pode tocar, que está caidinho por ti e tu claramente caidinha por ele, que passaste a noite de ontem na cama dele, depois apanho-vos aos dois na despensa... Não, espera, desculpa, não é uma despensa... é um *quarto de criança*... E dizes-me que não houve *nenhum* toque? — Olha-me fixamente. — É isso que me estás a dizer?

— Não — sussurro, com a cara a arder.

— Estás a crescer tão depressa. Estás entusiasmada por poderes tocar em merdas pela primeira vez e eu só quero ter a certeza de que estás a respeitar as regras sanitárias...

— Para de ser tão nojento.

— Ei, só estou a olhar por ti...

— Kenji?

— Sim?

Respiro fundo. Tento contar as estrelas.

— O que vou eu fazer?

— Em relação a quê?

Hesito.

— A tudo.

Ele faz um som estranho.

— Adorava saber.

— Não quero fazer isto sem ti — sussurro.

Ele inclina-se para trás.

— Quem disse que vais fazer alguma coisa sem mim?

O meu coração para uns segundos. Fico a olhar para ele.

— Que foi? — interpõe. Levanta as sobrancelhas. — Ficaste surpreendida?

— Vais lutar a meu lado? — pergunto-lhe, quase sem respirar.

— Contra-atacar comigo? Mesmo que seja com o Warner?

O Kenji sorri. Olha para o céu.

— Claro que sim — diz.

— *A sério?*

— Estou aqui para ti, miúda. É para isso que servem os amigos.

VINTE E SEIS

Quando voltamos para dentro, vejo o Castle no canto mais afastado a falar com o Winston.

O Kenji fica parado na ombreira da porta.

Tinha-me esquecido de que ele não tinha tido oportunidade de ver o Castle de pé e sinto-me tão mal. Sou uma péssima amiga. Tudo o que faço é despejar os meus problemas em cima dele, sem nunca pensar em perguntar-lhe sobre os seus. Deve ter tanta coisa na cabeça.

O Kenji atravessa a sala atordoado, sem parar até chegar ao pé do Castle. Pousa-lhe uma mão no ombro. O Castle vira-se. A sala inteira fica parada a ver.

O Castle sorri. Acena com a cabeça, apenas uma vez.

O Kenji puxa-o para um abraço forte, apenas uns segundos antes de se separar. Eles olham um para o outro numa espécie de reconhecimento silencioso. O Castle pousa-lhe uma mão no braço.

O Kenji sorri.

Depois vira-se para mim também a sorrir e eu fico tão feliz, tão aliviada, emocionada e radiante por ele poder dormir com o coração mais leve esta noite. Sinto-me como se fosse explodir de felicidade.

A porta abre-se com estrondo.

Viro-me. O Adam entra.

Sinto o coração esvaziar-se.

Ele nem sequer olha para mim.

— James — diz ele ao atravessar a sala. — Vamos, amigo. Está na hora de ir para a cama.

O James acena com a cabeça e entra no quarto. O Adam segue-o. A porta fecha-se atrás deles.

— Regressou a casa — diz o Castle. Parece aliviado.

Ninguém diz nada por um instante.

— Muito bem, também nos devíamos preparar para ir para a cama — diz o Kenji, olhando em volta. Vai até um canto e pega numa pilha de cobertores. Passa-os aos restantes.

— Dormem todos no chão? — pergunto.

O Kenji acena com a cabeça.

— Sim — diz. — O Warner não estava errado. É mesmo como uma festa de pijama.

Tento rir-me.

Não consigo.

Estão todos ocupados a distribuir os cobertores que estão no chão. De um lado da sala, o Winston, o Brendan e o Ian; do outro, a Alia e a Lily. O Castle dorme no sofá.

O Kenji aponta para o meio.

— Eu e tu vamos para ali.

— Que romântico.

— Isso querias tu.

— Onde é que o Adam dorme? — pergunto, baixando o tom de voz.

O Kenji para a meio do processo de atirar um cobertor para o chão. Levanta a cabeça.

— O Kent não volta para aqui — diz-me. — Ele dorme com o James. O pobre miúdo tem pesadelos horríveis todas as noites.

— Oh — digo, surpreendida e envergonhada por não me ter lembrado disso. — Claro. — Claro que dorme. O Kenji também deve sabê-lo em primeira mão. Eles costumavam dormir todos juntos no Ponto Ómega.

O Winston carrega num interruptor. As luzes apagam-se. Ouve-se um farfalhar de cobertores.

— Se ouvir alguém a falar — diz o Winston — mando o Brendan dar-vos um pontapé na cara.

— Eu não vou dar um pontapé na cara de ninguém.

— Dá um pontapé na tua própria cara, Brendan.

— Nem sequer sei porque é que somos amigos.
— Por favor, calem-se — grita a Lily do seu canto.
— Ouviram a senhora — diz o Winston. — Calem-se todos.
— Tu é que estás a falar, idiota — contrapõe o Ian.
— Brendan, dá-lhe um pontapé na cara, por favor.
— Cala-te, meu, não vou dar pontapés em ninguém...
— Boa *noite* — diz o Castle.

Param todos de respirar.

— Boa noite, senhor — sussurra o Kenji.

Viro-me para ficar cara a cara com o Kenji. Ele sorri-me no escuro.

Eu sorrio de volta.

— Boa noite — digo, sem produzir nenhum som.

Ele pisca-me o olho.

Fecho os olhos.

VINTE E SETE

O Adam ignora-me.

Não disse uma palavra sobre ontem; não revela nem uma ponta de raiva ou frustração. Fala com toda a gente, ri-se com o James, ajuda a preparar o pequeno-almoço. E finge também que não existo.

Tentei dizer-lhe bom dia e ele fingiu que não me ouviu. Ou talvez não tenha mesmo ouvido. Talvez tenha conseguido treinar o cérebro para não me ouvir ou ver.

Sinto-me como se levasse um murro no coração.

Repetidamente.

— Então, o que fazem o dia todo? — indago, numa tentativa desesperada de fazer conversa.

Estamos todos sentados no chão, a comer tigelas de granola. Acordámos tarde, tomamos o pequeno-almoço tarde. Ainda ninguém se deu ao trabalho de recolher os cobertores e é suposto o Warner chegar daqui a uma hora.

— Nada — diz o Ian.

— Principalmente, tentamos não morrer — diz o Winston.

— É muito aborrecido — acrescenta a Lily.

— Porquê? — pergunta o Kenji. — Tens alguma coisa em mente?

— Oh — respondo. — Não, só... — hesito. — Bom, o Warner chega dentro de uma hora, por isso não tinha a certeza se...

Algo cai na cozinha. Uma taça. No lava-loiça. Ouvem-se talheres a voar por todo o lado.

O Adam entra na sala de estar.

Os *olhos* dele.

— Ele não volta cá. — São estas as primeiras quatro palavras que me diz.

— Mas eu disse-lhe para vir — tento dizer. — Ele vai...

— Esta é a *minha* casa — interrompe ele, com os olhos a brilhar. — Não o vou deixar entrar.

Estou a olhar para ele e sinto o coração a bater-me fora do peito. Nunca pensei que ele fosse capaz de olhar para mim como se me odiasse. Como se me odiasse mesmo muito.

— Kent, meu... — Ouço o Kenji dizer.

— NÃO.

— Vá lá, meu, isto não tem de ser assim...

— Se queres tanto vê-lo — diz-me o Adam — podes sair da minha casa. Mas ele não vai voltar cá. Nunca mais.

Pestanejo.

Isto não está a acontecer.

— Para onde é que é suposto ela ir? — pergunta-lhe o Kenji. — Queres que fique parada no meio da rua? Para que alguém a denuncie e faça com que a matem? Estás doido?

— Estou a lixar-me para isso — responde o Adam. — Ela pode ir fazer o raio que lhe apetece. — Vira-se de novo para mim. — Queres ficar com ele? — Aponta para a porta. — Vai. Morre.

Sinto gelo a corroer-me o corpo.

Levanto-me aos tropeções. Tenho as minhas pernas instáveis. Estou a acenar com a cabeça e não sei porquê, mas não consigo parar. Dirijo-me para a porta.

— Juliette...

Viro-me, apesar de ser o Kenji a chamar o meu nome e não o Adam.

— Não vais a lado nenhum — diz-me ele. — Não te mexas. Isto é ridículo.

Isto está fora de controlo. Já não é apenas uma discussão. Vejo um ódio puro e sem adulteração nos olhos do Adam e eu estou tão surpreendida com a impossibilidade disto, tão desprevenida, que não sei como reagir. Nunca poderia ter antecipado isto, nunca poderia ter imaginado que as coisas pudessem acabar desta maneira.

O verdadeiro Adam não me expulsaria da casa dele desta maneira. Não me falaria assim. Não o Adam que conheço. O Adam

que pensava conhecer.

— Kent — diz o Kenji outra vez. — Tens de te acalmar. Não se passa nada entre ela e o Warner, está bem? Ela só está a tentar fazer o que acha certo...

— Tretas! — explode o Adam. — Isso é treta, sabes bem disso e és um idiota ao negá-lo. Ela tem estado a mentir-me este tempo todo...

— Vocês nem sequer estão juntos, meu, não a podes reclamar...

— Nós nunca acabámos! — grita o Adam.

— Claro que acabaram — responde o Kenji. — Toda a gente no Ponto ouviu o teu momento melodramático nos malditos túneis. Todos sabemos que acabaram. Por isso, para de lutar contra isso.

— Isso não contou como uma separação — argumenta o Adam, num tom de voz áspero. — Ainda nos amávamos...

— Está bem, sabes que mais? Tanto faz. Não me interessa. — O Kenji acena com as mãos e revira os olhos. — Mas estamos a meio de uma guerra neste momento. Por amor de Deus, ela levou um tiro no peito há uns dias e quase morreu. Não achas que é possível que esteja a tentar pensar em algo maior do que apenas vocês os dois? O Warner é louco, mas pode ajudar...

— Ela olha para aquele psicopata como se estivesse *apaixonada* por ele — responde o Adam. — Achas que não conheço esse olhar? Achas que não seria capaz de perceber? Ela costumava olhar para mim assim. Eu conheço-a... conheço-a tão bem...

— Talvez não.

— Para de a defender!

— Nem sequer sabes o que estás a dizer — afirma o Kenji. — Estás a agir como um louco...

— Sentia-me mais feliz — diz o Adam — quando pensava que ela estava morta.

— Não sentes o que estás a dizer. Não digas essas coisas, meu. São merdas que, quando se dizem, não se pode voltar atrás.

— Oh, sinto sim. Sinto mesmo, mesmo o que disse.

Olha finalmente para mim. Com os punhos cerrados.

— Pensar que estavas morta — diz-me — era muito melhor. Doía muito menos do que isto.

As paredes estão a mover-se. Estou a ver manchas, a abrir e fechar os olhos para o nada.

Isto não está mesmo a acontecer, continuo a dizer a mim mesma.

É apenas um terrível pesadelo e, quando acordar, o Adam vai ser gentil, amável e maravilhoso outra vez. Porque ele não é cruel desta maneira. Não para mim. Nunca para mim.

— Tu, entre todas as pessoas — observa. Parece tão revoltado. — Confiei em ti, contei-te coisas que nunca devia ter contado e agora o que fazes é atirar-me tudo de volta à cara. Não acredito que me tenhas feito isto. Que te apaixonaste por *ele*. Que raio se passa contigo? — atira, com a voz a subir de tom. — Quão doente deves ser?

Tenho tanto medo de falar.

Tanto medo de mexer os lábios.

Sinto-me tão assustada que, se me mexer um centímetro que seja, o meu corpo vai partir-se ao meio e toda a gente vai ver que as minhas entranhas são feitas de nada mais do que as lágrimas que estou a engolir neste momento.

O Adam abana a cabeça. Ri-se de forma triste e retorcida.

— Nem sequer o negas. É inacreditável.

— Deixa-a em paz, Kent — diz o Kenji de repente num tom incisivo. — Estou a falar a sério.

— Isto *não* é da tua conta..

— Estás a ser um idiota...

— Achas que me importo com o que tu pensas? — O Adam vira-se para ele. — Esta luta não é tua, Kenji. Só porque ela é demasiado cobarde para dizer alguma coisa, não significa que tenhas de a defender...

Sinto-me como se tivesse saído de mim mesma. Como se o meu corpo tivesse caído ao chão e eu estivesse a olhar de cima, a ver o Adam transformar-se num ser humano completamente diferente. Cada palavra. Cada insulto que me lança parece fraturar-me os os-

sos. Em breve não serei mais do que sangue e um coração pulsante.

— Vou sair — está o Adam a dizer. — Vou sair e, quando voltar, quero-a fora daqui.

Não chores, continuo a dizer a mim mesma.

Não chores.

Isto não é real.

— Eu e tu — diz-me agora ele, com a voz tão áspera, tão zangada — estamos *acabados*. De vez. Nunca mais te quero ver. Em nenhum lugar deste mundo e definitivamente não na minha própria casa. — Olha-me fixamente, a arfar. — Por isso, sai daqui. Desaparece antes de eu voltar.

Ele atravessa a sala. Pega num casaco. Abre a porta.

As paredes estremecem quando a fecha.

VINTE E OITO

Estou de pé no meio da sala, a olhar para o nada.

Sinto-me gelada. Tenho as mãos, acho, a tremer. Ou talvez sejam os ossos. Talvez tenha os ossos a tremer. Mexo-me de forma mecânica, muito devagar, com a mente ainda confusa. Estou vagamente consciente que alguém pode estar a dizer-me algo, mas demasiado concentrada em chegar ao meu casaco porque sinto muito frio. Está tanto *frio* aqui. Preciso mesmo do meu casaco. E talvez das minhas luvas. Não consigo parar de tremer.

Visto o meu casaco. Enfio as mãos nos bolsos. Sinto que alguém pode estar a falar comigo, mas não consigo ouvir nada através da névoa estranha que me tolda os sentidos. Cerro as mãos e os meus dedos roçam num objeto de plástico.

O pager. Quase me tinha esquecido.

Tiro-o do bolso. É uma coisa minúscula; um retângulo preto e fino com um botão ao longo de todo o seu comprimento. Carrego nele sem pensar. Carrego nele uma e outra vez, porque a ação me acalma. Tranquiliza-me, de alguma forma. Carrego de novo no botão. Gosto do movimento repetitivo. *Clique clique clique*. Não sei que mais fazer.

Clique.

Sinto mãos nos meus ombros.

Viro-me para trás. O Castle está mesmo atrás de mim, com o olhar pesado de preocupação.

— Não se vá embora — diz-me. — Vamos resolver as coisas. Vai correr tudo bem.

— Não. — A minha língua parece pó. Os meus dentes desfizeram-se. — Tenho de ir.

Não consigo parar de carregar no botão do pager.

Clique.

Clique clique.

— Venha sentar-se — sugere o Castle. — O Adam está chateado, mas vai ficar bem. Tenho a certeza de que não quis dizer o que disse.

— Tenho quase certeza de que sim — diz o Ian.

O Castle lança-lhe um olhar de morte.

— Não te podes ir embora — diz o Winston. — Pensava que íamos dar cabo deles juntos. Tu prometeste.

— Sim — diz a Lily, tentando parecer otimista. Mas o olhar dela é cauteloso, apertado com medo ou preocupação, e eu percebo que ela está aterrorizada por mim.

Não *por causa* de mim.

Por mim.

É uma sensação tão estranha.

Clique clique clique.

Clique clique.

— Se fores — diz ela, tentando sorrir — vamos ter de viver assim para sempre. E eu não quero viver com um monte de gajos malcheirosos para o resto da minha vida.

Clique..

Clique clique.

— Não vás — diz o James. Parece tão triste. Ião sério. — Lamento que o Adam tenha sido tão mau para ti. Mas eu não quero que morras. E não desejo que estivesse morta. Juro que não.

James. Doce James. Os seus olhos partem-me o coração.

— Não posso ficar. — A minha voz soa-me estranha. Partida. — Ele estava mesmo a falar a sério...

— Vamos ser um bando triste e arrependido se te fores embora — interrompe o Brendan. — E tenho de concordar com a Lily. Não quero viver assim por muito mais tempo.

— Mas como...

A porta da frente abre-se de rompante.

— JULIETTE... *Juliette...*

Viro-me. Vejo o Warner ali de pé, com o rosto corado, o peito a

subir e a descer e a olhar para mim como se eu fosse um fantasma. Atravessa a sala antes de me dar oportunidade de dizer uma palavra e segura-me no rosto com as mãos, os olhos a examinarem-me.

— Estás bem? — diz. — Céus... O que aconteceu? Estás bem?

Ele está *aqui*.

Está aqui e tudo o que quero fazer é ir-me abaixo, mas não o faço.

Não o farei.

— Obrigada — consigo dizer-lhe. — Obrigada por teres vindo...

Ele põe os seus braços à minha volta, sem se importar com os oito pares de olhos que nos observam. Apenas me abraça, um braço à volta da minha cintura e o outro na minha nuca. Tenho o rosto enterrado no seu peito e o calor dele é-me agora tão familiar. Estranhamente reconfortante. Ele passa a mão para cima e para baixo nas minhas costas e inclina a cabeça para a minha.

— O que se passa, querida? — sussurra. — O que aconteceu? Por favor, diz-me...

Pestanejo, sem pensar.

— Queres que te leve de volta?

Não respondo.

Já não sei mais o que quero ou preciso de fazer. Todos me dizem para ficar, mas esta casa não é deles. É do Adam, e é muito claro que agora me odeia. Mas também não quero deixar os meus amigos. Não quero deixar o Kenji.

— Queres que me vá embora? — pergunta ele.

— Não — digo demasiado depressa. — Não.

O Warner inclina-se para trás, só um bocadinho.

— Diz-me o que queres — soa desesperado. — Diz-me o que fazer e eu faço.

— Esta é, de longe, a cena mais louca que alguma vez vi — diz o Kenji. — Nunca teria acreditado nisto. Nem num milhão de anos.

— Parece uma telenovela — comenta o Ian, a acenar com a cabeça. — Mas com atores piores.

— Acho que até é querido — diz o Winston.

Afasto-me e giro o corpo para trás. Estão todos a olhar para nós.

Apenas o Winston sorri.

— O que se passa? — exige saber o Warner. — Porque é que ela parece estar prestes a chorar?

Ninguém responde.

— Onde está o Kent? — pergunta, e semicerra os olhos ao ler-lhes os rostos. — O que é que ele lhe fez?

— Ele saiu — diz a Lily. — Saiu há pouco.

O olhar dele escurece enquanto processa a informação.

Vira-se para mim.

— Por favor, diz-me que já não queres ficar aqui.

Deixo cair a cabeça nas mãos.

— Querem todos ajudar, lutar, exceto o Adam. Mas eles não podem ir-se embora. E eu não os quero deixar para trás.

O Warner suspira. Fecha os olhos.

— Então fica — diz, calmo. — Se é isso que queres. Fica. Posso sempre vir ter contigo.

— Não posso — explico. — Tenho de me ir embora. Não tenho autorização para ficar.

— O quê? — Raiva. Dentro e fora dos olhos dele. — Que queres dizer com *não tens autorização*?

— O Adam já não quer que eu fique. Tenho de me ir embora antes de ele voltar.

Vejo o maxilar do Warner a apertar-se. Ele olha para mim durante o que parece ser um século. Quase consigo vê-lo a pensar, a sua mente a trabalhar a um ritmo impossível, para encontrar uma solução.

— Está bem — acaba por dizer, com um suspiro. — Kishimoto — diz de seguida, sem nunca quebrar contacto visual comigo.

— Presente, senhor.

O Warner tenta não revirar os olhos quando se vira para o Kenji.

— Vou instalar o vosso grupo nos meus quartos de treino privados na base. Vou precisar de um dia para tratar dos pormenores, mas vou certificar-me de que têm acesso fácil e autorização para entrar no local à chegada. Vão ficar invisíveis, tu e a tua equipa, e seguir as minhas indicações. São livres de ficar naqueles aposentos até estarmos prontos para avançar com a primeira fase do nosso plano.

— Uma pausa. — Este arranjo funciona para ti?

O Kenji parece mesmo enojado.

— Claro que não.

— Porque não?

— Vais prender-nos nos teus «quartos de treino privados»? — responde o Kenji, fazendo aspas com os dedos. — Porque não dizes que nos vais pôr numa jaula e assassinar-nos aos poucos? Achas que sou idiota? Que razão teria eu para acreditar nesse tipo de treta?

— Certificar-me-ei de que serão bem alimentados e com regularidade — diz o Warner em jeito de resposta. — As vossas acomodações serão simples, mas não mais do que isto — explica ele a apontar para a sala. — Este arranjo dar-nos-á uma ampla oportunidade para nos encontrarmos e estruturarmos os nossos próximos passos. Devem saber que estão a colocar todos em risco ao permanecerem em território não regulamentado. Tu e os teus amigos estarão mais seguros comigo.

— Mas porque farias isso? — pergunta o Ian. — Porque nos queres ajudar, alimentar e manter vivos? Isso não faz sentido nenhum...

— Não precisa de fazer sentido.

— Claro que precisa — contrapõe a Lily. Tem os olhos duros e zangados. — Não vamos entrar numa base militar só para sermos mortos. Isto pode ser algum truque doentio.

— Certo — diz o Warner.

— Certo, o quê? — insiste a Lily.

— Não venham.

— Oh. — A Lily pestaneja.

O Warner dirige-se ao Kenji.

— Então, estão oficialmente a recusar a minha oferta?

— Pois, não obrigado — responde o Kenji.

O Warner acena com a cabeça. Olha para mim.

— Devemos ir andando?

— Mas... não... — Agora estou a entrar em pânico, olho do Warner para o Kenji e de novo para o Warner. — Não posso ir-me embora, não posso nunca mais os ver...

Viro-me para o Kenji.

— Vais ficar aqui? — pergunto. — E nunca mais te vou ver?

— Podes ficar aqui connosco. — O Kenji cruza os braços no peito. — Não precisas de ir.

— Sabes que não posso ficar — digo-lhe, zangada e magoada. — Sabes que o Adam estava a falar a sério. Vai enlouquecer se voltar e eu ainda estiver aqui...

— Então, vais-te embora? — atira o Kenji, com brusquidão. — Vais abandonar-nos a todos — gesticula para os restantes — só porque o Adam decidiu ser parvo? Vais trocar-nos pelo Warner?

— Kenji... não estou... não tenho mais nenhum sítio para viver! O que é suposto eu...

— *Fica.*

— O Adam vai pôr-me na rua...

— Não, não vai. Nós não vamos deixar.

— Não vou forçar a minha presença. Não lhe vou implorar. Deixa -me pelo menos partir com um pouco de dignidade...

O Kenji atira os braços para o ar em sinal de frustração.

— Isto é uma *merda!*

— Venham comigo — peço. — Por favor, quero que fiquemos juntos...

— Não podemos — diz ele. — Não podemos arriscar, J. Não sei o que se passa entre vocês os dois. — Faz um gesto entre mim e o Warner. — Talvez ele seja mesmo diferente contigo, não sei, seja o que for, mas não posso pôr as nossas vidas em risco com base em emoções e numa suposição. Talvez ele goste de ti, mas está-se nas tintas para os restantes de nós. — Olha para o Warner. — Não é?

— Não é o quê? — questiona o Warner.

— Preocupas-te com algum de nós? Com a nossa sobrevivência... o nosso bem-estar?

— Não.

O Kenji quase se ri.

— Bom, pelo menos és honesto.

— A minha oferta, no entanto, mantém-se. E és idiota se recusares. Vão morrer todos aqui fora e sabem disso melhor do que eu.

— Vamos arriscar.

— Não — solto eu num suspiro. — Kenji...

— Vai correr tudo bem. — Ele tem a testa contraída e os olhos Pesados. — Tenho a certeza de que um dia vamos encontrar uma maneira de nos vermos. Faz o que tens a fazer.

— Não — tento dizer. Estou a tentar respirar. Sinto os pulmões a inchar e o coração tão acelerado que consigo ouvi-lo bater nos meus ouvidos. Sinto-me quente e fria, demasiado quente e demasiado fria, e tudo o que consigo pensar é *não*, não era suposto acontecer assim, não era suposto desmoronar-se tudo, de novo não, de novo não...

O Warner agarra-me nos braços.

— Por favor — diz, tem uma urgência na voz, um pânico. — Por favor, não faças isto, querida, preciso que não faças isto...

— Raios, Kenji! — expludo, separando-me do Warner. — Por favor, por amor de Deus, não sejas tolo. Tens de vir comigo, preciso de ti...

— Preciso de algum tipo de garantia, J. — O Kenji anda de um lado para o outro, com as mãos no cabelo. — Não posso simplesmente confiar que vai correr tudo bem...

Viro-me para o Warner, a arfar e com os punhos cerrados.

— Dá-lhes o que querem. Não me interessa o quê — digo-lhe. — Por favor, tens de negociar. Tens de fazer com que isto resulte. Eu preciso dele. Preciso dos meus amigos.

O Warner olha para mim durante muito tempo.

— Por favor — sussurro.

Ele desvia o olhar. Volta a olhar para mim.

Finalmente, olha para o Kenji nos olhos. Suspira.

— O que queres?

— Quero um banho quente — ouço o Winston dizer.

Depois ri-se.

Ri-se mesmo.

— Dois dos meus homens estão doentes e feridos — diz o Kenji, como se engatasse a mudança seguinte. Fala com um tom cortado, aguçado. Insensível. — Precisam de medicamentos e de cuidados médicos. Não queremos ser vigiados, não queremos recolher obrigatório e queremos poder comer mais do que a comida de uma máquina automática. Queremos proteínas. Frutas. Legumes. Refeições a sério. Queremos acesso regular a duches. Precisamos de roupas novas. E queremos andar sempre armados.

O Warner está tão quieto ao meu lado que já quase não o consigo ouvir respirar. Sinto a cabeça pulsar com tanta força e o coração ainda acelerado no peito, mas já me acalmei o suficiente para conseguir respirar um pouco melhor.

O Warner olha para mim.

Mantém o olhar fixo no meu por um momento antes de fechar os olhos. Solta um suspiro acentuado. Abre os olhos.

— Está bem — diz.

O Kenji para a olhar para ele.

— Espera... *o quê?*

— Voltarei amanhã às duas horas da tarde para vos guiar aos vossos novos aposentos.

— C'um caraças. — O Winston até salta no sofá. — Caraças caraças *caraças*.

— Tens as tuas coisas? — verifica o Warner.

Aceno com a cabeça.

— Ótimo — diz ele. — Vamos.

VINTE E NOVE

O Warner segura-me pela mão.

Apenas tenho energia suficiente para me concentrar neste facto único e estranho, enquanto me conduz pelas escadas até ao parque de estacionamento. Abre a porta do tanque e ajuda-me a entrar antes de a fechar.

Sobe para o outro lado.

Liga o motor.

Já estamos na estrada e só pestanejei seis vezes desde que saímos da casa do Adam.

Ainda não acredito no que acabou de acontecer. Não acredito que vamos trabalhar todos juntos. Não acredito que disse ao Warner o que devia fazer e ele *me ouviu*.

Viro-me para olhar para ele. É estranho: nunca me senti tão segura ou aliviada por estar a seu lado. Nunca pensei que me pudesse sentir assim com ele.

— Obrigada — sussurro, agradecida e a sentir-me algo culpada, por tudo o que aconteceu. Por ter deixado o Adam para trás. Apercebo-me agora que fiz o tipo de escolha que não posso desfazer. O meu coração continua partido. — A sério — volto a dizer. — Muito obrigada. Por teres vindo buscar-me. Agradeço...

— Por favor — diz ele. — Imploro-te que pares.

Então paro.

— Não consigo suportar a tua dor — diz ele. — Consigo senti-la demasiado e está a deixar-me louco... *por favor*. Não fiques triste. Ou magoada. Ou culpada. Não fizeste nada de mal.

— Desculpa...

— Também não peças desculpa. Raios, a única razão pela qual não mato o Kent por causa disto é porque sei que só te iria perturbar ainda mais.

— Tens razão — digo, passado um instante. — Mas não é só

ele.

— Como assim? — pergunta ele. — Que queres dizer?

— Não quero que mates ninguém — digo. — Não apenas o Adam.

O Warner ri-se com um riso agudo e estranho. Parece aliviado.

— Mais alguma estipulação?

— Nem por isso.

— Então não me queres consertar? Não tens uma longa lista de coisas que preciso de trabalhar?

— Não. — Limito-me a olhar pela janela. A vista é tão sombria. Tão fria. Coberta de gelo e neve. — Não tens nada de errado que não seja já errado em mim — digo, baixinho. — E, se eu fosse esperta, primeiro descobriria como consertar-me a mim.

Ficamos ambos em silêncio durante algum tempo. A tensão é tão grande neste espaço pequeno.

— Aaron? — digo, ainda a ver a paisagem a passar.

Ouçó o pequeno impasse na sua respiração. A hesitação. É a primeira vez que uso o primeiro nome dele de forma tão casual.

— Sim?

— Quero que saibas que não acho que sejas louco.

— O quê? — Ele até parece assustado.

— Não acho que sejas louco. — O mundo vai ficando cada vez mais desfocado enquanto o observo pela janela. — E não acho que sejas psicopata. Também não acho que sejas um monstro doente e perverso. Nem um assassino sem coração, e não acho que mereças morrer, nem que sejas patético. Ou estúpido. Ou cobarde. Não acho que sejas nenhuma das coisas que as pessoas disseram sobre ti.

Viro-me para olhar para ele.

Ele está a olhar pelo para-brisas.

— Não achas? — A voz dele é tão suave e assustada que mal a consigo ouvir.

— Não. Não acho. E achei que o devias saber. Não estou a tentar consertar-te; não precisas de ser consertado. Não estou a tentar transformar-te noutra pessoa. Só quero que sejas quem realmente

és. Porque acho que conheço o teu verdadeiro eu. Creio que já o vi.

O Warner não diz nada, apenas lhe vejo o peito a subir e a descer.

— Não me interessa o que os outros dizem de ti — acrescento.
— Acho que és boa pessoa.

Ele agora está a pestanejar rapidamente. Consigo ouvi-lo a respirar.

Para dentro e para fora.

De forma irregular.

Mas não diz nada.

— Acreditas... acreditas em mim? — pergunto, instantes depois.

— Consegues sentir que estou a dizer a verdade? Que estou mesmo a falar a sério?

Ele tem as mãos agarradas ao volante. E os nós dos dedos brancos.

Acena com a cabeça.

Apenas uma vez.

TRINTA

Warner ainda não me disse uma única palavra.

Agora estamos no quarto dele, cortesia do Delalieu, rapidamente dispensado pelo Warner. É estranho e familiar estar de volta aqui, a este quarto onde encontrei tanto medo como conforto.

Agora parece-me certo.

É o quarto do Warner. E o Warner, a mim, já não me causa temor.

Estes últimos meses transformaram-no aos meus olhos e estes últimos dois dias foram cheios de revelações das quais ainda estou a recuperar.

Não posso negar que ele me parece diferente agora.

Sinto que o compreendo de uma forma que nunca compreendi antes.

Ele é como um animal aterrorizado e torturado. Uma criatura que passou toda a vida a ser espancada, maltratada e enjaulada. Foi forçado a uma vida que nunca pediu e nunca lhe foi dada a oportunidade de escolher outra coisa. E, apesar de lhe terem sido dadas todas as ferramentas para matar uma pessoa, é demasiado torturado emocionalmente para ser capaz de usar essas capacidades contra o próprio pai — o mesmo homem que o ensinou a ser um assassino. Porque, de alguma forma, de um modo estranho e inexplicável, ainda quer que o pai o ame.

E eu compreendo isso.

Compreendo mesmo.

✧

— O que aconteceu? — pergunta-me, por fim.

Estou sentada na cama dele; ele está de pé junto à porta, a olhar para a parede.

— Como assim?

— Com o Kent. Hoje. O que te disse ele?

— Oh. — Começo a corar. Envergonhada. — Expulsou-me de casa.

— Mas porquê?

— Estava zangado — explico. — Por eu estar a defender-te. Por te ter convidado a voltar.

— Oh.

Quase consigo ouvir os nossos corações a bater no silêncio entre nós.

— Estavas a defender-me — diz ele depois.

— Sim.

Ele não diz nada.

Eu não digo nada.

— Então, ele disse-te para te ires embora, porque me estavas a defender.

— Sim.

— Só isso?

Sinto o coração acelerado. Fico subitamente nervosa.

— Não.

— Houve outras coisas?

— Sim.

Ele pestaneja virado para a parede. Imóvel.

— A sério?

Aceno com a cabeça.

Ele não diz nada.

— Estava chateado — sussurro — porque eu não concordava que fosses louco. E acusou-me — hesito — de estar apaixonada por ti.

Ele expira bruscamente. Toca com uma mão na ombreira da porta. Tenho o coração a bater tão forte.

Ele tem os olhos colados à parede.

— E tu disseste-lhe que era um idiota.

Respiro fundo.

— Não.

O Warner vira-se para mim, fica apenas a meio caminho. Vejo-o de perfil, a subida e descida instável do seu peito. Agora está a olhar diretamente para a porta e é evidente que fala com muito esforço.

— Então, disseste-lhe que era louco. Disseste-lhe que só podia estar louco para dizer uma coisa daquelas.

— Não.

— Não — repete ele.

Tento não me mexer.

O Warner respira com dificuldade e de forma trémula.

— Então, o que lhe disseste?

Sete segundos passam entre nós.

— Nada — sussurro.

Ele congela.

Eu não respiro.

Ninguém fala durante o que parece ser uma eternidade.

— Claro — acaba ele por dizer. Parece pálido, instável. — Não disseste nada. Claro.

— Aaron... — Ponho-me de pé.

— Preciso de tratar de muita coisa para amanhã — diz ele. — Especialmente se os teus amigos se juntarem a nós na base. — Vejo que as mãos lhe tremem no segundo que leva a alcançar a porta. — Desculpa, mas tenho de ir.

TRINTA E UM

Decido tomar um banho de imersão.

Nunca tomei um banho de imersão.

Enquanto a banheira se enche de água quente, ando pela casa de banho e descubro pilhas e pilhas de sabonetes perfumados. De vários tipos. De vários tamanhos diferentes. Cada barra de sabão foi embrulhada num pedaço grosso de pergaminho e atada com fio. Há pequenas etiquetas afixadas em cada embalagem para distinguir um perfume do outro.

Pego num dos pacotes.

MADRESSILVA

Agarro no sabonete e não consigo deixar de pensar como era diferente tomar um duche no Ponto Ómega. Não tínhamos nada tão sofisticado como isto. Os nossos sabonetes eram duros, tinham um cheiro estranho e eram bastante ineficazes. O Kenji costumava trazê-los para as nossas sessões de treino e parti-los em pedaços para me atirar quando não estava concentrada.

A memória deixa-me inexplicavelmente emocionada.

Sinto o coração inchar quando me lembro que os meus amigos vêm para cá amanhã. Vai mesmo acontecer, penso. Vamos ser imparáveis, todos juntos. Mal posso esperar.

Olho com mais atenção para o rótulo.

Notas intensas de jasmim e nuances de uva. Notas suaves de lí-lás, madressilva, rosa e canela. Notas de fundo de flor de laranjeira e pó completam a fragrância.

Parece-me fantástico.

Roubo um dos sabonetes do Warner.

Estou lavada e de roupa limpa.

Estou sempre a cheirar a minha pele, surpreendida com o quão agradável é a fragrância floral. Nunca tinha cheirado a nada. Continuo a passar os dedos pelos braços, maravilhada com a diferença que um bom sabonete pode fazer. Nunca me senti tão limpa na minha vida. Não sabia que o sabão fazia tanta espuma ou que reagia tão bem ao meu corpo. O único sabonete que usei secava-me sempre a pele e deixava-me desconfortável durante algumas horas. Mas isto é estranho. É maravilhoso. Sinto-me macia, suave e tão refrescada.

Também não tenho absolutamente nada para fazer.

Sinto-me na cama do Warner e ponho os pés por baixo de mim.

Olho fixamente para a porta do escritório dele.

Sinto-me tão tentada a ver se está aberta.

A minha consciência, porém, domina-me.

Afundo-me nas almofadas com um suspiro. Levanto os cobertores e aconchego-me debaixo deles.

Fecho os olhos.

A minha mente é no mesmo instante inundada com imagens do rosto zangado do Adam, das suas mãos fechadas a tremer, das palavras ofensivas. Tento afastar as memórias e não consigo.

Abro os olhos.

Pergunto-me se alguma vez voltarei a vê-lo e ao James.

Se calhar era isto que o Adam queria. Agora pode voltar à sua vida com o irmão mais novo. Não terá de se preocupar em partilhar as suas rações com outras oito pessoas e conseguirá sobreviver durante muito mais tempo.

Mas e depois? Não consigo evitar pensar.

Estará sozinho. Sem comida. Sem amigos. Sem rendimentos.

Parte-me o coração imaginá-lo. Pensar nele a lutar para encontrar uma forma de viver, de sustentar o irmão. Porque, embora o Adam pareça odiar-me agora, não acho que alguma vez consiga retribuir esses mesmos sentimentos.

Nem sei se percebo o que acabou de acontecer entre nós.

Parece impossível que nos pudéssemos separar tão abruptamente. Preocupo-me tanto com ele. Apoiou-me quando mais ninguém o fez; deu-me esperança quando mais precisei; amou-me quando mais ninguém o fez. Não é alguém que queira apagar da minha vida.

Quero-o por perto. Quero o meu amigo de volta.

Mas agora começo a perceber que o Kenji tinha razão.

O Adam foi a primeira e única pessoa que alguma vez me mostrou compaixão. A primeira e, na altura, a única pessoa capaz de me tocar. Fiquei presa na impossibilidade daquilo, tão convencida de que o destino nos tinha juntado. A tatuagem dele era um retrato perfeito dos meus sonhos.

Pensei que era sobre nós. Sobre a minha fuga. Sobre o nosso «felizes para sempre».

E foi.

Mas não foi.

Quero rir-me da minha própria cegueira.

Apercebo-me de que nos ligava. Aquela tatuagem. É verdade que nos juntou, mas não porque estivéssemos destinados um ao outro. Não por ele ser o meu voo para a liberdade. Mas porque temos uma grande conexão entre nós. Um tipo de esperança que nenhum de nós foi capaz de ver.

O Warner.

Um pássaro branco com riscas douradas como uma coroa no cimo da cabeça.

Um rapaz de pele clara e cabelo dourado, o líder do Setor 45.

Foi sempre ele. Desde sempre.

A ligação.

O Warner, irmão do Adam, meu captor e agora camarada. Ele, sem saber, juntou-me ao Adam. E estar com o Adam deu-me um novo tipo de força. Sentia-me assustada e muito destruída e ele cuidou de mim, deu-me uma razão para me defender quando estava demasiado fraca para perceber que eu mesma era e sou razão suficiente. Foi tudo afeto e um desejo desesperado de ligação física. Duas coisas das quais tinha sido tão privada e com as quais não estava familiarizada. Não tinha nada com que comparar aquelas

experiências.

Claro que pensei que estava apaixonada.

Mas, embora não saiba muito, sei que, se o Adam me amasse mesmo, não me teria tratado da forma como o fez hoje. Não iria preferir que estivesse morta.

Sei-o, porque vi a prova do contrário.

Porque *estive* a morrer.

E o Warner podia ter-me deixado morrer. Estava zangado, magoado e tinha todas as razões para ser amargo. Eu tinha acabado de lhe arrancar o coração; tinha-o deixado acreditar que algo resultaria da nossa relação. Deixei-o confessar-me a profundidade dos seus sentimentos; deixei-o tocar-me de uma forma que nem o Adam tinha conseguido. Não pedi que parasse.

Cada centímetro meu dizia-lhe que sim.

Depois retirei tudo o que disse. Porque fiquei assustada, confusa e em conflito. Por causa do Adam.

O Warner disse que me amava e, em troca, insultei-o, menti-lhe, gritei com ele e afastei-o. É, quando ele teve oportunidade de se afastar e de me ver morrer, não o fez.

Encontrou maneira de me salvar a vida.

Sem exigências. Sem expectativas. Acreditando piamente que estava apaixonada por outra pessoa e que salvar-me a vida significava tornar-me completa de novo só para me devolver a outro.

E, neste momento, não posso dizer que sei o que o Adam faria se eu estivesse a morrer à sua frente. Não tenho a certeza de que me salvaria a vida. E só essa incerteza faz-me saber que algo não estava bem entre nós. Algo não era real.

Talvez ambos nos tenhamos apaixonado pela ilusão de algo mais.

TRINTA E DOIS

Abro os olhos.

Está escuro como breu. Silencioso. Sento-me demasiado depressa.

Devo ter adormecido. Não faço ideia de que horas são, mas um olhar rápido pelo quarto diz-me que o Warner não está aqui.

Deslizo para fora da cama. Ainda estou de meias e, de repente, sinto-me agradecida por isso; tenho de me abraçar, começo a tremer quando o ar frio do inverno se infiltra no material fino da minha t-shirt. Ainda tenho o cabelo ligeiramente húmido do banho.

A porta do gabinete do Warner está aberta.

Uma réstia de luz espreita pela abertura, o que me faz pensar se ele não se terá esquecido de a fechar, ou se acabou de entrar. Se calhar nem sequer está lá dentro. Mas, desta vez, a curiosidade vence-me a consciência.

Quero saber onde trabalha e como é a sua secretária; quero saber se é desarrumado ou organizado, ou se guarda objetos pessoais. Pergunto-me se terá alguma fotografia sua de criança.

Ou da mãe.

Avanço em bicos de pés, a sentir borboletas a despertarem no estômago. Não devia estar nervosa, digo a mim mesma. Não estou a fazer nada de ilegal. Só vou ver se ele está lá dentro e, se não estiver, vou-me embora. Vou só entrar por um segundo. Não vou revistar-lhe as coisas.

Não vou.

Hesito à porta. Está tão silencioso que tenho quase a certeza de que o meu coração está a bater alto e forte o suficiente para ele ouvir. Não sei porque é que sinto tanto medo.

Bato duas vezes à porta e abro-a com um empurrão.

— Aaron, estás...

Algo cai ao chão.

Abro a porta de vez e corro para dentro, parando no momento em que atravesso a soleira. Pasmada.

O gabinete é enorme.

É do tamanho do quarto e do closet juntos. Maior. Tem tanto espaço — espaço suficiente para albergar a enorme mesa de reuniões e as seis cadeiras colocadas de cada lado. Há um sofá e umas mesinhas de apoio num canto e uma das paredes é forrada apenas por estantes de livros. Cheias de livros. A transbordar de livros. Livros velhos, livros novos e livros com as lombadas a cair.

Tudo aqui é feito de madeira escura.

A madeira é tão castanha que parece preta. Linhas limpas e retas, cortes simples. Nada é ornamentado ou volumoso. Nada de couro. Nada de cadeiras de espaldar alto ou trabalhos em madeira demasiado pormenorizados. Minimalista.

A mesa de reuniões está cheia de pastas de arquivo, papéis, pastas e blocos de notas. O chão é coberto por um tapete oriental grosso e peludo, semelhante ao do closet. E, ao fundo da sala, está a secretária dele.

O Warner está em choque a olhar para mim.

Tem apenas umas calças vestidas e um par de meias, tirou a camisa e o cinto. Está em frente à secretária, com algo nas mãos algo que não consigo ver.

— O que estás aqui a fazer? — pergunta.

— A porta estava aberta. — Que resposta estúpida.

Ele fica a olhar para mim.

— Que horas são? — pergunto.

— Uma e meia da manhã — responde, automaticamente.

— Oh.

— Devias voltar para a cama.

Não sei porque é que ele parece tão nervoso. Porque é que os olhos dele continuam a desviar-se de mim para a porta.

— Já não me sinto cansada.

— Oh. — Ele mexe no que agora percebo ser um pequeno frasco nas mãos. Pousa-o na secretária atrás de si sem se virar.

Ele tem estado tão estranho hoje, penso. Diferente do que costuma ser. Costuma ser tão calmo, tão seguro de si. Mas ultimamente tem andado tão instável ao pé de mim. A inconsistência é enervante.

— O que estás a fazer? — insisto.

Há cerca de três metros entre nós e nenhum dos dois faz qualquer esforço para ultrapassar a distância. Estamos a falar como se não nos conhecêssemos, como se fôssemos estranhos que acabaram de se encontrar numa situação comprometedora. O que é ridículo.

Começo a atravessar a sala, para ir ter com ele.

Ele paralisa.

Eu paro.

— Está tudo bem?

— Sim — diz ele, demasiado depressa.

— O que é isso? — questiono, a apontar para o pequeno frasco de plástico.

— Devias voltar a dormir, querida. Provavelmente estás mais cansada do que pensas...

Aproximo-me dele, estendo a mão e agarro o frasco antes que ele possa fazer algo para me impedir.

— Isso é uma violação de privacidade — diz ele bruscamente, já mais parecido consigo mesmo. — Devolve-me isso...

— Medicamento? — questiono, surpreendida. Viro o frasquinho nas minhas mãos e leio o rótulo. Levanto o olhar para ele. Finalmente, percebo. — Isto é para cicatrizes.

Ele passa uma mão pelo cabelo. Olha para a parede.

— Sim — diz. — Agora, por favor, devolve-me isso.

— Precisas de ajuda? — ofereço.

Ele fica parado.

— O quê?

— Isto é para as tuas costas, não é?

Ele passa a mão pela boca, depois pelo queixo.

— Não vais permitir que saia disto com um pingo de respeito

próprio, pois não?

— Não sabia que te preocupavas com as tuas cicatrizes — comentário.

Dou um passo em frente.

Ele dá um passo atrás.

— E não me preocupo.

— Então, porquê isto? — Levanto o frasco. — Onde é que arranjaste isto?

— Não é nada... é só que... — Ele abana a cabeça. — O Delalieu encontrou-o para mim. É ridículo. Sinto-me ridículo.

— Porque não consegues chegar às tuas próprias costas?

Ele fica a olhar para mim. Depois solta um suspiro.

— Vira-te — peço-lhe.

— Não.

— Estás a ser esquisito por nada. Já vi as tuas cicatrizes.

— Isso não significa que precisas de as ver outra vez.

Não consigo evitar um ligeiro sorriso.

— Que foi? — pergunta ele. — O que tem tanta piada?

— Não me pareces o tipo de pessoa que poderia sentir-se constrangida com uma coisa destas.

— Não estou.

— Obviamente.

— Por favor — implora — volta para a cama.

— Estou bem acordada.

— Isso não é problema meu.

— Vira-te — volto a insistir.

Ele semicerra os olhos.

— Porque é que andas a usar esta coisa? — pergunto-lhe, pela segunda vez. — Não precisas. Não o uses se te fez sentir desconfortável.

Ele fica calado por um momento.

— Achas que não preciso?

— Claro que não. Porquê...? Tens dores? Doem-te as cicatrizes?

— Às vezes — responde ele, baixinho. — Não tanto como antes. Na verdade, já não consigo sentir quase nada nas minhas costas.

Algo frio e pontiagudo atinge-me o estômago.

— A sério?

Ele acena com a cabeça.

— Dizes-me de onde vieram? — sussurro, sem conseguir olhar para ele.

Ele fica em silêncio durante tanto tempo que sou finalmente forçada a olhar.

Tem os olhos mortos de emoção e o rosto neutro. Aclara a garganta.

— Eram os meus presentes de aniversário — diz. — Todos os anos, a partir dos meus 5 anos. Até fazer 18. Ele deixou de aparecer no meu 19.º aniversário.

Fico gelada de tão horrorizada.

— Certo. — O Warner olha para as mãos. — Então...

— Ele *cortava-te*? — A voz sai-me tão rouca.

— Chicoteava-me.

— Oh, meu Deus. — Quase grito e tapo a boca. Tenho de olhar para a parede para me recompor. Pestanejo várias vezes e esforço-me para engolir a dor e a raiva que se acumulam dentro de mim. — Lamento muito — digo, meio engasgada. — Aaron. Lamento muito.

— Não quero que sintas repulsa de mim — diz ele, baixinho. Viro-me, atónita. Um pouco horrorizada.

— Não estás a falar a sério.

Os seus olhos dizem que sim.

— Nunca te olhaste ao espelho? — pergunto, agora zangada.

— Desculpa?

— És perfeito — digo-lhe, tão rendida que me esqueço de mim mesma. — Tudo em ti. O teu corpo todo. Proporcionalmente. Sime-

tricamente. És absurda e matematicamente perfeito. Nem sequer faz sentido que uma pessoa possa ter esse aspeto — acrescento, e abano a cabeça. — Nem acredito que possas dizer uma coisa dessas...

— Juliette, por favor. Não fales comigo assim.

— O quê? Porquê?

— Porque é *cruel* — diz ele, perdendo a compostura. — É cruel e insensível e nem sequer te apercebes...

— Aaron...

— Retiro o que disse — diz. — Não quero que voltes a chamar-me Aaron...

— Aaron — digo de novo, mais firmemente. — Por favor... não é possível que penses mesmo que me repugnas. Não podes pensar que me importaria... que as tuas cicatrizes me iriam desagradar...

— Não sei. — Ele está a andar de um lado para o outro em frente à secretária, com os olhos fixos no chão.

— Pensava que conseguias pressentir os sentimentos — digolhe. — Pensava que os meus fossem óbvios para ti.

— Nem sempre consigo pensar com clareza — diz ele, frustrado, a esfregar a cara, a testa. — Especialmente quando as minhas emoções estão envolvidas. Nem sempre consigo ser objetivo... e às vezes faço suposições que não são verdadeiras... e não... simplesmente não confio mais no meu próprio julgamento. Porque já o fiz e o tiro saiu-me pela culatra. De forma terrível.

Ele finalmente levanta o olhar. Olha-me nos olhos.

— Tens razão — sussurro.

Ele desvia o olhar.

— Cometeste muitos erros — observo. — Fizeste tudo mal.

Ele passa a mão pelo rosto.

— Mas não é demasiado tarde para corrigir as coisas... Podes corrigi-las...

— *Por favor...*

— Não é demasiado tarde...

— Para de me dizer isso! — Ele explode. — Não me conheces, não sabes o que fiz, nem o que tenho de fazer para corrigir as coi-

sas...

— Não entendes? Não importa... podes escolher ser diferente agora...

— Pensei que não ias tentar mudar-me!

— Não estou a tentar mudar-te — digo, baixando a voz. — Só estou a tentar fazer com que compreendas que a tua vida não acabou. Não tens de ser quem tens sido. Agora podes fazer escolhas diferentes. Podes ser feliz...

— *Juliette*. — Apenas uma palavra áspera. Os seus olhos verdes tão intensos.

Eu paro.

Olho para as suas mãos trémulas; ele cerra-as em punhos.

— Vai — diz-me, em voz baixa. — Não quero que estejas aqui agora.

— Então porque é que me trouxeste de volta contigo? — pergunto, zangada. — Se nem sequer me queres ver...

— Porque é que não entendes? — Ele olha para mim e tem os olhos tão cheios de dor e devastação que fico sem fôlego.

Fico com as mãos a tremer.

— Entender o quê?

— Que te *amo*.

Ele parece destruído.

A voz. As costas. Os joelhos. O rosto.

Completamente destruído.

Tem de se agarrar à beira da secretária. Evita o meu olhar.

— Eu amo-te — diz, com palavras duras e suaves ao mesmo tempo. — Amo-te e não é suficiente. Pensei que seria suficiente e estava enganado. Pensei que podia lutar por ti e estava enganado. Porque não posso. Já nem sequer te consigo encarar...

— Aaron...

— Diz-me que não é verdade. Diz-me que estou errado. Diz-me que estou cego. Diz-me que me amas.

O meu coração não para de gritar ao partir-se ao meio.

Não posso mentir-lhe.

— Não consigo entender o que sinto — tento explicar.

— Por favor — sussurra ele. — Por favor, vai-te embora...

— Aaron, por favor, tenta compreender. Pensei que sabia o que era o amor e enganei-me. Não quero voltar a cometer o mesmo erro...

— Por favor — está a implorar — por amor de Deus, Juliette, já perdi a minha *dignidade*...

— Está bem — assinto. — Está bem. Desculpa. Okay.

Afasto-me.

Viro-me.

E não olho para trás.

TRINTA E TRÊS

— Tenho de sair dentro de sete minutos.

Estou com o Warner, ambos completamente vestidos, a falar como perfeitos conhecidos; como se a noite passada nunca tivesse acontecido. O Delalieu trouxe-nos o pequeno-almoço e comemos em silêncio em quartos separados. Não há conversas sobre ele, sobre mim, sobre nós ou sobre o que poderia ter sido ou ainda ser.

Não há nós.

Há a ausência do Adam e a luta contra o Restabelecimento. Só isso.

Agora percebo.

— Eu levava-te comigo — diz ele. — Mas acho que vai ser difícil disfarçar-te nesta viagem. Se quiseres, podes esperar nas salas de treino... Vou levá-los diretamente para lá. Podes dizer olá assim que chegarem. — Olha finalmente para mim. — Pode ser?

Aceno com a cabeça.

— Muito bem. Vou mostrar-te como lá chegar.

Ele leva-me de volta para o seu escritório, para um dos cantos mais afastados junto ao sofá. Há uma saída aqui que não vi ontem à noite. O Warner carrega num botão na parede. As portas deslizam e abrem-se.

É um elevador.

Entramos e ele carrega no botão para o rés do chão. As portas fecham-se e começamos a andar.

Olho de relance para ele.

— Não sabia que tinhas um elevador no teu quarto.

— Precisava de acesso privado às minhas instalações de treino.

— Estás sempre a dizer isso. *Instalações de treino*. O que é uma instalação de treino?

O elevador para.

As portas abrem-se.

Ele segura-as para mim.

— Isto.

Nunca vi tantas máquinas na minha vida.

Máquinas de corrida, de pernas, e máquinas que trabalham os braços, os ombros, os abdominais. Até máquinas que parecem bicicletas. Não sei o nome de nenhuma. Sei que uma destas coisas é um banco de musculação. Também sei o que são os halteres e vejo prateleiras e prateleiras deles, de todos os tamanhos. Pesos, acho eu. Pesos livres. Há também barras presas ao teto em alguns sítios, mas não consigo imaginar para que servem. Na verdade, imensas coisas nesta sala parecem-me completamente estranhas.

E cada parede é utilizada para uma coisa diferente.

Uma das paredes parece ser feita de pedra. Ou rocha. Tem pequenas ranhuras que são acentuadas pelo que parecem ser pedaços de plástico de cores diferentes. Outra parede está coberta de armas. Centenas de armas apoiadas em cavilhas que as mantêm no sítio. Estão imaculadas. Brilham como se tivessem acabado de ser limpas. Há uma porta nessa mesma parede; pergunto-me aonde vai dar. A terceira parede está coberta com o mesmo material preto, tipo esponja, que cobre o chão. Parece ser macio e elástico. E a última parede é a que acabámos de passar. Nela encontra-se o elevador e uma outra porta e nada mais.

As dimensões são enormes. Este espaço é pelo menos duas ou três vezes maior do que o quarto do Warner, o closet e o escritório juntos. Não parece possível que tudo isto seja para apenas uma pessoa.

— Isto é fantástico — digo, ao virar-me para ele. — Usas isto tudo?

Ele acena com a cabeça.

— Normalmente venho para aqui pelo menos duas ou três vezes por dia — diz. — Desleixei-me quando me lesionei, mas em geral, sim. — Dá um passo em frente e toca na parede negra e esponjosa. — Esta tem sido a minha vida desde que me conheço. Treinar. Tenho treinado desde sempre. E é aqui que vamos começar contigo, também.

— Comigo?

Ele acena com a cabeça.

— Mas eu não preciso de treinar — digo-lhe. — Não desta forma.

Ele tenta olhar-me nos olhos e não consegue.

— Tenho de ir — diz. — Se te aborreceres aqui, volta a subir no elevador. Este elevador só dá acesso a dois pisos, por isso não te podes perder. — Abotoa o blazer. — Volto assim que puder.

— Está bem.

Pensei que fosse já embora, mas não o faz.

— Quando eu voltar — conclui — ainda vais estar aqui.

Não é bem uma pergunta.

Eu aceno na mesma.

— Nem me parece possível — confessa ele, com muita calma — que não estejas a tentar fugir.

Não digo nada.

Ele respira fundo. Dá meia-volta. E sai.

TRINTA E QUATRO

Estou sentada num dos bancos, a brincar com halteres de dois quilos, quando ouço a voz dele.

— Caramba — exclama. — Este sítio é a sério.

Salto do banco e quase deixo cair os pesos no pé. Vejo o Kenji, o Winston, o Castle, o Brendan, o Ian, a Alia e a Lily, todos a passar pela porta extra na parede das armas.

A cara do Kenji ilumina-se quando me vê.

Corro para ele, que me apanha num abraço forte.

— Raios me partam — diz. — Ele não te matou. Isso é um ótimo sinal.

Dou-lhe um empurrão ligeiro. Suprimo um sorriso.

Digo um olá rápido a todos. Estou quase aos saltos de tão entusiasmada por os ter aqui. Mas estão todos a olhar em volta, chocados. Como se realmente pensassem que o Warner os estaria a levar para uma armadilha.

— Há um balneário por aqui — informa o Warner. Aponta para a porta ao lado do elevador. — Tem muitos chuveiros e casas de banho e tudo o que possam precisar para não cheirarem como animais. Toalhas, sabão, máquinas de lavar roupa. Tudo por aqui.

Estou tão concentrada no Warner que praticamente não reparei no Delalieu parado ao canto.

Sufoco um suspiro.

Ele está de pé e em silêncio, com as mãos atrás das costas, a observar com atenção enquanto os restantes ouvem o que o Warner diz. E, não pela primeira vez, pergunto-me quem será realmente este homem. Porque é que o Warner parece confiar tanto nele.

— As vossas refeições ser-vos-ão entregues três vezes por dia — continua o Warner. — Se não comerem, ou se falharem uma refeição e ficarem com fome, sintam-se à vontade para derramar as vossas lágrimas no duche. E depois aprendam a estabelecer um horário. Não quero ouvir as vossas queixas. Já têm as vossas próprias

armas — continua ele. — Mas, como podem ver, esta sala também está totalmente equipada e...

— Fixe — diz o Ian.

Parece um pouco excitado demais ao dirigir-se a um conjunto de espingardas.

— Se tocares em alguma das minhas armas, parto-te as duas mãos — ameaça o Warner.

O Ian congela de imediato.

— Esta parede está fora dos vossos limites. De todos — diz ele, olhando ao redor da sala. — Tudo o resto está disponível para vosso uso. Não danifiquem nenhum dos meus equipamentos. Deixem as coisas como as encontraram. E, se não tomarem banho regularmente, não se aproximem a menos de três metros de mim.

O Kenji solta um ronco em protesto.

— Tenho outras tarefas a cumprir — conclui o Warner. — Estarei de regresso às mil e novecentas horas, altura em que poderemos voltar a reunir-nos e começar as nossas discussões. Entretanto, aproveitem a oportunidade para se instalarem. Podem usar os tapetes extra ali ao canto para dormir. Espero que, para vosso bem, tenham trazido os vossos próprios cobertores.

A mala da Alia escorrega-lhe das mãos e cai ao chão.

Viramo-nos todos na sua direção. Ela fica escarlate.

— Tem alguma pergunta? — solicita o Warner.

— Sim — diz o Kenji. — Onde estão os medicamentos?

O Warner acena com a cabeça para o Delalieu, que ainda está de pé ao canto.

— Deem um relatório pormenorizado de quaisquer ferimentos e doenças ao meu tenente. Ele irá providenciar os tratamentos necessários.

O Kenji acena com a cabeça e sem fingimento. Parece mesmo agradecido.

— Obrigado — diz.

Ficam os dois, olhos nos olhos, por um instante.

— Não tens de quê.

O Kenji ergue as sobrancelhas.

Até eu fico surpreendida.

Depois o Warner olha para mim. Apenas uma fração de segundo antes de desviar o olhar. E, então, sem mais uma palavra, carrega no botão do elevador.

Entra.

Vejo as portas fecharem-se atrás dele.

TRINTA E CINCO

O Kenji está a olhar para mim, preocupado.

— Que raio foi aquilo?

O Winston e o Ian também olham para mim, sem fazerem qualquer esforço para esconder a sua confusão. A Lily está a desempacotar as suas coisas. O Castle observa-me com atenção. O Brendan e a Alia conversam um com o outro.

— O que queres dizer com isso? — pergunto. Tento parecer indiferente, mas acho que as minhas orelhas ficaram cor-de-rosa.

O Kenji dá uma palmada atrás do pescoço. Encolhe os ombros.

— Vocês discutiram ou assim?

— Não — digo, demasiado depressa.

— Hum, hum. — O Kenji inclina a cabeça para mim.

— Como está o Adam? — pergunto, tentando mudar de assunto.

O Kenji solta um longo suspiro; olha para o lado; esfrega os olhos antes de deixar cair a mala ao chão. Depois encosta-se à parede.

— Não te vou mentir, J. — diz, baixando a voz. — Esta treta com o Kent está a deixar-me muito stressado. O vosso drama está a tornar as coisas confusas. Ele não facilitou a nossa partida.

— O quê? Mas ele disse que não queria lutar mais...

— Sim, pois. — O Kenji acena com a cabeça. —
Aparentemente, isso não significa que queira perder todos os amigos de uma só vez.

Abano a cabeça.

— Ele não está a ser justo.

— Eu sei — concorda. Volta a suspirar. — Enfim, é bom ver-te, princesa, mas estou muito cansado. E com fome. Rabugento. Sabes como é. — Faz um movimento aleatório com a mão. Deixa-se desli-

zar para o chão.

Sei que não me está a contar tudo.

— O que se passa? — Sento-me à frente dele e baixo o tom de voz. Ele olha para mim, olhos nos olhos.

— Tenho saudades do James, okay? Sinto falta daquele miúdo. — Ele parece tão cansado. Consigo ver-lhe o cansaço nos olhos. — Não queria tê-lo deixado para trás.

Sinto o meu coração afundar-se de imediato.

Claro.

O James.

— Lamento imenso. Gostava que houvesse uma maneira de o trazermos connosco.

O Kenji sacode um bocado imaginário de algodão da camisa.

— Provavelmente, é mais seguro ficar onde está — diz, mas é óbvio que não acredita numa palavra. — Só gostava que o Kent deixasse de ser tão parvo.

Eu encolho-me com o constrangimento.

— Isto podia ser fantástico se ele se recompusesse — continua o Kenji. — Mas não, teve de se passar e ficar todo esquisito, louco e dramático. — Solta um suspiro. — Ele é tão emotivo — conclui de seguida. — Para ele é tudo um bicho de sete cabeças. Não consegue esquecer as coisas. Não consegue estar calmo e seguir em frente com a vida. Eu só... não sei. Não interessa. Só queria que o James estivesse aqui. Tenho saudades dele.

— Lamento — volto a dizer.

O Kenji faz uma cara estranha. Acena com a mão para o nada.

— Está tudo bem. Vou ficar bem.

Olho para cima e vejo que toda a gente já se dispersou.

O Castle, o Ian, a Alia e a Lily dirigem-se para o balneário, enquanto o Winston e o Brendan vagueiam pelas instalações. Neste momento, estão a tocar na parede de pedra e a ter uma conversa que não consigo ouvir.

Aproximo-me do Kenji. Apoio a cabeça nas minhas mãos.

— Então — diz ele. — Não te vejo durante 24 horas e tu e o

Warner passam de «deixa-me abraçar-te de uma forma super dramática» para «deixa-me ignorar-te de uma forma super fria»? — Ele traça desenhos nos tapetes onde estamos sentados. — Deve haver aí alguma história interessante.

— Duvido.

— Não me vais mesmo contar o que aconteceu? — Ele olha para mim, ofendido. — Eu conto-te tudo.

— Tenho a certeza de que não.

— Não sejas tola.

— O que se passa realmente, Kenji? — estudo-lhe o rosto, a sua fraca tentativa de humor. — Hoje pareces diferente. Estranho.

— Nada — murmura. — Já te disse. Só não queria deixar o James.

— Mas não é só isso, pois não?

Ele não diz nada.

Olho para o meu colo.

— Sabes que podes contar-me tudo. Sempre me apoiaste e eu também estarei sempre aqui se precisares de falar.

Ele revira os olhos.

— Porque é que tens de me fazer sentir culpado por não querer participar neste momento de «partilha as tuas emoções»?

— Eu não...

— Estou... Estou só com uma disposição de merda, okay? — Ele olha para o lado. — Sinto-me esquisito. Como se hoje só me apetecesse estar chateado. Como se quisesse dar um murro na cara de todos sem motivo.

Puxo os joelhos para o peito. Apoio neles o queixo. E aceno com a cabeça.

— Tiveste um dia difícil.

Ele grunhe. Acena com a cabeça e olha para a parede. Pressiona a mão fechada no tapete.

— Às vezes fico muito cansado, sabes? — Olha para o punho para as formas que faz ao pressionar os nós dos dedos no material macio e esponjoso. — Como se ficasse mesmo farto. — De repente,

a voz dele está tão calma que é quase como se não estivesse a falar comigo. Consigo ver a garganta mexer-se e as emoções presas no peito dele. — Estou sempre a perder pessoas. Tipo, todos os dias perco pessoas. Todos os malditos dias. Estou tão farto disto... tão farto e cansado...

— Kenji... — tento dizer.

— Tive saudades de ti, J. — Ele continua a estudar os tapetes. — Gostava que tivesses estado lá ontem à noite.

— Também tive saudades de ti.

— Não tenho mais ninguém com quem falar.

— Pensava que não gostavas de falar dos teus sentimentos — provoco-o, para tentar aliviar o ambiente.

Ele não morde o isco.

— Por vezes, torna-se muito pesado. — Ele desvia o olhar. — Demasiado pesado. Até para mim. E há dias em que não me apetece rir. Não quero ter piada. Não quero saber de nada. Há dias em que só me apetece sentar-me e chorar. Todo o dia. — As mãos dele param de desenhar nos tapetes. — Parece-te de loucos? — pergunta em voz baixa, ainda sem olhar para mim.

Pestanejo com força para aliviar o ardor que sinto nos olhos.

— Não — digo-lhe. — Não acho nada de loucos.

Ele olha para o chão.

— Dar-me contigo tornou-me esquisito, J. Tudo o que faço é ficar sentado a pensar nos meus sentimentos. Obrigado por isso.

Arrasto-me para o abraçar e ele responde de imediato, envolvendo-me nos seus braços. Fico com o rosto encostado ao seu peito e consigo ouvir-lhe os batimentos fortes do coração. Ele ainda está a sofrer muito e eu esqueço-me disso. Preciso de não me esquecer disso.

Agarro-me a ele, desejo conseguir aliviar-lhe a dor. Poder fazer dos seus fardos meus.

— É estranho, não é? — diz ele.

— O quê?

— Se estivéssemos nus agora, eu estaria morto.

— Cala-te — digo, a rir-me contra o peito dele. Estamos ambos de mangas compridas e calças. Desde que a minha cara e as minhas mãos não toquem na pele dele, é perfeitamente seguro.

— Bem, é verdade.

— Em que universo alternativo é que eu estaria nua contigo?

— Estou só a *dizer*. As merdas acontecem. Nunca se sabe.

— Acho que precisas de uma namorada.

— Nada disso — discorda. — Só preciso de um abraço. Da minha amiga.

Inclino-me para trás para olhar para ele. Tento ler-lhe os olhos.

— És o meu *melhor* amigo, Kenji. Sabes disso, não sabes?

— Sim, miúda. — Sorri para mim. — Eu sei. E não acredito que acabei a ter de te aturar, magricelas.

Liberto-me do abraço dele. Semicerro os olhos.

Ele ri-se.

— Então, como vai o novo namorado?

O meu sorriso desvanece-se.

— Ele não é meu namorado.

— Tens a certeza disso? Porque tenho quase a certeza de que o Romeu não nos teria deixado vir viver para cá se não estivesse loucamente apaixonado por ti.

Olho para as minhas mãos.

— Talvez um dia eu e o Warner possamos aprender a ser amigos. — A sério? — O Kenji parece chocado. — Pensei que estavas super interessada nele?

Encolho os ombros.

— Sinto-me... atraída por ele.

— Mas?

— Mas ele ainda tem um longo caminho a percorrer, sabes?

— Bem, sim. — Expira. Inclina-se para trás. — Pois. Sim, eu sei. Não dizemos nada durante algum tempo.

— Mas esta merda continua a ser muito estranha — diz ele de

repente.

— Como assim? — Levanto a cabeça para ele. — Que parte?

— O Warner. O Warner foi tão esquisito para mim ainda agora. — Ele olha para mim. Olha bem para mim. — Sabes, em todo o meu tempo na base, nunca o vi ter, tipo, uma única conversa casual com um soldado. Nunca. Foi sempre muito frio, J. Muito frio. *Gelado*. Nunca sorria. Nunca ria. Nunca mostrava qualquer emoção. E nunca, nunca falava, a não ser que estivesse a dar ordens. Era como uma máquina. Mas isto? — Ele aponta para o elevador. — Este gajo que acabou de sair daqui? O gajo que apareceu ontem lá em casa? Não faço ideia de quem seja. Nem sequer consigo imaginar uma cena destas. Isto é surreal.

— Não sabia disso — digo-lhe, surpreendida. — Não fazia ideia de que ele era assim.

— Nunca foi assim contigo? — pergunta ele. — Nem quando chegaste?

— Não — respondo. — Foi sempre muito... animado comigo. Não, tipo, *bem* animado — esclareço — mas, quer dizer... não sei. Falava muito. — Fico em silêncio ao ressurgirem as memórias. — Na verdade, estava sempre a falar. Era mais ou menos isso que fazia. E estava sempre a sorrir para mim. — Faço uma pausa. — Pensava que fazia de propósito. Para gozar comigo. Ou para me tentar assustar.

O Kenji apoia-se para trás sobre as mãos.

— Pois, não.

— Hum. — Foco os olhos num ponto à distância.

O Kenji suspira.

— Ele é... tipo... simpático para ti, pelo menos?

Olho para baixo. Fixo-me nos meus pés.

— Sim — sussurro. — É muito simpático para mim.

— Mas vocês não são um casal nem nada?

Faço uma careta.

— Okay — diz o Kenji de imediato, com as mãos ao alto. — Tudo bem, só estava curioso. Esta é uma zona livre de julgamentos, J.

Eu bufo.

— Pois, não é.

O Kenji descontrai-se um pouco.

— Sabes, o Adam acha mesmo que tu e o Warner têm, tipo, uma cena.

Reviro os olhos.

— O Adam é estúpido.

— Pst, pst, princesa. Temos de falar sobre essa linguagem...

— O Adam precisa de dizer ao Warner que são irmãos.

O Kenji olha em volta, alarmado.

— Baixa a voz — sussurra. — Não podes andar por aí a dizer essas coisas. Sabes o que o Kent pensa sobre isso.

— Acho que é injusto. O Warner tem o direito de saber.

— Porquê? Achas que se vão tornar amigos de repente?

Olho para ele, com um olhar firme e sério.

— O James também é irmão dele, Kenji.

Vejo-o ficar tenso e pálido. Também arregala ligeiramente os olhos.

Eu inclino a cabeça e ergo uma sobrancelha.

— Eu nem sequer... uau — diz ele. Pressiona a mão fechada num punho na testa. — Nem sequer tinha pensado nisso.

— Não é justo para nenhum deles — digo. — E acho mesmo que o Warner ia gostar de saber que tem irmãos neste mundo. Pelo menos o James e o Adam têm-se um ao outro. Mas o Warner esteve sempre sozinho.

Ele abana a cabeça. Tem a incredulidade gravada nas suas feições.

— Isto está a ficar cada vez mais perverso — comenta. — Pensas que não pode ficar mais complicado e depois, bam.

— Ele merece saber, Kenji — volto a dizer. — Tu sabes que o Warner pelo menos merece *saber*, É um direito que tem. Também é o sangue dele.

O Kenji olha para cima. Suspira.

— Raios.

— Se o Adam não lhe contar, conto eu.

— Não o farias.

Fico a olhar para ele. Séria.

— Isso é marado, J. — O Kenji parece surpreendido. — Não podes fazer isso.

— Porque continuas a chamar-me J.? — pergunto-lhe. — Quando é que isso aconteceu? Já me deste, tipo, para aí umas 50 alcunhas diferentes.

Ele encolhe os ombros.

— Devias sentir-te lisonjeada.

— A sério? Darem-te alcunhas é lisonjeiro?

Ele acena com a cabeça.

— Então, que tal se eu te chamar Kenny?

Ele cruza os braços. Olha-me fixamente.

— Isso não tem piada nenhuma.

Sorrio.

— Tem sim, um bocadinho.

— E que tal se eu chamar ao teu novo namorado o Rei do Pau-Enfiado-no-Cu?

— Ele não é meu namorado, *Kenny*.

Ele lança-me um olhar de aviso. Aponta-me para a cara.

— Não estou a achar piada, princesa.

— Ei, não precisas de um duche? — sugiro.

— Então agora estás a dizer-me que cheiro mal.

Reviro os olhos.

Ele levanta-se. Cheira a camisa.

— Bolas, cheiro mesmo mal, não cheiro?

— Vai — instigo. — Vai e volta depressa. Tenho a sensação de que esta noite vai ser longa.

TRINTA E SEIS

Estamos todos sentados nos bancos à volta da sala de treino.

O Warner está sentado ao meu lado e faço o melhor que posso para que os nossos ombros não se toquem acidentalmente.

— Muito bem, então, começemos pelo mais importante, certo? — diz o Winston, olhando à volta. — Temos de trazer a Sonya e a Sara de volta. A questão é como. — Uma pausa. — Não fazemos ideia de como chegar ao supremo.

Olhamos todos para o Warner.

Ele olha para o seu relógio.

— *Então?* — diz o Kenji.

— Então, o quê? — indaga o Warner, aborrecido.

— Bom, não nos ias ajudar? — responde o Ian. — Este é o teu território.

O Warner olha para mim pela primeira vez esta noite.

— Tens a certeza absoluta de que confias nestas pessoas? — pergunta-me. — Em todos?

— Sim — digo, baixinho. — Confio mesmo.

— Muito bem. — O Warner respira fundo antes de se dirigir ao grupo. — O meu pai está num navio. No meio do oceano.

— Num navio? — pergunta o Kenji, confuso. — A capital é um navio?

— Não propriamente — ele hesita. — Mas a questão é que temos de o atrair até cá. Ir ter com ele não vai resultar. Temos de criar um problema grave o suficiente para o obrigar a vir até nós. — Olha para mim. — A Juliette diz que já tem um plano.

Aceno com a cabeça.

Respiro fundo.

Estudo os rostos à minha frente.

— Acho que devíamos tomar controlo do Setor 45.

Um silêncio atordado.

— Acho que, juntos — digo-lhes — vamos conseguir convencer os soldados a lutar do nosso lado. Afinal de contas, ninguém está a beneficiar com o Restabelecimento, exceto as pessoas responsáveis. Os soldados estão cansados e famintos e provavelmente só aceitaram este trabalho por não terem outras opções. — Faço uma pausa. — Podemos reunir os civis e os soldados. Todos os que estão no setor. Fazê-los juntarem-se a nós. E eles conhecem-me. Os soldados. Já me viram... Sabem o que sou capaz de fazer. Mas todos juntos? — Abano cabeça. — Seria fantástico. Podíamos mostrar-lhes que somos diferentes. Mais fortes. Podemos dar-lhes esperança... uma razão para lutar.

» Depois quando tivermos o seu apoio, a notícia vai espalhar-se e o Anderson vai ser obrigado a voltar. Terá de nos tentar derubar... Não terá outra escolha. E, assim que voltar, acabamos com ele. Lutamos com ele e com o seu exército e ganhamos. E depois ganhamos controlo do país.

— Meu Deus.

O Castle é o primeiro a falar.

— Menina Ferrars — diz — pensou muito sobre isto. Aceno com a cabeça.

O Kenji está a olhar para mim como se não tivesse a certeza se devia rir ou aplaudir.

O que acham? — pergunto, olhando em redor.

— E se não resultar? — pondera a Lily. — E se os soldados tiverem demasiado medo para quebrar a sua lealdade? E se, em vez disso, vos matarem?

— É uma possibilidade concreta — digo. — Mas acho que, se formos suficientemente fortes... se nós os nove estivermos unidos, com todas as nossas forças combinadas... vamos fazê-los acreditar que podemos conseguir algo bastante espantoso.

— Sim, mas como é que eles vão saber quais são os nossos pontos fortes? — observa o Brendan. — E se não acreditarem em nós?

— Podemos mostrar-lhes.

— E se eles dispararem contra nós? — interpõe o Ian.

— Posso fazê-lo sozinha, se isso vos preocupar. Não me importo. O Kenji estava a ensinar-me a projetar a minha energia antes da guerra e acho que, se conseguir aprender a dominá-la, consigo fazer coisas bastante assustadoras. Coisas que talvez os impressionem o suficiente para se juntarem a nós.

— Consegues *projetar*? — pergunta o Winston, com os olhos arregalados. — Queres dizer que consegues, tipo, matar toda a gente em massa com a tua coisa de sugar a vida?

— Hum, não — digo. — Quer dizer, bom, sim, suponho que também consiga fazê-lo, mas não estou a falar disso. Quis dizer que consigo projetar a minha força. Não a... coisa de sugar a vida...

— Espera, que força? — indaga o Brendan, confuso. — Pensei que a tua pele é que era letal.

Estou prestes a responder quando me lembro que o Brendan, o Winston e o Ian foram feitos reféns antes de eu ter começado a treinar a sério. Nem sei se eles sabiam muito sobre o meu progresso.

Por isso, começo pelo princípio.

— O meu... poder — digo — é mais do que apenas a minha pele.

— Olho de relance para o Kenji. Gesticulo na sua direção. — Andamos a trabalhar juntos há algum tempo, para tentar perceber do que sou mesmo capaz, e o Kenji percebeu que a minha verdadeira energia vem bem de dentro de mim, não da superfície. Está-me nos ossos, no sangue e na pele — tento explicar. — O meu verdadeiro poder é uma espécie de superforça incrível.

» A minha pele é apenas um dos elementos — continuo. — É a forma mais intensa da minha energia e a mais louca de proteção; é como se o meu corpo se revestisse de um escudo. Um arame farpado metafórico. Mantém os intrusos afastados. — Quase me rio, pergunto-me quando é que se tornou tão fácil para mim falar sobre estas coisas. Quando é que comecei a sentir-me confortável com isto. — Mas também sou forte o suficiente para atravessar praticamente qualquer coisa, sem sequer me magoar. Betão. Tijolo. Vidro.

— O solo — acrescenta o Kenji.

— Sim — confirmo, sorrindo-lhe. — Até o solo.

— Ela provocou um terramoto — diz a Alia, ansiosa, e fico bastante surpreendida por lhe ouvir a voz. — Durante a primeira batalha — diz ao Brendan, ao Winston e ao Ian — quando tentávamos salvar-vos. Deu um murro no chão e ele abriu-se. Foi assim que conseguimos fugir.

Os rapazes estão pasmados a olhar para mim.

— Por isso, o que estou a tentar dizer é: se conseguir projetar a minha força e aprender a controlá-la? Não sei. — Encolho os ombros. — Seria capaz de mover montanhas, provavelmente.

— Isso é um bocado ambicioso. — Sorri o Kenji, sempre o pai orgulhoso.

— Ambicioso, mas talvez não impossível. — Sorrio de volta.

— Uau — diz a Lily. — Então tu consegues... destruir coisas? Tipo, qualquer coisa?

Aceno com a cabeça. Olho de relance para o Warner.

— Importas-te?

— Não, de todo — responde ele. Faz questão de manter o olhar cuidadosamente inescrutável.

Levanto-me e dirijo-me para a pilha de halteres, ao mesmo tempo que me preparo mentalmente para aceder à minha energia. Esta continua a ser a parte mais complicada para mim: aprender a moderar a minha força com delicadeza.

Pego num peso de 20 quilos e levo-o para junto do grupo.

Por um instante, pergunto-me se isto não deveria ser pesado para mim, especialmente tendo em conta que pesa cerca de metade do que eu peso, mas não me custa.

Volto a sentar-me no banco. Pouso o peso no chão.

— O que vais fazer com isso? — questiona o Ian, de olhos arregalados.

— O que queres que faça? — devolvo-lhe.

— Estás a dizer-me que consegues simplesmente, tipo, rasgar isso ou assim? — insiste o Winston.

Aceno com a cabeça.

— Força — diz o Kenji. Está praticamente aos saltos no banco.

— Força.

Então, faço-o.

Pego no peso e esmago-o literalmente entre as mãos. Torna-se numa amálgama de metal. Um carço de 20 quilos. Depois, rasgo-o ao meio e deixo cair os dois pedaços no chão.

Os bancos tremem.

— Desculpem — apresso-me a dizer para todos à volta. — Não queria atirá-los desta maneira...

— Caramba — diz o Ian. — Isso é tão fixe.

— Faz outra vez — pede o Winston, com os olhos a brilhar.

— Preferia que ela não destruísse os meus bens todos — interrompe o Warner.

— Ei, então... espera — interrompe o Winston, apercebendo-se de algo ao olhar para o Warner. — Tu também consegues fazê-lo, certo? Também consegues simplesmente apoderar-te do poder dela e usá-lo deste modo?

— Posso apoderar-me dos vossos poderes todos — corrige-o o Warner. — E fazer o que quiser com eles.

O terror na sala é muito palpável. Franzo o sobrolho para ele.

— Por favor, não os assustes.

Ele não diz nada. Olha para o nada.

— Então, vocês os dois... — O Ian tenta encontrar a própria voz.

— Quer dizer, juntos... podiam basicamente...

— Dominar o mundo? — sugere o Warner, agora a olhar para a parede.

— Ia dizer que podiam dar umas boas tarefas, mas sim, isso também, acho eu — conclui o Ian a abanar a cabeça.

— Tens a certeza de que confias neste tipo? — questiona a Lily, apontando um polegar para o Warner e a olhar para mim com um ar de preocupação genuína e séria. — E se ele estiver apenas a usar-te pelo teu poder?

— Confio-lhe a minha vida — digo, muito calma. — Já confiei e voltaria a fazê-lo.

O Warner olha para mim e desvia logo o olhar, mas, por um breve segundo, consigo apanhar a carga de emoção nos seus olhos.

— Então, deixa-me ver se percebi bem — diz o Winston. — O nosso plano é basicamente aliciar os soldados e civis do Setor 45 para lutarem connosco?

O Kenji cruza os braços.

— Pois, parece que vamos parecer uns pavões à espera de que nos achem suficientemente atraentes para acasalar.

— Que nojo. — O Brendan franze o sobrolho.

— Apesar de o Kenji ter acabado de fazer isto parecer estranho — digo, com um olhar severo na direção dele — a resposta é sim, basicamente. Podemos ser um grupo ao qual se podem juntar. Primeiro, tomamos controlo do exército e a seguir do povo. Depois, guiamo-los para a batalha. E, desta vez, iremos conseguir ripostar a sério.

— E se ganhar? — pergunta o Castle. Tem estado muito calado este tempo todo. — O que pretende fazer depois?

— Como assim? — questiono.

— Digamos que é bem-sucedida — diz. — Derrotou o supremo. Mata-o e aos seus homens. E depois? Quem é que vai assumir o comando supremo?

— Eu.

A sala solta um suspiro coletivo. Sinto o Warner ficar tenso ao meu lado.

— Bolas, princesa — diz o Kenji em voz baixa.

— E depois? — insiste o Castle, ignorando toda a gente menos a mim. — Depois disso? — Tem um ar preocupado. Quase assustado. — Vai matar quem se meter no seu caminho? Os restantes líderes dos setores da nação? Isso são mais 554 guerras...

— Alguns irão render-se — digo-lhe.

— E os outros? — pergunta. — Como é que pode liderar uma nação na direção certa quando acabou de massacrar todos os que se opõem a si? Como é que será diferente daqueles que derrotou?

— Confio em mim mesma — garanto — confio que sou forte o suficiente para fazer o que está certo. O nosso mundo está a morrer.

Você mesmo disse que temos os meios para reclamar a nossa terra... para mudar as coisas de volta ao que eram. Quando o poder estiver no sítio certo, *connosco*, pode reconstruir o que começou no Ponto Ómega. Terá a liberdade de implementar essas mudanças na nossa terra, água, animais e atmosfera e salvar milhões de vidas ao fazê-lo, dando esperança num futuro diferente às novas gerações. Temos de tentar. Não podemos ficar sentados a ver pessoas a morrer quando temos o poder para fazer a diferença.

A sala fica em silêncio. Imóvel.

— Raios — diz o Winston. — Eu seguia-te para a batalha.

— Eu também — garante a Alia.

— E eu — é a voz do Brendan.

— Sabes que eu alinho — concorda o Kenji.

— Eu também — dizem a Lily e o Ian ao mesmo tempo.

O Castle respira fundo.

— Talvez — diz ele. Encosta-se para trás na cadeira e une as mãos. — Talvez consiga fazer bem o que fiz mal. — Abana a cabeça. — Sou 27 anos mais velho e nunca tive a sua confiança, mas compreendo o seu coração. E confio que diz o que acredita ser verdade. — Uma pausa. Um olhar atento. — Nós iremos apoiá-la. Mas saiba agora que está a assumir uma responsabilidade enorme e aterradora. Uma que pode sair-lhe pela culatra de forma irreversível.

— Compreendo — digo, com tranquilidade.

— Então muito bem, menina Ferrars. Boa sorte e que os deuses estejam consigo. O nosso mundo está nas suas mãos.

TRINTA E SETE

— Não me disseste o que achas do meu plano.

Acabei de entrar com o Warner no quarto e ele ainda não me disse uma palavra. Está parado à porta do escritório, de olhos no chão.

— Não sabia que querias a minha opinião.

— Claro que quero a tua opinião.

— Tenho mesmo de voltar ao trabalho — informa, e vira-se para sair.

Toco-lhe no braço.

Ele fica rígido. Mantém-se de pé, imóvel, com os olhos fixos na mão que lhe pousei no antebraço.

— Por favor — sussurro. — Não quero que isto seja assim conosco. Quero poder conversar. Conhecermo-nos de novo, *como deve ser...* sermos amigos...

O Warner faz um som estranho do fundo da garganta. Impõe alguns centímetros de distância entre nós.

— Estou a dar o meu melhor, querida. Mas não sei como ser apenas teu amigo.

— Não tem de ser tudo ou nada — tento dizer-lhe. — Pode haver passos intermédios... Só preciso de tempo para te entender... como uma pessoa diferente...

— Mas é mesmo isso. — Ele fala com a voz sofrida. — Precisas de tempo para me entenderes como uma pessoa *diferente*. Precisas de tempo para corrigir a perceção que tens de mim.

— Porque é que isso é assim tão errado...?

— Porque não sou uma pessoa diferente — diz com firmeza. — Sou o mesmo homem que sempre fui e nunca tentei ser diferente. Entendeste-me mal, Juliette. Julgaste-me, viste-me como algo que não sou, mas a culpa não é minha. Não mudei, nem mudarei...

— Já o fizeste.

Ele aperta o maxilar.

— Tens muito descaramento para falar com tanta convicção sobre assuntos que desconheces.

Engulo em seco.

Ele aproxima-se tanto de mim que tenho medo de me mexer.

— Uma vez acusaste-me de não saber o significado do amor — diz. — Mas estavas enganada. Talvez me culpes por te amar demasiado. — Ele tem o olhar tão intenso. Tão verde. Tão frio. — Mas pelo menos não nego o meu próprio coração.

— E tu achas que o faço — sussurro.

Ele baixa a cabeça. Não diz nada.

— O que não percebes — digo-lhe, com a voz embargada — é que já nem sequer conheço o meu próprio coração. Ainda não sei dar nome ao que sinto e preciso de tempo para o descobrir. Tu queres mais neste momento, mas o que preciso é que sejas meu amigo...

Ele hesita.

— Eu não tenho amigos — comunica.

— Porque não tentas?

Ele abana a cabeça.

— Porquê? Porque não nos dás uma oportunidade?

— Porque tenho medo — diz por fim, com a voz a tremer — que a tua amizade seja o meu fim.

Continuo imóvel quando a porta do escritório se fecha atrás dele.

TRINTA E OITO

Nunca pensei ver o Warner de calções de fato de treino.

Ou de ténis.

E, neste momento, está a usar ambos. Mais uma t-shirt.

Agora que o nosso grupo está alojado nas instalações de treino dele, tenho uma razão para o acompanhar no início do dia. Sempre soube que ele passava muito tempo a trabalhar, mas nunca soube quanto desse tempo era passado a treinar. Ele é tão disciplinado, tão preciso em tudo. Fico espantada.

Começa as manhãs numa bicicleta ergométrica e termina as noites com uma corrida na passadeira. E exercita uma parte diferente do corpo a cada dia da semana.

— As segundas-feiras são para as pernas. — Ouvi-o explicar ao Castle. — Às terças-feiras trabalho o peito. Às quartas-feiras trabalho os ombros e as costas. Às quintas-feiras, os tríceps e os deltoides. Às sextas-feiras, bíceps e antebraços. E todos os dias faço abdominais e cardio. Também passo a maior parte dos fins de semana a fazer treino de pontaria — disse.

Hoje é terça-feira.

O que significa que, neste momento, estou a vê-lo a fazer musculação com 140 quilos. Três placas de 20 quilos de cada lado daquilo que o Kenji me disse chamar-se uma barra olímpica, que pesa mais 20 quilos. Não consigo parar de olhar. Acho que nunca me senti tão atraída por ele desde que o conheço.

O Kenji para ao meu lado. Faz um aceno de cabeça ao Warner.

— Então, é isto que te atrai, hã?

Fico mortificada.

Ele solta uma gargalhada.

— Nunca o tinha visto de calções de fato de treino. — Tento soar normal. — Nunca o tinha visto de calções.

O Kenji ergue uma sobrancelha para mim.

— Aposto que já o viste com menos.

Apetece-me morrer.

☞

É suposto passar o próximo mês a treinar com o Kenji. O plano é esse. Preciso de treinar o suficiente para lutar e usar a minha força sem voltar a permitir que me domine. Este não é o tipo de situação em que possa entrar sem absoluta confiança e, como é suposto ser eu a liderar a missão, ainda tenho muito trabalho pela frente. Preciso de ser capaz de aceder à minha energia num instante e de moderar a quantidade de poder que exerço em qualquer altura. Por outras palavras: preciso de alcançar o domínio absoluto sobre a minha capacidade.

À sua maneira, o Kenji também está a treinar; quer aperfeiçoar a sua capacidade de projeção; quer ser capaz de o fazer sem ter de entrar em contacto direto com outra pessoa. Mas somos os únicos que temos trabalho a fazer. O Castle já tem controlo sobre si mesmo há décadas e os restantes têm habilidades bastante simples às quais se adaptaram naturalmente. No meu caso, tenho 17 anos de trauma psicológico para desfazer.

Preciso de derrubar estes muros que eu própria construí.

Hoje, o Kenji começa por pedir pouco. Quer que eu leve um haltere para o outro lado da sala por pura força de vontade. Mas tudo o que consegui foi fazê-lo vibrar. E nem sequer tenho a certeza se fui eu.

— Não estás concentrada — diz-me ele. — Tens de te conectar, encontrar o teu núcleo e puxar de dentro de ti. Tens de, *literalmente*, puxá-lo para fora e depois empurrá-lo à tua volta, J. Só é difícil no início, porque o teu corpo está muito habituado a conter a energia. No teu caso, vai ser ainda mais difícil, porque passaste a vida toda a reprimi-la. Tens de te dar permissão para a soltar. Baixa a guarda. Encontra-a. Aproveita-a. Liberta-a.

Ele faz o mesmo discurso, uma e outra vez.

E eu continuo a tentar, uma e outra vez.

Conto até três.

Fecho os olhos e tento realmente, verdadeiramente concentrar-me desta vez. Dou ouvidos à súbita vontade de levantar os braços, fixando os pés bem assentes no chão. Respiro fundo. Fecho os olhos com mais força. Sinto a energia a subir, através dos ossos, do sangue, de forma crescente e furiosa, até culminar numa massa tão potente que já não a consigo conter. Sei que precisa de ser libertada e precisa de o ser agora.

Mas como?

Antes, pensei sempre que precisava de tocar em algo para libertar a energia.

Nunca me ocorreu atirar a energia para um objeto fixo. Pensava que as minhas mãos eram o destino final; nunca pensei em usá-las como um transmissor, como um meio para a energia passar. Mas só agora me estou a aperceber de que posso tentar *enviá-la* com as mãos e através da pele. E talvez, se for forte o suficiente, consiga aprender a manipular o poder no ar, forçá-lo a mover-se da forma que eu quiser.

Esta súbita constatação dá-me uma explosão de confiança renovada. Agora sinto-me entusiasmada, ansiosa por ver se a minha teoria está correta. Reúno forças ao sentir a onda de poder inundar-me de novo. Fico com os ombros tensos à medida que a energia me cobre as mãos, os pulsos e os antebraços. É uma sensação tão quente tão intensa e quase tangível; o tipo de poder que poderia emaranhar-se nos meus dedos.

Cerro os punhos.

Puxo os braços atrás.

Depois atiro-os para a frente, abrindo as mãos ao mesmo tempo. Silêncio.

Espreito com um olho aberto, vejo que o haltere ainda está no mesmo sítio.

Suspiro.

— DEITA-TE — grita o Kenji, puxa-me para trás e deita-me de cara no chão.

Consigo ouvir toda a gente a gritar e o bater de pés no chão à nossa volta. Levanto o pescoço e vejo que estão todos de mãos na cabeça, com a cara tapada; tento olhar em volta.

O pânico agarra-me pela garganta.

A parede de rocha está a abrir-se no que podem ser centenas de pedaços, range e geme à medida que se desfaz. Observo, horrorizada, um pedaço enorme e irregular a tremer mesmo antes de se desprender da parede.

O Warner está mesmo por baixo.

Estou prestes a gritar quando o vejo olhar para cima, com as duas mãos estendidas em direção ao caos. De imediato, a parede deixa de estremecer. As peças pairam no ar a meio da queda e apenas tremem ligeiramente ao encaixarem nos respetivos lugares.

Ainda tenho a boca aberta.

O Warner olha para a sua direita. Acena com a cabeça.

Sigo-lhe a linha de visão e vejo o Castle do outro lado a usar o seu poder para segurar a outra ponta da parede. Juntos, controlam os pedaços que caem no chão, fazendo-os flutuar, e assentam cada placa partida e cada pedaço irregular suavemente no que resta da parede.

Começam todos a levantar a cabeça ao perceberem que algo mudou. Levantamo-nos lentamente e observamos, estupefactos, a forma como o Castle e o Warner contêm o desastre e o confinam a um só espaço. Nada mais foi danificado. Ninguém se magoou. Eu continuo a olhar, espantada, de olhos arregalados.

Quando o trabalho está finalmente concluído, os dois homens partilham um breve momento de reconhecimento antes de seguirem em direções opostas.

O Warner vem à minha procura. O Castle, à procura dos outros.

— Estás bem? — pergunta-me. Fala com um tom profissional, mas os olhos denunciam-no. — Não estás ferida?

Abano a cabeça.

— Aquilo foi incrível.

— Não posso ficar com os louros — diz. — Apenas pedi emprestado o poder do Castle.

— Mas és tão *bom* nisso — digo-lhe, esquecendo-me por um instante de que é suposto estarmos zangado um com o outro. — *Acabaste* de saber que tens esse dom e já o consegues controlar. De

forma tão natural. Mas depois, quando eu tento fazer alguma coisa, quase vos mato a todos no processo. — Deixo cair a cabeça. — Sou a pior em tudo — murmuro. — A pior.

— Não te sintas mal. Vais conseguir.

— Alguma vez foi difícil para ti? — Olho para cima, esperançosa. — Descobrir como controlar a energia?

— Oh — diz ele, surpreendido. — Não. Embora sempre tenha sido muito bom em tudo o que faço.

Volto a baixar a cabeça. Suspiro.

Ele ri-se e eu espreito para cima.

Vejo-o a sorrir.

— Que foi?

— Nada — sussurra ele.

Ouçó um assobio agudo. Volto-me.

— Ei, mãozinhas de jazz! — ladra o Kenji. — Volta já para aqui. — Ele faz questão de parecer o mais irritado possível. — De volta ao trabalho. E, desta vez, *concentra-te*. Não és uma macaca. Não andes a atirar merda por todo o lado.

O Warner ri-se mesmo.

Em voz alta.

Olho para trás e vejo-o a olhar para a parede, a tentar reprimir um sorriso aberto enquanto passa a mão pelo cabelo e pelo pescoço.

— Pelo menos alguém aprecia o meu sentido de humor — diz o Kenji, antes de me puxar pelo braço. — Vá lá, princesa. Vamos tentar outra vez. E, por favor, tenta não nos matar a todos nesta sala.

TRINTA E NOVE

Passámos toda a semana a treinar.

Sinto-me tão exausta que já nem consigo manter-me de pé, mas fiz mais progressos do que alguma vez poderia esperar. O Kenji continua a trabalhar comigo diretamente e o Castle supervisiona o meu progresso, mas todos os outros passam o tempo a treinar nas diversas máquinas.

O Winston e o Brendan parecem mais bem-dispostos a cada dia que passa — mais saudáveis, mais vivos — e até o corte na cara do Brendan começa a desaparecer. Estou muito contente por ver as suas recuperações e duplamente contente por o Delalieu ter conseguido encontrar os medicamentos certos para eles.

Passam ambos a maior parte dos dias a comer, a dormir e a saltar das bicicletas para a passadeira. A Lily tem andado entretida com um pouco de tudo, hoje está a fazer exercício com as bolas medicinais a um canto. O Ian tem levantado pesos e cuidado do Castle, e a Alia passou a semana sentada, a desenhar coisas num bloco de notas. Parece mais feliz e tranquila. Não consigo deixar de pensar se o Adam e o James também estarão bem. Espero que estejam em segurança.

O Warner está sempre ausente durante o dia.

De vez em quando, olho para as portas do elevador, com a secreta esperança de que se abram, depositando-o novamente nesta sala.

Por vezes, ele aparece por um bocado — sobe para a bicicleta ou faz uma corrida rápida — mas, na maioria das vezes, não está.

Só o vejo realmente de manhã, no seu treino matinal, e à noite, quando faz outra ronda de cardio. O fim da noite é a minha parte preferida do dia. É quando nos sentamos os nove e falamos sobre os nossos progressos. O Winston e o Brendan estão a sarar, eu estou a ficar mais forte e o Warner conta-nos se houve novos desenvolvimentos por parte dos civis, dos soldados ou do Restabelecimento — até agora, continua tudo calmo.

Depois, volto com o Warner para os aposentos dele, onde tomamos banho e vamos para quartos separados. Eu durmo na cama dele. Ele dorme no sofá do escritório.

Todas as noites digo a mim mesma que vou ser suficientemente corajosa para lhe bater à porta, mas nunca o fiz.

Ainda não sei o que dizer.

✧

O Kenji puxa-me o cabelo.

— Ai... — recuo, fazendo uma careta. — O que se passa contigo?

— Hoje levaste com mais força com o pau da estupidez.

— O quê? Pensava que tinhas dito que estava a ir bem...

— E estás. Mas estás distraída. Continuas a olhar para o elevador como se te fosse conceder três desejos.

— Oh — digo. Desvio o olhar. — Certo. Desculpa.

— Não peças desculpa — Suspira. Franze um pouco o sobrolho. — Afinal, que raio se passa entre vocês? Quero mesmo saber?

Suspiro. Deito-me nos tapetes.

— Não faço ideia, Kenji. Ele é quente e frio. — Encolho os ombros. — Acho que está tudo bem. Só preciso de um pouco de espaço por agora.

— Mas gostas dele? — pergunta o Kenji, e ergue uma sobrancelha.

Não digo nada. Sinto a cara quente.

Ele revira os olhos.

— Sabes, nunca pensei que o Warner pudesse fazer-te feliz.

— Pareço-te feliz? — contraponho.

— Bem visto — suspira. — Só estou a dizer que parecias sempre tão feliz com o Kent. Isto é um bocado difícil de processar — hesita. Esfrega a testa. — Bem. Na verdade, eras muito mais estranha quando estavas com o Kent. Super chorona. E tão

dramática. E choravas. Toda. A. Maldita. Hora. — Faz uma careta. — Jesus. Não consigo decidir qual deles é o pior.

— Achas que *sou* dramática? — questiono, de olhos arregalados. — Ao menos conheces-te minimamente?

— Eu não sou dramático, está bem? Apenas a minha presença atrai um certo tipo de atenção...

Eu bufo.

— Ei — diz ele, apontando para a minha cara. — Só estou a dizer que já não sei em que acreditar. Já andei neste carrossel. Primeiro o Adam. Agora o Warner. Na próxima semana vais tentar engatar-me.

— Gostavas mesmo que isso fosse verdade, não gostavas?

— Esquece — corta ele, e desvia o olhar — Nem sequer gosto de ti.

— Achas que sou bonita.

— Acho que estás a delirar.

— Nem sequer sei o que isto é, Kenji. — Olho-o nos olhos. — O problema é esse. Não sei como o explicar e não tenho a certeza de compreender a sua profundidade. Só sei que, seja o que for, nunca o senti com o Adam.

O Kenji fica de olhos arregalados, surpreendido e assustado. Não diz nada por um segundo. Solta um suspiro.

— A sério?

Aceno com a cabeça.

— A sério, a sério?

— Sim — digo. — Sinto-me tão... *leve*. Como se pudesse... Não sei... — Perco-me. — É como se sentisse que, pela primeira vez na vida, vou ficar bem. Que vou ser forte.

— Mas isso parece que vem de ti — diz ele. — Não tem nada que ver com o Warner.

— Isso é verdade. Mas, por vezes, as pessoas também nos podem pesar. E sei que o Adam não o queria fazer, mas estava a pesar-me. Éramos duas pessoas tristes presas uma à outra.

— Hum. — O Kenji inclina-se para trás, sobre as mãos.

— Estar com o Adam era sempre ensombrado por algum tipo de dor ou dificuldade — explico-lhe. — E ele era sempre tão sério. Era intenso de uma forma que às vezes me deixava completamente exausta. Estávamos sempre a esconder-nos, a esgueirar-nos, ou a fugir, e nunca encontrávamos momentos suficientes para estarmos juntos. Era quase como se o universo estivesse a tentar dizer-me que estava a esforçar-me demasiado para que as coisas funcionassem.

— O Kent não era assim tão mau, J. — Ele franze o sobrolho. — Não lhe estás a dar o devido crédito. Tem agido de forma um bocado parva ultimamente, mas é bom tipo. Tu sabes que é. Esta merda está a ser muito dura para ele.

— Eu sei. — Suspiro, de alguma forma, triste. — Mas este mundo continua a desmoronar-se. Mesmo que ganhemos esta guerra, vai tudo ficar muito, muito pior antes de melhorar. — Faço uma pausa. Olho fixamente para as minhas mãos. — E acho que as pessoas se tornam quem realmente são quando as coisas ficam difíceis. Já vi isso em primeira mão. Comigo, com os meus pais, até com a sociedade. E sim, o Adam é bom rapaz. É mesmo. Mas só por ser um bom rapaz não faz dele o rapaz certo para mim.

Levanto a cabeça.

— Agora estou tão diferente. Já não sou a pessoa certa para ele e ele não é a pessoa certa para mim.

— Mas ainda te ama.

— Não — digo. — Não ama.

— Essa é uma acusação muito pesada.

— Não é uma acusação — digo. — Um dia o Adam vai perceber que o que sentia por mim era apenas um desespero louco. Éramos duas pessoas que precisavam mesmo de alguém a quem se agarrar e tínhamos um passado que nos fazia parecer tão compatíveis. Mas não era suficiente. Porque se fosse, eu não teria sido capaz de me afastar tão com tanta facilidade. — Baixo os olhos, a voz. — O Warner não me seduziu, Kenji. Não me roubou. Eu só.... Cheguei a um ponto em que tudo mudou para mim. Tudo o que achava que sabia sobre o Warner estava errado. Tudo aquilo em que acreditava sobre mim mesma estava errado. E sabia que eu *mesma* estava a mudar. Queria seguir em frente. Queria estar zangada e gritar pela primeira vez na minha vida, mas não conseguia. Não queria que as

peessoas tivessem medo de mim, por isso tentava calar-me e desaparecer, na esperança de que isso as deixasse mais à vontade. Mas odeio ter-me deixado ser tão passiva durante toda a minha vida e vejo agora como as coisas poderiam ter sido diferentes se tivesse tido fé em mim mesma quando foi preciso. Não quero voltar a isso — digo-lhe. — Não voltarei. Nunca mais.

— Não tens de o fazer — diz o Kenji. — Porque é que o farias? Não acho que o Kent quisesse que fosses passiva.

Encolho os ombros.

— Ainda me pergunto se ele quer que eu seja a rapariga por quem se apaixonou. A pessoa que era quando nos conhecemos.

— E isso é mau?

— Já não *sou* assim, Kenji. Ainda te pareço aquela rapariga?

— Como é que queres que saiba?

— Tu *não* sabes — digo, exasperada. — É por isso que não compreendes. Não sabes como eu era. Não sabes como era a minha cabeça. Eu vivia num lugar muito escuro. Não estava segura na minha própria mente. Acordava todas as manhãs com esperança de morrer e depois passava o resto do dia a pensar se já não estaria morta, porque nem sequer conseguia saber a *diferença* — digo, de forma mais dura do que pretendia. — Tinha uma ligeira esperança e agarrava-me a ela, mas a maior parte da minha vida era passada à espera de ver se alguém teria pena de mim.

O Kenji está apenas a olhar para mim, com os olhos semicerrados.

— Não achas que percebi — digo-lhe, agora mais zangada — que, se me tivesse deixado enlouquecer há muito tempo, teria descoberto que tinha força para destruir aquele asilo com as minhas próprias mãos?

O Kenji até estremece.

— Não achas que penso nisso a toda a hora? — pergunto-lhe, com a voz a tremer. — Não achas que me *mata* saber que foi a minha própria falta de vontade de me reconhecer como ser humano que me manteve presa durante tanto tempo? Durante 264 dias, Kenji — digo, e engulo em seco. — Estive durante 264 dias lá dentro e, durante esse tempo todo, tinha o poder de me libertar e

não o fiz, porque não fazia ideia de que o conseguiria fazer. Porque nem sequer tentei. Deixei que o mundo me ensinasse a odiar-me. Fui covarde e precisei que alguém me dissesse que valia alguma coisa antes de dar qualquer passo por mim mesma para me salvar.

»Isto não é sobre o Adam ou o Warner — continuo. — É sobre mim e o que quero. Trata-se de saber finalmente onde quero estar daqui a dez anos. Porque vou estar viva, Kenji. Vou estar viva daqui a dez anos e vou ser feliz. Vou ser forte. E já não preciso que ninguém me diga isso. Sou suficiente e sempre serei.

Estou a respirar com dificuldade, a tentar acalmar o coração.

O Kenji está a olhar para mim, um pouco aterrorizado.

— Quero que o Adam seja feliz, Kenji, quero mesmo. Mas eu e ele acabaríamos como água que não vai a lado nenhum.

— Como assim?

— Água que não corre — digo-lhe. — É boa por um tempo. Podes bebê-la e ela sustenta-te. Mas, se ficar muito tempo parada, estraga-se. Torna-se velha. Tóxica. — Abano a cabeça. — Eu preciso de ondas. Preciso de cascatas. Quero correntes rápidas.

— Bolas — diz o Kenji. Ri-se, nervoso, e coça a nuca. — Acho que devias escrever esse discurso, princesa. Porque vais ter de lhe dizer tudo isso sozinha.

— O quê? — Sinto-me ficar tensa.

— Sim. — Ele tosse. — O Adam e o James vêm cá amanhã.

— O quê? — Suspiro.

— Pois. Estranho, não é? — Ele tenta rir-se. — Tãooo constrangedor.

— Mas porquê? Porque é que ele viria cá? Como é que sabes?

— Eu, hum, a modos que tenho voltado lá? — Aclara a garganta.

— Para, sabes, ver como eles estão. Principalmente o James. Estás a ver. — Desvia o olhar. Olha em volta.

— Para os ver?

— Sim. Só para ter a certeza de que estão bem. — Ele acena com a cabeça para o nada. — Tipo, disse-lhe que tínhamos um

plano muito bom — diz, apontando para mim. — Graças a ti, claro. Um plano mesmo espetacular. Por isso. E disse-lhe que a comida era boa — acrescenta. — E os duches, quentes. Assim, ficou a saber que o Warner não nos deixou na mão nem nada do género. E sim, sabes, outras coisas...

— Que outras coisas? — pergunto, agora desconfiada. — O que. lhe disseste?

— Hum? — Ele está distraído com a bainha da camisa, a puxá-la.

— *Kenji*.

— Okay, ouve — diz, com as duas mãos no ar. — Só não te zangues, está bem?

— Já estou a ficar...

— Eles iam morrer lá fora. Não podia deixá-los ficar naquele sítio de merda sozinhos, especialmente o James... e muito menos agora que temos um plano sólido...

— O que lhe disseste, Kenji?

A minha paciência está a esgotar-se.

— Talvez — diz-me ele, afastando-se — talvez lhe tenha dito que és uma pessoa calma, racional e muito simpática que não gosta de magoar as pessoas, acima de todas o teu amigo muito bonito Kenji.

— Raios, Kenji, diz-me o que lhe...

— Preciso de um metro e meio — diz ele.

— O quê?

— Um metro e meio. De espaço. Entre nós.

— Eu dou-te o metro e meio.

Ele engole em seco, com dificuldade.

— Okay, bom, talvez... talvez lhe tenha dito... que... hum, tinhas saudades dele. Muitas.

Quase caio para trás, abalada com o impacto destas palavras.

— Fizeste o quê? — A minha voz desce até se tornar num sussurro.

— Foi a única maneira de o trazer cá, está bem? Ele pensava que estavas apaixonada pelo Warner e o orgulho é uma *questão* tão importante para ele...

— Que raio se passa contigo? — grito. — Eles vão *matar-se* um ao outro!

— Esta pode ser a oportunidade de fazerem as pazes. Depois podemos ser todos amigos, tal como tu querias...

— Oh, meu Deus — digo, e passo a mão pelos olhos. — Estás *louco*? Porque é que fizeste isso? Vou ter de lhe partir o coração outra vez!

— Pois, sabes, estava a pensar que talvez pudesses fingir, tipo, *não* estar interessada no Warner? Só até depois desta guerra acabar? Porque isso tornaria as coisas um pouco menos stressantes. E assim todos nos daríamos bem e o Adam e o James não morreriam lá fora sozinhos. Percebes? Final feliz.

Estou tão furiosa que até tremo.

— Disseste-lhe mais qualquer coisa, não foi? — questiono-o, a semicerrar os olhos. — Disseste-lhe mais alguma coisa. Sobre mim. *Não foi?*

— O quê? — Ele começa a recuar. — Eu não...

— Foi só isso que lhe disseste? — pergunto. — Que tenho saudades dele? Ou também lhe disseste mais alguma coisa?

— Oh. Bom, agora que falas nisso, sim, hum, posso ter-lhe dito, hum, que ainda estás apaixonada por ele?

O meu cérebro está a gritar.

— E... que talvez estejas sempre a falar dele? E talvez lhe tenha dito que choras muito por causa das saudades que tens dele. Talvez. Não sei, falámos de muitas coisas, por isso...

— Vou MATAR-TE...

— Não — diz ele, a apontar para mim enquanto recua uma vez mais. — Juliette, má. Tu não gostas de matar pessoas, lembras-te? És contra isso, lembras-te? Gostas de falar de sentimentos e de arco-íris...

— Porquê, Kenji? — Deixo cair a cabeça nas mãos. — Porquê? Porque é que lhe mentiste?

— Porque sim — responde ele, frustrado. — Isto é uma *treta*. Anda toda a gente a morrer neste mundo. Toda a gente perdeu as suas casas, as suas famílias... tudo o que alguma vez amou. E tu e o Kent deviam ser capazes de resolver o vosso estúpido drama de liceu como dois adultos. Não devíamos ter de nos perder uns aos outros desta maneira. Já perdemos quase todos — diz, agora zangado. — Eles estão vivos, J. Ainda estão vivos. — Ele olha para mim, com os olhos a brilhar de uma emoção mal contida. — Isso é razão suficiente para tentar mantê-los na minha vida. — Desvia o olhar e baixa o tom de voz. — Por favor. Isto é uma grande merda. Isto tudo. Sinto-me como se fosse um miúdo apanhado no meio de um divórcio. E não queria mentir-lhe, está bem? Não queria. Mas pelo menos convenci-o a voltar. E talvez, quando ele chegar, queira ficar.

Olho-o fixamente.

— Quando é que eles chegam?

O Kenji demora-se um pouco a respirar fundo.

— Vou buscá-los de manhã.

— Sabes que vou contar ao Warner, certo? Sabes que não podes simplesmente mantê-los aqui e torná-los invisíveis.

— Eu sei.

— Está bem. — Estou tão furiosa que já nem sei o que dizer. Nem sequer consigo olhar para ele neste momento.

— Então... — diz ele. — Foi uma boa conversa, não?

Viro-me. A minha voz é mortalmente suave, tenho a cara a centímetros da dele.

— Se eles se matarem — digo-lhe — parto-te o pescoço.

— Raios, princesa. Quando é que te tornaste tão violenta?

— Não estou a brincar, Kenji. Eles já tentaram matar-se um ao outro e quase conseguiram. Espero que não te tenhas esquecido desse pormenor quando estavas a fazer os teus planos felizes de arco-íris. — Olho bem para ele. — Isto não é apenas a história de dois gajos que não gostam um do outro. Eles querem-se *mortos*.

O Kenji suspira. Olha para a parede.

— Vai correr tudo bem — assegura. — Havemos de arranjar

uma solução.

— Não. *Tu* vais conseguir encontrar uma solução.

— Não podes tentar ver as coisas da minha perspetiva? — pergunta ele. — Não vês que seria muito melhor para nós estarmos todos juntos? Não resta mais ninguém, J. Somos só nós. Não devíamos ter de sofrer todos só porque tu e o Kent já não andam enrolados. Não devíamos viver assim.

Fecho os olhos. Suspiro profundamente e tento acalmar-me.

— E vejo — digo, mais calma. — Percebo o teu ponto de vista. Percebo mesmo. E adoro-te por queres que fiquemos todos bem, por cuidares de mim e por queres que eu e o Adam voltemos a ficar juntos. Sei aquilo por que estás a passar neste momento. E lamento imenso, Kenji. A sério. Sei que isto não é fácil para ti. Mas também é por isso que não percebo o porquê de os forçares a terem de estar no mesmo sítio. Queres pô-los na mesma sala. Num espaço confinado. Pensava que *não* querias que morressem.

— Acho que estás a ser um pouco pessimista em relação a isto.

— Bolas, Kenji! — Abro os braços, exasperada, e nem sequer percebo o que fiz até ouvir um estrondo. Olho na direção do som. Consegui deitar abaixo uma prateleira inteira de pesos. Do outro lado da sala.

Sou uma catástrofe ambulante.

— Preciso de me acalmar — digo, e tento moderar a voz. — Volto para te rapar a cabeça enquanto dormes.

Pela primeira vez, ele parece genuinamente aterrorizado.

— Não o farias.

Dirijo-me para a parede oposta. Carrego no botão do elevador.

— Tens o sono pesado, certo?

— Isso não tem piada, J. Nem um bocadinho...

O elevador abre-se. Eu entro.

— Boa noite, Kenji.

Ainda o ouço a gritar para mim quando as portas se fecham.

QUARENTA

O Warner está no duche quando volto ao quarto.

Olho de relance para o relógio. Esta é a hora a que ele costuma ir para as salas de treino; normalmente encontro-me com ele lá para a nossa sessão noturna.

Em vez disso, caio de cara na cama.

Não sei o que vou fazer.

O Adam vai aparecer cá amanhã a pensar que ainda quero estar com ele. Não quero ter de me afastar outra vez, de ver a mágoa nos olhos dele. Não o quero magoar. Não quero mesmo. Nunca quis.

Vou *matar* o Kenji.

Enfio a cabeça debaixo das almofadas, empilho-as sobre mim e aperto-as em volta das orelhas até conseguir isolar-me do mundo. Não quero pensar nisto agora. Logo agora. Porque é que as coisas têm de ser sempre tão complicadas? *Porquê?*

Sinto uma mão nas costas.

Levanto-me, as almofadas voam por todo o lado e fico tão estupidamente assustada que acabo por cair da cama. Uma almofada cai e bate-me na cara.

Solto um grunhido e aperto a almofada junto ao peito. Encosto a testa à almofada macia e fecho os olhos. Nunca tive uma dor de cabeça tão forte.

— Juliette? — Uma voz hesitante. — Estás bem?

Baixo a almofada. Pestanejo.

O Warner está enrolado numa toalha.

Numa *toalha*.

Apetece-me rebolar para debaixo da cama.

— O Adam e o James vêm cá amanhã — digo-lhe eu, sem rodeios. Digo-o simplesmente, sem mais nem menos.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Não sabia que tinham recebido um convite.

— O Kenji vai trazê-los. Tem saído às escondidas para ir ver como estão e agora vai trazê-los para cá. Amanhã de manhã.

O rosto do Warner tem uma expressão cuidadosamente neutra e a voz não soa afetada. Podia estar a falar sobre a cor das paredes.

— Pensava que ele já não estava interessado em juntar-se à vossa resistência.

Por um momento, nem consigo acreditar que ainda estou no chão, agarrada a uma almofada e a olhar para o Warner, que tem uma toalha enrolada e nada mais. Não consigo levar-me a sério.

— O Kenji disse ao Adam que ainda estou apaixonada por ele. Aqui está.

Um lampejo de raiva. Dentro e fora. O olhar dele incendeia-se e desvanece. Ele olha para a parede e fica um momento em silêncio.

— Estou a ver. — A voz é calma, controlada.

— Ele sabia que era a única maneira de o trazer para cá.

O Warner não diz nada.

— Mas não estou, sabes. Apaixonada por ele. — Fico surpreendida com a facilidade com que as palavras me saem dos lábios e ainda mais surpreendida por sentir a necessidade de as dizer em voz alta. De precisar de tranquilizar o Warner, acima de tudo. — Eu preocupo-me com o Adam — digo-lhe — da mesma forma com que me preocupo sempre com as poucas pessoas que foram boas para mim, mas tudo o resto... desapareceu.

— Percebo — diz ele.

Não acredito nele.

— Então, o que queres fazer? — pergunto. — Sobre amanhã? Sobre o Adam?

— O que achas que deve ser feito?

Suspiro.

— Vou ter de falar com ele. Vou ter de acabar com ele pela terceira vez — digo, e volto a soltar um gemido. — Isto é tão estúpido. Tão *estúpido*.

Então, largo a almofada. Deixo cair os braços ao longo do

corpo.

Mas, quando olho para cima de novo, o Warner desapareceu.

Sento-me direita, alerta. Olho em volta.

Ele está ao canto, a vestir um par de calças.

Tento não olhar enquanto subo de novo para a cama.

Descalço os sapatos, afundo-me debaixo dos cobertores e enterro-me nas almofadas até ficar com a cabeça bem debaixo delas. Sinto o peso mudar na cama e percebo que o Warner deve estar sentado ao meu lado. Ele tira uma das almofadas da minha cabeça. Inclina-se para mim. Os nossos narizes ficam a poucos centímetros de distância.

— Não o amas de todo? — pergunta.

A minha voz está a armar-se em estúpida.

— Romanticamente?

Ele acena com a cabeça.

— Não.

— Não te sentes atraída por ele?

— Sinto-me atraída por ti.

— Estou a falar a sério — assegura.

— Eu também. — Ele fica a olhar para mim. Pestaneja, uma vez.

— Não acreditas em mim? — questiono. Ele desvia o olhar. — Não dá para perceber? — pergunto-lhe. — Não o consegues sentir?

E, ou estou a perder o juízo, ou ele acabou de corar.

— Tu dás-me demasiado crédito, querida. — Tem o olhar focado no cobertor e fala com palavras suaves. — Vou desiludir-te. Sou o ser humano defeituoso que pensas que não sou.

Sento-me. Olho bem para ele.

— És tão diferente — sussurro. — Tão diferente e és exatamente o mesmo.

— Que queres dizer com isso?

— Agora és tão carinhoso. És muito... calmo — digo-lhe. — Muito mais do que eras.

Ele não diz nada durante bastante tempo. Depois levanta-se.

Quando fala, já é num tom brusco:

— Sim, bom, tenho a certeza de que tu e o Kishimoto vão encontrar uma maneira de resolver esta situação. Com licença.

E depois vai-se embora. Outra vez.

Já não sei o que esperar dele.

QUARENTA E UM

O Adam já cá está.

O Warner não tinha interesse nenhum em lidar com ele. Por isso, foi tratar do seu dia e dos seus afazeres, tendo faltado ao treino matinal.

E agora estou aqui.

Acabo de sair do elevador e o som do *plim* que assinala a abertura das portas alertou toda a gente para a minha presença. O Adam estava a um canto, a falar com o James. Agora está a olhar para mim.

É estranho o que sinto quando olho para ele agora. Não sinto qualquer emoção extrema. Nenhum excesso de felicidade ou tristeza. Não me sinto chateada. Nem radiante. O seu rosto é-me familiar; o corpo também. Tal como o sorriso instável, quando olha para mim.

É estranho podermos passar de amigos a inseparáveis, depois odiarmo-nos e agora ser-me indiferente, tudo numa só vida.

— Olá. — Digo.

— Olá. — Ele desvia o olhar.

— Olá, James! — Sorrio.

— Olá! — Ele acena, animado. Está mesmo ao lado do Adam, com os olhos a brilhar, visivelmente entusiasmado por estar de novo entre nós. — Este sítio é tão fixe.

— Pois é — concordo. — Já conseguiste tomar um duche? A água aqui é quente.

— Oh, certo — diz ele, agora de forma tímida. — O Kenji falou-me disso.

— Não queres experimentar o duche? O Delalieu está quase a trazer o almoço. Tenho a certeza de que o Brendan te pode mostrar o balneário e dizer-te onde pões as tuas coisas. Podes escolher o teu próprio cacifo — digo-lhe e olho de relance para o Brendan. Ele

acena com a cabeça, percebe a dica e levanta-se de imediato.

— A sério? — diz o James. — Isso é tão fixe. Então eles trazem a comida até nós? E podemos tomar banho quando quisermos? Temos horário de recolher obrigatório?

— Sim, sim e não — responde-lhe o Brendan. Depois pega-lhe na mão e no seu pequeno saco. — Podemos ficar acordados até às horas que quisermos — diz-lhe ele. — Talvez depois do jantar te mostre como usar as bicicletas daqui — continua ele, o volume da sua voz começa a diminuir num eco ao desaparecer com o James nos balneários.

Assim que o James sai de cena, todos na sala parecem respirar de alívio.

Eu reúno as minhas forças. Dou um passo em frente.

— Lamento imenso — diz primeiro o Adam e atravessa a sala na minha direção. — Não fazes ideia...

— Adam — interrompo, inquieta. Nervosa. Tenho de o dizer e é agora. — O Kenji mentiu-te.

Ele para. Congela.

— Não tenho andado a chorar por ti — digo, com dúvidas se será possível dizer-lhe isto sem o humilhar ou sem lhe partir o coração. Sinto-me um monstro. — E estou muito, mesmo muito feliz por estares aqui, mas acho que já não devemos estar juntos.

— Oh — diz ele. Balança sobre os calcanhares e baixa o olhar.

Depois passa as duas mãos pelo cabelo. — Certo.

Pelo canto do olho, vejo o Kenji a olhar para mim. Está a acenar com a mão, a tentar chamar a minha atenção, mas ainda estou demasiado zangada com ele. Não quero falar com ele até ter resolvido isto.

— Adam — digo. — Lamento...

— Não — agora interrompe ele, levantando a mão para me impedir de continuar. Parece atordoado, mais ou menos. Estranho. — Está tudo bem. A sério. Já sabia que me ias dizer isso. — Ri-se um pouco, mas constrangido. — Pensava que sabê-lo de antemão faria com que se parecesse muito menos como um murro no estômago. — Ele faz um careta. — Mas não. Dói na mesma como o caraças. —

Encosta-se à parede. Desliza para o chão.

Não olha para mim.

— Como é que sabias? — pergunto. — Como é que sabias o que eu ia dizer?

— Eu disse-lhe antes de chegares — diz o Kenji, dando um passo em frente. Fala com um olhar penetrante. — Abri o jogo. Contei-lhe o que falámos ontem. Tudo o que disseste.

— Então como é que ele ainda está aqui? — insisto, pasmada. Viro-me para o Adam. — Pensava que tinhas dito que não querias voltar a ver-me.

— Nunca devia ter dito isso. — O Adam ainda está a olhar para o chão.

— Então... ficas bem? — pergunto-lhe. — Com o Warner?

Ele olha para cima com um ar meio enojado, tão diferente de repente.

— Estás doida? Quero enfiar-lhe a cabeça numa parede.

— Então porque é que ainda estás aqui? — volto a questionar. — Não percebo...

— Porque não quero *morrer* — diz-me ele. — Porque tenho dado voltas à cabeça para tentar descobrir como alimentar o meu irmão mais novo e não consegui encontrar solução. Porque está um frio dos diabos lá fora e ele tem fome, porque a nossa eletricidade vai ser cortada em breve. — Ele respira com dificuldade. — Não sabia mais o que fazer. Então aqui estou, com o orgulho na sarjeta, à espera de poder ficar na casa de solteiro do *namorado* novo da minha ex-namorada, com vontade de me matar. — Engole em seco. — E não me importo de sofrer com isso, se significar que o James fica a salvo. Mas, neste momento, ainda estou à espera que o idiota do teu namorado apareça e tente matar-me.

— Ele não é meu namorado — digo, com calma. — E não te vai matar. Nem sequer se importa que estejas aqui.

O Adam ri-se alto.

— Tretas — diz.

— Estou a falar a sério.

Ele levanta-se. Estuda-me os olhos.

— Estás a dizer-me que posso ficar aqui, nesta sala que é dele, a comer a comida dele e que ele vai simplesmente *deixar*? — Ele fala de olhos arregalados, incrédulos. — Continuas a não perceber esse gajo. Ele não funciona como pensas, Juliette. Não pensa como um ser humano normal. É um maldito sociopata. E tu és mesmo louca, se achas que não há qualquer problema em estares com alguém assim.

Vacilo, sinto-me picada.

— Toma muito cuidado com a forma como falas comigo, Adam. Não vou tolerar os teus insultos de novo.

— Nem sequer consigo acreditar nisto — diz ele. — Não posso acreditar que consigas tratar-me desta maneira. — O rosto dele está retorcido em algo tão intenso e hediondo.

Fúria.

— Não estou a tentar magoar-te...

— Talvez devesse ter-te lembrado disso antes de te atirares para os braços de um psicopata!

— Acalma-te, Kent — Ouço o aviso firme do Kenji, vindo do canto da sala. — Pensava que tinhas dito que ias saber comportar-te.

— E sou — diz ele, com a voz a subir e os olhos a arder. — Sou um santo do carças. Não conheço mais ninguém que pudesse ser tão generoso como estou a ser neste momento. — Ele olha de volta para mim. — Mentiste-me durante todo o tempo que estivemos juntos. Andavas a trair-me...

— Não, não andei.

— Esta merda não acontece de um dia para o outro — grita ele. — Ninguém se apaixona por alguém assim...

— Nós estamos *falados*, Adam. Não vou voltar a fazer isto. És bem-vindo aqui — digo-lhe. — Especialmente por causa do James. Mas não podes ficar e continuar a insultar-me. Não tens esse direito.

Ele contrai o maxilar. Pega nas suas coisas. E sai disparado para os balneários.

QUARENTA E DOIS

— Vou matar-te.

— Ele não estava assim quando o ia visitar — diz-me o Kenji.
— Juro. Estava bem. Estava só *triste*.

— Pois, é óbvio que ver a minha cara não lhe traz recordações felizes.

O Kenji suspira. Desvia o olhar.

— Peço muitas desculpas — diz. — Juro. Mas ele não mentiu, J. Eles estavam reduzidos a quase nada da última vez que lá fui. O Kent disse-me que metade das provisões se estragaram porque não se tinha apercebido de que a explosão partiu algumas das prateleiras da arrecadação. Alguns frascos abriram-se e aquilo ficou cheio de ratos que lhe comeram os mantimentos. E estavam sozinhos lá fora. Está um frio dos diabos e não fazes ideia como foi deprimente vê-los assim, e o James...

— Eu percebo, Kenji. — Solto um suspiro. Sento-me no chão.
— A sério que percebo.

Olho para cima, olho à volta. Estão todos ocupados com algum tipo de tarefa. A correr, a desenhar, a treinar ou a levantar pesos. Acho que estamos todos exaustos deste drama. Já ninguém quer lidar mais com isto.

O Kenji senta-se à minha frente.

— Ele não pode continuar a tratar-me assim — digo, finalmente. — E não vou continuar a ter a mesma conversa com ele.
— Levanto a cabeça. — Trouxeste-o para cá. Ele é da tua responsabilidade. Faltam três semanas para iniciarmos o plano, já estamos muito, muito perto. Preciso de conseguir vir para aqui e treinar todos os dias, mas não quero ter de me preocupar se ele se vai passar comigo.

— Eu sei — diz ele. — Eu sei.

— Ótimo.

— Ei, então e estavas a falar a sério? — pergunta ele. —

Quando disseste que o Warner não se importa que ele fique?

— Estava. Porquê?

O Kenji ergue as sobrancelhas.

— Isso é... estranho.

— Um dia — garanto — vais perceber que o Warner não é tão louco como pensas.

— Sim. Ou talvez um dia sejamos capazes de reprogramar esse chip na tua cabeça.

— Cala-te — rio-me e afasto-o com um empurrão ligeiro.

— Muito bem. Vamos lá. Está na hora de trabalhar.

QUARENTA E TRÊS

A Alia desenhou-me um fato novo.

Estamos sentados nos tapetes, como fazemos sempre ao fim da tarde, e neste momento ela está a mostrar-nos os desenhos.

Nunca a tinha visto tão animada.

Fala com mais confiança sobre o conteúdo do seu caderno de esboços do que sobre o tempo. Fala de forma rápida e fluida, descreve os pormenores e as dimensões, até mesmo quais os materiais de que vamos precisar para o fazer.

É feito de carbono.

Fibras de carbono, para ser mais precisa. Ela explicou que as fibras de carbono são tão fortes e abrasivas que têm de ser unidas a algo muito flexível para poderem ser usadas, por isso está a pensar experimentar vários materiais diferentes. Algo sobre polímeros. E qualquer coisa sintética. E uma série de outras palavras que não percebi bem. Os seus esboços mostram como as fibras de carbono são literalmente entrelaçadas num tecido, criando um material durável e leve que servirá como uma base mais forte para o que eu preciso.

A ideia dela foi inspirada nas soqueiras que me fez.

Disse que inicialmente queria que o fato fosse feito de milhares de peças de bronze, mas depois percebeu que nunca teria as ferramentas necessárias para fazer pecinhas tão finas como gostaria e, portanto, o fato ficaria demasiado pesado. Mas isto soa igualmente fantástico.

— Vai complementar e aumentar-te a força — diz-me ela. — As fibras de carbono irão dar-te um nível de proteção adicional; não se danificam facilmente, por isso vais poder mover-te com maior liberdade em diferentes terrenos. E, quando estiveres num ambiente perigoso, lembra-te de te manteres sempre num estado de *electricum*; dessa forma, o teu corpo tornar-se-á praticamente indestrutível.

— Como assim...? — desvio o olhar dela para o Castle, em

busca de esclarecimento. — Como é isso possível?

— Porque — explica a Alia — da mesma forma que consegues partir betão sem te magoares, também deves conseguir aguentar um ataque... de uma bala, por exemplo... sem te magoares. — Sorri. — Os teus poderes tornam-te funcionalmente invencível.

Uau.

— Este fato é mais uma precaução do que qualquer outra coisa — continua. — No passado vimos que consegues, de facto, danificar a tua pele se não controlares totalmente o teu poder. Quando partiste o chão nas salas de pesquisa, pensámos que tinha sido a enormidade do ato a magoar-te. Mas, depois de examinarmos melhor a situação e as tuas capacidades, eu e o Castle achámos que foi uma dedução incorreta.

— As nossas energias nunca são inconsistentes — intervém o Castle, acenando com a cabeça para a Alia. — Elas seguem um padrão, uma precisão quase matemática. Se não ficou ferida ao atravessar uma parede de betão, significa que não se pôde ferir ao partir o chão, nem continuar a não ficar ferida, depois de o ter feito pela segunda vez. — Ele olha para mim. — Os seus ferimentos têm que ver com o facto de conseguir manter a sua capacidade. Se alguma vez perder o *electricum*, se o reduzir nem que seja por um momento, ficará vulnerável. Lembre-se de estar sempre *ligada*. Se o fizer, não poderá ser derrotada.

— Odeio-te tanto neste momento — murmura o Kenji por baixo de um suspiro. — Funcionalmente invencível uma ova.

— Estás com inveja? — Sorrio-lhe.

— Nem sequer consigo olhar para ti.

— Não te devias surpreender. — O Warner acaba de entrar.

Viro-me e vejo que se dirige para o nosso grupo, com um sorriso ligeiro para ninguém em particular. Senta-se à minha frente. Olha-me nos olhos e diz:

— Sempre soube que os teus poderes, uma vez aproveitados, seriam inigualáveis.

Estou a tentar respirar.

Ele acaba por quebrar o contacto visual comigo para olhar à volta pela sala.

— Boa noite a todos — diz. Faz um aceno com a cabeça para o Castle. Uma forma especial de reconhecimento.

O Adam também tem a sua própria forma especial de reconhecimento. Olha para o Warner com um ódio intenso e descarado, como se o quisesse mesmo matar e, de repente, sinto-me mais ansiosa do que durante todo o dia. Olho para um, depois para o outro e vice-versa e não sei que fazer. Não sei se algo está prestes a acontecer e estou tão desesperada para que as coisas sejam civilizadas que...

— Olá — diz o James, tão alto que nos assusta a todos. Está a falar para o Warner. — O que estás a fazer aqui?

O Warner ergue uma sobrancelha.

— Eu vivo aqui.

— Esta é a tua *casa*? — pergunta a criança.

Estranho. Gostava de saber o que o Adam e o Kenji lhe disseram sobre o sítio para onde iam.

O Warner acena com a cabeça.

— De certa forma, sim — diz. — Serve de minha casa. Vivo lá em cima.

— Isso é tão fixe — comenta o James, a sorrir. — Este sítio todo é tão fixe. — Franze a testa. — Ei, mas eu pensava que era suposto nós odiarmos-te.

— *James* — intervém o Adam, lançando um olhar de aviso ao irmão.

— Que foi?

— És livre para me odiar — declara o Warner. — Se quiseres. Não me importo.

— Mas *devias* — discorda o James, surpreendido. — Eu ia ficar muito aborrecido se alguém me odiasse.

— És jovem.

— Tenho quase 12 anos.

— Disseram-me que tinhas 10.

— Eu disse *quase* 12. — O James revira os olhos. — Que idade tens?

Estamos todos a observá-los. A ouvi-los. Demasiado fascinados para desviarmos o olhar.

O Warner estuda o James. Leva o seu tempo a responder.

— Tenho 19 anos.

O James arregala os olhos.

— S6 tens mais um ano do que o Adam — diz. — Como é que tens tantas coisas bonitas se só és um ano mais velho que o Adam? Não conheço ninguém da tua idade que tenha coisas bonitas.

O Warner olha para mim. Olha de novo para o James. Volta a olhar para mim.

— Não há nada que queiras acrescentar a esta conversa, querida?

Abano a cabeça. A sorrir.

— Porque é que lhe chamas “querida”? Também já te ouvi dizer isso antes. Muitas vezes. Estás apaixonado por ela? Acho que o Adam está apaixonado por ela. Mas o Kenji não está apaixonado por ela. Já lhe perguntei.

O Warner apenas consegue pestanejar para ele.

— Então? — pergunta o James.

— Então o quê?

— Estás apaixonado por ela?

— E *tu*, estás apaixonado por ela?

— O quê? — O James fica corado. — Não. Ela é um milhão de anos mais velha do que eu.

— Alguém não se importa de assumir o controlo desta conversa? — sonda o Warner, olhando à volta para o grupo.

— Não respondeste à minha pergunta. Sobre o porquê de teres tantas coisas. Não estou a tentar ser mal-educado — diz o James. — A sério. Só estava a pensar. Nunca tinha tomado um duche de água quente. E tens tanta comida. Deve ser muito bom ter tanta comida a toda a hora.

Sem o esperar, o Warner estremece. Olha com mais atenção para o James.

— Não — diz, lentamente. — Não é nada terrível ter comida e

água quente a toda a hora.

— Então, vais responder à minha pergunta? Sobre onde arranjaste todas estas coisas?

O Warner suspira.

— Sou o comandante e regente do Setor 45 — responde ele. — Estamos numa base do exército, onde me compete supervisionar os nossos soldados e todos os civis que vivem nos complexos que os acompanham. Sou pago para viver aqui.

— Oh. — O James fica pálido num instante; parece ficar completamente aterrorizado. — Trabalhas para o Restabelecimento?

— Ei, está tudo bem, amigo — diz-lhe o Kenji. — Estás seguro aqui. Okay? Ninguém te vai fazer mal.

— Este é o tipo de gajo de que tu gostas, hum? — observa o Adam. — O tipo de gajo que aterroriza crianças?

— É um prazer voltar a ver-te, Kent. — O Warner está agora a olhar para o Adam. — Estás a gostar da tua estada?

O Adam parece lutar contra a vontade de dizer muitas coisas desagradáveis.

— Então trabalhas mesmo para eles? — volta o James a perguntar, as palavras saem-lhe apenas num sopro e mantém os olhos congelados no rosto do Warner. Está a tremer tanto que me parte o coração. — Tu trabalhas para o Restabelecimento?

O Warner hesita. Primeiro desvia o olhar, mas volta atrás.

— Teoricamente — diz. — Sim.

— Que queres dizer com isso?

O Warner olha para as mãos.

— O que queres dizer com *teoricamente*? — exige saber o James.

— Estás a perguntar — diz-lhe o Warner, com um suspiro — porque queres de facto um esclarecimento? Ou porque não sabes o que significa a palavra *teoricamente*?

O James hesita, o seu pânico dissolve-se em frustração. Então, irritado, faz uma careta.

— Está bem. O que significa *teoricamente*?

— Teoricamente, é suposto eu trabalhar para o Restabelecimento. Mas, obviamente, visto que estou a acolher um grupo de rebeldes nesta base militar que é propriedade do governo... nada menos que nos meus aposentos privados... e a sustentá-los para que possam derrubar o nosso regime atual, diria que não. Não trabalho, exatamente, para o Restabelecimento. Sou um traidor — diz ele ao James. — Um crime que é punível com a morte.

O James fica a olhar para ele durante muito tempo.

— É isso que significa *teoricamente*?

O Warner olha para a parede. Suspira de novo.

Eu retraio uma gargalhada.

— Espera, então tu não és o mau da fita — diz o James, de repente. — Estás do nosso lado, certo?

O Warner vira-se lentamente para lhe encontrar o olhar. Não diz nada.

— Então? — pergunta o James, impaciente. — Não estás do nosso lado?

O Warner pestaneja. Duas vezes.

— Parece que sim — diz, como se mal pudesse acreditar no que está a dizer.

— Talvez devêssemos voltar ao fato — interrompe o Castle. Está a olhar para o Warner com um sorriso triunfante. — A Alia passou muito tempo a desenhá-lo e sei que tem mais detalhes para partilhar.

— Sim — observa o Kenji, entusiasmado. — Isto tem um aspeto fantástico, Alia. Também quero um. Posso ter um?

Pergunto-me se serei a única pessoa que repara que o Warner tem as mãos a tremer.

QUARENTA E QUATRO

— Dá-me um soco.

O Warner está mesmo em frente a mim, com a cabeça inclinada para o lado. Estão todos a olhar para nós.

Abano a cabeça, depressa.

— Não tenhas medo, querida — diz-me. — Só quero que tentes.

Ele tem os braços relaxados ao lado do corpo. Está com uma postura tão casual. É sábado de manhã, o que significa que tem tempo livre da sua rotina diária de exercício físico. O que significa que, em vez disso, decidiu treinar comigo.

Volto a abanar a cabeça.

Ele ri-se.

— O teu treino com o Kenji é bom — comenta ele — mas isto é igualmente importante. Precisas de aprender a lutar. Tens de ser capaz de te defender.

— Mas eu sei defender-me. Sou suficientemente forte.

— Ter força é excelente, mas não vale de nada sem técnica. Se fores dominada, já não és *suficientemente* forte.

— Não creio que possa ser dominada — digo-lhe. — Nem por isso.

— Admiro a tua confiança.

— Bom, é verdade.

— Quando conhecestes o meu pai, na primeira vez — diz ele não foste dominada de início?

Sinto o meu sangue arrefecer.

— E, quando foste lutar depois de eu ter saído do Ponto Ómega, não foste dominada mais uma vez?

Cerro os punhos.

— E, mesmo depois de teres sido capturada — insiste ele,

muito calmo — o meu pai não foi capaz de te dominar mais uma vez?

Deixo cair a cabeça.

— Quero que sejas capaz de te defender — explica o Warner, com a voz agora suave. — Quero que aprendas a lutar. No outro dia, o Kenji tinha razão quando disse que não se pode simplesmente atirar a energia de um lado para o outro. Tens de ser capaz de te projetar com precisão. Os teus movimentos devem ser sempre deliberados. Tens de ser capaz de antecipar o teu adversário de todas as formas possíveis, tanto mental como fisicamente. A força é apenas o primeiro passo.

Levanto a cabeça, encontro-lhe os olhos.

— Agora, dá-me um murro.

— Não sei como — admito finalmente, envergonhada.

Ele esforça-se tanto para não sorrir.

— Estão à procura de voluntários? — ouço o Kenji perguntar. Ele aproxima-se. — Porque posso dar-te uma tarefa com todo o gosto, se a Juliette não estiver interessada.

— *Kenji* — grito, virando-me para trás. Semicerro os olhos.

— Que foi?

— Vá lá, querida — insiste o Warner. Não se deixa incomodar pelo comentário do Kenji, olha para mim como se mais ninguém existisse nesta sala. — Quero que tentes. Usa a tua força. Todo o poder que tens. E, depois, dá-me um murro.

— Tenho medo de te magoar.

Ele ri-se de novo. Olha para o lado. Morde o lábio ao esboçar outro sorriso.

— Não me vais magoar — diz. — Confia em mim.

— Porque vais absorver o poder?

— Não. Porque não vais *conseguir* magoar-me. Não sabes como o fazer.

Franzo o sobrolho, irritada.

— Muito bem.

Projeto o punho fechado no sentido que presumo ser o de um

munho. Mas o meu movimento é mole e vacilante e tão mau que, com a humilhação, quase desisto a meio.

O Warner agarra-me no braço. Olha-me nos olhos.

— Concentra-te. Imagina que estás aterrorizada. Estás encurralada. A lutar pela tua vida. *Defende-te* — exige.

Puxo o braço para trás com mais intensidade, pronta para tentar com mais força desta vez, quando ele me impede. Agarra-me no cotovelo. Sacode-o um pouco.

— Não estás a jogar basebol. Não precisas de te preparar para dar um murro e não precisas de levantar o cotovelo até à orelha. Não dês um aviso prévio ao teu adversário sobre aquilo que vais fazer. O impacto deve ser inesperado.

Tento de novo.

— A minha cara está ao centro, querida, aqui — diz ele, com um dedo a tocar o queixo. — Porque estás a tentar acertar no meu ombro?

Tento de novo.

— Melhor... controla o braço... mantém o punho esquerdo erguido... protege a cara.

Dou um murro forte, à traição, um golpe inesperado, apesar de saber que ele. não está preparado.

Os seus reflexos são demasiado rápidos.

Num instante, sinto a mão dele apertar-me o antebraço. Puxa-me com força pelo braço, primeiro para a frente, depois para baixo, fazendo-me desequilibrar na direção dele. Os nossos rostos estão a centímetros de distância.

Olho para ele, envergonhada.

— Isso foi giro — diz, pouco divertido, enquanto me solta. — Tenta outra vez.

É o que faço.

Ele bloqueia o meu murro com as costas da mão e bate no espaço mesmo por dentro do meu pulso para afastar o meu braço para o lado.

Tento de novo.

Com a mesma mão, agarra-me o braço no ar e puxa-me de novo para si. Depois inclina-se para se aproximar.

— Não deixes que ninguém te agarre os braços assim. Porque, no momento que conseguirem, vão poder controlar-te.

E, como que para o provar, usa o meu braço para me puxar para ele e depois empurra-me para trás, com força.

Não muita.

Mas ainda assim.

Começo a ficar irritada e ele percebe.

Sorri.

— Queres mesmo que te aleije? — questiono, com os olhos a brilhar.

— Acho que não consegues.

— Acho-te muito convencido em relação a isso.

— Prova-me que estou errado, querida. — Ele levanta uma sobrancelha. — Faz-me esse favor.

Invisto

Ele bloqueia.

Ataco de novo.

Ele bloqueia.

Os seus antebraços são feitos de aço.

— Pensava que isto era sobre murros — digo, esfregando os braços. — Porque continuas a bater-me nos antebraços?

— O teu punho não carrega a tua força. É apenas uma ferramenta.

Volto a tentar, mas vacilo no último instante, já a falhar-me a confiança.

Ele agarra-me o braço. Deixa-o cair.

— Se vais hesitar, fá-lo de propósito. Se vais magoar alguém, fá-lo de propósito. Se vais perder uma luta, fá-lo de propósito.

— Eu... não consigo fazer isto bem — admito. — Já tenho as mãos a tremer e os braços estão a começar a doer-me...

— Vê o que eu faço. Observa a minha postura.

Os pés estão fixos à largura dos ombros, com as pernas um pouco dobradas. O punho esquerdo ergue-se para trás, protegendo o lado da cara, e o punho direito para a frente, mais alto e ligeiramente na diagonal em relação ao esquerdo. Ambos os cotovelos estão dobrados para dentro, junto ao peito.

Ele investe para mim, lentamente, para que possa estudar o movimento. Tem o corpo tenso, o alvo focado e cada movimento controlado. A força vem algures de dentro dele; um tipo de força que é uma consequência de anos de treino cuidado. Os músculos dele sabem como se mexer. Sabem como lutar. O poder dele não é um artifício de uma coincidência sobrenatural.

Sinto os nós dos dedos dele roçarem levemente a borda do meu queixo.

Ele faz com que pareça tão fácil dar um murro em alguém. Não fazia ideia que era assim tão difícil.

— Queres trocar? — sugere.

— O quê?

— Se eu tentar dar-te um murro. Consegues defender-te?

— Não.

— Tenta. Tenta bloquear-me.

— Está bem — digo, sem querer. Sinto-me estúpida e petulante.

Ele volta a bater, devagar, para meu bem.

Dou-lhe uma palmada no braço para o afastar.

Ele deixa cair as mãos. Tenta não se rir.

— És muito pior nisto do que eu pensava.

Faço uma careta.

— Usa os teus antebraços — diz ele. — Bloqueia o meu golpe. Tira-o do caminho e desloca o corpo no mesmo movimento. Lembra-te de mover a cabeça quando bloqueias. Queres *afastar-te* do perigo. Não fiques aí parada a dar palmadas.

Aceno com a cabeça.

Ele volta a golpear.

Bloqueio-o demasiado depressa e o meu antebraço bate-lhe no punho fechado. Com força.

— É bom antecipar — contrapõe ele, com o olhar penetrante.
— Mas não fiques ansiosa.

Outro golpe. Apanho-lhe o antebraço. Fico a olhar para ele. Tento puxá-lo para baixo como ele fez comigo, mas literalmente não consigo movê-lo. De todo. Nem mesmo um centímetro. É como puxar um poste de metal enterrado em betão.

— Isso foi... okay — diz ele a sorrir. — Tenta outra vez. Concentra-te — está a estudar-me os olhos. — Concentra-te, querida.

— Eu *estou* concentrada — insisto, irritada.

— Olha para os teus pés. Estás a apoiar o teu peso na ponta dos pés e pareces prestes a cair. Fixa-te bem. Mas fica pronta para te mexeres. O teu peso deve assentar nos calcanhares — diz ele, batendo na parte de trás do próprio pé.

— Está bem — digo, agora zangada. — Estou a apoiar-me nos calcanhares. Já não estou a cair.

O Warner olha para mim. Capta-me o olhar.

— Nunca lutes quando estás zangada — instrui, calmamente.
— A raiva vai tornar-te fraca e desajeitada. Vai desviar-te do teu foco. Os teus instintos vão falhar-te.

Mordo o interior da bochecha. Frustrada e envergonhada.

— Tenta outra vez — diz devagar. — Mantém-te calma. Tem fé em ti mesma. Se não acreditares que és capaz, não irás conseguir.

Aceno com a cabeça, um pouco mais calma. Tento concentrar-me.

Digo-lhe que estou pronta.

Ele golpeia.

O meu braço esquerdo dobra-se num ângulo perfeito de 90 graus e bate no antebraço dele com tanta força que lhe ampara o golpe. A minha cabeça desviou-se do caminho e os meus pés viraram-se na direção do seu muro; continuo firme.

O Warner parece satisfeito.

Investe com o outro braço.

Agarro-lhe o antebraço no ar, fecho a mão bem em volta do pulso dele e aproveito a sua surpresa para o desequilibrar, puxando-lhe o braço para baixo e depois para a frente.

Ele quase choca contra mim.

Fica com a cara mesmo em frente da minha.

Fico tão surpreendida que, por um momento, não sei o que fazer.

Estou presa nos olhos dele.

— Empurra-me — sussurra ele.

Aperto-lhe o braço com mais força e empurro-o para o outro lado da sala.

Ele voa para trás, mas recompõe-se antes de bater no chão.

Fico congelada.

Chocada.

Alguém assobia.

Viro-me.

O Kenji está a bater palmas.

— Muito bem, princesa — diz, tentando não se rir. — Não sabia que tinhas isso em ti.

Sorrio, meio envergonhada e meio cheia de orgulho de mim mesma.

Encontro o olhar do Warner do outro lado da sala. Ele acena com a cabeça e com um sorriso largo.

— Ótimo — diz. — Muito bom. Aprendes depressa. Mas ainda temos muito trabalho pela frente.

Acabo por desviar o olhar e apanho o Adam de relance.

Parece irritado.

QUARENTA E CINCO

Os dias passaram a correr, como papagaios de papel levados ao vento.

O Warner tem trabalhado comigo todas as manhãs. Depois do seu treino e depois do meu treino com o Kenji, arranja duas horas por dia para estar comigo. Sete dias por semana.

Ele é um professor extraordinário.

Tão paciente comigo. Tão agradável. Nunca se mostra frustrado, nunca se incomoda com o tempo que levo a aprender algo novo. Dedica tempo a explicar a lógica por detrás de cada pormenor, de cada movimento, de cada posição. Quer que eu compreenda o que estou a fazer a um nível elementar. Certifica-se de que estou a interiorizar a informação e a reproduzi-la por mim mesma e não apenas a imitar os seus movimentos.

Estou finalmente a aprender a ser forte em mais do que uma só esfera.

É estranho. Nunca pensei que saber dar um murro pudesse fazer a diferença, mas o simples facto de saber como me defender tornou-me muito mais confiante.

Sinto-me agora muito mais consciente de mim mesma.

Sinto a força dos meus membros ao andar. Sou capaz de nomear cada músculo do meu corpo, sei exatamente como os usar — e como abusar deles, se fizer algo errado. Os meus reflexos estão a melhorar, os meus sentidos, mais apurados. Começo a compreender o que me rodeia, a antecipar o perigo e a reconhecer as mudanças subtis na linguagem corporal que indicam raiva e agressão.

E a minha projeção, agora é-me quase demasiado fácil.

O Warner reuniu todo o tipo de coisas para eu destruir, só para praticar tiro ao alvo. Restos de madeira e metal, cadeiras e mesas velhas. Blocos de betão. Qualquer coisa que testasse a minha força. O Castle usa a sua energia para atirar os objetos ao ar e cabe-me a

mim destruí-los do outro lado da sala. No início era quase impossível; é um exercício extremamente intenso que exige que esteja totalmente no controlo de mim mesma.

Mas, agora, é um dos meus jogos favoritos.

Consigo parar e esmagar qualquer coisa no ar. A qualquer distância, do outro lado da sala. Só preciso das mãos para controlar a energia. Consigo mover o meu poder em qualquer direção, focá-lo em pequenos objetos e depois alargar o alcance a uma massa maior.

Agora consigo mover tudo na sala de treino. Já nada é difícil.

O Kenji acha que preciso de um novo desafio.

— Quero levá-la lá para fora — diz o Kenji. Está a falar com o Warner, de forma muito casual, algo que ainda é estranho para mim ver. — Acho que ela precisa de começar a experimentar com materiais naturais. Estamos demasiado limitados aqui dentro.

O Warner olha para mim.

— O que achas?

— Será seguro? — questiono.

— Bom — diz ele — não interessa muito, pois não? Daqui a uma semana, estaremos a expor-nos na mesma.

— Bem visto. — Tento sorrir.

✧

O Adam tem estado invulgarmente calado nas últimas semanas.

Não sei se é porque o Kenji falou com ele e lhe disse para ter cuidado, ou se é por se ter resignado a esta situação. Talvez tenha percebido que não há nada de romântico entre mim e o Warner. O que, ao mesmo tempo, me agrada e desilude.

Eu e o Warner parecemos ter chegado a uma espécie de entendimento. Uma relação civilizada e estranhamente formal, que se equilibra de forma precária entre a amizade e algo mais que nunca foi definido.

Não posso dizer que estou a gostar.

No entanto, o Adam não interfere quando o James fala com o

Warner e o Kenji disse-me que é porque não quer traumatizar o irmão mais novo, nem dar-lhe uma razão para ter medo de viver aqui.

O que significa que o James está constantemente a falar com o Warner.

É um miúdo curioso e o Warner é tão reservado por natureza que se torna no alvo mais óbvio para as perguntas do miúdo. As suas conversas são sempre divertidas para todos nós. O James fala completamente sem rodeios e é mais corajoso do que qualquer pessoa a falar com o Warner.

Na verdade, até é fofo.

Tirando isso, todos os outros têm progredido bem. O Brendan e o Winston voltaram a ficar perfeitos, o Castle está cada vez mais bem-disposto e a Lily é uma rapariga com um carácter autossuficiente que não precisa de muito para se divertir — embora ela e o Ian pareçam ter encontrado uma espécie de consolo na companhia um do outro.

Suponho que faz sentido este tipo de isolamento aproximar as pessoas.

Como o Adam e a Alia.

Ultimamente, tem passado muito tempo com ela e não sei o que isso significa; pode não ser mais do que amizade. Mas, durante a maior parte do tempo em que estive na sala de treino, vi-o sentado ao lado dela, apenas a observar o seu esboço e a fazer uma ou outra pergunta ocasional.

Ela estava sempre a corar.

Nalguns aspetos, faz-me lembrar muito como eu era. Adoro a Alia, mas, por vezes, vê-los juntos faz-me pensar se não é aquilo que o Adam sempre quis. Uma rapariga doce, calma e gentil. Alguém que compensasse toda a aspereza que ele viu na vida. Lembro-me de que ele me disse isso uma vez. Disse que adorava isso em mim. Que eu era tão *boa*. Tão doce. Que era a única coisa boa que restava neste mundo.

Acho que sempre soube que isso não era verdade.

Talvez ele esteja a começar a ver isso também.

QUARENTA E SEIS

— Hoje, tenho de ir visitar a minha mãe.

Estas são as oito palavras que iniciam a nossa manhã.

O Warner acaba de sair do escritório com o cabelo numa confusão dourada à volta da cabeça e os olhos tão verdes e tão transparentes que desafiavam uma descrição que lhes façam justiça. Não se deu ao trabalho de abotoar a camisa amarrotada e as calças estão sem cinto e penduradas na cintura. Parece completamente desorientado. Acho que não dormiu a noite toda e estou desesperada para saber o que se tem passado na vida dele, mas sei que não me cabe a mim perguntar. Pior ainda, sei que nem sequer me contaria se eu perguntasse.

Já não há qualquer nível de intimidade entre nós.

Estava tudo a andar tão depressa entre nós, mas depois parou por completo. Todos aqueles pensamentos, sentimentos e emoções ficaram congelados. E agora tenho tanto medo de que, se der um passo em falso, tudo se parta.

Mas tenho saudades dele.

Vejo-o todos os dias, treino e trabalho ao seu lado como uma colega, mas isso já não é suficiente para mim. Sinto falta das nossas conversas fáceis, dos seus sorrisos abertos e da forma como sempre me olhava nos olhos.

Tenho saudades dele.

E preciso de falar com ele, mas não sei como. Ou quando. Ou o que dizer.

Cobarde.

— Porquê hoje...? — pergunto, timidamente. — Aconteceu alguma coisa?

Ele não diz nada durante muito tempo, apenas olha para a parede.

— Hoje é o aniversário dela.

— Oh — sussurro, com o coração partido.

— Querias praticar ao ar livre — diz, ainda a olhar em frente.
— Com o Kenji. Posso levar-te comigo quando me for embora, desde que ele prometa manter-te invisível. Deixo-te algures em território não regulamentado e vou buscar-te quando regressar. Pode ser?

— Sim.

Ele não diz mais nada, mas os olhos estão com um ar selvagem e desfocado. Está a olhar para a parede como se fosse uma janela.

— Aaron?

— Sim, querida.

— Estás assustado?

Ele respira fundo. Expira devagar.

— Nunca sei o que esperar quando a visito — diz, com calma.
— Ela é diferente todas as vezes que lá vou. Às vezes está tão drogada que nem se mexe. Outras vezes, tem os olhos abertos e fica a olhar para o teto. Outras, está completamente histérica.

Sinto o coração às voltas.

— É bom que ainda a visites — observo. — Sabes disso, não sabes?

— Será? — Ele ri-se de forma estranha e nervosa. — Às vezes não tenho tanta certeza.

— Sim, é.

— Como podes saber? — Agora olha para mim, olha como se tivesse quase medo de ouvir a resposta.

— Porque se ela conseguir perceber, nem que seja por um segundo, que estás ali no quarto, já lhe estarás a dar um presente extraordinário. Ela não se apagou por completo — digo-lhe. — Ela sabe. Mesmo que não seja a toda a hora e mesmo que não o consiga demonstrar. Sabe que estiveste lá. E sei que isso deve significar muito para ela.

Ele inspira uma vez mais de forma trémula. Agora está a olhar para o teto.

— Isso é algo muito bonito de se dizer.

— Estou mesmo a falar a sério.

— Eu sei — diz ele. — Sei que estás.

Olho para ele durante mais algum tempo e pergunto-me se haverá altura apropriada para fazer perguntas sobre a mãe dele. Mas há uma coisa que sempre quis perguntar. Por isso, pergunto.

— Ela deu-te esse anel, não foi?

Ele fica quieto. Acho que consigo ouvir o coração dele a acelerar de onde estou.

— O quê?

Aproximo-me dele e pego-lhe na mão esquerda.

— Este — digo e aponto para o anel de jade que ele usa sempre no dedo mindinho da mão esquerda. Nunca o tira. Nem para tomar duche. Nem para dormir. Nunca.

Ele acena com a cabeça, muito devagar.

— Mas... não gostas de falar sobre isso — digo, ao lembrar-me da última vez que lhe perguntei sobre o anel.

Conto exatamente dez segundos antes de ele voltar a falar.

— Nunca me foi permitido — diz ele muito, muito baixinho — receber presentes. De ninguém. O meu pai detestava a ideia de prendas. Detestava festas de aniversário e feriados. Nunca deixou que ninguém me desse nada, muito menos a minha mãe. Dizia que aceitar presentes tornava-me fraco. Achava que me iam encorajar a depender da caridade dos outros.

» Mas um dia estávamos a esconder-nos — continua. — Eu e a minha mãe. — Ele olha para cima, sinto-o desligado, perdido noutra lugar. Pode nem estar a falar comigo. — Foi no meu sexto aniversário e ela estava a tentar esconder-me. Porque sabia o que ele queria fazer comigo. — Pestaneja. A sua voz é um sussurro, quase sem emoção. — Lembro-me de que ela tinha as mãos a tremer. Lembro-me porque estava sempre a olhar-lhe para as mãos. Porque ela estava a agarrar as minhas contra o peito. E estava a usar este anel. — Cala-se, a recordar. — Não tinha visto muitas joias na vida. Não sabia bem o que eram. Mas ela viu-me a olhar e quis distrair-me. Quis manter-me entretido.

O meu estômago ameaça deixar-me enjoada.

— Então, contou-me uma história. Uma história sobre um rapaz que nasceu com os olhos muito verdes e sobre o homem que ficou tão cativado pela sua cor que procurou no mundo uma pedra exatamente da mesma tonalidade. — A voz dele desvanece e cai em sussurros tão silenciosos que mal o consigo ouvir. — Ela disse que o rapaz era eu. Que este anel era feito dessa mesma pedra e que o homem lho tinha dado, na esperança que um dia ela mo desse. Era um prenda dele, contou-me ela, pelo meu aniversário. — Ele para. Respira. — Então tirou-o, colocou-o no meu dedo indicador e disse: “Se esconderes o teu coração, ele nunca será capaz de to tirar.”

Ele olha para a parede.

— É o único presente — diz — que alguém alguma vez me deu.

As minhas lágrimas caem-me por dentro e sinto um ardor à medida que descem pela minha garganta.

QUARENTA E SETE

Estive o dia todo a sentir-me estranha.

Sinto-me deslocada, de certa forma. O Kenji está entusiasmado por sair da base, entusiasmado por testar a minha força em sítios novos, e os outros estão cheios de inveja por podermos sair. Por isso, devia sentir-me feliz. Ansiosa.

Mas sinto-me estranha.

Tenho a cabeça num lugar estranho e acho que é porque ainda não consegui esquecer a história do Warner. Não consigo parar de tentar imaginá-lo como era. Como uma criança pequena e aterrorizada.

Ninguém sabe onde ele vai hoje. Ninguém conhece a profundidade da situação. E ele não faz nada que mostre o que está realmente a sentir. Tem estado calmo como sempre, controlado e cuidadoso com o que diz, com o que faz.

Eu e o Kenji vamos ter com ele dentro de momentos.

Estamos a passar pela porta da parede das armas e finalmente consigo ver em primeira mão como é que o Warner os meteu lá dentro. Estamos a atravessar um campo de tiro.

Vejo estações de armas e pequenos cubículos com alvos colocados a centenas de metros de distância e, neste momento, o sítio está deserto. Esta deve ser mais uma das salas de treino do Warner.

O Kenji abre a porta ao fundo do passadiço. Já não precisa de me tocar para me manter invisível e assim é muito mais conveniente. Podemos movimentar-nos livremente desde que eu esteja a menos de 15 metros dele, o que nos dá a flexibilidade de que precisamos para podermos trabalhar hoje no exterior.

Estamos agora do outro lado da porta.

Num armazém enorme.

O espaço tem pelo menos 150 metros de comprimento e talvez dobro de altura. Nunca vi tantas caixas em toda a minha vida. Não faço ideia do que contêm e não tenho tempo para pensar.

O Kenji puxa-me pelo labirinto.

Passamos por cima de caixas de todos os tamanhos, com cuidado para não tropeçarmos nos cabos elétricos e na maquinaria utilizada para transportar os artigos mais pesados. Há filas e filas e mais filas, divididas em ainda mais filas, que albergam tudo em secções muito organizadas. Reparo que todas as prateleiras e corredores têm etiquetas, mas não consigo aproximar-me o suficiente para as ler.

Quando finalmente chegamos ao fim do armazém, vejo duas portas enormes com 15 metros de altura que dão para a saída. Esta é claramente uma zona de cargas para camiões e tanques. O Kenji agarra-me pelo braço e mantém-me por perto enquanto passamos por vários guardas estacionados junto à saída. Passamos por entre os camiões estacionados à volta da zona de carga, até chegarmos ao ponto de encontro onde é suposto encontrarmos o Warner.

Gostava que o Kenji tivesse estado por perto para me tornar invisível quando tive de entrar e sair da base da outra vez. Teria sido tão bom sair como um ser humano, em vez de ser arrastada pelos corredores, aos solavancos, aos tombos e a agarrar-me às pernas de um carrinho de serviço.

O Warner está encostado a um tanque.

O tanque tem ambas as portas abertas e ele olha em volta como se estivesse a supervisionar o trabalho que está a ser feito com as várias unidades de carga. Acena a vários soldados quando estes passam.

Entramos do lado do passageiro sem sermos notados.

E, quando estou prestes a sussurrar ao Warner para o avisar da nossa presença, ele dá a volta para o lado do passageiro e diz:

— Cuidado com as pernas, querida. — E fecha a porta.

Depois sobe para o outro lado. Começa a conduzir.

Continuamos invisíveis.

— Como é que sabias que tínhamos chegado? — pergunta o Kenji, de imediato. — Também consegues ver pessoas invisíveis?

— Não — responde o Warner, com os olhos focados à sua frente. — Consigo sentir a vossa presença. A dela, acima de tudo.

— A sério? — diz o Kenji. — Isso é uma cena estranha. E qual é o meu sabor? Manteiga de amendoim?

O Warner não se mostra divertido.

O Kenji aclara a garganta.

— J., acho que devias trocar de lugar comigo.

— Porquê?

— Porque acho que o teu namorado está a tocar-me na perna.

— Tens-te em muito boa conta — comenta o Warner.

— Troca de lugar comigo, J. Ele está a deixar-me todo arrepiado e tal, como se estivesse prestes a esfaquear-me.

— Está bem — suspiro. Tento passar por cima dele, mas é difícil, visto que não consigo ver o meu próprio corpo, nem o dele.

— Ai, porra, quase me deste um pontapé na cara...

— Desculpa! — peço, tentando passar por cima dos seus joelhos.

— Mexe-te — diz ele. — Meu Deus, quanto é que pesas...?

Ele desliza, todo de uma vez, debaixo de mim e dá-me um pequeno impulso para me ajudar a sentar-me no lugar dele.

Caio de cara no colo do Warner.

Ouçó a respiração breve e aguda dele e endireito-me, muito corada, mas tão aliviada por ninguém me conseguir ver.

Apetece-me dar um murro no nariz do Kenji.

Depois disso, ficamos em silêncio.

«

À medida que nos aproximamos do território não regulamentado, o cenário começa a mudar. As estradas simples, sem sinalização e semipavimentadas dão lugar às ruas do nosso antigo mundo. As casas são pintadas em tons que em tempos prometiam ser coloridos e as estradas são ladeadas por passeios que poderiam levar as crianças da escola para casa em segurança. Agora, as casas estão todas a cair aos bocados.

Está tudo partido, em ruínas. As janelas estão tapadas com tábuas. Os relvados estão sem manutenção e cobertos de gelo. O ar foi mordido de fresco pelo inverno, que lança a sua sombra sobre a paisagem, ao mesmo tempo dizendo-nos que tudo poderia ser diferente noutra estação. Quem sabe.

O Warner para o tanque.

Sai e dirige-se à nossa porta, para o caso de ainda estar alguém lá fora, e dá a entender que a abre por uma razão específica. Para verificar o interior. Para examinar um problema.

Não importa.

O Kenji salta primeiro e o Warner parece perceber que ele saiu.

Alcanço-lhe a mão, porque sei que não me pode ver. Os seus dedos apertam-se imediatamente à volta dos meus. Tem os olhos focados no chão.

— Vai correr tudo bem — asseguro. — Okay?

— Sim — responde ele. — Estou seguro de que estás certa. Hesito.

— Vais voltar em breve?

— Sim — sussurra ele. — Volto para te vir buscar daqui a exatamente duas horas. Dá-te tempo suficiente?

— Sim.

— Ótimo. Então, encontramos-nos aqui. Neste exato local.

— Está bem.

Ele não diz nada durante um segundo. Depois:

— Está bem.

Aperto-lhe a mão.

Ele sorri para o chão.

Levanto-me e ele afasta-se para o lado, dando-me espaço para passar. Toco-lhe ao passar, apenas por um instante. Apenas para o lembrar. Que estou aqui para ele.

Ele estremece, assustado e dá um passo atrás.

Depois sobe para o tanque e arranca.

QUARENTA E OITO

O Warner está atrasado.

Eu e o Kenji tivemos uma sessão mais ou menos bem-sucedida, que consistiu principalmente em discutirmos sobre onde estávamos e para onde estávamos a olhar. Da próxima vez, vamos ter de arranjar sinais muito melhores, porque tentar coordenar uma sessão de treino entre duas pessoas invisíveis é muito mais difícil do que parece. O que é dizer pouco.

Agora estamos cansados e um pouco desiludidos pela fraca progressão e estamos exatamente no mesmo sítio onde o Warner nos deixou.

E ele está atrasado.

Isto é invulgar por várias razões. A primeira é o facto de o Warner nunca se atrasar. Por nada. E a segunda é que, se fosse atrasar-se, não seria para algo assim. Esta situação é demasiado perigosa para não sermos cuidadosos. Ele não o teria feito de ânimo leve. Tenho a certeza de que não.

Por isso, não consigo estar parada.

— Tenho a certeza de que está tudo bem — diz-me o Kenji. Provavelmente ficou preso ao que quer que foi fazer. Tu sabes, *comantar* e essas tretas.

— *Comantar* não é uma palavra.

— Tem letras, não tem? Parece-me uma palavra.

Neste momento, estou demasiado nervosa para brincar.

O Kenji suspira. Ouço-o a bater os pés contra o frio.

— Ele há de chegar.

— Não me sinto bem, Kenji.

— Eu também não me sinto bem — diz ele. — Estou com uma fome dos diabos.

— O Warner não se ia atrasar. Não faz muito o feitio dele chegar atrasado.

— Como é que sabes? — atira o Kenji. — Só o conheces há quê? Cinco meses? E achas que o conheces assim tão bem? Talvez esteja num clube de jazz secreto a cantar à capela com um colete brilhante vestido e a achar que é fixe dançar o cancan.

— O Warner não usaria coletes brilhantes — digo-lhe.

— Mas achas que ele ia gostar do cancan.

— Kenji, eu adoro-te, a sério, mas neste momento sinto-me tão ansiosa e tão enjoada que, quanto mais falas, mais me apetece matar-te.

— Não me digas essas coisas sexy, J.

Eu bufo, irritada. Meu Deus, estou tão preocupada.

— Que horas são?

— Duas e quarenta e cinco.

— Algo está errado. Devíamos ir à procura dele.

— Nem sequer sabemos onde está.

— Eu sei — digo. — Sei onde ele está.

— O que? Como?

— Lembras-te onde encontrámos o Anderson pela primeira vez? — pergunto-lhe. — Lembras-te de como voltar à Rua Sycamore?

— Sim... — confirma ele, lentamente. — Porquê?

— Ele está a umas duas ruas de lá.

— Hum. Mas que raio? Que anda ele a fazer lá em baixo?

— Vens comigo? — pergunto, nervosa. — Por favor? Agora?

— Okay — diz ele, pouco convencido. — Mas só porque estou curioso. E porque preciso de mexer as pernas antes que morra de frio.

— Obrigada — digo. — Onde estás?

Seguimos o som das nossas vozes até chocarmos um com o outro. O Kenji passa o braço pelo meu. Aconchegamo-nos contra o frio.

Ele indica o caminho.

QUARENTA E NOVE

É aqui mesmo. A casa de um tom azul casca-de-ovo-de-pintarroxo.

Aquela em que acordei. Aquela em que o Warner viveu. Onde a sua mãe está cativa. Estamos diante dela e parece-me exatamente como nas últimas duas vezes que aqui estive. Linda e aterradora. Com espanta-espíritos que soam sem parar.

— Mas que raio veio o Warner fazer aqui? — pergunta o Kenji.
— Que sítio é este?

— Não te posso dizer — retruco.

— Porque não?

— Porque não é um segredo meu para contar.

O Kenji fica em silêncio por um momento.

— Então, o que queres que faça?

— Podes esperar aqui? — pergunto-lhe. — Será que consigo manter-me invisível se entrar? Ou ficarei fora de alcance?

O Kenji suspira.

— Não sei. Podes tentar. Nunca tentei fazer isto do lado de fora de uma casa — ele hesita. — Mas, se vais entrar sem mim, podes despachar-te? Já estou a morrer de frio.

— Sim. Prometo. Vou ser rápida. Só quero ter a certeza de que ele está bem... ou que está mesmo lá dentro. Porque, se não estiver, deve estar à nossa espera no local combinado.

— E tudo isto terá sido uma enorme perda de tempo.

— Desculpa — digo-lhe. — Lamento, mesmo muito. Mas tenho de ter a certeza.

— Vai. Vai e volta depressa.

— Está bem — sussurro. — Obrigada.

Afasto-me e subo as escadas para o pequeno alpendre. Testo a maçaneta. Está destrancada. Giro-a, empurro a porta e abro-a.

Entro.

Foi aqui que levei um tiro.

A mancha de sangue do sítio onde eu estive deitada no chão já foi limpa. Ou talvez tenham mudado a alcatifa. Não tenho a certeza. Seja como for, as memórias ainda me rodeiam. Não consigo voltar a entrar nesta casa sem me sentir mal. Está tudo errado aqui. Tudo errado. Tudo desligado.

Aconteceu alguma coisa.

Consigo senti-lo.

Tenho o cuidado de fechar a porta com suavidade atrás de mim. Subo as escadas, lembro-me de que as tábuas do soalho rangeram quando fui capturada e trazida para cá e consigo evitar as partes mais barulhentas; o resto, por sorte, apenas parece o som do vento.

Quando chego ao andar de cima, conto três portas. Três divisões. À esquerda: o antigo quarto do Warner. Aquele em que acordei. No meio: a casa de banho. Aquela em que tomei banho.

No fim do corredor, à direita: o quarto da mãe dele. Aquele que estou à procura.

O meu coração acelera no meu peito.

Mal consigo respirar quando me aproximo em bicos dos pés. Não sei o que estou à espera de encontrar. Não sei o que espero que aconteça. Nem sequer faço ideia se o Warner ainda cá está.

Nem como será ver a mãe dele.

Mas há qualquer coisa que me puxa para avançar, que me incita a abrir a porta e a verificar. Preciso de saber. Só preciso de saber. De outra forma, não fico descansada.

Por isso, avanço um pouco. Respiro fundo várias vezes. Agarro na maçaneta da porta e rodo-a, muito devagar, sem me aperceber que perdi a invisibilidade até ver os meus pés a atravessar a soleira da porta.

Entro em pânico de imediato, cálculo planos de contingência e, embora pense por uma fração de segundo em dar meia-volta e fugir, já examinei o quarto.

E sei que agora não posso voltar atrás.

CINQUENTA

Vejo uma cama.

Uma cama de solteiro. Rodeada de máquinas, intravenosas, garrafas e arrastadeiras novinhas em folha. Também vejo pilhas de lençóis e cobertores, as mais belas estantes de livros, almofadas bordadas e animais de peluche adoráveis espalhados por todo o lado. Vejo flores frescas em cinco vasos diferentes, as quatro paredes pintadas de cores vivas, uma pequena secretária ao canto com uma pequena cadeira a condizer, um vaso de plantas, um conjunto de pincéis antigos e molduras de fotografias, por todo o lado. Nas paredes, na secretária e na mesa ao lado da cama.

Uma mulher loira. Um rapazinho louro. Juntos.

Nunca envelhecem, reparei. As fotografias nunca passam de um determinado ano. Nunca mostram a evolução da vida desta criança. O rapaz destas fotografias é sempre jovem e assustado, sempre agarrado à mão da senhora ao seu lado.

Mas a tal senhora não está cá. E a sua enfermeira também se foi embora.

As máquinas estão desligadas.

As luzes estão apagadas.

A cama está vazia.

O Warner está caído a um canto.

Está encolhido em si mesmo, com os joelhos encostados ao peito, os braços à volta das pernas e a cabeça enterrada nos braços. E está a tremer.

Os tremores agitam-lhe o corpo todo.

Nunca o tinha visto parecer-se com uma criança. Nunca, nem uma vez, desde que o conheço. Mas, neste momento, parece mesmo um rapazinho. Assustado. Vulnerável. Sozinho.

Não é preciso muito para perceber porquê.

Ajoelho-me à sua frente. Sei que deve ser capaz de sentir a

minha presença, mas não sei se me quer ver neste instante. Não sei como irá reagir se lhe estender a mão.

Mas tenho de tentar.

Toco-lhe nos braços, com muita suavidade. Passo-lhe a mão pelas costas e pelos ombros. Depois atrevo-me a abraçá-lo até ele começar a mexer-se, endireitando-se à minha frente.

Ele levanta a cabeça.

Tem os olhos vermelhos, de um tom verde surpreendente e marcante, e brilham com uma emoção evidente. O seu rosto é a imagem de uma dor enorme.

Quase não consigo respirar.

Um terramoto atinge-me o coração e parte-o ao meio. Tenho a sensação de que aqui, nele, estão contidas mais emoções do que qualquer pessoa devia ter de aguentar.

Tento abraçá-lo, mas ele passa os braços em volta das minhas ancas e deita a cabeça no meu colo. Por instinto, inclino-me sobre ele para lhe proteger o corpo com o meu.

Encosto a bochecha à sua testa. Beijo-lhe a têmpora.

É então que ele se vai abaixo.

Começa a tremer com violência, estilhaça-se nos meus braços num milhão de pedaços ofegantes e sufocados que tento manter unidos com tudo o que posso. Prometo para mim mesma, neste momento, que irei abraçá-lo para sempre desta forma, até que toda a dor, tortura e sofrimento desapareçam, até que lhe seja dada oportunidade de viver uma vida onde nunca mais ninguém o possa ferir tanto.

Somos como aspas, invertidos e de cabeça para baixo, agarrados um ao outro no fim desta pena perpétua. Presos em vidas que não escolhemos.

Penso que é altura de nos libertarmos.

CINQUENTA E UM

O Kenji está à espera no tanque quando voltamos. Conseguiu encontrá-lo.

Está sentado no lado do passageiro, visível e não diz uma única palavra quando nós entramos.

Tento olhar para ele, já preparada para inventar uma história maluca sobre o porquê de ter demorado uma hora a tirar o Warner da casa, mas então vejo como ele olha para mim. Olha mesmo para mim.

E fecho definitivamente a boca.

O Warner não diz nada. Nem sequer se ouve a sua respiração. Quando voltamos à base, deixa-me sair do tanque com o Kenji sob o nosso disfarce de invisibilidade e continua sem dizer nada, nem mesmo a mim. Assim que saímos do tanque, fecha a nossa porta e volta para dentro.

Fico a vê-lo arrancar quando sinto o Kenji passar o braço pelo meu.

Voltamos a passar pelo armazém sem problemas. Passamos pela carreira de tiro sem problemas. Mas mesmo antes de chegarmos à porta das instalações de treino do Warner, o Kenji puxa-me para o lado.

— Segui-te lá dentro — diz ele, sem qualquer preâmbulo. — Demoraste tanto tempo que fiquei preocupado, por isso segui-te até lá

acima. — Uma pausa. Uma pausa pesada. — Vi-vos — conclui, tão baixinho. — Naquele quarto.

Não é a primeira vez hoje que me sinto feliz por ele não poder ver a minha cara.

— Okay — sussurro, sem saber o que acrescentar. Sem saber o que ele irá fazer com esta informação.

— Apenas... — Ele respira fundo. — Estou apenas confuso, okay? Não preciso de saber todos os detalhes... sei que o que

aconteceu não é da minha conta... mas estás bem? Aconteceu alguma coisa?

Expiro. Fecho os olhos e digo:

— A mãe dele morreu hoje.

— O quê? — pergunta ele, pasmado. — O quê... como? A mãe dele estava lá dentro?

— Estava doente há muito tempo — digo, e sinto as palavras a saírem em enxurrada. — O Anderson manteve-a fechada naquela casa e abandonou-a. Deixou-a para morrer. O Warner tem tentado ajudá-la, mas não sabia como. Ela não podia ser tocada, tal como eu não posso tocar em ninguém, e essa dor estava a matá-la todos os dias. — Começo a perder o controlo, a sentir-me incapaz de conter os meus sentimentos por mais tempo. — O Warner nunca me quis usar como arma. Inventou isso para ter uma desculpa perante o pai. Ele encontrou-me por acaso. Porque estava a tentar encontrar uma solução. Para ajudar a *mãe*. Todos estes anos.

O Kenji respira fundo.

— Não fazia ideia — diz. — Nem sequer sabia que era próximo da mãe.

— Tu não o conheces de todo — digo, sem me importar com o quão desesperada pareço. — Pensas que conheces, mas na verdade não. — Sinto-me crua, como se tivesse sido raspada até ao osso.

Ele não diz nada.

— Vamos — sugiro. — Preciso de algum tempo para respirar. Para pensar.

— Sim — concorda ele. Solta um suspiro. — Sim, claro. Claro. Viro-me para avançar.

— J. — diz ele, parando-me, com a mão que mantém no meu braço.

Aguardo.

— Lamento. Lamento muito. Não sabia.

Pestanejo depressa contra o ardor que sinto nos olhos. Engulo a emoção que se está a acumular na minha garganta.

— Está tudo bem, Kenji. Não era suposto saberes.

CINQUENTA E DOIS

Consigo finalmente recompor-me o suficiente para regressar às salas de treino. Está a ficar tarde, mas não prevejo ver o Warner cá em baixo esta noite. Acho que vai querer ficar sozinho.

Estou a levar-me ao limite de propósito.

Já estou farta.

Estive tão perto de matar o Anderson uma vez, mas vou certificar-me de que tenho outra oportunidade. Desta vez, não falharei.

Da última vez, não estava preparada. Não saberia o que fazer, mesmo que o tivesse matado na altura. Teria entregado o controlo ao Castle e ficado a assistir no meu canto, enquanto outra pessoa tentava consertar o nosso mundo de novo. Mas agora vejo que p Castle não era indicado para esta tarefa. É demasiado terno. Demasiado ansioso por agradar a todos.

Eu, pelo contrário, não tenho qualquer preocupação.

Não pedirei desculpas. Viverei sem arrependimentos. Irei cavar a terra, arrancar-lhe a injustiça e esmagá-la com as minhas próprias mãos. Quero que o Anderson me tema e que implore por misericórdia, só para lhe dizer: «Não, por ti, não. Por ti, nunca.»

E nem quero saber se isso não é algo agradável de se fazer.

CINQUENTA E TRÊS

Ponho-me de pé.

O Adam está do outro lado da sala, a falar com o Winston e o Ian. Ficam todos em silêncio quando me aproximo. E, se o Adam está a pensar ou a sentir alguma coisa em relação a mim, não o demonstra.

— Tens de lhe contar — digo.

— O quê? — pergunta o Adam assustado.

— Tens de lhe dizer a verdade. E, se não disseres, digo eu.

De repente, o olhar do Adam torna-se um oceano gelado, frio e fechado.

— Não me provoques, Juliette. Não digas coisas estúpidas de que te vais arrepender.

— Não tens o direito de lhe esconder isto. Ele não tem ninguém neste mundo e merece saber.

— Isto *não* é da tua conta. — Ele olha-me de cima abaixo, com os punhos cerrados. — Não te metas nisto. Não me forces a fazer algo que não quero.

— Estás mesmo a ameaçar-me? — pergunto. — Estás louco?

— Talvez te tenhas esquecido de que sou o único nesta sala que te pode anular. Mas eu não me esqueci. Não tens qualquer poder contra mim.

— Claro que tenho — esclareço. — O meu toque andava a *matar-te* quando estávamos juntos...

— Sim, bom, as coisas mudaram muito desde então. — Ele agarra-me na mão e puxa-a com tanta força que quase caio para a frente. Tento afastar-me e não consigo.

Ele é demasiado forte.

— Adam, larga-me...

— Consegues sentir isto? — pergunta ele, com os olhos num tom de azul louco e tempestuoso.

— O quê? — pergunto. — Sentir o quê?

— Exato. Não há aí nada. Estás vazia. Sem poder, sem fogo e sem superforça. Apenas uma rapariga que não consegue dar um murro para salvar a vida. E eu estou completamente ileso. Sem ferimentos.

Engulo em seco e encontro-lhe o olhar frio.

— Então, já conseguiste? — indago. — Consequiste controlá-lo?

— Claro que consegui — responde ele, com raiva. — E tu não pudeste esperar... apesar de te ter dito que seria capaz... e que andava a treinar para podermos estar juntos...

— Isso já não importa. — Olho para a minha mão na dele e para a sua recusa em soltar-me. — Teríamos acabado no mesmo sítio, mais cedo ou mais tarde.

— Isso não é verdade e isto prova-o! — diz ele, levantando a minha mão. — Podíamos ter feito com que resultasse...

— Agora somos demasiado diferentes. Queremos coisas diferentes. E isto? — digo, a acenar com a cabeça para as nossas mãos. — Tudo o que isto consegui provar é que és muitíssimo bom a deixar-me sem vontade.

Ele aperta o maxilar.

— Agora, larga-me a mão.

— Ei.... Podemos abster-nos de dar espetáculo esta noite? — A voz do Kenji ouve-se do outro lado da sala. Vem na nossa direção. Chateado.

— Não te metas nisto — atira o Adam.

— Chama-se *consideração*. Há outras pessoas a viver nesta sala, idiota — diz-lhe o Kenji, já perto o suficiente. Ele agarra o braço do Adam. — Então, para com isto.

O Adam afasta-se com raiva.

— Não me toques.

O Kenji lança-lhe um olhar cortante.

— Larga-a.

— Sabes que mais? — diz o Adam, com a raiva a tomar conta

de si. — És tão obcecado por ela... Andas sempre a saltar em sua defesa e a meteres-te nas nossas conversas... Gostas assim tanto dela? Muito bem. Podes ficar com ela.

O tempo para à nossa volta.

O palco está montado:

O Adam e os seus olhos selvagens, a raiva e a cara vermelha.

O Kenji a seu lado, irritado e algo confuso.

E eu, com a mão ainda presa no aperto viscoso do Adam, que com apenas um toque rápido e fácil conseguiu reduzir-me ao que eu era quando nos conhecemos.

Sou completamente impotente.

Mas, depois, num só movimento, tudo muda:

O Adam agarra a mão do Kenji e pressiona-a na minha mão vazia.

Apenas durante o tempo suficiente.

CINQUENTA E QUATRO

Demoramos alguns segundos a registar o que acabou de acontecer, até que o Kenji arranca a mão e, num momento de perfeita espontaneidade, usa-a para acertar na cara do Adam.

Todos os outros na sala já estão de pé e alerta. O Castle corre para nós de imediato, o Ian e o Winston — que já estavam por perto — correm para se juntar a ele. O Brendan sai a correr do balneário de toalha, de olhar atento à procura da origem do tumulto; a Lily e a Alia saltam das bicicletas e aglomeram-se ao nosso redor.

Temos sorte por ser tão tarde; o James já dorme tranquilamente ao canto.

O Adam foi atirado para trás pelo murro do Kenji, mas recuperou de imediato o equilíbrio. Respira com dificuldade e passa as costas da mão pelo lábio, agora ensanguentado. Não pede desculpa.

Nenhum som me escapa da boca aberta e horrorizada.

— Por amor de Deus, o que se passa contigo? — A voz do Kenji é suave, mas incisiva, ainda mantém o punho direito fechado. — Estavas a tentar matar-me?

O Adam revira os olhos.

— Eu sabia que não ias morrer. Não tão depressa. Já o senti antes. Só arde um bocadinho.

— Vê se te recompões, idiota — diz o Kenji. — Andas a agir como um louco.

O Adam não diz nada. Na verdade, ri-se, vira-lhe as costas e dirige-se para o balneário.

— Estás bem? — pergunto ao Kenji e tento verificar o estado da sua mão.

— Estou bem — suspira ele, com os olhos postos na figura do Adam, que se retira, antes de olhar para mim. — Mas o maxilar dele é duro como o raio. — Flexiona um pouco a mão.

— Mas o meu toque... não te magoou?

O Kenji abana a cabeça.

— Não, não senti nada. E saberia se sentisse. — Quase se ri, mas franze o sobrolho. Eu encolho-me ao lembrar-me da última vez que tal aconteceu. — Acho que o Kent estava a desviar-te o poder — conclui ele.

— Não, não estava — sussurro. — Ele largou-me a outra mão. Senti a energia voltar a entrar em mim.

Olhamos ambos para a figura do Adam a retirar-se.

O Kenji encolhe os ombros.

— Mas então como...

— Não sei — diz ele, de novo. Depois suspira. — Acho que tive sorte. Ouçam — olha em volta para todos — não quero falar agora, está bem? Vou sentar-me. Preciso de me acalmar.

O grupo separa-se devagar e regressam todos aos seus cantos.

Mas não consigo ir-me embora. Estou enraizada no meu lugar.

Senti a minha pele tocar na do Kenji e isso não é algo que não consigo ignorar. É daqueles momentos tão raros para mim que não consigo esquecer; nunca consegui estar tão perto das pessoas sem consequências graves. E senti o poder dentro do meu corpo. O Kenji devia ter sentido *alguma coisa*.

Sinto a minha cabeça a trabalhar depressa, tento resolver uma equação impossível e surge-me uma teoria maluca, que se cristaliza de uma forma que nunca achei possível.

Tenho treinado este tempo todo para controlar o meu poder, para o conter, para o concentrar, mas nunca pensei que fosse capaz de o *desligar*. E não sei porquê.

O Adam tinha um problema semelhante: toda a vida foi alimentado pelo *electricum*. Mas agora aprendeu a controlá-lo. A desligá-lo quando precisa.

Não deveria eu conseguir fazer o mesmo?

O Kenji pode tornar-se visível e invisível sempre que quer — foi algo que teve de aprender por si mesmo depois de treinar durante muito tempo, depois de compreender como passar de um estado para o outro. Lembro-me da história que me contou de quando era pequeno: ficou invisível durante alguns dias sem saber como voltar

a ficar visível. Mas acabou por conseguir. O Castle, o Brendan, o Winston, a Lily — todos eles conseguem ligar e desligar as suas habilidades. O Castle não move coisas com a mente por acidente. O Brendan não eletrocuta tudo o que toca. O Winston consegue apertar e afrouxar os membros à vontade e a Lily consegue olhar normalmente, sem tirar instantâneos de tudo com os olhos.

Porque serei a única sem um interruptor?

Sinto a mente sobrecarregada à medida que procuro as respostas. Começo a aperceber-me de que nunca *tentei* desligar o meu Poder, porque sempre pensei que seria impossível. Presumi que estava destinada a esta vida, a uma existência em que as minhas mãos — a minha pele — me iriam manter sempre afastada dos outros.

Mas agora?

— Kenji — grito, a correr na direção dele.

O Kenji olha para mim por cima do ombro, mas não tem oportunidade de se virar antes de eu chocar contra ele, agarrar-lhe as mãos e apertá-las com as minhas.

— Não tires — digo-lhe, com os olhos a encherem-se de lágrimas. — Não tires as mãos. Não tens de o fazer.

Ele fica paralisado, com um ar de completo choque e espanto. Olha para as nossas mãos. Volta a olhar para mim.

— Aprendeste a controlá-lo? — pergunta.

Mal consigo falar. Consigo acenar com a cabeça e sinto as lágrimas escorrerem-me pelas faces.

— Acho que o tive contido este tempo todo, só não sabia. Nunca me teria arriscado a praticá-lo em alguém.

— Bolas, princesa — diz ele, com carinho e os olhos a brilhar. — Estou tão orgulhoso de ti.

Juntam-se todos à nossa volta.

O Castle puxa-me para um abraço forte, e o Brendan, o Winston, a Lily, o Ian e a Alia saltam-lhe para cima, esmagando-me de uma vez só. Estão a gritar vivas, a bater palmas e a apertar-me a mão, e eu nunca senti tanto apoio ou tanta força no nosso grupo. Nenhum momento da minha vida foi tão extraordinário como este.

Mas, quando as felicitações diminuem e as boas-noites começam, puxo o Kenji para o lado para um último abraço.

— Então — digo-lhe, balançando-me nos calcanhares. — Agora posso tocar em quem quiser.

— Sim, eu sei. — Ele ri-se e ergue uma sobrancelha.

— Sabes o que isto significa?

— Estás a convidar-me para um encontro?

— Sabes o que isto *significa*, certo?

— Porque me sinto lisonjeado, a sério, mas continuo a achar que estamos muito melhor como amigos...

— Kenji.

Ele sorri. Mexe-me no cabelo.

— Não — diz. — Não sei. O que significa?

— Significa um milhão de coisas — informo, e ponho-me em bicos de pés para o olhar nos olhos. — Mas também significa que agora nunca vou ter de estar com alguém por defeito. Agora posso fazer o que quiser. Estar com quem quiser. A escolha é minha.

O Kenji fica a olhar para mim durante muito tempo. Sorri. Então, baixa os olhos. Acena com a cabeça.

E diz:

— Faz o que tens a fazer, J.

CINQUENTA E CINCO

Quando saio do elevador e entro no escritório do Warner, as luzes estão todas apagadas. Está tudo mergulhado numa espécie de vulto negro e preciso de várias tentativas para adaptar os olhos à escuridão. Percorro o escritório com cuidado, à procura de um sinal do seu dono e não encontro nenhum.

Dirijo-me para o quarto.

O Warner está sentado na beira da cama, com o casaco atirado ao chão e as botas descalças ao lado. Está sentado em silêncio, com as palmas das mãos no colo e a olhar para as mãos como se estivesse à procura de algo que não consegue encontrar.

— Aaron? — sussurro, e avanço.

Ele levanta a cabeça. Olha para mim.

E sinto algo dentro de mim estilhaçar-se.

Cada vértebra, cada articulação, ambas as rótulas e as ancas. Sou uma pilha de ossos no chão e só eu o sei. Sou um esqueleto partido com um coração a bater.

Expira, digo a mim mesma.

Expira.

— Sinto muito — são as primeiras palavras que sussurro.

Ele acena com a cabeça. Levanta-se.

— Obrigado — diz para o vazio, e sai pela porta.

Sigo-o do quarto para o escritório. Chamo-o pelo nome.

Ele para em frente à mesa de reuniões, de costas para mim, agarrado à borda.

— Por favor, Juliette, esta noite não, não posso...

— Tinhas razão — digo, finalmente. — Tiveste sempre razão. Ele vira-se, muito devagar.

Olho-o nos olhos e fico petrificada de imediato. Sinto-me nervosa, preocupada e tão certa de que vou fazer isto tudo mal, mas

talvez seja a única forma de o fazer, porque já não consigo guardar isto para mim. Há tantas coisas que preciso de lhe dizer. Coisas que tenho sido demasiado cobarde para admitir, mesmo a mim própria.

— Razão sobre o quê? — Ele arregala os olhos verdes.

Assustado. Encosto os dedos à boca, ainda com tanto medo de falar.

Penso em tantas coisas que faço com estes lábios.

Provo, toco, beijo e encosto-os nas partes tenras da sua pele, fiz promessas, disse mentiras e toquei vidas com estes dois lábios e as palavras que formam, com as formas e os sons que moldam. Mas agora desejo que ele me leia a mente, porque a verdade é que sempre tive esperança de nunca ter de proferir estes pensamentos em voz alta.

— Eu quero-te — digo-lhe, com a voz a tremer. — Quero-te tanto que me assusta.

Vejo o movimento da sua garganta, o esforço que está a fazer para se manter imóvel. Tem o olhar aterrorizado.

— Menti-te — digo-lhe, e as palavras saem-me aos tropeções. — Naquela noite. Quando disse que não queria estar contigo. Menti. Porque tinhas razão. Fui cobarde. Não queria admitir a verdade a mim mesma, senti-me tão culpada por te preferir, por querer passar o tempo todo contigo, mesmo quando estava tudo a desmoronar-se. Estava confusa em relação ao Adam, confusa em relação a quem devia ser e não sabia o que estava a fazer, fui estúpida. Estúpida e não te levei em consideração, depois tentei culpar-te por isso e magoei-te muito. — Tento respirar. — E estou tão, tão arrependida.

— O que... — Ele está a pestanejar depressa. A voz sai-lhe frágil, desigual. — O que estás a dizer?

— Eu amo-te — sussurro. — Amo-te exatamente como és.

O Warner olha para mim como se estivesse a ficar surdo e cego ao mesmo tempo.

— Não — suspira. Uma palavra quebrada. Quase nem se pode considerar um som. Abana a cabeça, desvia o olhar, passa a mão no cabelo e, ainda virado para a mesa, diz: — Não. Não, não...

— Aaron...

— Não — diz, afastando-se. — Não sabes o que estás a dizer...

— Eu amo-te — repito. — Amo-te, quero-te e já te queria naquela altura, queria-te tanto como ainda te quero, neste momento...

Para.

O tempo para.

O mundo para.

Tudo para no momento em que ele atravessa a sala, me puxa para os seus braços, encosta-me à parede e sinto-me às voltas e quieta e nem sequer respiro, mas estou viva, tão viva, tão, tão, viva e ele está a beijar-me.

Intenso e desesperado. Tem as mãos à volta da minha cintura e respira com tanta força, depois levanta-me para os seus braços, envolvo-lhe as ancas com as pernas e ele beija-me o pescoço, a garganta e senta-me na borda da mesa de reuniões.

Tem uma mão no meu pescoço, a outra dentro da minha blusa e passa os dedos pelas minhas costas, de repente sinto a sua coxa entre as minhas pernas e a mão a deslizar por detrás do meu joelho, a subir cada vez mais, puxando-me para mais perto, até que interrompe o beijo e fico a respirar tão depressa e com a cabeça às voltas Que tento agarrar-me a ele.

— Para cima — diz ele, ofegante. — Levanta os braços.

Levanto os braços. Ele puxa-me a blusa para cima. Pela minha cabeça. Atira-a para o chão.

— Deita-te — ordena-me, ainda a respirar com dificuldade e a guiar-me para a mesa enquanto desliza as mãos pela minha coluna, pelas minhas costas abaixo. Desabotoa-me as calças de ganga. Abre-me o fecho. — Levanta as ancas para mim, querida. — diz, e enfia os dedos na cintura das calças e da minha roupa interior ao mesmo tempo.

Puxa-as para baixo.

Suspiro.

Estou deitada na mesa dele, apenas de sutiã.

Que agora também desapareceu.

Sinto as mãos dele a subirem-me pelas pernas, pelo interior das coxas, os lábios a descerem-me pelo peito e o pouco que restava da

minha compostura e da minha sanidade fica desfeito, estou a sofrer, por todo o lado, a saborear cores e sons que nem sabia que existiam. Tenho a cabeça encostada à mesa e agarro-lhe os ombros, sinto-o quente por todo o lado, carinhoso e, de certa forma, com muita urgência, e tento não gritar porque ele já está a descer pelo meu corpo, já escolheu onde me beijar. Como me beijar.

E não vai parar.

Estou para lá do pensamento racional. Para lá das palavras, das ideias lógicas. Os segundos fundem-se em minutos, os corações colapsam, as mãos agarram-se e eu tropecei num planeta e já não sei nada, não sei nada porque nada se poderá comparar a isto. Nada conseguirá captar o que estou a sentir neste momento.

Já nada importa.

Nada mais do que este instante e a boca dele no meu corpo, as mãos na minha pele, os beijos em sítios completamente novos que me deixam louca. Grito, agarro-me a ele, morro e, de alguma forma, sou trazida de volta à vida ao mesmo tempo, na mesma respiração.

Ele está de joelhos.

Mordo o gemido que sinto preso na garganta pouco antes de ele se levantar e me levar para a cama. Num instante está em cima de mim e beija-me com uma intensidade que me faz pensar como é que ainda não morri, nem me incendiei, ou acordei e me levantei deste sonho. Ele passa as mãos pelo meu corpo, volta a subi-las para o meu rosto, beija-me uma, duas vezes e prende-me o lábio inferior por um segundo com os dentes, enquanto me agarro a ele, envolvo-lhe o pescoço, passo as mãos pelo seu cabelo e puxo-o para mim. Ele tem um sabor tão doce. Tão quente e doce e continuo a tentar dizer o seu nome, mas não consigo sequer ter tempo para respirar, quanto mais para dizer uma única palavra.

Empurro-o para cima, para o descolar de mim.

Desabotoo-lhe a camisa, com as mãos a tremer, e fico tão frustrada a lutar com os botões que a rasgo, fazendo os botões voarem por todo o lado, depois nem tenho oportunidade de a abrir porque ele puxa-me para o seu colo. Encaixa-me as pernas à volta das suas ancas e baixa-me para trás até me deitar no colchão, então inclina-se sobre mim, segura-me o rosto com as mãos, os seus polegares são como parêntesis à volta da minha boca, puxa-me para

si e beija-me, beija-me até o tempo cair e a minha cabeça girar até ao esquecimento.

É um beijo intenso e inacreditável.

O tipo de beijo que inspira as estrelas a subirem ao céu e a iluminarem o mundo. O tipo de beijo que leva uma eternidade e não leva tempo nenhum. Ele segura-me o rosto, recua só para me olhar nos olhos e diz, ofegante:

— Acho que o meu coração vai explodir. — E eu desejo, mais do que nunca, saber como captar momentos como este e revisitá-los para sempre.

Porque isto.

Isto é tudo.

CINQUENTA E SEIS

Warner esteve a dormir a manhã toda.

Não acordou para treinar. Não acordou para tomar banho. Nem para nada. Está aqui deitado, de barriga para baixo, com os braços à volta de uma almofada.

Acordei às oito horas da manhã e estou a olhar para ele há duas horas.

Ele costuma levantar-se às cinco e meia. Por vezes, mais cedo.

Preocupa-me que possa já ter perdido muitas coisas importantes. Não faço ideia se tem reuniões ou sítios específicos onde estar hoje. Não sei se falhou a agenda diária por ficar a dormir até tão tarde. Não sei se alguém virá verificar como está. Não faço a mínima ideia.

Mas sei que não o quero acordar.

Ficámos acordados até muito tarde, ontem à noite.

Corro os meus dedos pelas suas costas, ainda confusa com a palavra “Incendeia” que tem tatuada na pele e treino os olhos para ver as suas cicatrizes como algo diferente do abuso aterrador que sofreu toda a vida. Não consigo lidar com a horrível verdade dessa realidade. Enrolo-me nele, encosto a cara nas suas costas e abraço-o. Beijo-lhe a coluna. Sinto-o respirar, para dentro e para fora, de forma muito regular. Tão constante.

Ele mexe-se, apenas um pouco.

Eu sento-me.

Ele vira-se lentamente, ainda meio a dormir. Usa as costas da mão para esfregar os olhos. Pestaneja várias vezes. Depois vê-me.

Sorrisos.

É um sorriso muito, muito sonolento.

Não consigo deixar de sorrir de volta. Sinto-me como se me tivessem aberto e recheado de sol. Nunca tinha visto um Warner adormecido. Nunca acordei nos seus braços. Nunca o vira senão

acordado, alerta e atento.

Neste momento, parece quase preguiçoso.

É adorável.

— Vem cá — diz ele, e aproxima-se de mim.

Enrosco-me nos seus braços, agarro-me e ele aperta-me num abraço. Beija-me o topo da cabeça. Sussurra:

— Bom dia, querida.

— Gosto disso — digo baixinho e a sorrir, embora ele não consiga ver. — Gosto quando me chamas “querida”.

Ele ri-se e sinto-lhe os ombros a tremer. Depois volta-se para mim, com os braços esticados ao lado do corpo.

Meu Deus, como fica bem despido.

— Nunca dormi tão bem em toda a minha vida — diz, num tom bem suave. Sorri, com os olhos ainda fechados. Vejo as covinhas em ambas as bochechas. — Sinto-me tão estranho.

— Dormiste muito tempo — digo-lhe, entrelaçando os meus dedos nos dele.

Ele espreita-me por um olho.

— Foi?

Aceno com a cabeça.

— É tarde. Já são dez e meia.

Ele endurece.

— A sério?

Aceno de novo com a cabeça.

— Não te queria acordar.

Ele suspira.

— Receio que seja melhor ir-me embora. O Delalieu já deve ter tido um aneurisma.

Uma pausa.

— Aaron — digo, tímida. — Quem é o Delalieu, exatamente? Porque é tão confiável em tudo isto?

Ele respira fundo.

— Conheço-o há muitos, muitos anos.

— Só isso...? — pergunto, e inclino-me para o olhar nos olhos.
— Ele sabe tanto sobre nós e sobre o que estamos a fazer que às vezes fico preocupada. Pensava que tinhas dito que todos os teus soldados te odeiam. Não devias desconfiar? Ou confiar menos nele?

— Sim — responde-me, baixinho — seria de esperar que sim.

— Mas confias.

O Warner olha-me nos olhos. Suaviza a voz.

— Ele é o pai da minha mãe, querida.

Endureço de imediato e afasto-me.

— O quê?

Ele olha para o teto.

— É o teu avô? — Agora estou sentada na cama.

Ele acena com a cabeça.

— Há quanto tempo sabes? — Não sei como manter a calma em relação a isto.

— Toda a minha vida. — O Warner encolhe os ombros. — Esteve sempre por perto. Conheço a cara dele desde criança; costumava vê-lo em nossa casa, a participar nas reuniões do Restabelecimento, todas organizadas pelo meu pai.

Estou tão atordoada que mal sei o que dizer.

— Mas... tu trata-lo como se fosse...

— Meu tenente? — Ele estica o pescoço. — Bom, é o que ele é.

— Mas é da tua *família*...

— Foi destacado para este setor pelo meu pai e eu não tinha razão para acreditar que era diferente do homem que me deu metade do meu ADN. Nunca foi visitar a minha mãe. Nunca pergunta por ela. Nunca mostrou qualquer interesse. O Delalieu levou 19 anos a ganhar a minha confiança e só agora me permitiu esta fraqueza porque fui capaz de sentir a sua sinceridade com regularidade ao longo dos anos. — Ele faz uma pausa. — E, apesar de termos atingido um certo nível de familiaridade, ele nunca o reconheceu, nem reconhecerá, a biologia que partilhamos.

— Mas porque não?

— Porque não é mais meu avô do que eu sou filho do meu pai.

Fico a olhar para ele durante muito tempo até perceber que não vale a pena continuar esta conversa. Creio que percebo. Vejo que ele e o Delalieu não têm mais do que uma espécie de respeito estranho e formal um pelo outro. E o facto de estarem ligados pelo sangue não faz deles uma família.

Sei por experiência.

— Então, tens de ir agora? — sussurro, arrependida por ter falado no Delalieu.

— Ainda não. — Ele sorri. Toca-me na bochecha. Ficamos ambos em silêncio um instante.

— Em que estás a pensar? — pergunto-lhe.

Ele inclina-se e beija-me com tanta suavidade. Depois abana a cabeça.

Toco-lhe nos lábios com a ponta do dedo.

— Tens segredos aqui dentro — afirmo. — Quero-os cá fora.

Ele tenta morder-me o dedo.

Afasto-o a tempo.

— Porque cheiras tão bem? — pergunta ele, ainda a sorrir, evitando a minha pergunta. Inclina-se de novo e beija-me de forma demorada e leve ao longo do maxilar e por baixo do meu queixo. — Está a deixar-me louco.

— Tenho andado a roubar-te os sabonetes — confesso.

Ele ergue as sobrancelhas para mim.

— Desculpa. — Sinto-me a corar.

— Não te sintas mal — apressa-se ele a dizer. — Podes ter tudo o que quiseses de mim. Podes ficar com tudo.

Sou apanhada desprevenida, tão tocada pela sinceridade da sua voz.

— A sério? — pergunto. — Porque eu adoro este sabonete.

Então ele sorri-me. Com um olhar lascivo.

— Que foi?

Ele abana a cabeça. Afasta-se. Desliza para fora da cama.

— Aaron...

— Volto já — diz ele.

Vejo-o entrar na casa de banho. Ouço o som de uma torneira e a água a correr para encher uma banheira.

Começo a sentir o coração acelerar.

Ele volta a entrar no quarto e agarro-me aos lençóis, já a protestar contra o que acho que está prestes a fazer.

Ele puxa o cobertor. Inclina a cabeça a olhar para mim.

— Larga, por favor.

— Não.

— Porque não?

— O que vais fazer? — pergunto.

— Nada.

— Mentiroso.

— Está tudo bem, querida. — Ele provoca-me com o olhar. — Não fiques envergonhada.

— Está demasiada claridade aqui. Apaga as luzes.

Ele ri-se alto. Puxa os cobertores da cama.

Eu reprimo um grito.

— Aaron...

— És perfeita. Cada centímetro teu. Perfeito — repete. — Não te escondas de mim.

— Retiro o que disse — digo, em pânico, com uma almofada apertada junto ao corpo. — Não quero o teu sabonete... retiro tudo...

Mas, depois, ele arranca-me a almofada dos braços, pega em mim e leva-me.

CINQUENTA E SETE

O meu fato está pronto.

O Warner certificou-se de que a Alia e o Winston teriam tudo o que precisavam para o criar e, apesar de os ter visto a trabalhar no projeto todos os dias, nunca pensei que todos aqueles materiais diferentes se pudessem transformar nisto.

Parece pele de cobra. O material é preto e cinzento-escuro, mas parece quase dourado quando a luz incide na sua superfície. O padrão move-se quando me mexo e é vertiginoso ver como os fios parecem convergir e divergir, como se nadassem juntos.

Serve-me de uma forma que é ao mesmo tempo desconfortável e afirmativa; é justo e um pouco rígido de início, mas, quando começo a mexer os braços e as pernas, começo a perceber a flexibilidade escondida que permite. É estranho como tudo parece contraintuitivo. Este fato é ainda mais leve do que o anterior — quase nem parece que estou vestida — e, no entanto, parece muito mais resistente, muito mais forte. Sinto-me como se pudesse parar uma faca. Como se pudesse ser arrastada no chão por um quilómetro.

Também tenho botas novas.

São muito parecidas com as antigas, mas estas chegam-me às canelas e não apenas aos tornozelos. São rasas, flexíveis e silenciosas ao andar.

Não lhe pedi luvas.

Estou às voltas pela sala, a flexionar as mãos, a dobrar os joelhos e a familiarizar-me com a sensação deste novo material. Serve um propósito diferente. Já não estou a tentar esconder a minha pele do mundo. Estou apenas a tentar aumentar o poder que já tenho.

Sabe tão bem.

— Estas também são para ti — diz a Alia, a sorrir enquanto cora. — Pensei que ias gostar de um par novo. — Ela mostra-me

umas réplicas exatas das soqueiras que me fez no passado.

As que perdi. Numa batalha que perdemos.

Estas, mais do que qualquer outra coisa, representam muito para mim. É uma segunda oportunidade. Uma oportunidade para fazer as coisas bem.

— Obrigada — digo-lhe, com a esperança de que ela perceba o quanto significa para mim.

Enfio as soqueiras nos dedos, fletindo-os enquanto o faço.

Levanto a cabeça. Olho em redor.

Estão todos a olhar para mim.

— O que acham? — pergunto.

— O teu fato é igual ao meu. — O Kenji franze o sobrolho. — Era suposto ser eu o único com o fato preto. Porque não podes ter um cor-de-rosa? Ou amarelo...

— Porque nós não somos a porra dos Power Rangers — diz o Winston, a revirar os olhos.

— Que raio é um Power Ranger? — pergunta o Kenji.

— Acho que está espetacular — observa o James, com um grande sorriso. — Pareces muito mais fixe do que antes.

— Sim, estás mesmo com ar de durona — diz a Lily. — Adoro.

— É o vosso melhor trabalho, amigos — elogia o Brendan, dirigindo-se ao Winston e à Alia. — A sério. E as coisas... para os dedos... — acrescenta, a apontar-me para as mãos. — São simplesmente... acho que ligam tudo. É brilhante.

— Está muito elegante, menina Ferrars — diz-me o Castle. — Acho que lhe assenta que nem uma luva, se me perdoa a piada.

Sorriso.

Sinto a mão do Warner nas costas. Ele inclina-se e sussurra:

— Essa coisa é fácil de despir? — E eu forço-me a não olhar para ele nem para o sorriso que certamente tem estampado na cara às minhas custas. Detesto que ainda consiga fazer-me corar.

Tento focar algo diferente na sala.

Adam.

Está a olhar para mim, com um ar de descontração inesperada. Calmo. E, por um instante, muito breve, vislumbro o rapaz que conheci. Aquele por quem me apaixonei pela primeira vez.

Ele vira as costas.

Não consigo parar de desejar que fique bem; tem apenas 12 horas para se recompor. Porque, esta noite, vamos rever o plano, uma última vez.

E amanhã, tudo começa.

CINQUENTA E OITO

— Aaron? — sussurro.

As luzes estão apagadas. Estamos na cama. Estou estendida ao longo do corpo dele de barriga para cima, com a cabeça apoiada no seu peito. A olhar para o teto.

Ele passa a mão pelo meu cabelo, sinto os seus dedos a pentear-me as madeixas.

— O teu cabelo é como a água — sussurra. — É tão fluido. Como seda.

— Aaron.

Ele beija-me ao de leve o topo da cabeça. Passa as mãos pelos meus braços.

— Tens frio? — pergunta.

— Não podes evitar isto para sempre.

— Não temos de o evitar de todo. Não há nada a evitar.

— Só quero saber se estás bem — digo. — Estou preocupado contigo.

Ele ainda não me disse nada sobre a mãe. Não disse uma palavra durante o tempo todo que estivemos no quarto dela e não falou sobre isso desde então. Nem sequer aludiu ao assunto. Nem uma única vez.

Mesmo agora, não diz nada.

— Aaron?

— Sim, querida.

— Não vais falar sobre isso?

Ele fica de novo em silêncio durante tanto tempo que estou prestes a virar-me para o encarar. Mas depois.

— Ela já não está a sofrer — acrescenta, num tom suave. — Isso é uma grande consolação para mim.

Depois, não o pressiono mais a falar.

— Juliette.

— Sim?

Consigo ouvi-lo a respirar.

— Obrigado — sussurra. — Por seres minha amiga.

Então, viro-me. Aproximo-me da cara dele, com o nariz a roçar-lhe o pescoço.

— Estarei sempre aqui, se precisares de mim — digo, envolvida pela escuridão que prende e abafa a minha voz. — Por favor, lembra-te disso. Lembra-te sempre disso.

Mais segundos se afogam na escuridão. Sinto-me a adormecer.

— Isto está mesmo a acontecer? — Ouço-o sussurrar.

— O quê? — Pestanejo, tento manter-me acordada.

— Pareces-me tão real — diz ele. — A tua voz parece tão real.

Quero tanto que isto seja real.

— Isto é real — digo. — E as coisas vão melhorar. As coisas vão ficar muito melhores. Prometo.

Ele respira fundo.

— A parte mais assustadora — ele fala com muita calma na voz — é que, pela primeira vez na vida, acredito mesmo nisso.

— Ainda bem — digo baixinho, virando o rosto para o seu peito. Fecho os olhos.

Ele abraça-me e puxa-me para mais perto.

— Porque é que tens tanta roupa vestida? — sussurra.

— Hum?

— Não gosto disto — diz ele.

E puxa-me as calças.

Beijo-lhe o pescoço, um encontro leve. Um beijo que é como uma pluma.

— Então tira-as.

Ele destapa-nos.

Tenho apenas um segundo para conter um arrepio antes de ele se ajoelhar entre as minhas pernas. Alcança a cintura das minhas

calças e puxa-as, desliza-as pelas minhas ancas e desce pelas coxas. Muito devagarinho.

O meu coração faz-me todo o tipo de perguntas.

Ele amachuca as calças na mão e atira-as para o outro lado da sala.

Depois, desliza os braços para as minhas costas e puxa-me para cima contra o seu peito. Sinto as mãos dele por baixo da minha blusa e a subirem-me pela coluna.

Num instante, a minha blusa desaparece.

Atirada na mesma direção que as calças.

Arrepio-me, só um bocadinho, e ele deita-me de volta nas almofadas, com cuidado para não me esmagar com o seu peso. O calor do corpo dele é tão convidativo, tão quente. Inclino a cabeça para trás. Ainda tenho os olhos fechados.

Separo os lábios sem motivo aparente.

— Quero poder sentir-te — sussurra-me ao ouvido. — Quero sentir a tua pele na minha. — Desce as mãos suaves pelo meu corpo. — Meu Deus, és tão macia — diz, com a voz rouca de emoção.

Beija-me pescoço.

Tenho a cabeça às voltas. Sinto tudo quente e frio, algo ganha vida dentro de mim, procuro o peito dele com as mãos, em busca de onde me agarrar, tento manter olhos abertos e não consigo e estou apenas consciente o suficiente para sussurrar o nome dele.

— Sim, querida?

Tento dizer algo mais, mas a minha boca não me ouve.

— Já estás a dormir? — pergunta-me.

Sim, acho que sim. Não sei. Sim.

Aceno com a cabeça.

— Ainda bem — diz ele, em voz baixa. Depois levanta-me a cabeça e afasta-me o cabelo do pescoço para me deitar com mais suavidade na almofada. No fim, sai de cima de mim e deita-se ao meu lado. — Precisas de dormir mais — diz.

Aceno de novo com a cabeça e deito-me de lado. Ele puxa os cobertores para me cobrir até aos braços.

Beija-me o ombro. A omoplata. Percorre-me a coluna com cinco beijos, cada um mais suave que o outro.

— Estarei aqui todas as noites — sussurra, palavras tão doces, tão sofridas — para te manter quente. Vou beijar-te até não conseguir manter os olhos abertos.

Sinto a cabeça presa numa nuvem.

Consegues ouvir o meu coração?, quero perguntar-lhe.

Quero que faças uma lista de todas as tuas coisas favoritas e quero fazer parte dela.

Mas estou a adormecer tão depressa que perdi a noção da realidade e não sei como mexer a boca. O tempo parou à minha volta e envolveu-me.

Mas ele ainda está a falar. Tão calmo, tão suave. Pensa que estou a dormir. Pensa que eu não o ouço.

— Sabes — sussurra — acordo todas as manhãs convencido de que te vais embora?

Acorda, digo a mim mesma. *Acorda*. *Presta atenção*.

— Que tudo isto, estes momentos, se irá confirmar como uma espécie de sonho extraordinário? Mas depois ouço a forma como falas comigo, vejo como olhas para mim e sinto que é real. Consigo sentir a verdade nas tuas emoções e na forma como me tocas. — A voz dele continua um sussurro, ao mesmo tempo que me acaricia a face com as costas da mão.

Abro os olhos. Pestanejo uma, duas vezes.

Vejo-o com um sorriso suave nos lábios.

— Aaron — sussurro.

— Eu amo-te — diz ele.

O meu coração já não me cabe no peito.

— Agora, tudo me parece tão diferente — afirma. — Sinto tudo de forma diferente. O sabor é diferente. Trouxeste-me de volta à vida. — Ele fica quieto por um momento. — Nunca conheci este tipo de paz. Nunca conheci este tipo de conforto. E às vezes tenho medo — confessa, baixando o olhar — que o meu amor te possa assustar.

Ele volta a levantar a cabeça, num movimento muito lento e vejo aquela pestanas douradas a erguerem-se para revelar mais tristeza e beleza ao mesmo tempo do que alguma vez vi. Não sabia que uma pessoa podia transmitir tanto com apenas um olhar. Há uma dor extraordinária nele. Uma paixão extraordinária.

É de cortar a respiração.

Seguro-lhe o rosto com as mãos e beijo-o, muito lentamente.

Ele fecha os olhos. A sua boca responde à minha. Com as mãos, tenta puxar-me para mais perto e eu impeço-o.

— Não — sussurro. — Não te mexas.

Ele deixa cair as mãos.

— Deita-te para trás — sussurro.

Ele deita-se.

Beijo-o em toda a parte. As bochechas. O queixo. A ponta do nariz e o espaço entre as sobrancelhas. A testa toda e a linha do maxilar. Cada centímetro do seu rosto. Beijos curtos e suaves que dizem muito mais do que eu alguma vez conseguiria exprimir por palavras. Quero que ele saiba como me sinto. Quero que saiba de uma maneira que só ele pode saber, sentindo a profundidade da emoção por trás dos meus movimentos. Quero que saiba e nunca duvide.

E quero levar o meu tempo.

Desço para o pescoço e ele começa a ofegar, respiro o cheiro da sua pele, sinto-lhe o sabor e percorro-lhe o peito com as mãos, beijando-lhe a linha do tronco. Ele continua a tentar alcançar-me, a tentar tocar-me e tenho de lhe dizer para parar.

— Por favor — diz-me — quero sentir-te...

Baixo-lhe suavemente os braços.

— Ainda não. Agora não.

Avanço para as calças dele. Ele abre os olhos de imediato.

— Fecha os olhos — tenho de lhe dizer.

— Não. — Ele mal consegue falar.

— Fecha os olhos.

Ele abana a cabeça.

— Como queiras.

Desabotoo-lhe as calças. Abro a braguilha.

— Juliette — diz ele com dificuldade em respirar. — O que...

Estou a tirar-lhe as calças.

Ele senta-se.

— Deita-te. Por favor.

Ele olha para mim, com os olhos arregalados.

Decide aceitar o meu pedido.

Tiro-lhe as calças por completo. Atiro-as para o chão.

Ele está só de boxers.

Percorro a costura do algodão macio com o dedo, seguindo as linhas do tecido sobreposto dos boxers que se cruzam no centro. Ele está a respirar tão depressa que consigo ouvi-lo, consigo ver o peito dele mexer-se. Tem os olhos fechados. A cabeça inclinada para trás. Os lábios entreabertos.

Toco-lhe de novo, muito ao de leve.

Ele abafa um gemido e vira a cara para as almofadas. Sinto o corpo dele todo a tremer e vejo-o agarrar-se aos lençóis. Desço as mãos pelas suas pernas, agarro-as mesmo acima dos joelhos e afasto-as para dar espaço aos beijos que lhe planto na parte interior das coxas.

Roço o nariz na sua pele.

Ele parece em sofrimento. Tanto sofrimento.

Encontro o elástico da cintura dos boxers. Puxo-os para baixo.

Lentamente.

Lentamente.

A tatuagem está situada logo abaixo do osso da anca.

o inferno está vazio
e os demónios estão todos cá

Beijo-o ao longo dessas palavras.

Beijo-o para afastar os demónios.

Beijo-o para afastar a dor.

CINQUENTA E NOVE

Estou sentada na beira da cama, com os cotovelos apoiados nos joelhos e o rosto apoiado nas mãos.

— Estás pronta? — pergunta-me ele.

Olho para cima. Levanto-me. Abano a cabeça.

— Respira, querida. — Ele coloca-se à minha frente e segura-me o rosto. Tem os olhos brilhantes, intensos, firmes e cheios de confiança. Em mim. — Tu és magnífica. És extraordinária.

Tento rir-me e sai-me tudo mal.

O Warner encosta a testa à minha.

— Não há nada a temer. Nada com que te preocupares. Nada que valha a pena lamentar neste mundo transitório — diz ele suavemente.

Inclino-me para trás, com uma pergunta no olhar.

— É a única forma que conheço de existir — diz ele. — Num mundo onde há tanto para lamentar e tão pouco de bom para aproveitar? Não lamento nada. Aproveito tudo.

Olho-o fixamente nos olhos durante uma eternidade.

Ele aproxima-se do meu ouvido. Baixa a voz.

— Incendeia-me, meu amor. Incendeia-me.

✧

O Warner convocou uma assembleia.

Diz que é um procedimento bastante rotineiro, em que os soldados são obrigados a usar o uniforme preto habitual.

— E vão estar desarmados — disse-me.

O Kenji, o Castle e todos os outros vêm assistir, graças à invisibilidade do Kenji, mas eu sou a única que vai falar hoje. Disse-

lhês que queria liderar. Que estaria disposta a correr o primeiro risco.

Então aqui estou.

O Warner guia-me para sairmos do quarto.

Os corredores estão abandonados. Os soldados que patrulhavam os aposentos dele desapareceram, já estão reunidos e à espera da sua presença. Só agora começo a perceber a realidade do que estou prestes a fazer.

Porque, independentemente do resultado de hoje, vou expor-me. É uma mensagem minha para o Anderson. Uma mensagem que sei que vai receber.

Estou viva.

Usarei os teus próprios exércitos para te perseguir.

E vou matar-te.

Há algo neste pensamento que me provoca um pico de felicidade.

Entramos no elevador e o Warner dá-me a mão. Aperto-lhe os dedos. Ele sorri a olhar em frente. De repente, estamos a sair do elevador e a passar por outra porta que dá acesso direto para o pátio aberto onde só estive uma vez.

Que estranho, penso, voltar a este telhado, mas não como cativa.

Já sem medo. E agarrada à mão do mesmo rapaz louro que me trouxe aqui antes.

Como este mundo é estranho.

O Warner hesita antes de se mostrar. Olha para mim, à espera de confirmação. Aceno com a cabeça. Ele solta-me a mão.

Damos um passo em frente, juntos.

SESENTA

A surpresa dos soldados que se encontram imediatamente abaixo de nós é bem audível.

Tenho a certeza de que se lembram de mim.

O Warner tira uma peça quadrada de malha do bolso e passa-a pelos lábios, apenas uma vez, depois segura-a na mão fechada. A sua voz é amplificada pela multidão quando fala.

— Setor 45 — diz.

Eles mudam de posição. Os punhos direitos erguem-se e caem nos peitos, as mãos esquerdas abertas caem ao longo dos corpos.

— Disseram-vos, há pouco mais de um mês, que tínhamos ganhado a batalha contra um grupo de resistência chamado Ponto Ómega. Disseram-vos que dizimámos a sua base e massacrámos os homens e mulheres que restavam no campo de batalha. Foi-vos dito para nunca duvidarem do poder do Restabelecimento. Somos imbatíveis. Insuperáveis no poder militar e no controlo da terra. Foi-vos dito que somos o futuro. A única esperança.

A voz dele ressoa sobre a multidão, ao mesmo tempo que estuda os rostos dos seus homens.

— E espero — continua — que não tenham acreditado.

Os soldados mantêm-se a olhar, atordoados, enquanto o Warner fala. Parecem ter medo de sair da linha, caso isto acabe por se revelar uma partida elaborada, ou talvez um teste por parte do Restabelecimento. Não fazem mais nada senão olhar, agora sem o cuidado de manter o ar mais estoico possível.

— A Juliette Ferrais não está morta. Está aqui, ao meu lado, apesar das afirmações feitas pelo nosso comandante supremo. É verdade que lhe deu um tiro no peito. E que a deixou a morrer. Mas ela conseguiu sobreviver ao ataque cometido contra a sua vida e veio aqui hoje para vos fazer uma proposta.

Tiro a malha da mão do Warner e encosto-a aos lábios, tal como ele fez. Deixo-a cair na mão.

Respiro fundo. E digo quatro palavras.

— Quero destruir o Restabelecimento.

A minha voz sai-me tão alta, tão projetada sobre a multidão, que sou apanhada de surpresa. Os soldados olham para mim com horror. Choque. Incredulidade. Espanto. Começam a sussurrar.

— Quero guiar-vos para a batalha — digo-lhes. — Quero ripostar...

Já ninguém me está a ouvir.

As filas perfeitas e organizadas foram abandonadas. Agora, estão reunidos em massa, a falar, a gritar e a tentarem deliberar entre si.

Tentam compreender o que está a acontecer.

Não acredito que os perdi tão depressa.

— Não hesites — diz-me o Warner. — Tens de reagir. *Agora.*

Tinha esperança de poder guardar isto para mais tarde.

Neste momento, estamos apenas a cerca de quatro metros do chão, mas o Warner disse-me que tenho mais quatro andares, se quiser ir até ao topo. O mais alto tem altifalantes destinados a esta área em particular. Tem uma pequena plataforma de manutenção que só é acedida por técnicos.

Já me encontro a subir.

Os soldados estão distraídos de novo, apontam para mim enquanto subo as escadas; continuam a falar alto uns com os outros.

Não faço ideia se é possível que a notícia desta situação já tenha chegado aos civis ou aos espiões que informam o supremo. Neste momento, não tenho tempo para me preocupar, porque ainda nem terminei o meu discurso e já os perdi.

Isto não é bom.

Quando finalmente chego ao último andar, estou a cerca de 30 metros do chão. Subo para a plataforma com cuidado, mas tenho ainda mais atenção em não olhar para baixo durante muito tempo. E, quando por fim fixo os pés, olho em frente e para a multidão.

Recuperei a atenção deles.

Fecho a mão sobre a malha microfónica.

— Só tenho uma pergunta a fazer-vos — digo, e ouço as minhas palavras poderosas e claras que se projetam à distância. — O que fez o Restabelecimento por vocês?

Agora estão mesmo a olhar para mim. A ouvir.

— Não vos deram mais do que salários magros e promessas de um futuro que nunca chegará. Dividiram as vossas famílias e forçaram-nas a atravessar o que resta desta terra. Mataram os vossos filhos à fome e destruíram as vossas casas. Mentem-vos, uma e outra vez, obrigando-vos a aceitar empregos no exército para vos poderem controlar. E vocês não têm escolha — digo. — Não têm mais opções. Por isso, lutam as guerras deles e matam os vossos próprios amigos, só para conseguirem alimentar as vossas famílias.

Sim, agora tenho a atenção deles.

— A pessoa que permitem que lidere esta nação é um cobarde — digo-lhes. — É um homem fraco com demasiado medo de mostrar a cara ao público. Vive em segredo, esconde-se das pessoas que dependem dele e mesmo assim ensinou-vos a temê-lo. Ensinou-vos a encolherem-se quando o seu nome é pronunciado.

— Talvez ainda não o tenham conhecido — continuo. — Mas eu conheci. E não fiquei impressionada.

Não acredito que ainda ninguém me tenha alvejado. Não me interessa se é suposto estarem desarmados. É bem provável que alguém tenha uma arma. E ainda ninguém me alvejou.

— Juntem-se a uma nova resistência — digo-lhes, gritando para a multidão. — Somos a maioria e podemos manter-nos unidos. Vão continuar a viver assim? — pergunto-lhes, apontando para os complexos à distância. — Vão continuar a passar fome? Porque eles vão continuar a mentir-vos! O nosso mundo não está para lá da reparação. Não está para lá da salvação. Podemos ser o nosso próprio exército. Podemos manter-nos unidos. Juntem-se a mim — termino — e prometo que as coisas vão mudar.

— Como? — ouço alguém gritar. — Como é que consegues prometer uma coisa dessas?

— Não me deixo intimidar pelo Restabelecimento — respondo. — E tenho mais força do que conseguem imaginar. Tenho o tipo de poder que o comandante supremo não consegue enfrentar.

— Já sabemos do que és capaz! — grita outra pessoa. — Isso não vos salvou antes!

— Não — digo-lhes — vocês não sabem o que consigo fazer. Não fazem ideia do que sou capaz.

Estendo os braços, com as duas mãos apontadas na direção da multidão. Tento encontrar o meio. Depois concentro-me.

Sente o teu poder, disse-me uma vez o Kenji. É parte de ti — *uma parte do teu corpo e mente. Ele vai ouvir-te se aprenderes a controlá-lo.*

Firmo os pés na plataforma. Reúno as minhas forças.

E depois separo a multidão.

Lentamente.

Concentro a minha energia no reconhecimento dos corpos individuais e permito que o meu poder se mova com fluidez e contorne os soldados de uma forma suave, em vez de se precipitar sobre eles e os despedaçar por acidente. O meu poder agarra-se às suas formas como os meus dedos fariam e encontra finalmente um centro perfeito que divide o grupo em duas metades. Já estão a olhar uns para os outros do outro lado do pátio, tentando perceber porque não se conseguem mover contra as paredes invisíveis que os separam.

Mas, assim que a energia está no ponto certo, abro os braços, bem abertos.

Puxo.

Os soldados são derrubados. Metade para a esquerda. Metade para a direita. Não é suficiente para ficarem feridos, mas é suficiente para os assustar. Quero que sintam o poder que possuo. Quero que saibam que estou a conter-me.

— Eu posso proteger-vos — digo-lhes, com a minha voz ainda a soar alto sobre eles. — E tenho amigos que podem fazer mais. Que ficarão ao vosso lado e lutarão.

Então, como se fosse uma deixa, o grupo aparece do nada, bem no centro do pátio, no espaço que acabei de desocupar.

Os soldados recuam para os seus cantos, atordoados.

O Castle levanta um braço, persuadindo uma pequena árvore

ao longe a arrancar-se. Usa as duas mãos para arrancá-la do chão e, assim que o faz, a árvore fica fora de controlo e voa pelo ar, com os galhos a balançarem ao vento. Ele puxa a árvore de volta, usando nada mais do que a mente.

Atira-a ainda mais alto, mesmo por cima das suas cabeças e o Brendan ergue os braços.

Bate as mãos uma na outra, com força.

Um raio de eletricidade atinge a árvore na base e sobe de imediato pelo tronco, com uma força tão extrema que praticamente a desintegra; os únicos pedaços que restam caem como chuva no chão.

Não estava à espera disto; nem sequer era suposto eles ajudarem-me hoje. Mas acabaram de criar a minha introdução perfeita.

Agora. Agora mesmo.

Os soldados estão todos a assistir. O pátio foi desimpedido. Encontro o olhar do Kenji lá em baixo e espero pela confirmação.

Ele acena com a cabeça.

Eu salto.

De uma altura de 30 metros, olhos fechados, pernas esticadas e braços para fora. Sinto mais poder a correr pelo meu ser do que nunca. Aproveito-o. Projeto-o.

E aterro com tanta força no chão que este se estilhaça debaixo de mim.

Estou agachada, com os joelhos fletidos e uma mão estendida à minha frente. O pátio treme tanto que, por um segundo, não sei se não provoquei outro terramoto.

Quando finalmente me levanto e olho à minha volta, consigo ver os soldados com muito mais clareza. Vejo a preocupação nos seus rostos. Olham para mim com admiração, de olhos arregalados de espanto e um toque de medo.

— Não estarão sozinhos — digo, girando para lhes ver os rostos. — Não precisam mais de ter medo. Queremos recuperar o nosso mundo. Queremos salvar as vidas dos nossos familiares, dos nossos amigos. Queremos que os vossos filhos tenham uma

oportunidade de um futuro melhor. E queremos lutar. Queremos *vencer*. — Olho-os nos olhos. — E estamos a pedir-vos ajuda.

Faz-se silêncio absoluto.

Depois, o caos absoluto.

Aplausos. Gritos e berros. Pés a bater.

Sinto o quadrado de malha ser-me arrancado da mão. Voa no ar, para a mão do Warner.

Ele dirige-se aos seus homens.

— Parabéns, cavalheiros — diz. — Enviem notícias às vossas famílias. Aos vossos amigos. Amanhã, tudo vai mudar. O supremo estará cá numa questão de dias. Preparem-se para a guerra.

E depois, de uma só vez.

O Kenji faz-nos desaparecer.

CINQUENTA E DOIS

Corremos pelo pátio e pela base e, assim que estamos fora de vista, o Kenji retira a invisibilidade. Avança à frente do grupo, conduz-nos em direção à sala de treino, dando voltas e contravoltas pelo armazém e pela carreira de tiro até chegarmos à sala.

O James tem estado à nossa espera.

Levanta-se, de olhos arregalados.

— Como é que correu?

O Kenji corre para ele e levanta-o do chão.

— Como é que *achas* que correu?

— Hum. Bem? — O James ri-se.

O Castle dá-me uma palmadinha nas costas. Viro-me para olhar para ele. Está a sorrir para mim, com os olhos a brilhar, mais orgulhoso do que alguma vez o vi.

— Muito bem, menina Ferrars — diz, baixinho. — Muito bem.

O Brendan e o Winston aproximam-se a correr, com um sorriso de orelha a orelha.

— Foi muito fixe — diz o Winston. — Quase parecíamos celebridades, ou algo do género.

A Lily, o Ian e a Alia juntam-se ao grupo. Agradeço a todos pela ajuda e pela demonstração de apoio de última hora.

— Acham mesmo que vai resultar? — questiono. — Será suficiente?

— É certamente um começo — diz o Castle. — Agora, precisamos de agir rápido. Imagino que a notícia já se tenha espalhado, mas estou certo de que os outros setores não farão nada até o supremo chegar. — Olha para mim. — Espero que entenda que esta será uma luta contra o país inteiro.

— Não, se os outros setores também se juntarem a nós — digo.

— Que confiança — diz o Castle. Está a olhar para mim como

se eu fosse um ser estranho e alienígena. Um que ele não sabe como entender ou identificar. — Surpreende-me, menina Ferrars.

O elevador abre-se.

Warner.

Aproxima-se de mim.

— A base foi fechada — diz. — Estamos em confinamento até o meu pai chegar. Ninguém entra ou sai das instalações.

— Então, o que fazemos agora? — pergunta o Ian.

— Esperamos — responde o Warner. Olha à volta para nós. — Se ele ainda não sabe, saberá nos próximos cinco minutos. O supremo saberá que alguns membros do vosso grupo ainda estão vivos. Que a Juliette ainda está viva. Saberá que o desafiei e me opus, publicamente, a ele. Vai ficar muito, muito zangado. Isso posso garantir com certeza.

— Então vamos para a guerra — diz o Brendan.

— Sim. — O Warner está calmo, muito calmo. — Vamos lutar. Em breve.

— E os soldados? — reconfirmo. — Estão mesmo connosco?

Ele fixa o olhar no meu por um instante demasiado longo.

— Sim — diz. — Consigo sentir a profundidade da paixão deles.

O respeito súbito que têm por ti. Muitos deles ainda têm medo e outros ainda estão firmes no seu ceticismo, mas tu tinhas razão, querida. Podem ter medo, mas não querem ser soldados. Não assim. Não para o Restabelecimento. Estão prontos para se juntarem a nós.

— E os civis? — pergunto, espantada.

— Virão atrás.

— Tens a certeza?

— Não posso ter certeza de nada — diz ele, num tom baixo. — Mas nunca, durante todo o tempo que passei neste setor, senti o tipo de esperança nos meus homens que senti hoje. Foi tão poderosa, tão consumidora, que ainda a consigo sentir daqui. Quase que a sinto vibrar no meu sangue.

Mal consigo respirar.

— Juliette, querida — diz-me ele, ainda a segurar-me o olhar.
— Acabaste de começar uma guerra.

SESSENTA E DOIS

O Warner puxa-me à parte. Afastados de todos.

Estamos a um canto da sala de treino e ele põe as mãos à volta dos meus ombros. Olha para mim como se eu tivesse acabado de tirar a lua do bolso.

— Tenho de ir — diz, com urgência. — Há muita coisa que tem de ser posta em marcha e tenho de voltar a reunir-me com o Delalieu. Vou tratar de todos os pormenores militares, querida. Garantir que tens tudo de que precisas e que os meus homens estão equipados da melhor forma possível.

Aceno com a cabeça, numa tentativa de lhe agradecer.

Mas ele continua a olhar para mim, perscruta os meus olhos como se tivesse encontrado algo do qual não se consegue afastar. Aproxima as mãos do meu rosto e acaricia-me a bochecha com o polegar. A sua voz é tão terna quando fala.

— Tu estás a caminho de algo grandioso — sussurra. — Nunca te mereci.

O meu coração.

Ele aproxima-se e beija-me a testa, muito carinhoso.

Depois vai-se embora.

Ainda estou a ver as portas do elevador a fechar quando vejo o Adam pelo canto do olho. Aproxima-se de mim.

— Olá — diz.

Parece nervoso, pouco à vontade.

— Olá.

Ele está a acenar com a cabeça e a olhar para os pés.

— Então — solta num suspiro. Ainda não está a olhar para mim. — Belo espetáculo.

Não sei bem o que dizer. Por isso não digo nada.

Ele solta outro suspiro.

— Tu mudaste mesmo — sussurra. — Não é verdade?

— Sim. Mudei.

Ele acena com a cabeça, apenas uma vez. Ri-se de forma estranha. E afasta-se.

SESSENTA E TRÊS

Estamos todos sentados de novo.

A falar. A discutir. A pensar e a planear. O James ressona de forma bem audível a um canto.

Estamos todos entre o entusiasmo e o medo, mas, de certa forma, estamos sobretudo entusiasmados. Afinal de contas, isto é o que toda a gente no Ponto Ómega sempre planeou; juntaram-se ao Castle com a esperança de que isto chegasse um dia.

Uma hipótese de derrotar o Restabelecimento.

Andámos todos a treinar para isto. Até o Adam, que, não sei como, se convenceu a ficar connosco, tem sido um soldado. O Kenji, um soldado. Estão todos em condições físicas ótimas. São todos lutadores; até a Alia, que na sua concha silenciosa contém tanto. Não podia ter pedido um grupo de indivíduos mais sólido.

— Então, quando acham que ele chega? — pergunta o Ian. — Amanhã?

— Talvez — responde o Kenji — mas acho que não vai demorar mais do que dois dias.

— Mas ele não estava num navio? No meio do oceano? — contrapõe a Lily. — Como é que é suposto ele chegar em dois dias?

— Não me parece que seja o tipo de navio em que está a pensar — diz-lhe o Castle. — Imagino que esteja num navio do exército, equipado com uma pista de aterragem. Se pedir um jato, depressa o fazem chegar a nós.

— Uau. — O Brendan inclina-se para trás e apoia-se nas mãos. — Então, isto está mesmo a acontecer? O comandante supremo do Restabelecimento. Eu e o Winston nunca o vimos, nem uma vez, mesmo quando os seus homens nos tiveram em cativeiro. — Ele abana a cabeça. Olha para mim. — Como é ele?

— Ele é extremamente bonito — digo.

A Lily ri-se alto.

— Estou a falar a sério. É quase doentio o quão bonito ele é.

— A sério? — O Winston olha para mim, de olhos arregalados.

O Kenji acena com a cabeça.

— Um indivíduo muito bonito.

A Lily está espantada.

— E disseste que se chama Anderson? — averigua a Alia.

Aceno com a cabeça.

— Isso é estranho — diz a Lily. — Sempre pensei que o apelido do Warner fosse *Warner* e não Anderson. — Ela reflete por um segundo. — Então o nome dele é Warner Anderson?

— Não — contraponho. — Tens razão. Warner é o apelido dele... mas não é o do pai. Ele adotou o apelido da mãe. Não queria ser associado ao pai.

O Adam solta um ronco.

Olhamos todos para ele.

— Então, qual é o primeiro nome do Warner? — pergunta o Ian. — Sabes?

Aceno com a cabeça.

— E? — corta o Winston. — Não nos vais dizer?

— Perguntem-lhe vocês mesmos — digo. — Se ele vos quiser dizer, tenho a certeza de que o fará.

— Pois, isso não vai acontecer — afirma o Winston. — Não vou fazer perguntas pessoais àquele gajo.

Tento não me rir.

— Então... e sabes o primeiro nome do Anderson? — pergunta o Ian. — Ou também é segredo? Quer dizer, tudo isto é muito estranho, certo? O facto de serem tão reservados em relação aos próprios nomes?

— Oh — digo, apanhada desprevenida. — Não sei. Um nome acarreta muito poder, acho eu. E não — completo, abanando a cabeça. — Na verdade, não sei o primeiro nome do Anderson. Nunca perguntei.

— Não estás a perder nada — diz o Adam, irritado. — É um nome estúpido. — Olha para os sapatos. — O nome dele é Paris.

— Como é que sabes isso?

Viro-me e vejo o Warner parado do lado de fora do elevador aberto. Ainda está a tocar suavemente, só agora dá o sinal da sua chegada. As portas fecham-se atrás dele. Ele está a olhar para o Adam em choque.

O Adam pestaneja depressa, olha primeiro para o Warner, depois para nós, sem saber o que fazer.

— Como é que sabes isso? — insiste o Warner em saber. Passa pelo nosso grupo e agarra o Adam pela camisa, movendo-se tão depressa que este nem tem tempo para reagir.

Encosta-o à parede.

Nunca tinha ouvido o Warner levantar a voz desta maneira. Nunca o vi tão zangado.

— A quem respondes, soldado? — grita. — Quem é o teu comandante?

— Não sei do que estás a falar! — grita o Adam de volta. Tenta afastar-se e o Warner agarra-o com as duas mãos, empurrando-o com mais força contra a parede.

Começo a entrar em pânico.

— Há quanto tempo trabalhas para ele? — grita o Warner de novo. — Há quanto tempo estás infiltrado na minha base...

Levanto-me. O Kenji vem logo atrás.

— Warner — digo — por favor, ele não é um espião...

— Ele não tem como saber algo assim — diz-me ele, ainda com os olhos no Adam. — A não ser que seja membro da Guarda Suprema e mesmo assim seria questionável. Um soldado de infantaria nunca teria esse tipo de informação...

— Não sou um Soldado Supremo — tenta o Adam dizer. — Juro...

— Mentiroso — grita o Warner, quase a rosar, e empurra-o com mais força contra a parede. A camisa do Adam começa a rasgar-se. — Porque te enviaram para cá? Qual é a tua missão? Ele enviou-te para me matares?

— Warner — chamo por ele de novo, agora já a suplicar, e avanço até ficar na sua linha de visão. — Por favor, ele não trabalha

para o supremo, prometo...

— Como é que sabes? — Ele olha finalmente para mim, apenas por um segundo. — Garanto-te, é impossível que ele saiba isto...

— Ele é teu *irmão* — acabo por dizer. — Por favor. Ele é teu irmão. Tem o mesmo pai.

O Warner fica rígido.

Vira-se para mim.

— O quê? — Respira com dificuldade.

— É verdade — digo-lhe, já destrocada. — E sei que consegues sentir que não estou a mentir. — Abano a cabeça. — Ele é teu irmão. O teu pai tinha uma vida dupla. Abandonou o Adam e o James há muito tempo. Depois da morte da mãe deles.

O Warner deixa cair o Adam no chão.

— Não — diz. Nem sequer pestaneja. Apenas olha. Com as mãos a tremer.

Olho para o Adam, de olhos semicerrados de emoção.

— Conta-lhe — digo, desesperada. — Diz-lhe a verdade.

O Adam fica em silêncio.

— Raios, Adam, *conta-lhe!*

— Tu sabias, este tempo todo? — pergunta o Warner, focado em mini. — Sabias disto e mesmo assim não disseste nada?

— Eu queria, queria mesmo, mas achei que não me cabia...

— Não — interrompe. Abana a cabeça. — Não, isto não faz sentido nenhum. Como é possível? — Olha para cima, olha à volta. — Isso não...

Então, para.

Olha para o Adam.

— Diz-me a verdade — pede. Aproxima-se de novo do Adam, com ar de quem o vai abanar. — Conta-me! Tenho o direito de saber!

Todos os instantes do mundo morrem neste momento, porque acordaram e perceberam que nunca seriam tão importantes como este.

— É verdade — diz o Adam.

Duas palavras para mudar o mundo.

O Warner recua, com a mão no cabelo. Esfrega os olhos, a testa, passa a mão pela boca e pelo pescoço. Está a respirar com muita dificuldade.

— Como? — pergunta, finalmente.

E depois.

Depois.

A verdade.

Pouco a pouco. Está a ser puxada de dentro do Adam. Uma palavra de cada vez. Estamos todos a olhar, o James ainda a dormir, e fico em silêncio enquanto estes dois irmãos têm a conversa mais difícil a que alguma vez tive de assistir.

SESSENTA E QUATRO

O Warner está sentado a um canto. O Adam noutro. Ambos pediram para ficar sozinhos.

E estão ambos a olhar para o James.

O James, que continua a ser apenas um pequeno montinho a ressonar.

O Adam parece exausto, mas não derrotado. Cansado, mas não perturbado. Parece mais livre. Tem as sobrelhas franzidas. As mãos não estão fechadas. O rosto está calmo, como já não o via há muito tempo.

Parece aliviado.

Como se pensasse que carregava este grande fardo que o poderia matar. Como se pensasse que partilhar aquela verdade com o Warner poderia, de alguma forma, criar uma guerra eterna com o irmão biológico novinho em folha.

Mas o Warner não ficou zangado. Nem sequer ficou aborrecido.

Ficou apenas chocado.

Um pai, penso. Três irmãos. Dois que quase se mataram um ao outro, tudo por causa do mundo em que foram criados. Por causa das muitas palavras e mentiras com que foram alimentados.

As palavras são como sementes, penso, plantadas nos nossos corações em tenra idade.

Criam raízes dentro de nós à medida que crescemos e instalam-se bem fundo nas nossas almas. As boas palavras plantam-se bem. Florescem e encontram casas nos nossos corações. Desenvolvem troncos à volta da nossa coluna vertebral e dão-nos firmeza quando nos sentimos mais frágeis; são como raízes nos nossos pés quando nos sentimos mais inseguros. Mas... as palavras más crescem mal. Os nossos troncos ficam infestados e estragados até ficarmos ocos e abrigarmos os interesses dos outros, em vez dos nossos. Somos obrigados a comer o fruto que tais palavras deram, reféns dos ramos que se armam à volta do nosso pescoço e nos sufocam até à morte, uma palavra de cada vez.

Não sei como é que o Adam e o Warner vão dar a notícia ao James. Talvez apenas lhe contem quando for mais velho e capaz de lidar com as ramificações de saber a sua herança. Não sei o que fará ao James saber que o pai é, na verdade, um assassino em massa e um ser humano desprezível que destruiu todas as vidas que tocou.

Não.

Talvez seja melhor o James não saber, ainda não.

Talvez, por agora, seja suficiente que o Warner saiba.

Não consigo deixar de achar triste e bonito, em simultâneo, o Warner ter perdido uma mãe e ganhado dois irmãos na mesma semana. E, apesar de compreender que tenha pedido para ficar sozinho, não consigo impedir-me de ir ter com ele. Prometo a mim mesma que não vou dizer nada. Mas quero estar perto dele neste momento.

Por isso, sento-me ao lado dele e encosto a cabeça à parede. Fico apenas a respirar.

— Devias ter-me contado — sussurra ele.

Hesito antes de responder.

— Não fazes ideia de quantas vezes quis fazê-lo.

— Devias ter-me contado.

— Peço-te tantas desculpas por isso — digo, de cabeça baixa. Tal como a voz. — Lamento tanto.

Silêncio.

Mais silêncio.

Depois.

Um sussurro.

— Tenho dois irmãos.

Levanto a cabeça. Olho para ele.

— Tenho dois irmãos — diz de novo, num tom de voz tão suave. — E quase matei um deles.

Tem o olhar focado num ponto muito, muito distante daqui, apertado de dor, confusão e algo que parece arrependimento.

— Acho que já devia saber — diz-me. — Ele consegue tocar-te.

Vive no mesmo setor. E aqueles olhos sempre me foram estranhamente familiares. Apercebo-me agora que têm a mesma forma que os do meu pai.

Ele suspira.

— Isto é tão insuportável e inconveniente — continua. — Estava preparado para o odiar para o resto da minha vida.

Estremeço, surpreendida.

— Queres dizer que já não o odeias?

Ele baixa a cabeça. Fala com um tom de voz tão baixo que quase não o consigo ouvir.

— Como posso odiar a raiva dele, quando sei tão bem de onde vem?

Fico a olhar para ele. Pasmada.

— Consigo imaginar tão bem a dimensão da sua relação com o meu pai — diz ele, a abanar a cabeça. — E como conseguiu sobreviver a tudo, com mais humanidade do que eu consegui. — Uma pausa. — Não. Não o posso odiar. E estaria a mentir se dissesse que não o admiro.

Acho que vou chorar.

Os minutos passam entre nós, silenciosos e imóveis, parando apenas para nos ouvir respirar.

— Vem — sussurro, e pego-lhe na mão. — Vamos para a cama.

Ele acena com a cabeça e levanta-se, mas depois para. Confuso. Tão torturado. Olha para o Adam. Ele olha de volta.

Ficam assim durante muito tempo.

— Dá-me licença — pede o Warner.

E observo-o, estupefacta, a atravessar a sala. O Adam levanta-se de imediato, na defensiva, incerto. Mas, à medida que o Warner se aproxima, ele parece descongelar.

Estão agora frente a frente e o Warner está a falar.

O Adam aperta o maxilar. Olha para o chão.

Acena com a cabeça.

O Warner continua a falar.

O Adam engole com dificuldade. Acena de novo com a cabeça.
Depois levanta a cabeça.

Tornam ambos a olhar um para o outro durante um longo momento. Depois, o Warner pousa-lhe uma mão no ombro.

Devo estar a sonhar.

Eles trocam mais algumas palavras antes de o Warner virar costas e se afastar.

SESSENTA E CINCO

— O que lhe disseste? — pergunto, assim que as portas do elevador se fecham.

O Warner respira fundo. Não diz nada.

— Não me vais contar?

— Preferia não o fazer — admite, baixinho.

Dou-lhe a mão. Aperto-a.

As portas do elevador abrem-se.

— Isto vai ser esquisito para ti? — pergunta ele. Parece surpreso com a própria pergunta, como se não acreditasse que a está a fazer.

— O que vai ser esquisito?

— Eu e o Kent sermos... irmãos.

— Não — respondo. — Já o sei há algum tempo. Não muda nada para mim.

— Ainda bem — diz ele, em voz baixa.

Aceno com a cabeça, confusa.

Passámos para o quarto. Agora, estamos sentados na cama.

— Então, não te importas? — insiste.

Ainda estou confusa.

— Se eu e ele — sugere — passássemos algum tempo juntos?

— O quê? — pergunto, incapaz de esconder o meu espanto. — Não — asseguro. — Claro que não... Acho que seria fantástico.

Ele foca o olhar na parede.

— Então... queres passar algum tempo com ele? — Estou a tentar muito dar-lhe espaço e não me quero intrometer, mas não consigo evitar.

— Gostava de conhecer o meu próprio irmão, sim.

— E o James? — pergunto.

Ele ri-se um pouco.

— Sim. E o James.

— Então estás... contente com isto?

Ele não responde de imediato.

— Não estou triste.

Subo para o colo dele. Seguro-lhe o rosto com as mãos e levanto-lhe o queixo para lhe poder ver os olhos. Tenho um sorriso estúpido estampado na cara.

— Acho isso tão maravilhoso — digo-lhe.

— Achas? — Ele sorri. — Muito interessante.

Aceno com a cabeça. Uma e outra vez. E dou-lhe um beijo muito delicado.

O Warner fecha os olhos. Sorri, com uma covinha a aparecer de um dos lados. Agora, parece pensativo.

— Como tudo isto se tornou estranho.

Sinto-me a morrer de felicidade.

O Warner levanta-me do colo e deita-me na cama. Arrasta-se sobre mim, para cima de mim.

— E porque estás tão entusiasmada? — pergunta, ao mesmo tempo que tenta não se rir. — Estás quase a flutuar.

— Quero que sejas feliz — digo-lhe, com os olhos nos dele. — Quero que tenhas uma família. Que estejas rodeado de pessoas que gostam de ti. Tu mereces.

— Tenho-te a ti — garante, encostando a testa à minha. De olhos fechados.

— Mereces ter mais do que apenas eu.

— Não — sussurra. Abana a cabeça. Roça o nariz no meu.

— Sim.

— E tu? E os teus pais? — pergunta-me. — Alguma vez os queres encontrar?

— Não — digo, baixinho. — Nunca foram pais para mim. Além disso, tenho os meus amigos.

— E a mim — completa ele.

— Tu és meu amigo — digo-lhe.

— Mas não o teu melhor amigo. Esse é o Kenji.

Esforço-me tanto para não me rir do ciúme na sua voz.

— Sim, mas és o meu amigo *preferido*.

Ele mexe-se, passa pelos meus lábios.

— Bom — sussurra, beijando-me o pescoço. — Agora vira-te.

De barriga para baixo.

Fico a olhar para ele.

— Por favor — pede.

Sorri.

Eu faço-o. Muito lentamente.

— O que estás a fazer? — sussurro, virando-me para o ver.

Ele deita-me de novo com delicadeza.

— Quero que saibas — diz, ao puxar o fecho que mantém o meu fato unido — o quanto valorizo a tua amizade. — Sinto o fato abrir-se e estou a ficar com a pele exposta; tento reprimir um arrepio.

O fecho para no fundo das minhas costas.

— Mas eu gostaria que reconsiderasses o meu título — diz ele. Dá-me um beijo suave no meio das costas. Passa-lhes as mãos e afasta as mangas dos meus ombros, ao mesmo tempo que continuam os beijos, nas omoplatas e atrás do pescoço. — Porque a minha amizade — sussurra — vem com mais benefícios do que aqueles que o Kenji alguma vez poderia oferecer.

Não consigo respirar. Não consigo.

— Não achas? — pergunta ele.

— Sim — digo, demasiado depressa. — Sim.

Depois sinto-me a rodopiar, perdida nas sensações, e a pensar se iremos perder estes momentos em breve, ou quanto tempo vamos demorar para os voltar a ter.

Não sei para onde estamos a ir, eu e ele, mas sei que quero lá chegar. Somos horas e minutos a alcançar o mesmo segundo, de mãos dadas enquanto avançamos para novos dias e para a promessa

de algo melhor.

Mas, embora venhamos a conhecer o futuro e tenhamos conhecido o passado, nunca sabemos o presente. Este momento, o próximo, e até aquele que teria sido agora mesmo, já se foram, passaram, e tudo o que nos resta são estes corpos cansados, a única prova de que vivemos através do tempo e sobrevivemos.

Mas valerá a pena, no fim.

Lutar por uma vida inteira de momentos assim.

SESSENTA E SEIS

Demorou um dia.

— Quero uma. — Estou a olhar para a parede das armas na sala de treino. — Qual delas é a melhor?

O Delalieu chegou esta manhã para dar a notícia. O supremo chegou. Foi transportado de jato desde o oceano, mas agora está alojado num dos navios militares do Setor 45, atracado no cais.

A sua guarda está logo atrás. E os seus exércitos seguir-se-ão em breve.

Por vezes, não tenho tanta certeza de que não vamos morrer.

— Não precisas de uma arma — diz-me o Warner, surpreendido. — Claro que podes ter uma, mas acho que não precisas.

— Quero duas.

— Está bem. — Ri-se.

Mas é o único.

Todos os outros estão congelados nos momentos que antecedem o medo. Estamos todos cautelosos e otimistas, mas ainda assim preocupados. O Warner já reuniu as suas tropas e os civis já foram avisados; se quiserem juntar-se a nós, foi montado um posto para fornecer armas e munições. Só têm de apresentar os seus cartões RR, para provar que são residentes no Setor 45, e serão amnistiados. Foram criados abrigos e centros de assistência no quartel dos soldados para albergar os restantes homens, mulheres e crianças que não podem, ou não vão, combater. Será permitido que se protejam aqui e esperar que o banho de sangue termine.

Estes esforços extra foram todos coordenados pelo Warner.

— E se ele nos bombardear de novo? — pergunta o Ian, interrompendo o silêncio. — Tal como no Ponto Ómega?

— Não o fará — assegura o Warner. — É demasiado arrogante e esta guerra tornou-se pessoal. Vai querer brincar connosco. Vai

querer prolongar isto o mais possível. É um homem que foi sempre fascinado pela ideia da tortura. Isto vai ser divertido para ele.

— Pois, isso faz-me sentir mesmo bem — diz o Kenji. — Obrigado pela conversa motivadora.

— Sempre às ordens — diz o Warner.

O Kenji quase se ri. Quase.

— Então, ele vai ficar noutra nave? — pergunta o Winston. — Aqui?

— Por aquilo que consegui saber, sim — responde o Warner. — Normalmente, ficaria na base, mas como somos o inimigo atual, tornou-se um pouco problemático fazê-lo. Parece que também concedeu autorização setorial a soldados de todo o país para se juntarem a ele. Tem a sua própria guarda de elite, bem como os soldados que mantêm a capital, mas também está a recolher homens de todo o país. É tudo para dar espetáculo. Não somos assim tão numerosos para ele precisar de tantos homens. Apenas nos quer amedrontar.

— Bom, está a funcionar — observa o Ian.

— E tens a certeza — pergunto ao Warner — de que ele não vai estar no campo de batalha? Certeza absoluta? — Esta é a parte mais importante do plano. A mais crucial.

O Anderson nunca luta as suas próprias guerras. Nunca mostra a cara. E estamos a contar com a sua cobardia como a nossa maior vantagem. Porque, embora ele seja capaz de antecipar um atentado à sua vida, esperamos que não seja capaz de antecipar atacantes invisíveis.

O Warner tem de supervisionar as tropas. O Castle, o Brendan, o Winston, a Lily, a Alia e o Adam vão apoiá-lo. O James vai ficar na base.

Mas eu e o Kenji vamos diretamente à fonte.

E, neste momento, estamos prontos para arrancar. Estamos equipados, armados e altamente cafeinados.

Ouçó o som de uma arma a ser recarregada.

Volto-me para onde vem o som.

O Warner está a olhar para mim.

Está na hora de avançar.

SESSENTA E SETE

O Kenji agarra-me o braço.

Todos os outros vão subir e sair pelo quarto do Warner, mas eu e o Kenji vamos pelas traseiras, sem alertar ninguém da nossa presença. Queremos que todos, até os soldados, pensem que estamos no meio da batalha. Não queremos aparecer e depois desaparecer; não queremos que ninguém dê pela nossa falta.

Por isso, ficamos para trás a ver os nossos amigos entrarem no elevador para o piso principal. O James ainda está a acenar quando as portas se fecham e o deixam para trás.

Sinto o meu coração parar por um segundo.

O Kenji beija o James para se despedir. É um beijo desagradável e barulhento, mesmo no cimo da cabeça.

— Protege-me a retaguarda, okay? — diz ao James. — Se alguém entrar aqui, quero que lhes dês uma tarefa.

— Está bem — diz o James. Ri-se para fingir que não está a chorar.

— Estou a falar a sério — insiste o Kenji. — Começa a atacá-los. Tipo doido. — Faz um movimento estranho de luta com as mãos. — Fica super louco. Derrota os loucos com loucura...

— Ninguém vai entrar aqui, James — digo, com um olhar mortífero na direção do Kenji. — Não tens de te preocupar. Vais estar bem seguro. E depois, vamos estar de volta.

— A sério? — pergunta ele, a olhar para mim. — Todos?

Miúdo esperto.

— Sim — minto. — Vamos todos voltar.

— Está bem — sussurra ele. Morde o lábio trémulo. — Boa sorte.

— Não precisas de chorar — diz o Kenji, envolvendo-o num abraço forte. — Em breve estamos de volta.

O James acena com a cabeça.

O Kenji afasta-se.

E saímos pela porta da parede das armas.

☞

A primeira parte, penso, vai ser a mais difícil. O nosso trilha até ao porto vai ser feito todo a pé, porque não podemos arriscar roubar veículos. Mesmo que o Kenji conseguisse tornar o tanque invisível, teríamos de o abandonar na sua forma visível, e um inesperado tanque a mais estacionado no porto seria demasiado revelador.

O Anderson deve ter os seus aposentos completamente vigiados.

Não falamos durante o percurso. Quando o Delalieu nos disse que o supremo estaria atracado no porto, o Kenji soube logo onde era. Tal como quase todos os outros, exceto eu.

— Passei algum tempo num desses navios — disse o Kenji. — Só por um tempo. Por mau comportamento. — Sorri. — Conheço os caminhos.

Por isso, agarro-me ao braço dele e ele vai à frente.

Acho que nunca houve um dia tão frio. Nunca um ar tão gelado.

☞

Este navio parece uma cidade pequena; é tão grande que não lhe conseguimos ver o fim. Analisamos o perímetro, numa tentativa de avaliar com exatidão quão difícil será infiltrarmo-nos nas instalações.

Extremamente difícil.

Quase impossível.

São as palavras exatas do Kenji.

Mais ou menos.

— *Merda* — resmunga ele. — Isto é ridículo. Nunca vi este nível de segurança. Isto está *bem* protegido.

E tem razão. Vemos soldados por todo o lado. Em terra. Na entrada. No convés. E estão todos tão armados que me sinto estúpida com as minhas duas pistolas e o coldre simples à volta dos ombros.

— Então, que fazemos?

Ele fica calado por um momento.

— Sabes nadar?

— O quê? Não.

— Merda.

— Não podemos simplesmente saltar para a água, Kenji...

— Bom, a verdade é que não podemos *voar*.

— Talvez possamos lutar com eles?

— Estás doida da cabeça? Achas que conseguimos lidar com 200 soldados? Sei que sou um homem extremamente atraente, J., mas não sou o Bruce Lee.

— Quem é o Bruce Lee?

— *Quem é o Bruce Lee?* — repete o Kenji, horrorizado. — Oh, meu Deus. Já nem sequer podemos ser amigos.

— Porquê? Ele era teu amigo?

— Sabes que mais? — diz ele. — Para. Neste momento, nem sequer consigo falar contigo.

— Então, como é suposto entrarmos?

— Adorava saber. Como é suposto conseguirmos tirar aqueles gajos todos do navio?

— Oh — suspiro. — Oh, meu Deus. Kenji... — Agarro-lhe o braço invisível.

— Pois, isso é a minha perna e estás um pouco demasiado acima dela, princesa.

— Kenji, posso *afastá-los* — digo eu, ignorando-o. — Empurrá-los para a água. Será que funciona?

Silêncio.

— Sim? — pergunto.

— Ainda tens a mão na minha perna.

— Oh. — Retiro a mão num reflexo. — Então? O que achas? Será que vai funcionar?

— *Obviamente* — responde ele, exasperado. — Faz isso, por favor. E despacha-te.

Então, faço-o.

Afasto-me e puxo toda a minha energia para cima e para os braços.

Poder, canalizado.

Braços, posicionados.

Energia, projetada.

Faço um movimento com o braço no ar como se estivesse a limpar uma mesa.

E os soldados caem todos à água.

Daqui, parece quase cómico. Como se fossem um aglomerado de brinquedos que afastei da minha secretária. Agora estão a flutuar dentro de água, a tentar perceber o que acabou de acontecer.

— Vamos — diz o Kenji, de imediato, agarrando-me no braço. Estamos a avançar depressa e a percorrer o cais de 30 metros. — Eles não são estúpidos. Alguém vai fazer soar o alarme e, em breve, as portas irão ser seladas. Talvez apenas tenhamos um minuto, antes que seja tudo fechado.

Por isso, corremos.

Corremos pelo cais, subimos para o convés e o Kenji puxa-me pelo braço para me guiar. Estamos a ficar muito mais conscientes do corpo um do outro. Quase consigo sentir a presença dele ao meu lado, apesar de não o conseguir ver.

— Aqui em baixo — grita ele e, quando olho para baixo, avisto o que parece ser uma abertura estreita e circular com uma escada fixa no interior. — Eu vou entrar — diz. — Começa a descer dentro de cinco segundos!

Já estou a ouvir os alarmes a disparar e as sirenes a tocar ao longe. O navio está firmemente ancorado na doca, mas a água continua para o infinito, desaparecendo no horizonte.

Os meus cinco segundos acabaram.

Começo a descer atrás dele.

SESSENTA E OITO

Não faço ideia onde está o Kenji.

Aqui em baixo é apertado e claustrofóbico e já consigo ouvir uma correria de passos a vir na minha direção, gritos e clamores a ecoarem pelo corredor; devem saber que aconteceu algo no convés. Estou a esforçar-me muito para não entrar em pânico, mas não tenho a certeza de qual deve ser o próximo passo.

Nunca pensei fazer isto sozinha.

Continuo a sussurrar o nome do Kenji e a esperar uma resposta, mas não acontece. Não acredito que o perdi. Pelo menos continuo invisível, o que significa que não pode estar a mais de 15 metros, mas os soldados estão demasiado perto para correr riscos, neste momento. Não posso fazer nada que chame a atenção para a minha presença — ou a do Kenji.

Por isso, tenho de conseguir manter a calma.

O problema é que não sei onde estou. Nem o que estou a ver. Nunca estive num barco, muito menos num navio militar desta magnitude.

Mas tenho de tentar compreender o que me rodeia.

Estou no meio do que parece ser um corredor muito comprido; vejo painéis de madeira que atravessam o chão, as paredes e até o teto baixo acima da minha cabeça. Também vejo recantos pequenos a cada poucos metros de intervalo, onde a parede parece ter sido escavada.

Apercebo-me de que são para portas.

Pergunto-me onde irão dar. Para onde terei de ir.

Ouço as botas trovejar mais perto.

Sinto o coração a acelerar e tento encostar-me à parede, mas estes corredores são demasiado estreitos; mesmo que não me consigam ver, não tenho hipóteses de conseguir passar por eles sem ser notada. Consigo ver um grupo a aproximar-se, ouço-os darem ordens uns aos outros. A qualquer momento, vão chocar comigo.

Recoo o mais depressa que consigo e corro, mantendo-me em bicos dos pés para minimizar o som o mais possível. Paro de repente. Bati na parede atrás de mim. Agora, ouço mais soldados a correr pelos corredores, claramente alertados para algo e, por um instante, sinto o meu coração a falhar. Estou tão preocupada com o Kenji.

Mas penso que, enquanto eu estiver invisível, o Kenji deve estar por perto. Só pode estar vivo.

Agarro-me a esta esperança, quando os soldados se aproximam.

Olho para a esquerda. Olho para a direita. Estão a aproximar-se sem sequer se aperceberem. Não faço ideia para onde se dirigem — talvez estejam a voltar para cima, para o exterior —, mas tenho de agir depressa e não quero alertá-los da minha presença. Ainda não. É demasiado cedo para tentar eliminá-los. Sei que a Alia prometeu que eu conseguiria suportar um ferimento de bala enquanto a minha energia estivesse ligada, mas a minha última experiência com um tiro no peito deixou-me traumatizada o suficiente para querer evitar essa opção ao máximo.

Por isso, faço a única coisa que me ocorre.

Salto para um dos recantos das portas e fixo as mãos no interior da moldura, para me manter quieta, com as costas encostadas à porta. *Por favor, por favor, por favor*, penso, *por favor, que não esteja ninguém nesta sala*. Basta que alguém abra a porta e estarei morta.

Os soldados aproximam-se.

Deixo de respirar quando passam.

Um dos seus cotovelos roça-me no braço.

Sinto o meu coração a bater tão forte. Assim que se vão embora, saio de onde estou e corro por corredores que só levam a mais corredores. É um labirinto. Não sei onde estou, nem o que está a acontecer.

Não faço a mínima ideia onde posso encontrar o Anderson.

E os soldados não param de chegar. Estão por todo o lado, ao mesmo tempo, para depois desaparecerem, e eu viro esquinas, rodopio em diferentes direções e dou o meu melhor para fugir deles. Mas depois reparo nas minhas mãos.

Já não estou invisível.

Retraio um grito.

Salto para outro recanto das portas, na esperança de me esconder, mas agora sinto-me nervosa e horrorizada, porque, não só não sei o que aconteceu ao Kenji, como também não sei o que me vai acontecer a mim. Isto foi uma ideia tão estúpida. Sou uma pessoa tão estúpida. Não sei em que estava a pensar.

Não sei como pude pensar que conseguia fazer isto.

Botas.

Na minha direção. Preparo-me, engulo o medo e tento ficar o mais preparada possível. Agora é impossível que não reparem em mim. Reúno a minha energia dentro de mim, sinto os meus ossos vibrarem com a adrenalina e o ímpeto do poder que me invade. Se conseguir manter-me assim enquanto estiver aqui em baixo, devo ser capaz de me proteger. Já sei como lutar. Consigo desarmar um homem, apoderar-me da sua arma. Aprendi a fazer tanta coisa.

Mas continuo bastante assustada e nunca precisei tanto de ir à casa de banho como neste instante.

Pensa, repito para mim mesma. Pensa. O que podes fazer? Para onde podes ir? Onde é que o Anderson se esconderia? Mais fundo? Mais abaixo?

Onde fica o maior quarto deste navio? De certeza que não é no piso superior. Tenho de descer.

Mas como?

Os soldados estão a aproximar-se.

Pergunto-me que será que estas salas contêm, para onde conduzirá esta porta. Se for apenas uma sala, é um beco sem saída. Mas, se for uma entrada para um espaço maior, então posso ter uma hipótese. Mas, se estiver alguém aqui dentro, ficarei definitivamente em sarilhos. Não sei se devo arriscar.

Um grito.

Um clamor.

Um tiro.

Eles viram-me.

SESSENTA E NOVE

Bato com o cotovelo na porta atrás de mim, partindo a madeira em pedaços que voam por todo o lado. Viro-me, abro caminho pelo que resta da porta, pontapeando-a com uma súbita explosão de adrenalina, e, assim que vejo que a sala é apenas um pequeno bunker, logo, um beco sem saída, faço a única coisa que me ocorre.

Salto.

E aterro.

E atravesso o chão.

Caio aos trambolhões e consigo recompor-me a tempo. Os soldados saltam atrás de mim, aos berros. Ouço as botas que me perseguem quando abro a porta e corro pelo corredor. Os alarmes dispararam por todo o lado, sons tão altos e tão desagradáveis que mal consigo ouvir-me a pensar. Sinto-me como se estivesse a correr numa névoa, com as sirenes que circundam os corredores a piscarem as suas luzes vermelhas, a gritarem e a fazerem barulho como sinal de intruso.

Agora estou por minha conta.

Viro mais esquinas e curvas neste piso e estou a tentar sentir a diferença entre este nível e o outro acima. Não parece haver nenhuma. Parecem mesmo iguais e os soldados são igualmente agressivos.

Agora disparam sem critério, o som ensurdecedor dos tiros colide com o das sirenes. Nem sei como ainda não fiquei surda.

Não acredito que continuam a falhar o alvo.

Parece impossível, estatisticamente falando, que tantos soldados a uma distância tão curta não sejam capazes de encontrar um alvo no meu corpo. Isso não pode estar certo.

Volto a abrir o chão.

Desta vez, aterro de pé.

Estou agachada, a olhar em volta e, pela primeira vez, vejo que

este piso é diferente. Os corredores são mais largos e as portas estão mais afastadas.

Queria tanto que o Kenji estivesse aqui. Gostava de saber o que isto tudo significa, qual é a diferença entre os pisos. Gostava de saber para onde ir, por onde começar a procurar.

Abro uma porta com um pontapé.

Nada.

Corro para a frente, mais um pontapé noutra porta.

Nada.

Continuo a correr. Começo a ver os mecanismos internos do navio. Máquinas, tubagens, vigas de aço, tanques enormes e baforadas de vapor. Devo estar na direção errada.

Mas não faço ideia quantos andares tem este navio, nem se consigo continuar a descer.

Continuam a disparar contra mim e estou apenas um passo à frente. Deslizo em curvas apertadas e encosto-me à parede, procuro recantos escuros e espero que não me vejam.

Onde está o Kenji?, continuo a perguntar-me. *Onde estará?*

Preciso de chegar ao outro lado desta nave. Não quero salas de caldeiras e tanques de água. Não posso estar no sítio certo. Tudo é diferente neste lado do navio. Até as portas parecem diferentes. São feitas de aço e não de madeira.

Abro algumas ao pontapé, só para ter a certeza.

Uma sala de controlo de rádio, abandonada.

Uma sala de reuniões, abandonada.

Não. Quero salas a sério. Escritórios grandes e salas de estar. O Anderson não escolheria estar aqui. Nunca seria encontrado ao pé de canos de gás e motores a zumbir.

Saio em bicos de pés do meu mais recente esconderijo e espreito.

Gritos. Berros.

Mais tiros.

Recuo. Respiro fundo. Acumulo toda a minha energia, de uma só vez, e decido que não tenho outra solução senão testar a teoria

da Alia.

Salto para o corredor e começo a correr.

Corro, como nunca corri antes. As balas passam-me a voar pela cabeça e atingem o meu corpo, a cara, as costas, os braços e forço-me a continuar a correr, a continuar a respirar, sem sentir dor, sem sentir medo, mas agarrada à minha energia como a uma tábua de salvação, sem deixar que nada me detenha. Passo por soldados, derrubo-os com os cotovelos, sem hesitar muito na força que uso para os empurrar para fora do meu caminho.

Três deles vêm a voar para cima de mim, tentando atirar-me ao chão, e empurro-os todos para trás. Um volta a investir e dou-lhe um soco em cheio na cara, sentindo o seu nariz partir-se com o impacto dos nós metálicos dos meus dedos. Outro tenta agarrar-me no braço por trás, mas apanho-lhe a mão, parto-lhe os dedos com o aperto e agarro-o pelo antebraço para o puxar para mim e o empurrar contra uma parede. Viro-me para encarar os restantes e estão todos parados a olhar para mim, apenas vejo uma mistura de pânico e terror nos seus olhos.

— Lutem comigo — digo-lhes, ao mesmo tempo que sinto o sangue correr dentro de mim com uma urgência e uma espécie de adrenalina insana. — Desafio-vos.

Cinco deles levantam as armas na minha direção e apontam à minha cara.

Disparam.

Uma, outra e outra vez, descarregando bala após bala. O meu instinto é proteger-me, mas concentro-me nos homens, nos seus corpos e rostos zangados e retorcidos. Tenho de fechar os olhos por um instante, porque não consigo ver através da parede de metal que se esmaga contra o meu corpo. Mas, quando me sinto pronta, apromximo a mão fechada ao meu peito, sinto o poder crescer dentro de mim e atiro-o para a frente, de uma só vez, derrubando 75 soldados como se fossem palitos.

Faço uma pausa para respirar um pouco.

Estou a arfar, sinto o coração acelerado, olho em volta para absorver a quietude da loucura, pestanejando contra as luzes vermelhas intermitentes do alarme, e descubro que os soldados não se mexem. Consigo perceber que ainda estão vivos, mas inconscientes.

Permito-me um instante para olhar para baixo.

Estou cercada.

Balas. Centenas de balas. Uma poça de balas. Tudo à volta dos meus pés. Caídas do meu fato.

Da minha cara.

Sinto o sabor de algo frio e duro na boca e cuspo-o para a minha mão. Parece um pedaço de metal partido e esmagado. Como se fosse demasiado frágil para me enfrentar.

És uma bala inteligente, penso.

Depois, fujo.

SETENTA

Agora, os corredores estão calmos. Ouço menos passos.

Já atirei 200 soldados ao oceano.

Dei cabo de mais uma centena.

Não sei quantos mais soldados o Anderson tem a guardar este navio. Mas vou descobrir.

Respiro com dificuldade à medida que avanço por este labirinto. É uma triste verdade que, embora tenha aprendido a lutar e a projetar a energia, ainda não sei como correr.

Para alguém com tanto poder, estou muito em baixo de forma.

Deito abaixo a primeira porta que vejo. Outra. Depois outra.

Vou destruir cada centímetro do navio até encontrar o Anderson. Irei demoli-lo com as minhas próprias mãos se for preciso. Porque ele tem a Sonya e a Sara. E pode ter o Kenji.

Primeiro, preciso de os pôr a salvo.

Segundo, preciso dele morto.

Outra porta abre-se em estilhaços.

Pontapeio a seguinte.

Está tudo vazio.

Vejo um conjunto de portas duplas ao fundo do corredor e empurro-as, na esperança de encontrar alguma coisa, qualquer que seja, algum sinal de vida.

É uma cozinha.

Vejo facas, fogões, comida e mesas. Filas, filas e mais filas de produtos enlatados. Faço uma anotação mental para voltar aqui. Parece-me um desperdício deixar esta comida toda ir para o lixo.

Saio a correr pelas portas.

E salto. Com força. Piso o convés e rezo para que o navio tenha outro nível.

Espero que sim.

Aterro mal nas pontas dos pés, desequilibro-me ligeiramente e caio para trás. Recupero mesmo a tempo de evitar a queda.

Olho em volta.

Isto, penso. Isto está bem. Isto é muito diferente.

Aqui em baixo, os corredores são enormes; as janelas para o exterior são incorporadas nas paredes. O chão é de novo de madeira, painéis longos e finos, brilhantes e polidos. Este piso é bonito. Chique, limpo. As sirenes mal se ouvem, são como uma ameaça distante que já pouco significa e apercebo-me de que devo estar perto.

Passos, a correr na minha direção.

Viro-me.

Vejo um soldado a avançar direto a mim e, desta vez, não me escondo. Corro em direção a ele, escondendo a cabeça enquanto o faço, e o meu ombro direito bate-lhe no peito com tanta força que sai a voar pelo corredor.

Alguém tenta disparar sobre mim por trás.

Volto-me e aproximo-me dele, ao mesmo tempo que afasto as balas da minha cara como se fossem moscas. Depois agarro-lhe os ombros, puxo-o para mim e dou-lhe uma joelhada nas virilhas. Ele dobra-se, ofegante, a gemer e encolhe-se no chão. Inclino-me sobre ele, arranco-lhe a arma da mão e agarro-o pelos colarinhos da farda. Levanto-o com uma mão. Atiro-o contra a parede. Encosto-lhe a arma à testa.

Estou farta de esperar.

— Onde é que ele está? — pergunto-lhe.

Não me responde.

— Onde? — grito.

— N... não sei — acaba ele por responder, com a voz a tremer, o corpo a contorcer-se e a sacudir-se no meu aperto.

Por alguma razão, acredito nele. Tento ler-lhe os olhos para perceber se vejo alguma coisa e só consigo discernir terror. Deixo-o cair no chão. Esmago-lhe a arma com a mão. Atiro-a para o colo dele.

Abro outra porta com um pontapé.

Estou a ficar tão frustrada, tão zangada e tão cega de preocupação com o bem-estar do Kenji que tremo de raiva. Nem sequer sei quem procurar primeiro.

A Sonya.

A Sara.

O Kenji.

O Anderson.

Estou parada em frente a outra porta, derrotada. Os soldados deixaram de aparecer. As sirenes continuam a tocar, mas agora à distância. De repente, pergunto-me se isto tudo não terá sido uma perda de tempo. Se o Anderson nem sequer estiver neste navio. Se não estivermos no navio certo.

Por alguma razão, desta vez não arrombo a porta.

Em vez disso, decido experimentar primeiro o puxador.

Está destrancada.

SETENTA E UM

A sala tem uma cama enorme, uma janela grande e uma bela vista para o oceano. De facto, é encantador como é ampla e expansiva. Mais encantadores ainda são os seus ocupantes.

A Sonya e a Sara olham para mim.

Estão perfeitas. Vivas.

Tão bonitas como sempre.

Corro para junto delas, tão aliviada que quase desato a chorar.

— Estão bem? — pergunto, ofegante e incapaz de me controlar.

Atiram-se para os meus braços, com ar de quem passou pelo inferno e voltou, torturadas por dentro, e tudo o que quero é levá-las para fora deste navio e de volta a casa.

Mas, assim que as hiperventilações iniciais da emoção são postas de lado, a Sonya diz algo que me para o coração:

— O Kenji andava à tua procura. Esteve aqui há pouco tempo e perguntou-nos se te tínhamos visto...

— Disse que vocês se separaram — acrescenta a Sara.

— E que não sabia o que te tinha acontecido — diz a Sonya.

— Ficámos tão preocupadas que tivesses morrido — dizem elas em conjunto.

— Não — digo-lhes, já a sentir-me a enlouquecer. — Não, não morri. Mas tenho de ir. Fiquem aqui. Não se mexam. Não vão a lado nenhum. Volto já, prometo que volto já. Só tenho de ir procurar o Kenji e o Anderson...

— Ele está duas portas mais à frente — informa a Sara, com os olhos arregalados.

— A que fica ao fundo do corredor — indica a Sonya.

— A porta azul — dizem-me.

— Espera! — A Sonya detém-me quando me viro para sair.

— Tem cuidado — diz a Sara. — Ouvimos algumas coisas...

— Sobre uma arma que ele trouxe consigo — completa a Sonya.

— Que tipo de arma? — pergunto, com o coração a abrandar.

— Não sabemos — dizem em conjunto.

— Mas fê-lo muito feliz — sussurra a Sara.

— Sim, muito feliz — acrescenta a Sonya.

Cerro os punhos.

— Obrigado — agradeço-lhes. — Obrigado, vemo-nos em breve. Muito em breve... — E começo a recuar, a afastar-me, a correr pelo corredor e a ouvi-las, lá atrás, a gritarem para que tenha cuidado e boa sorte.

Mas já não preciso de sorte. Preciso destas duas mãos e desta coluna de aço. Não perco tempo para chegar à sala azul. Já não tenho medo.

Não hesito. Não hesitarei. Nunca mais.

Derrubo-a ao pontapé.

— JULIETTE, NÃO...

SETENTA E DOIS

A voz do Kenji atinge-me como um soco na garganta.

Nem sequer tenho tempo de pestanejar antes de ser atirada contra a parede.

As minhas costas, acho. Passa-se algo de errado com as minhas costas. A dor é tão insuportável que me pergunto se não estará partida. Sinto-me tonta e lenta; tenho a cabeça às voltas e ouço um zumbido estranho, dentro dos ouvidos.

Levanto-me.

Sou atingida de novo, com uma força imensa. E nem sequer sei de onde vem a dor. Não consigo pestanejar depressa o suficiente, nem manter a cabeça firme o tempo suficiente para acalmar a tontura.

Vejo tudo inclinado.

Estou a esforçar-me tanto para me livrar disto.

Sou mais forte do que isto. Melhor do que isto. É suposto ser indestrutível.

De pé, outra vez.

Lentamente.

Algo me atinge com tanta força que voo pela sala e embato contra a parede. Deslizo para o chão. Agora fico dobrada, com as mãos na cabeça, a tentar pestanejar e perceber o que está a acontecer.

Não percebo o que me pode estar a atingir.

Com tanta força.

Nada deveria ser capaz de me atingir com tanta força. Não tantas vezes.

Acho que alguém chama o meu nome, mas não o consigo ouvir. Está tudo tão abafado, tão escorregadio e desequilibrado, parece que está mesmo aqui, mas fora de alcance, e não o consigo encontrar. Ou senti-lo.

Preciso de um novo plano.

Não volto a levantar-me. Fico de joelhos, rastejo para a frente e, desta vez, quando a pancada chega, tento ripostar. Esforço-me ao máximo para fazer lançar a minha energia, mas as pancadas todas na cabeça tornaram-me instável. Agarro-me à minha energia com um desespero maníaco e, embora não consiga avançar, também não sou lançada para trás.

Tento levantar a cabeça.

Lentamente.

Não há nada à minha frente. Nenhuma máquina. Nenhum elemento estranho que possa ser capaz de criar estes impactos poderosos. Pestanejo com força contra o zumbido nos meus ouvidos e para tentar recuperar a visão.

Algo me atinge de novo.

A intensidade ameaça fazer-me recuar, mas cravo os dedos no chão até atravessarem a madeira e ficar agarrada a ela.

Gritaria, se conseguisse. Se ainda me restasse alguma energia.

Volto a levantar a cabeça. Tento ver de novo.

E, desta vez, vejo duas figuras focadas.

Uma é o Anderson.

O outro é alguém que não reconheço.

É um louro atarracado, com o cabelo cortado à escovinha e um olhar duro. Parece-se vagamente com alguém. Está de pé, ao lado do Anderson, com um sorriso arrogante na cara e as mãos estendidas para a frente.

Bate-as uma na outra.

Apenas uma vez.

Sou arrancada do chão e atirada contra a parede.

Ondas sonoras.

Percebo que isto são *ondas de pressão*.

O Anderson encontrou um brinquedo com que se divertir.

Abano a cabeça para tentar limpá-la de novo, mas as pancadas chegam mais depressa agora. Mais fortes. Mais intensas. A pressão

das pancadas obriga-me a fechar os olhos, tento rastejar, desesperada, e manipular as tábuas do soalho para me agarrar a qualquer coisa.

Outro golpe.

Com força na cabeça.

É como se ele causasse uma explosão, cada vez que bate palmas, e o que me está a matar não é a explosão. Não é o impacto direto. É a pressão libertada por uma bomba.

Uma, outra e outra vez.

Sei que a única razão pela qual consigo sobreviver a isto é porque sou demasiado forte.

Mas o *Kenji* não é, penso.

O Kenji deve estar algures nesta sala. Foi ele que chamou o meu nome, que tentou avisar-me. Deve estar aqui, algures, e, se eu mal consigo sobreviver a isto, não vejo forma de ele ser capaz de resistir.

Deve estar pior.

Muito pior.

Esse medo é suficiente para mim. Sou revigorada com um novo tipo de força, uma intensidade desesperada e selvagem, que me domina e me faz levantar. Consigo aguentar cada impacto, cada explosão que me sacode a cabeça e fere os ouvidos.

Começo a avançar.

Ando um passo de cada vez.

Ouçoo um tiro. Três. Mais cinco. Percebo que vêm todos apontados na minha direção. Sinto as balas desfazerem-se no meu corpo.

O louro está a mexer-se. A recuar. Tenta afastar-se de mim. Aumenta a frequência dos golpes, na esperança de me impedir de avançar, mas já cheguei demasiado longe para perder esta batalha. Agora nem sequer estou a pensar, mal estou lúcida, concentro-me apenas em alcançá-lo e silenciá-lo para sempre. Não sei se já consegui matar o Kenji. Não sei se estou prestes a morrer. Não sei quanto tempo mais consigo aguentar isto.

Mas tenho de tentar.

Mais um passo, digo a mim mesma.

Mexe a perna. Agora o pé. Dobra o joelho.

Estás quase lá.

Pensa no Kenji. Pensa no James. Pensa nas promessas que fizeste àquele rapaz de 10 anos. Leva o Kenji para casa. Leva-te, a ti mesma, para casa.

Aqui está ele. Mesmo à tua frente.

Estico-me, como que atravessando uma nuvem, e agarro-o pelo pescoço.

Aperto.

Aperto até que as ondas sonoras param.

Ouçõ algo a estalar.

O louro cai ao chão.

E eu colapso.

SETENTA E TRÊS

O Anderson está por cima de mim, a apontar-me uma arma à cara.

Dispara.

De novo.

Mais uma vez.

Fecho os olhos e vou buscar as minhas forças ao fundo de mim mesma, porque, de alguma forma, algum instinto no meu corpo continua a gritar-me para continuar viva. Lembro-me de a Sonya e de a Sara me terem dito uma vez que as nossas energias podem esgotar-se. Que podemos esforçar-nos demasiado. Que andavam a tentar fazer medicamentos para ajudar com esse tipo de coisas.

Quem me dera ter esse tipo de medicamento agora.

Pestanejo a olhar para o Anderson, mas só vejo a sua silhueta desfocada. Está de pé mesmo no topo da minha cabeça, sinto as pontas das suas botas brilhantes a tocar-me no crânio. Não consigo ouvir muito para além do eco nos meus ossos, não consigo ver nada para lá das balas que chovem à minha volta. Ele continua a disparar. Continua a descarregar a arma no meu corpo, à espera do momento em que sabe que não irei conseguir aguentar mais.

Estou a morrer, penso. Devo estar. Pensava que sabia o que era a sensação de morrer, mas estava enganada. Porque isto é um tipo de morte muito diferente. Um tipo de dor muito diferente.

Mas suponho que, se tem de acontecer, mais vale fazer uma última coisa antes de morrer.

Levanto as mãos. Agarro o Anderson pelos tornozelos. Aperto com força. E esmago-lhe os ossos.

Os gritos dele perfuram a névoa da minha mente, o suficiente para me permitir voltar a focar o que me rodeia. Pestanejo depressa, olho em volta e consigo ver bem pela primeira vez. O Kenji está caído a um canto. O rapaz louro está no chão.

O Anderson foi separado dos próprios pés.

Fico lúcida de repente, como se recuperasse o controlo. Não sei se é o que a esperança provoca em alguém, se tem mesmo o poder de nos trazer de volta à vida, mas ver o Anderson a contorcer-se no chão tem esse efeito em mim. Faz-me pensar que ainda tenho uma hipótese.

Ele está a gritar tanto, recua a arrastar-se pelo chão apenas com os braços. Deixou cair a arma, a dor e o choque são demasiado fortes para que ele a consiga alcançar e consigo ver a agonia nos seus olhos. A fraqueza. O terror. Só agora começa a compreender o horror do que está prestes a acontecer. Do que acabará por lhe acontecer. Que será reduzido a nada por uma menina tola que era demasiado covarde, tal como disse em tempos, para se defender.

É então que me apercebo de que está a tentar dizer-me alguma coisa. Está a tentar falar. Talvez a suplicar. Talvez a chorar. Talvez esteja a implorar por misericórdia. Mas já não estou a ouvir.

Não tenho absolutamente nada a dizer-lhe.

Levo a mão atrás, tiro a arma do meu coldre.

E dou-lhe um tiro na testa.

SETENTA E QUATRO

Dois.

Um pelo Adam.

Outro pelo Warner.

SETENTA E CINCO

Volto a guardar a arma no coldre. Aproximo-me do Kenji fraco, mas ainda a respirar, e levanto-o para o meu ombro.

Deito a porta abaixo ao pontapé.

Vou direta ao fundo do corredor.

Abro passagem ao pontapé para o quarto da Sonya e da Sara e pouso o Kenji na cama.

— Curem-no — digo, ofegante. — Por favor, curem-no.

Deixo-me cair de joelhos.

A Sonya e a Sara entram em cena de imediato. Não falam. Não choram. Não gritam. Não se vão abaixo. Põem mãos à obra no mesmo instante e acho que nunca as amei tanto como agora. Deitam-no direito na cama, a Sara de um lado e a Sonya do outro, e, primeiro, levam as mãos à cabeça dele. A seguir, ao coração.

Depois alternam, forçando à vez as diferentes partes do corpo do Kenji voltarem à vida, até que ele começa a mover-se, mexe os olhos, mas sem os abrir, e a cabeça balança para trás e para a frente.

Começo a preocupar-me, mas tenho demasiado medo e cansaço para me mexer, um centímetro que seja.

Até que, por fim, se afastam.

O Kenji ainda não tem os olhos abertos.

— Resultou? — pergunto, aterrorizada por ouvir a resposta.

A Sonya e a Sara acenam com a cabeça.

— Ele está a dormir — dizem.

— Vai melhorar? Por inteiro? — pergunto, agora desesperada.

— Esperamos que sim — diz a Sonya.

— Mas vai dormir durante alguns dias — informa a Sara.

— Os danos foram muito profundos — dizem em conjunto. — O que aconteceu?

— Ondas de pressão — explico, as palavras saem num sussurro.
— Ele nem devia ter sido capaz de sobreviver de todo.

Elas ficam a olhar para mim, ainda a aguardar.

Eu forço-me a levantar-me.

— O Anderson está morto.

— Mataste-o — sussurram.

Não é uma pergunta.

Aceno com a cabeça.

Elas ficam boquiabertas e pasmadas.

— Vamos embora — digo. — Esta guerra acabou. Temos de contar aos outros.

— Mas como vamos sair daqui? — pergunta a Sara.

— Há soldados por todo o lado — adianta a Sonya.

— Já não — digo-lhes, demasiado cansada para explicar, mas muito agradecida pela sua ajuda. Pela sua existência. Pelo facto de ainda estarem vivas. Concedo-lhes um sorriso ligeiro antes de me aproximar da cama e voltar a erguer o corpo do Kenji para os meus ombros. Ele fica curvado, com o peito apoiado nas minhas costas, um dos braços sobre o meu ombro esquerdo e o outro pendurado à minha frente. Com o braço direito envolvo-lhe as duas pernas.

Encaixo-o um pouco melhor nos meus ombros.

— Prontas? — digo, olhando para as duas.

Elas acenam com a cabeça.

Conduzo-os pela porta e pelos corredores, sem me lembrar de imediato que não faço ideia de como sair deste navio. Mas os corredores estão sem vida. Estão todos feridos, inconscientes ou mortos. Desviamo-nos dos corpos caídos e tiramos braços e pernas do caminho. Somos tudo o que resta.

Eu, a carregar o Kenji.

A Sonya e a Sara, logo atrás.

Acabo por encontrar uma escada. Subo-a. A Sonya e a Sara aguentam o peso do Kenji entre elas e eu estendo o braço para o puxar para cima. Temos de fazer isto mais três vezes, até chegarmos por fim ao convés superior, onde o levanto para os meus ombros.

Depois caminhamos, em silêncio, pelo navio abandonado, pelo cais e voltamos a terra firme. Desta vez, não me preocupo em roubar tanques. Nem quero saber se sou vista. Não quero saber de mais nada, a não ser encontrar os meus amigos. E acabar com esta guerra.

Encontramos um tanque do exército abandonado na berma da estrada. Testo a porta.

Está destrancada.

As raparigas entram e ajudam-me a levantar o Kenji para o seu colo. Fecho a porta delas. Entro no lado do condutor. Pressiono o polegar no leitor para ligar o motor; tão agradecida por o Warner nos ter inserido no sistema para conseguirmos aceder ao mesmo.

Só então me lembro que ainda não sei conduzir.

Se calhar é bom estar a conduzir um tanque.

Não presto atenção aos sinais de stop ou às ruas. Conduzo o tanque para fora da estrada e vou direta ao coração do setor, na direção de onde sei que viemos. Carrego demasiado no acelerador e nos travões, mas a minha mente está num lugar onde já nada mais importa.

Eu tinha um objetivo. O primeiro passo foi cumprido.

Agora, vou levá-lo até ao fim.

☞

Deixo a Sonya e a Sara nas casernas e ajudo-as com o Kenji. Aqui, ficarão a salvo. Podem descansar Mas ainda não é a minha vez de parar.

Volto a subir de imediato e atravesso a base militar, subo o elevador até ao local onde me lembro de termos saído para a assembleia. Passo de porta em porta, para o exterior e para o pátio, a partir do qual subo até chegar ao topo. A 30 metros de altura.

Onde tudo começou.

Vejo a plataforma de suporte técnico, o sistema de manutenção dos altifalantes que percorrem o setor todo. Lembro-me disto. Agora, lembro-me de tudo, apesar de ter o cérebro dormente, as mãos ainda a tremer e sentir sangue que não me pertence a escorrer-me pela cara e pelo pescoço.

Mas este era o plano.

Tenho de finalizar o plano.

Introduzo o código de acesso no teclado e espero ouvir o clique. A caixa técnica abre-se com um estalido. Examino os diferentes fusíveis e botões, ligo o interruptor que diz TODOS OS ALTIFALANTES e respiro fundo. Carrego na teta do intercomunicador.

— Atenção, Setor 45 — digo, as palavras soam-me ásperas, altas e distintas. — O comandante supremo do Restabelecimento está morto. A capital rendeu-se. A guerra acabou. — Estou a tremer tanto que o meu dedo escorrega no botão enquanto tento mantê-lo premido. — Repito, o comandante supremo do Restabelecimento está morto. A capital rendeu-se. A guerra acabou.

Finaliza-o, digo a mim mesma. Finaliza-o agora.

— Chamo-me Juliette Ferrars e vou liderar esta nação. Desafio todos os que se opuserem a mim.

SETENTA E SEIS

Dou um passo em frente e sinto as pernas tremerem, ameaçam dobrar-se e partir-se, mas esforço-me para continuar a andar.

Forço-me para passar a porta, descer o elevador e sair para o campo de batalha.

Não demoro muito tempo a fazê-lo.

Vejo centenas de corpos amontoados e ensanguentados no chão, mas outras centenas ainda de pé; mais vivos do que poderia esperar. A notícia espalhou-se mais depressa do que pensava. É quase como se já soubessem há algum tempo que a batalha tinha acabado. Os soldados sobreviventes do navio do Anderson estão do lado dos nossos, alguns ainda encharcados e congelados até aos ossos, neste tempo gelado. Devem ter chegado a terra e partilhado a notícia do nosso assalto, da morte iminente do Anderson. Estão todos a olhar em redor, entre si e em choque, para as próprias mãos ou para o céu. Outros ainda procuram amigos e familiares na massa de corpos, com sinais de alívio e medo visíveis nos rostos. Os seus corpos desgastados não querem continuar assim.

As portas das casernas abrem-se e os restantes civis invadem o terreno, correndo para se reunirem com os seus entes queridos e, por um instante, a cena é tão sombria e tão bela que não sei se hei de chorar de dor ou de alegria.

Não choro de todo.

Avanço, forçando os meus membros a moverem-se e implorando aos meus ossos que se mantenham firmes, que me levem até ao fim deste dia e até ao resto da minha vida.

Quero ver os meus amigos. Preciso de saber que estão bem. Preciso de confirmação visual de que estão bem.

Mas, assim que entro no meio da multidão, os soldados do Setor 45 perdem o controlo.

Os ensanguentados e espancados do nosso lado do campo de batalha gritam e aplaudem apesar da mancha de morte em que se

encontram, saudando-me à minha passagem. E, quando olho à minha volta, apercebo-me de que agora são os meus soldados. Confiaram em mim, lutaram comigo e ao meu lado, por isso agora é a minha vez de confiar neles. Vou lutar por eles. Esta é a primeira de muitas batalhas que estão para vir. Haverá muitos mais dias como este.

Estou coberta de sangue, tenho o fato rasgado e cheio de farripas de madeira e pedaços de metal. Tremo tanto das mãos que já nem as reconheço.

No entanto, sinto-me tão calma.

Tão incrivelmente calma.

Como se a profundidade do que acabou de acontecer ainda não tivesse conseguido atingir-me.

É impossível não roçar nas mãos e braços estendidos quando atravesso o campo de batalha e é tudo estranho para mim, de alguma forma, estranho que não recue, estranho que não esconda as mãos e estranho que não esteja preocupada em feri-los.

Podem tocar-me se quiserem e talvez doa, mas a minha pele já não matará ninguém.

Porque nunca deixarei que chegue a esse ponto.

Porque agora sei como o controlar.

SETENTA E SETE

Os complexos são lugares tão desolados e estéreis, penso, quando passo por eles. Estes deviam ser os primeiros a desaparecer. As nossas casas deviam ser reconstruídas. Restauradas.

Temos de começar de novo.

Subo pela lateral de uma das pequenas casas do complexo. Subo também ao segundo andar. Agarro-me ao telhado e subo. Chuto os painéis solares para o chão e coloco-me no topo, mesmo no meio, a olhar para a multidão.

À procura de caras conhecidas.

Na esperança de que me vejam e se aproximem.

Na esperança.

Fico no telhado desta casa durante o que parecem ser dias, meses, anos e só vejo rostos de soldados e das suas famílias. Nenhum dos meus amigos.

Sinto-me a balançar, as tonturas ameaçam tomar conta de mim e sinto a pulsação acelerar. Estou pronta para desistir. Já fiquei aqui o tempo suficiente para que as pessoas apontassem, para que a minha cara fosse reconhecida, para que se espalhasse a notícia de que estou aqui à espera de algo. Alguém. Qualquer pessoa.

Estou prestes a mergulhar de novo na multidão para procurar os seus corpos caídos quando a esperança se apodera do meu coração.

Um a um, eles surgem de todos os cantos do campo, do interior das casernas, do outro lado dos complexos. Ensanguentados e magoados. O Adam, a Alia, o Castle, o Ian, a Lily, o Brendan e o Winston vêm na minha direção, mas depois voltam-se e esperam que os outros cheguem. O Winston está a chorar.

A Sonya e a Sara também aparecem, a arrastar o Kenji para fora das casernas, a puxa-lo com pequenos passos. Vejo que já abriu os olhos, só um bocadinho. Teimoso, tão teimoso este Kenji. Claro que está acordado quando devia estar a dormir.

O James vem a correr na direção deles.

Esbarra e agarra-se às pernas do Adam, que levanta o irmãozinho para os braços, a sorrir para ele como nunca o vi antes. O Castle acena-me com a cabeça, radiante. A Lily manda-me um beijo. O Ian faz um estranho movimento de pistola com os dedos e o Brendan acena. A Alia nunca pareceu tão feliz.

Estou a olhar de cima para eles, com um sorriso firme, mantido apenas pela força de vontade. Continuo a olhar, à espera que o meu último amigo apareça. À espera que nos encontre.

Mas não aparece.

Estou a examinar os milhares de pessoas espalhadas por este chão gelado e não o vejo, em lado nenhum, e o terror deste momento dar-me um pontapé nas entranhas até ficar sem fôlego e sem esperança, a pestanejar muito depressa e a tentar manter-me firme.

Até que sinto o telhado de metal sob os meus pés a tremer.

Viro-me na direção do som, com o coração aos saltos, e vejo uma mão emergir no topo.

SETENTA E OITO

Ele sobe para o telhado e aproxima-se de mim, com toda a firmeza.

Calmo, como se não tivéssemos planeado nada para fazer neste mundo hoje a não ser ficar aqui, juntos, a olhar para um campo de cadáveres e crianças felizes.

— Aaron — sussurro.

Ele puxa-me para os seus braços.

E eu caio.

Todos os ossos, todos os músculos, todos os nervos do meu corpo se desfazem ao seu toque e eu agarro-me a ele, segurando-me com a força que me resta.

— Sabes — sussurra ele, com os lábios junto ao meu ouvido — agora, o mundo inteiro virá atrás de nós.

Inclino-me para trás. Olho-o nos olhos.

— Mal posso esperar para os ver tentar.